

HILDA DOOLITTLE

por amor a Freud

memórias de minha análise com Sigmund Freud

ZAHAR

PREFÁCIO DE ELISABETH ROUDINESCO

Hilda Doolittle

Por amor a Freud

Memórias de minha análise com Sigmund Freud

Tradução:
Pedro Maia

Consultoria:
Felipe Castelo Branco
Programa de Pós-graduação em Psicanálise,
Instituto de Psicologia/Uerj

Transmissão da Psicanálise
diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

Sumário

Nota da edição francesa

Prefácio

Escrito na parede

Advento

Anexo: Correspondência

Correspondência entre Hilda Doolittle e Freud

Correspondência entre Hilda Doolittle e Bryher

Nota da edição francesa

Este livro de Hilda Doolittle foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1956 pela Pantheon (numa edição que apresentava apenas *Escrito na parede*) e depois por David Godine (1974) e pela New Directions (1984), numa versão compreendendo ainda *Advento* e nove cartas de Freud a H.D.

Uma primeira edição francesa, intitulada *Visage de Freud*, foi publicada em 1977 pela Denoël, na célebre coleção Freud et Son Temps, dirigida por Jacqueline Rousseau-Dujardin. Ao belo prefácio de Françoise de Gruson, tradutora do texto, acrescentavam-se 15 cartas inéditas de Freud a H.D.

Nossa nova edição propõe igualmente cartas inéditas de H.D. a Freud, bem como fotografias, descobertas nos arquivos da Biblioteca Beinecke da Universidade Yale. Parte da correspondência entre H.D. e Bryher, sua companheira, extraída da obra *Analyzing Freud: Letters from H.D. to Bryher and Their Circle* (New Directions, 2002, organizada por Susan Stanford Friedman), acrescenta a esses relatos uma perspectiva privilegiada sobre a análise de H.D., sua escrita e suas relações com seu círculo.

Quisemos atualizar esse livro oferecendo-lhe uma visão contemporânea, literária, histórica e psicanalítica. Somos gratos a Elisabeth Roudinesco por ter se disposto a escrever o prefácio e por juntar sua erudição ao nosso trabalho de profundidade.

Já faz mais de vinte e cinco anos que Antoinette Fouque e as edições *Des femmes* se interessam pelo destino de Hilda Doolittle, tendo publicado traduções francesas de *Hermione* (1986), *Dis-moi de vivre* (1987) e *Le Don* (1988).

H.D. é uma figura importante do movimento modernista expatriado. Romancista e poeta de vanguarda, amante e mãe, é uma mulher pioneira, menos preocupada, em sua vida e sua arte, com transgressão e mais com inventividade e civilização. Apaixonada pela psicanálise, considerada por Freud sua "aluna" tanto quanto sua paciente, leva adiante, até o fim da vida, sua experiência de descoberta e escrita do inconsciente. Em busca de uma identidade jamais perdida, sabe que carrega consigo os traços inscritos pelos talentos de sua mãe, e não cessa de interrogar tanto sua bissexualidade quanto a diferença dos sexos. No cruzamento de suas escolhas de vida, políticas, estéticas e sexuais, e de seu trabalho de escrita, a obra de H.D. atesta a presença das mulheres na história literária e intelectual do século XX.

As Editoras
Des femmes – Antoinette Fouque

Prefácio

ELISABETH ROUDINESCO

Os dois textos que leremos não são de forma alguma o testemunho mais completo já escrito sobre a prática clínica do pai fundador da psicanálise, como acreditava Ernest Jones. *Advento* foi redigido no calor da hora, durante a terapia de Hilda Doolittle com Sigmund Freud, quando ela esteve em Viena em 1933. *Escrito na parede* é a narrativa dessa mesma experiência reconstruída onze anos depois e publicada pela primeira vez em inglês, em 1956, com o título de *Tribute to Freud*. Entre o diário de uma terapia e sua reinterpretação em forma de narrativa aconteceram eventos de um alcance considerável e que, no entanto, só são esboçados em filigranas. Por certo, a ascensão do nazismo é lembrada no primeiro e o extermínio dos judeus no segundo. Mas o que domina de uma ponta a outra nesses dois momentos narrativos é o prazer de um mergulho interminável nas delícias do sonho e da memória. Aqui, como em seus romances e poemas, Hilda reinventa sem cessar um mundo oculto tecido de mitos e fantasias.

Não importa que esses textos não se pareçam com aqueles escritos ou publicados por diversos pacientes de Freud. Se pensarmos no diário de análise de Marie Bonaparte, ainda inédito,[1] ou nas memórias de Abram Kardiner ou de Joseph Wortis,[2] que trazem informações precisas sobre a maneira como Freud conduzia seus tratamentos, percebemos que é somente para mascarar o que se passou nela que Hilda Doolittle refaz sua aventura psicanalítica, da qual, sem dúvida, jamais saberemos a palavra final.

E compreendemos o porquê disso: esses dois testemunhos, embora muito diferentes, estão concebidos como uma obra poética e dolorosa. Um canto de amor em homenagem a Freud: por amor a Freud. Tal como um cântico feito de sussurros, de reminiscências e de caminhos labirínticos destinados a fazer se perder tanto o narrador como o leitor, os dois textos se desenvolvem num tempo imemorial, que não é o da longa duração da vida, nem o da eternidade. O tempo galopa, o tempo se vai, o tempo não é mais. E se Hilda corre atrás do tempo de sua juventude e de sua infância, sentindo-se sempre abandonada, Freud não tem mais tempo para nada: seis anos depois estará morto, e ele sabe disso. Convencido desde sempre de que os poetas são os adeptos do princípio do prazer, ele os considera cúmplices muitas vezes perigosos, ou ainda duplos dele mesmo. E, sobretudo, não faz nenhum juízo sobre suas extravagâncias.

Os poetas, sabemos nós, são loucos da linguagem, pois se exprimem numa língua que não é a dos prosadores, uma língua que tem seus ritos, seus ritmos e que foge aos princípios habituais da ideologia comunicativa. Eles formam uma comunidade à parte, distinta daquela dos escritores e pensadores, e mais tolerante do que qualquer outra em

relação à loucura, à marginalidade ou às experiências extremas. Além disso, no Ocidente, desde o final do século XIX e da grande crise da versificação instalada com Rimbaud e Lautréamont, os poetas foram obrigados, mais ainda do que antes, a fundar círculos e vanguardas num mundo cada vez mais incapaz de compreender a significação da relação deles com a língua. Embora Freud, adepto do romantismo goethiano, nunca tenha se interessado pela revolução do verso livre e do "eu é um outro", ele sabia que a faculdade de sublimação dos poetas era para eles a única maneira de existir – um modo de vida –, por menos que fossem habitados pelo talento ou o gênio. Em consequência disso, não procurou curar H.D. do que quer que fosse.

Aliás, ela não sofria de nada que fosse curável por um tratamento, pois sua melancolia permanente e sua necessidade de submissão e de proteção eram modalidades de sua existência. E foi justamente porque, a seu ver, a psicanálise era uma subversão da consciência e da língua, que ela decidiu enfrentar, aos 47 anos de idade, o grande destruidor de ilusões vienense que, naquela época, estava no apogeu de sua glória. Se Freud não tinha mais tempo a perder, ao ponto de dizer a Hilda que em análise a pessoa estava morta quando o trabalho terminava, ele não tinha mais nada a demonstrar. E como não tinha mais necessidade de provar a validade clínica de sua doutrina e não obedecia a nenhuma das regras que seus discípulos haviam baixado a partir de 1920 no interior da Associação Psicanalítica Internacional (IPA na sigla inglesa), ele se permitia praticar a análise como ninguém jamais ousara fazer.

Além disso, os dois textos tratam, à guisa de análise, de conversas e interrogações recíprocas entre uma poeta e um mestre do inconsciente: uma conta seus sonhos e o outro os interpreta misturando as coisas da realidade aos atos de palavra. A partir do momento em que recebe H.D. e fixa a duração do tratamento de março a junho de 1933, à razão de uma sessão por dia, Freud a faz visitar seu apartamento, mostra-lhe sua coleção de antiguidades e lhe apresenta seus cães, os chows-chows Io, Tattoun, Yofi, Lün-Yu e Wolf, que ocupam um lugar seleto na casa: o "ramo animal" de sua grande família. Enquanto ela revive acontecimentos longínquos de sua infância e adolescência, ele intervém para falar-lhe de sua própria vida, de seus filhos, da morte, da doença e de sua contratransferência. Por sua vez, ela oferece um retrato inesquecível desse velho "parteiro da alma", comparando-o a um curador de museu cercado de suas estatuetas e de seus animais preferidos: mariposa-esfinge, borboleta-caveira, diz ela, último profeta de um Ocidente em ruínas do qual ela sonha ser a grande sacerdotisa para acompanhá-lo à Grécia e ao Egito, ao encontro dos faraós ou da epopeia homérica. Com frequência, no correr da pena, são evocados os nomes prestigiosos de todos aqueles que estão ou estiveram próximos: amantes, companheira, marido, filha, amigos, escritores, artistas, psicanalistas: D.H. Lawrence, Havelock Ellis, Bryher, Robert McAlmon, Cecil Gray, Richard Aldington, Frances Perdita Macpherson, Hanns Sachs, Mary Chadwick etc. No entanto, a narrativa não permite que se estabeleça claramente uma verdadeira ligação genealógica entre essas pessoas. Elas povoam o universo psíquico de H.D. à maneira daqueles heróis que atravessam a *Divina comédia* de Dante para reaparecer no *Ulisses*

de Joyce ou nos *Cantos* de Ezra Pound.

Eis portanto o tratamento que era celebrado como um modelo clínico e que, tal como é contado pela paciente, não tem nada a ver com um tratamento nem com uma prática clínica, mesmo freudiana.

Para compreender a significação desses dois enunciados é preciso, portanto, acrescentar-lhes uma terceira narrativa, única capaz de captar o que se passou entre essas duas pessoas tão diferentes, mas que o destino reuniu em um momento crucial da história intelectual e política do mundo ocidental.

Nascida no dia 10 de setembro de 1886 em Bethlehem, Pensilvânia, Hilda Doolittle vinha de uma família recomposta. Seu pai, Charles Leander Doolittle, professor universitário de física e astronomia, já fora casado uma primeira vez antes de desposar Helen Wolle, a mãe de Hilda, pintora e amante da música, e que lhe daria cinco filhos. Enquanto Charles passava a vida a contemplar estrelas, preferindo Hilda aos outros filhos, Helen, educada nos princípios da igreja moraviana, tinha predileção pelo filho mais velho. Dividida entre os valores da ciência defendidos pelo pai e os da espiritualidade religiosa aos quais sua mãe estava ligada, Hilda irá muito cedo enveredar por um destino que nada tinha a ver com o de seus pais, exceto pelo fato de ter tido a chance, graças a eles, de receber uma formação universitária no Bryn Mawr College, onde estudou grego antigo e começou a frequentar alguns jovens poetas, rebeldes a todas as formas de normatização.

Interrompeu seus estudos na universidade, conheceu William Carlos Williams, estudante de medicina, e Ezra Pound, com quem teve uma ligação logo reprovada pela família, que temia as extravagâncias sexuais daquele que se tornaria um dos grandes poetas do século XX. Mas, longe de subjugá-la, Pound promoveu a publicação de seus primeiros textos na revista *Poetry*, sob o pseudônimo de H.D., o qual ela não mais abandonaria.[3]

Foi então que Hilda participou, com outros poetas de sua geração, da aventura do imagismo, movimento literário de vanguarda longinquamente inspirado pela revolução rimbaudiana e depois por Rémy de Gourmont e Edgar Allan Poe, e que se pretendia decididamente moderno em sua tentativa de utilizar o verso livre, de desconstruir a métrica e de transformar a língua poética em uma dinâmica da imagem instantânea, graças a assonâncias e aliterações. Segundo Pound, inventor do termo, o ritmo apropriado ao imagismo não devia em nenhuma hipótese vir de uma psicologia do sujeito e do afeto, mas da própria frase, da qual cada palavra deveria ser em si mesma uma captadora do presente. Em suma, tratava-se de criar poemas curtos lapidares, sem narrativa nem moral, compostos às vezes em várias línguas.

A existência desse movimento foi curta, mas seu impacto foi tão considerável sobre a poesia anglo-americana quanto o do cubismo sobre a pintura. Adiante, indo de Veneza a Paris e passando por Londres, Pound irá mais além ainda em sua vontade de subverter a escrita poética. Criou um novo movimento, o vorticismo, que consistia em fazer da arte a

essência mesma – o vórtice – de toda política, de modo a soldar numa união mística as diferentes expressões da criatividade humana. Fascinado pelo esoterismo, o orientalismo, o ocultismo e a arte sacra dos trovadores, e já famoso antes da Primeira Guerra Mundial graças a sua colaboração com William Butler Yeats, ele foi também, a exemplo do que fez com H.D., o descobridor de grandes escritores do século XX: James Joyce, Ernest Hemingway, T.S. Eliot.

Mas essa revolução estética vinha acompanhada, nele como em outros, de um projeto ideológico antimoderno, conservador e antidemocrático. Considerando o sexo como um sacramento e o poeta como um eleito dos deuses, Pound rejeitava tanto o socialismo, ópio das massas, quanto o capitalismo, religião dos burgueses inspirados pelo espírito da usura. E a esses dois flagelos – ambos de inspiração democrática – ele opunha o ideal de uma sociedade hierarquizada e antijudaico-cristã, fundada no culto das elites e dos heróis, únicos capazes de impedir a humanidade de ser destruída pelo liberalismo e pela plutocracia.

No entreguerras, passando do esteticismo a um verdadeiro delírio paranoico, Pound acreditou haver encontrado no fascismo italiano o ideal aristocrático com que sonhara em sua juventude. Quanto a seu ódio aos usurários, ele o conduziu para o antissemitismo. No decorrer de todo o século Pound não parou de escrever seus soberbos *Cantos*,[4] divina comédia do sexo, do dinheiro e da morte, iniciada na carnificina da Grande Guerra e terminada, cinquenta anos mais tarde, no inferno da asfixia da razão.

A partir de 1905, à revolta estética dos jovens poetas modernistas expatriados em Londres, Paris, Veneza e na Suíça se aliou uma vontade de romper as amarras tradicionais da família e experimentar, em nome de um desejo elitista e de uma rejeição do conformismo, todas as formas possíveis de sexualidade, de vida comum, de laços afetivos, de amizades passionais. Desse modo eles formaram, ao longo dos anos, uma espécie de sociedade secreta e transgressora dentro da qual coabitavam as múltiplas aventuras de uns com os outros. No momento em que H.D. desejava furiosamente se casar com Pound, ele já vivia com Dorothy Shakespear, filha da amante de Yeats, com que se casará em 1914. A seguir, em 1922, ele se tornará amante da violinista Olga Rudge e lhe fará um filho, enquanto, na mesma época, Dorothy, grávida de outro homem, dará à luz uma filha que levará o nome de Pound. Os três parceiros passarão a vida juntos, Pound viajando de uma para outra, às vezes exaltado ou delirante, às vezes tomado por um verdadeiro estado melancólico.

Quanto à H.D., depois de seu idílio com Pound – que aliás não queria deixá-la, mas que a decepcionava tanto quanto aos seus pais – ela se apaixonou por uma aluna dele, Frances Josepha Gregg, com quem fugiu para viajar à Europa. Em 1911, acompanhada de Frances e da mãe desta, instalou-se em Londres, participando sob a batuta de Pound da vida literária inglesa, do nascimento do imagismo, do qual ela foi o ícone, depois da grande querela que opôs o imagismo a Amy Lowell, poetisa lésbica, obesa e excêntrica, vinda de Boston, que fumava charutos e dormia com dezesseis almofadas todas as noites.

Lowell dedicava uma paixão febril às imagens brutas, aos jardins, à arte japonesa e a John Keats, poeta inglês morto de tuberculose aos 26 anos. Para ir além do imagismo, ela inventou uma prosa polifônica:

> Dia de primavera, meio-dia e tarde. Turbilhão de ruas fervilhantes. Choque e ressaca do tráfego … Orgulho de sentir o asfalto sob mim, aturdida pelo espezinhar inumerável. Pés que tropeçam ou saltitam. Pés que avançam a pequeno saltos, a passos ágeis e simples.[5]

Ao mesmo tempo em que descobria sua homossexualidade e mantinha uma ligação com David Herbert Lawrence, adepto do falocratismo, dos cultos dionisíacos e da regeneração do homem branco pelo retorno ao sagrado, Hilda se dedicava à redação de textos autobiográficos em que se misturavam o amor pelos modelos antigos e uma referência constante aos poemas sáficos. Em 1912, quando Frances se casou com Louis Wilkinson, especialista em arte renascentista, Hilda foi convidada a se integrar ao casal e levar uma vida a três, pontuada por viagens. Mas, desejosa de se desligar de Pound e, ao mesmo tempo, conservar uma relação sólida com ele e Frances, ela preferiu então ser a companheira de outro poeta do grupo, Richard Aldington, com quem se casou em 1913. Juntos, eles viajaram seguidamente para a França, é claro, mas sobretudo para a Itália: Gênova, Florença, Nápoles, Capri, Veneza. Dois anos depois, após um aborto espontâneo que a perturbou profundamente, ela se afastou de Aldington, ao mesmo tempo em que o substituía na direção da revista *The Egoist*, que ele havia deixado ao partir para a guerra (da qual voltaria com numerosos traumatismos psíquicos). Na convivência com ele, após ter sido iniciada no grego e no latim por Pound, Hilda adquiriu um domínio ainda maior de sua arte, um conhecimento mais profundo da mitologia grega, da poesia latina e da pintura renascentista.

Ao contrário de outros poetas do grupo, ela pouco se interessava pelo mundo moderno, preferindo o mergulho no sonho a toda forma de engajamento político. No entanto, em todas as suas narrativas, fazia questão de pôr em cena, sob diversos disfarces inspirados em heroínas da antiguidade – Hermione ou Helena de Troia[6] – os vaivéns amorosos de todo aqueles com quem compartilhava a vida. Fascinada pelo exílio e perpetuamente em busca de uma proteção, até mesmo de uma submissão ao outro, H.D. se sentia ameaçada pelas pulsões suicidas, que apenas se acentuaram pela Grande Guerra e pela destruição da Europa.

Foi em 1918 que ela encontrou aquela que se tornaria a companheira de sua vida, Annie Winifred Ellerman, nascida em 1894. Cinéfila bem informada, romancista, curiosa da arquitetura, engajada em política, ela havia assumido o pseudônimo muito masculino de Bryher, referência a uma das ilhas Scilly, onde adorava ficar. Ela dizia de bom grado que pertencia a um sexo intermediário. Assim, desejava os homens como um homem para melhor amar as mulheres ao mesmo tempo como mulher e como homem. Nessa época, Hilda tinha um relacionamento com o compositor e crítico musical Cecil Gray, amigo de Aldington e de Lawrence. Sem deixá-lo, tornou-se amante de Bryher, que lhe salvou a

vida quando, prestes a dar à luz, ela foi vítima da epidemia de gripe espanhola. Em 1919, Hilda trouxe ao mundo uma menina cujo pai biológico era Cecil Gray e à qual deu o nome de Frances Perdita Aldington.

Herdeira rica, amiga de Joyce e Hemingway, frequentemente melancólica, Bryher contribuiu em 1920, ao lado de Sylvia Beach, para a fundação da famosa livraria Shakespeare & Co, que se tornou de imediato um dos lugares mais frequentados da vida literária parisiense dos Anos Loucos. Foi em Corfu, nesse mesmo ano, que H.D. teve, na presença de Bryher, um estranho episódio de despersonalização que Freud irá interpretar como uma união mística com a mãe. Na parede de seu quarto de hotel ela viu desfilarem imagens que se pareciam com decalcomanias: o busto de um aviador sem dúvida morto em combate, depois um copo com haste que lembrava um cálice e por fim uma lamparina a álcool posta sobre uma trípode, "objeto venerado em Delfos, símbolo de poesia e de profecia".

Temendo morrer, ela pediu a Bryher que protegesse sua filha. A partir de então, Bryher desempenhou na vida de H.D. um papel complementar ao de Pound, criando para ela um círculo literário e familiar. Em 1921, no dia de São Valentim, dia dos namorados nos Estados Unidos, ela pediu a mão do poeta americano Robert McAlmon, editor em Paris da revista *Contact* e que havia sido amante de H.D. Esse casamento de conveniência lhe permitiria não somente fugir das críticas que atingiam as mulheres solteiras, mas também dissimular seu relacionamento com H.D. Por sua vez, McAlmon aproveitou a fortuna de Bryher para levar adiante suas atividades editoriais. Um ano depois, ela decidiu se instalar em Territet, no cantão de Vaud, na Suíça, perto de Montreux, em companhia de sua mãe, de H.D. e de Perdita, e construir ali um edifício no estilo da Bauhaus, destinado tanto à produção de filmes como ao acolhimento de intelectuais da vanguarda modernista.

Durante muitos anos ela viajou com H.D., que se envolve com a redação de sua obra e com aventuras amorosas, em especial com o jovem diretor de cinema e escritor Kenneth Macpherson. Em 1927, preocupada em dissimular essa ligação para Aldington e, portanto, em "proteger" mais uma vez H.D., Bryher, separada de McAlmon, decidiu se casar com Kenneth. Juntos, eles fundaram a revista *Close Up* e construíram a Villa Kenwin, uma casa de campo junto ao lago de Genebra. Criaram o grupo Pool, que promovia a eclosão de um cinema novo, em oposição às produções hollywoodianas e voltado tanto para o expressionismo como para a revolução formal deflagrada por Eisenstein. Em 1928, grávida de Macpherson, H.D. decidiu não ser mãe novamente e fazer um aborto, ao mesmo tempo em que ele e Bryher aceitavam adotar Perdita.

Foi Bryher que começou, antes de H.D., a se interessar pela psicanálise, tendo mesmo pensado em se tornar analista. Ela trabalhava então na realização de um filme sobre os "estados-limite", *Borderline*, que ficaria pronto em 1930. Em maio de 1927, vinda de Veneza, onde estava com Kenneth, e munida de uma carta de recomendação de Havelock Ellis, encontrou-se com Freud em Viena e ficou deslumbrada com sua

inteligência e seu modo de vida tão pouco conforme às normas burguesas; ele a aconselhou a fazer análise em Berlim com Hanns Sachs, seu discípulo austríaco.

A escolha era judiciosa. Vienense na alma e esteta opulento, Sachs, que não era médico, havia fundado com Otto Rank a revista *Imago* e se interessava essencialmente por arte, literatura e cinema, a ponto de ter participado da redação do roteiro do filme de Wilhelm Pabst *Os mistérios de uma alma*, obra-prima do cinema expressionista. Perfeitamente integrado ao Berliner Psychoanalystisches Institut (BPI), fundado por Max Eitington, ele era mais aberto do que os analistas ingleses para a questão da homossexualidade e quase não respeitava as regras que ele mesmo havia fixado, junto com outros, para instaurar os grandes princípios da psicanálise didática. Epicurista, gastrônomo, sedutor de mulheres e solteiro, era capaz de todos os tipos de transgressões: frequentemente saía de férias com seus analisandos em formação, eles próprios acompanhados muitas vezes por seus pacientes, e tinha uma veneração sem limites por Freud. De 1928 a 1932, Bryher circulou entre Londres, Berlim e a Villa Kenwin para ser analisada por Sachs. Logo estava participando de encontros e decidiu ser psicanalista, assistiu a dois congressos da IPA – Marienbad, em 1936, e Paris, dois anos mais tarde –, não hesitando em criticar a orientação anglo-americana tomada pelo movimento com seu pragmatismo e suas normas ortodoxas, em particular no que se referia à homossexualidade masculina e feminina.

Quanto a Hilda, foi em Londres que ela iniciou em 1931 seu primeiro tratamento, no divã de Mary Chadwick, numa época em que os freudianos clássicos se opunham aos partidários de Melanie Klein no que dizia respeito à questão da análise de crianças e à sexualidade feminina.[7]

Para os primeiros, a análise de uma criança não deveria começar antes dos quatro anos de idade, nem ser realizada diretamente, mas com a mediação de uma autoridade parental considerada protetora. Para os segundos ao contrário, era preciso abolir as barreiras que impediam o analista de ter acesso ao inconsciente da criança. Daí a invenção de dispositivos específicos – jogos, massa de modelar, cubos, bolas, brinquedos etc. – que permitiriam que a criança se expressasse. A perspectiva kleiniana tinha por objetivo estudar as relações arcaicas com a mãe, objeto primeiro de toda a afeição posterior, ao passo que na óptica freudiana a prevalência do pai separador era considerada como essencial para toda a abordagem de tratamentos infantis. O mesmo acontecia em relação à sexualidade feminina.

Tomando emprestados seus modelos da biologia darwiniana, Freud sustentava a tese de um monismo sexual e de uma essência "masculina" da libido humana. Essa tese derivava da observação clínica feita por ele das teorias sexuais infantis e não tinha por objetivo descrever a diferença dos sexos a partir da anatomia, nem destrinchar a questão da sexualidade feminina na sociedade moderna. Na perspectiva da libido única, Freud mostrava que, no estágio infantil, a menina ignora a existência da vagina e dá ao clitóris um papel homólogo ao do pênis. Assim, ela tem a impressão de ser dotada de um órgão

castrado. Em função dessa assimetria, evoluindo em torno de um polo único de representações, o complexo de castração não se organiza, segundo Freud, da mesma maneira para os dois sexos. O destino de cada um deles é diferente, não somente por causa da anatomia, mas devido às representações vinculadas à existência dessa anatomia. Na puberdade, a vagina aparece para os dois sexos: o menino vê na penetração um objetivo para sua sexualidade, enquanto a menina reprime a sexualidade clitoridiana. Mas anteriormente, quando percebe que a menina não se parece com ele, o menino interpreta a ausência de pênis nela como uma ameaça de castração para si próprio. No momento do Édipo, ele se desliga da mãe e escolhe um objeto do mesmo sexo.

A sexualidade da menina se organiza em torno do falicismo: ela quer ser um menino. No momento do Édipo, ela deseja um filho do pai, e esse novo objeto é investido de um valor fálico. Ao contrário do menino, a menina precisa se desligar de um objeto do mesmo sexo, a mãe, e voltar-se para um objeto de sexo diferente. Para os dois sexos, a ligação com a mãe é o elemento primordial. Vemos então que, sendo partidário de um monismo sexual e, portanto, de um falocentrismo, Freud considerava errônea toda argumentação relativa a uma natureza instintiva da sexualidade: em sua opinião, não existia instinto maternal nem raça feminina, mas um falicismo comum aos dois sexos.

A hipótese de uma libido única não excluía, segundo Freud, a da bissexualidade. Ao contrário, a explicava. Nessa perspectiva, com efeito, nenhum sujeito é detentor de uma pura especificidade masculina ou feminina. Em outras palavras, se existe um monismo sexual, isso quer dizer que, no inconsciente e nas representações inconscientes do sujeito (seja ele homem ou mulher), a diferença dos sexos não existe. Portanto, a bissexualidade, que é o corolário dessa organização monista da libido, atinge os dois sexos. Não somente a atração de um sexo pelo outro não envolve uma complementaridade, como a bissexualidade dissolve a própria ideia de uma organização desse tipo. Daí os dois modos da homossexualidade: feminina, quando a menina continua "soldada" à mãe, a ponto de escolher uma parceira do mesmo sexo, e masculina, quando o menino efetua uma escolha semelhante a ponto de negar a castração maternal.

Em outras palavras, aos olhos de Freud, a dualidade estava inscrita na unidade e a pulsão sexual – ou energia desejante de origem biológica – não tinha necessidade de alteridade sexual, pois era a mesma para os dois sexos. Tanto o homem como a mulher amam e desejam conforme as mesmas paixões e só muda, tanto para um como para a outra, a estrutura psíquica que anima o desejo. Nessa perspectiva, Freud considerava que a mulher evoluía para a homossexualidade quando não queria renunciar à sua masculinidade para se reconhecer castrada, isto é, subjetivamente "inferior" ao homem, e o homem se tornava homossexual por desprezo da castração da mulher ao mesmo tempo em que permanecia ligado à mãe.

Podemos perceber que essa tese, que Freud sustentará sempre, não dava absolutamente conta da realidade das práticas homossexuais e bissexuais, na medida em que ela permanecia tributária da ideia de que o sentimento de inferioridade das mulheres

em relação a sua castração, seu clitóris ou sua ausência de pênis era um dado ontológico do ser feminino e não uma representação vinculada à própria história da sociedade humana, que, em todos os tempos e em todas as épocas, sempre inferiorizou a condição feminina. Ao manter a todo custo uma tal fábula, Freud se arriscava a ser desmentido um dia pela evolução dos costumes e pela transformação radical da visão da feminilidade, não somente pelas mulheres em busca de liberdade, independência e igualdade, mas também pelos homossexuais – homens e mulheres –, que não podiam de forma alguma aderir a uma tese tão pouco conforme à gênese de sua identidade.

Essa tese freudiana da escola dita "vienense" era sustentada por mulheres, notadamente por Marie Bonaparte e Helene Deutsch. Mas era contestada desde 1920 por outras mulheres da chamada escola "inglesa": Melanie Klein, Josine Müller. Apoiadas por Jones, as kleinianas criticavam, com razão, a extravagante hipótese freudiana da ausência do sentimento da vagina na menina, opondo um dualismo à noção de libido única. A escola inglesa assumia assim o risco de reconduzir a existência de uma natureza feminina, ou seja, a uma diferenciação negada por Freud quando preconizou a não diferenciação inconsciente dos dois sexos sob a categoria de um único princípio masculino e de uma organização edipiana em termos de assimetria.

No cerne do debate, a homossexualidade permanecia um enigma, pois tanto kleinianos como freudianos não eram capazes de abandonar a teoria da escolha do objeto edipiano ou pré-edipiano para pensá-la de outro modo. Assim, ela era considerada uma anomalia – até mesmo uma perversão ou uma psicose – tanto por uns como pelos outros. Em consequência, os analistas das duas escolas tentavam, sempre em vão, em graus diversos e conforme seus preconceitos pessoais, curar os homossexuais de sua "inversão" para reconduzi-los ao caminho da heterossexualidade.

Psicanalista de crianças, formada no ambiente kleiniano, Mary Chadwick aplicou sua doutrina à cura de H.D., orientando a análise para uma descida às profundezas da ligação com a mãe e com uma preocupação normativa evidente. E foi um desastre. A tal ponto que Hilda teve a impressão de ser agredida por uma sádica que não compreendia nada da criação literária: "uma enfermeira qualificada", ela dirá a Freud.

O fato é que Sachs, sensível às críticas de H.D. a Chadwick, lhe propôs tentar a sorte em Viena, junto ao mestre. E foi assim que, em 1º de março de 1933, um mês após a ascensão de Hitler à Chancelaria do Reich, ela se encontrou com Freud pela primeira vez. Ele já conhecia, em parte, a história dessa família literária composta por duas amantes que compartilhavam o mesmo homem, o qual se tornara marido de uma delas, depois pai adotivo da filha da outra, a qual era mãe adotiva da filha de seu amante. Isso não o chocava de forma alguma, pois ele tinha curiosidade de estudar a complexidade das relações humanas, ainda que fossem as mais incomuns. Em compensação, como bom adepto da escola vienense da qual era pai fundador, não suportava que se dirigissem a ele, na transferência, como a uma mãe e segundo critérios inspirados pela doutrina kleiniana. Freud chamou a atenção de sua paciente para seu desconforto: "Não gosto de

ser a mãe numa transferência", disse ele, "isso me surpreende e me choca sempre um pouco. Sinto-me totalmente masculino." E acrescentou, com desencanto, que isso lhe acontecia com frequência.

No entanto, ele se enganou de interpretação quando lhe explicou que o trabalho londrino prefigurava aquele realizado em Viena. Aliás, Hilda não hesitou em contradizê-lo.

Como vemos nesse exemplo, Freud não queria de forma alguma pôr em questão sua tese de que uma fixação particularmente intensa da filha no pai é precedida de uma ligação exclusiva com a mãe.[8] Porém, essa tese não se aplicava à realidade subjetiva de H.D., que não havia se ligado a Chadwick, a qual não lhe era de forma alguma uma substituta da mãe. Em consequência, o trabalho londrino não prefigurava em nada aquele que acontecia com Freud. Sofrendo de um sentimento perpétuo de humilhação, oscilando entre o abandono, a submissão e a decepção, Hilda estava em busca de algo muito diferente de uma escolha de objeto "edipiano". Além disso, graças à experiência com a homossexualidade feminina que adquirira desde 1920, Freud não procurou, a partir da narrativa feita por H.D., fechar sua paciente nos limites de sua teoria. Mas contribuiu – e isso foi uma coisa boa para ela – para "deskleinizá-la": com efeito, longe de culpabilizá-la denunciando sua pouca aptidão para uma sexualidade "normal", ele não cessou de valorizar sua atividade criadora, ocupando assim, junto a ela, o lugar deixado vago por Pound, mesmo quando estava convencido de ser o suporte de uma transferência maternal.

Embora a palavra "homossexualidade" não apareça nos dois testemunhos, é disso que se trata ao longo das duas versões dessa terapia que possibilita que H.D. fale de igual para igual com um criador preocupado em explorar as metamorfoses dessa sexualidade feminina tão enigmática para ele. Freud nunca se deixou desviar, senão em sua prática, ao menos na teoria, mesmo se a hipótese da libido única tivesse a vantagem de não reduzir o diferencial feminino a um naturalismo.

Muito tolerante em relação à homossexualidade, Freud a fazia entrar, da mesma forma que a bissexualidade, em um universal da sexualidade humana. Ele também recusava as teorias sexológicas, considerando que a homossexualidade não era nem inata nem natural, mas que resultava de uma escolha psíquica inconsciente. É por isso que recusava toda forma de discriminação; os homossexuais eram, na sua visão, seres humanos como os outros e não deviam ser tratados como um grupo particular: nem "invertidos", nem "degenerados", nem "anormais", nem estigmatizáveis em termos de raça. Em consequência, Freud sustentava que era tão inútil tentar transformar um homossexual em heterossexual quanto o oposto.

Se ele não tivera oportunidade de publicar um caso relatando o tratamento de um homem homossexual, por outro lado havia contado em 1920 a infeliz aventura de Sidonie Csillag, jovem lésbica vienense, apaixonada por uma dama que não a aceitava e instada pelos pais a casar-se o mais rápido possível para evitar que continuasse a provocar escândalos na via pública.[9] Foi a propósito disso que Freud deu sua definição canônica

da homossexualidade feminina, resultante, segundo ele, de uma fixação infantil na mãe e de uma decepção em relação ao pai. Sem nenhuma dúvida, a abordagem da homossexualidade feminina era mais fácil para ele do que a da homossexualidade masculina. De um lado, porque as mulheres homossexuais eram mais bissexuais que seus homólogos masculinos e, portanto, a escolha do objeto era mais vacilante; e, de outro, porque a homossexualidade feminina, sendo mais frequente, era também mais bem dissimulada quando não era reivindicada como modo de vida rebelde por escritoras e poetas dos círculos modernistas. Além disso, os homens homossexuais jamais frequentavam a análise: naquela época, eles eram considerados pervertidos perigosos, mais do que as mulheres, e suas práticas estavam sob os olhos da lei. Desse modo, eram "tratados" pelo saber psiquiátrico somente quando se envolviam com a justiça.

Criado por mulheres, mimado pela mãe e as irmãs, ao chegar à idade adulta Freud havia reproduzido quase por inteiro as condições de existência que havia conhecido outrora. Em Viena, em seu apartamento da Berggasse, vivia cercado por três mulheres: Martha, sua esposa, devotada ao lar, Minna Bernays, sua cunhada solteira e que seguia a evolução de seus trabalhos a ponto de se fazer chamar "Frau Professor Freud", e Anna Freud, sua última filha, sexta da prole, a qual se tornara sua principal discípula e que se opunha às teses kleinianas sobre a psicanálise infantil.

Nascida em 1895, Anna não havia sido desejada nem pela mãe nem pelo pai, que decidiu depois de seu nascimento permanecer casto, na impossibilidade de poder utilizar contraceptivos. Daí ela haver lutado para que reconhecessem suas principais qualidades: coragem, tenacidade, gosto pelas coisas do espírito. Não tendo a beleza de Sophie,[10] nem a elegância de Mathilde – suas duas irmãs –, ela precisou se impor e depois rivalizar com sua tia Minna no conhecimento da obra paterna.

E foi para se aproximar dele que decidiu entrar no círculo dos discípulos tornando-se professora. Em 1913, numa viagem a Londres, ela havia sido cortejada por Jones, o que valeu a ele sólidas reprimendas. Em seguida, Freud passou a repelir todos os pretendentes que ousavam se aproximar de sua filha, apelidada de a Antígona da família.

No entanto, preocupado em vê-la ficar solteirona, ele logo percebeu que Anna, por causa das proibições, acabava por resistir aos homens que lhe faziam propostas, ao mesmo tempo em que desejava ser mãe. Foi para "despertar sua libido" que ele se propôs a analisá-la pessoalmente. Como ele poderia tolerar outra escolha para aquela que já era não somente sua discípula, mas uma companheira indispensável no interior de seu círculo familiar? O tratamento decorreu em dois tempos: entre 1918 e 1920, e entre 1922 e 1924. À medida que se afirmava a atração recíproca entre os dois, reforçada pela análise e da qual, no decorrer de uma correspondência cruzada, Lou Andreas-Salomé se tornava a principal testemunha, Freud viu-se obrigado a constatar que, se a libido de Anna havia "despertado", sua "escolha de objeto" não a conduzia de modo algum para os homens.

No momento em que preparava sua primeira apresentação para a Wiener

Psychoanalystische Vereinigung (WPV), ela sentiu como sua pulsão a levava para as mulheres e revelou sua perturbação a Lou: "Pela primeira vez, tive um sonho diurno em que aparecia uma protagonista feminina. Era uma história de amor na qual não parei de pensar. Eu queria explorá-la e escrevê-la de imediato, mas papai achou que seria melhor deixá-la de lado e me concentrar em minha apresentação. Assim, ela me abandonou, mas se eu conservar a lembrança dela até julho, a escreverei de qualquer maneira. Infelizmente, só aparecem nela pessoas conhecidas."[11]

A apresentação de Anna não era estranha a esse caso. Com efeito, seu tema eram as fantasias de surra nas crianças pequenas e dava continuidade a um artigo famoso de seu pai, "Uma criança é espancada", no qual ele falava do caso de uma menina cujas fantasias infantis se pareciam muito com aquelas que lhe haviam sido contadas por sua própria filha. Por sua vez, Anna as analisava como não sendo suas, explicando que a sonhadora conseguira substituir a lembrança dessas cenas por "belas histórias".[12]

Vemos aqui o quanto Freud, assustado com a ideia de que sua filha pudesse realmente se tornar lésbica, desviara Anna, agindo como pai e como analista, de seu desejo de explorar as camadas profundas de seu inconsciente. Ele a incentivou ainda mais a se envolver com o movimento psicanalítico esperando vê-la capaz de sublimar sua pulsão ao engajar-se num trabalho intelectual intenso. A análise de Anna por seu pai terminou, portanto, de uma maneira curiosa, e por certo permitiu que ela se afirmasse como uma futura líder da escola. Mas teve também a consequência de fazê-la odiar sua própria homossexualidade, a tal ponto que ao longo de sua existência ela se mostrará hostil à ideia de que homossexuais pudessem praticar a psicanálise. Contra a opinião de seu pai, ela estava convencida de que a homossexualidade era uma perversão, até mesmo uma "doença", curável por uma análise. Basta dizer que ela acreditava na transformação possível de uma homossexualidade julgada "anormal" em uma heterossexualidade dita "normal".

Não obstante, algum tempo depois de seu segundo período no divã de Freud, Anna vingou-se do pai proibidor quando conheceu Dorothy Tiffany Burlingham, que se tornaria sua companheira para o resto da vida. Nascida em Nova York e neta do fundador das lojas Tiffany & Co., Dorothy casara-se com um cirurgião vítima de psicose maníaco-depressiva. Para escapar de seus acessos de violência, deixara os Estados Unidos com seus quatro filhos – Bob, Mabbie, Tinky e Michael – para se submeter a uma análise no divã de Theodor Reik. E foi assim que, em 1925, ela se aproximou de Anna, a qual não hesitou, uma vez terminado o tratamento com seu pai, em se tornar preceptora e depois analista dos filhos de Dorothy.[13] Em sua excitação, as duas mulheres foram logo vistas como gêmeas, usando roupas idênticas e mantendo relações de intimidade que se pareciam muito com as de duas lésbicas. Mas Anna negava categoricamente a existência de uma relação carnal com sua nova amiga. Por outro lado, tornou-se "co-mãe" dos filhos de Dorothy, e quando esta decidiu alugar um apartamento no número 19 da Berggasse para estar próxima de sua companheira e depois fazer análise com o mestre, ficou evidente que Anna havia aceitado passar da posição de filha para a de mãe, desde

que pudesse afirmar que de forma alguma era homossexual. Mais de sessenta anos antes da invenção da palavra, ela participava portanto de uma experiência de "homoparentalidade". Quanto a Freud, não lhe desagradava, para manter a filha perto de si, ser consagrado como o patriarca de um novo clã. Em 1929, ele escrevia: "Nossos laços simbióticos com uma família americana (sem marido), cujos filhos são acompanhados analiticamente por minha filha com mão firme, se tornam cada vez mais sólidos, a tal ponto que nossas soluções para o verão são comuns. Nossos dois cães, Wolf e a doce chinesa Lün-Yu, representam o acréscimo mais recente da família."[14]

Compreende-se melhor então a grande tolerância de Freud em relação às relações clânicas que Hilda Doolittle mantinha com seus amigos. Sob as aparências da maior normalidade, ele havia construído, tanto com sua filha como com seus pacientes e seus discípulos, um modo de vida que não estava muito distante daquele dos poetas modernistas. Mas no seio dessa constelação, Anna Freud negava aquilo que Bryher exibia e que H.D. dissimulava.

Embora seu tratamento tenha sido benéfico, H.D. decidiu interrompê-lo. Ela não suportava o espetáculo da ascensão do nazismo na Áustria. A conselho de Freud, prosseguiu seu trabalho em Londres com Walter Schmideberg, que analisou igualmente Perdita. Vienense excêntrico, ele havia se casado com Mellita Klein, a filha turbulenta de Melanie e principal oponente da mãe nas fileiras da British Psychoanalytical Society (BPS). Alcoólatra e bissexual, vítima de diversas perturbações mentais e físicas, Walter era amante de Bryher, a qual era também amiga de Mellita.[15] Ao entrar em contato com ele, H.D. teve a impressão de prosseguir seu diálogo com Freud e com Viena, da qual sentia saudade: "Ele foi um jovem oficial austríaco no front russo, na Primeira Guerra Mundial, um 'capitão de cavalos', como se descreveu para mim um dia, antes que seu inglês se aprimorasse." Depois de ter passado do kleinianismo ao freudismo, ela se viu no centro da polêmica que agitava a BPS quanto à questão das relações arcaicas com a mãe, em um momento particularmente intenso, pois nessa época o dogmatismo kleiniano era posto em questão pela própria filha de Melanie, que era odiada pela mãe e a detestava. Além disso, Mellita criticava os kleinianos por não darem nenhuma atenção às questões sociais e à situação real e financeira dos pacientes.

Depois dessas experiências, H.D. voltou-se para a espiritualidade, sem deixar de continuar a trocar cartas com Freud e lhe enviar gardênias. Desejando fundar com escritos poéticos um novo messianismo, ela tentou realizar uma síntese entre a arte, a medicina e a religião, síntese da qual encontramos traços nas três narrativas poéticas de *Trilogy*.[16]

Já em 1933, num artigo para a revista *Close Up*, Bryher lançava um apelo para alertar os intelectuais e a opinião pública sobre o destino dos judeus. Ela pôs então a casa de Kenwin à disposição dos escritores, poetas e artistas que fugiam do nazismo. Mas em 1940, após a partida de Macpherson para os Estados Unidos, ela se reencontrou com H.D. em Londres, onde continuou sua luta. As duas voltaram em seguida para

Kenwin, reconstituindo um círculo com aqueles que amavam. Bryher e H.D. se separaram em 1946, mantendo a partir de então uma relação de outro tipo. Quanto a Macpherson, divorciou-se de Bryher um ano depois. Tendo perdido sua companheira e seus amigos próximos, e sem contar mais com o apoio do mestre de Viena que ela admirava acima de tudo, H.D. caiu numa grave depressão, que exigiu hospitalização. Estava tão obcecada com os perigos da bomba atômica quanto estivera apavorada com o triunfo do nazismo. Em 1953, quando se submeteu a uma operação abdominal na clínica de Küsnacht, Schmideberg procurou-a para levá-la a um sanatório particular onde ela conheceu o doutor Erich Heydt, formado na análise existencial e próximo do psiquiatra Médard Boss, aluno de Eugen Bleuler e amigo de Martin Heidegger.

Durante oito anos ela realizou com Heydt uma experiência clínica tão transgressora quanto as precedentes. Enquanto Freud se detivera numa exploração do inconsciente centrada na análise de sonhos, da sexualidade e do conflito psíquico, Heydt, muito mais marcado pelas teses de Carl Gustav Jung e fascinado pelo ocultismo, os êxtases místicos e as viagens alucinatórias, incentivou-a a entrar em osmose com o "continente feminino" que estava adormecido nela. Ele a considerava uma amiga, jantava com ela, acompanhava-a às vezes em viagens e a envolvia em sua vida profissional. Ela se iniciou então na astrologia, na egiptologia, na cabala, no esoterismo e passou a adorar, além da Grécia, as grandes divindades femininas das religiões orientais ou germânicas, ao mesmo tempo em que desenvolvia ao infinito, em seus poemas, um simbolismo da "Rosa", confundida com a vulva. Rosas vermelhas, amarelas, azuis, negras, rosas esotéricas, rosas de amor, rosas venenosas etc. Não demorou para que H.D. se comparasse a uma mulher andrógina, genitora de filhos, assombrada pela barbárie dos homens e a ressurreição das almas: entre Ísis, Ondina e Serafita, e para além de Helena de Troia e Hermione.

Assim como Freud a estimulara a se separar do kleinianismo, Heydt a encorajou a se projetar para além do laço de transferência ao pai fundador, suporte da mãe arcaica, e a recuperar sua relação primordial com o outro grande homem de sua vida – Ezra Pound –, cuja lembrança havia sido ocultada por suas análises anteriores. A imersão na ontologia da feminilidade foi acompanhada por um "retorno ao pai": "Lembrar-me de Ezra é recordar-me de meu pai. Recordar-me de meu pai é relembrar a inteligência fria, abrasadora de meu 'último apego' durante os anos da guerra em Londres."[17]

Vinte anos depois de ter escrito seu diário de análise (*Advento*) e nove anos após de ter dado a ele uma segunda versão reconstruída (*Escrito na parede*), H.D. empreendia uma reconquista atormentada daquele que havia sido seu primeiro iniciador, antes de Freud. Ao acreditar que ocupava o lugar da mãe na análise de H.D., Freud havia sido, de certa forma, um obstáculo para essa volta. Ademais, a poesia e a personalidade dessa poeta louca lhe eram totalmente estranhas. Ele também não havia captado muito bem que ela se dirigia a ele como a um substituto de Pound.

No contato com Heydt, H.D. pôde realizar um trabalho de rememoração que não

havia acontecido antes. Como num palimpsesto, a figura do mestre da língua veio substituir aquela do profeta do inconsciente para lhe permitir realizar seu desejo: responder, pela escrita poética, e de maneira "feminista", à grande saga dos *Cantos*: "'Você conhece Ezra Pound, não é mesmo?' Foi um choque – vindo da parte de um estrangeiro. Foi talvez nesse momento que ele me injetou ou me reinjetou minha dose de Ezra. Fiz um vago sinal que sim, me perguntando o que o doutor Heydt tinha a ver com aquilo."[18]

Apesar de seu fascismo e antissemitismo, que se revelaram nos programas de rádio favoráveis a Mussolini, Pound não deixara de contar com o apoio de seus amigos. Embora desaprovassem seu posicionamento político, eles se mostravam preocupados com seu estado. Em suas crônicas, cada vez mais exaltadas, transmitidas durante sete anos (de 1936 a 1943), havia proferido verdadeiros "rugidos", como ele mesmo dizia, contra Roosevelt, a usura e as potências financeiras. Sentindo-se, não obstante, patriota, embora tivesse se tornado europeu, decidira, depois do ataque a Pearl Harbour, retornar a seu país natal. Mas não conseguiu obter um visto. E havia também continuado sua cruzada verbal até a chegada das tropas americanas na Itália. Acusado de traição à pátria, deixara Roma para participar da República de Salo, onde estavam reagrupados os últimos dirigentes fascistas: "Estudei durante quarenta anos, não para escrever uma história econômica dos Estados Unidos ou de outro país, mas para compor um poema épico que começa na 'floresta obscura', atravessa o purgatório do erro humano e termina na luz…"[19]

No que diz respeito à luz, Pound havia mergulhado num estado maníaco que não o impedia de escrever sua grande obra, mas que quase não lhe permitia responder por seus próprios atos. Preso com os desertores e os criminosos de guerra, foi posto numa jaula e transferido para uma clínica antes de retornar aos Estados Unidos. Diagnosticado como louco por vários especialistas psiquiátricos, foi internado no hospital psiquiátrico St. Elizabeth, em Washington.

Durante os treze anos de seu internamento, sua fama não parou de crescer, à medida que sua obra poética era publicada e se tornava conhecida. Seus amigos e jovens poetas de uma nova geração o visitavam periodicamente. No fundo de sua alienação, ele encontrava o ímpeto necessário para deixar os poetas excitados e os sábios em trapos. Sua loucura se agravava enquanto se multiplicavam as iniciativas em favor de sua libertação. Em maio de 1958, um tribunal ordenou a anulação da condenação. Pound decidiu então voltar para a Itália. Chegando a Nápoles, fez a saudação fascista e declarou que a América inteira era um asilo de alienados. Porém, logo desistiu de terminar os *Cantos*, recolheu-se a um silêncio assustador e foi em seguida internado devido a acessos de paranoia e delírio. Em 1967, cinco anos antes de sua morte, confessou a Allen Ginsberg que o pior erro que cometera fora "esse estúpido preconceito suburbano: o antissemitismo".[20] O engajamento em favor do pior havia levado Pound a uma dissolução da razão, e a um colapso de sua escrita.

H.D. jamais partilhou das teses fascistas de Pound. Mas, como para muitos de seus amigos poetas, a questão desse engajamento era secundária, em face da imensidade da obra daquele que ela considerava um amante, um amigo, um pai, um iniciador, um gênio e um louco cujo sofrimento, a seus olhos, equivalia a uma redenção. E foi por isso que, em 1958, ela escreveu um testemunho, *Fim do tormento*, que podemos considerar uma sequência dos dois textos dedicados a Freud.[21] Nele, H.D. relata o desenvolvimento dia a dia de sua análise com Heydt, que a conduziu a um retorno ao Pound de sua juventude. E mistura a essa reconstrução fantasística a narração dos acontecimentos que conduziriam à libertação dele. No final do texto, o tempo de outrora se ligava ao tempo presente, e dessa união entre um tempo vivido e um tempo momentâneo brotavam, enlaçados, a *rosa amoris* e o *Paradiso*: "Fui a Nova York ver Ezra partir[22] … Ezra não havia mudado muito. Durante uma meia hora, ele me fez um sermão sobre os exames para ingresso na faculdade e sobre o programa que eu deveria seguir para ter sucesso … E então a sirene tocou às três e meia e tivemos de nos despedir. Ezra tomou minhas mãos nas suas e apertou-as calorosamente … 'Vamos, nada de tristeza.' E assim terminou e me pergunto se algum dia voltarei a vê-los. Em todo caso, eles tiveram a rosa. 'É para o *Paradiso'*, eu disse no fim."[23]

Doolittle morreu no dia 27 de setembro de 1961, em Zurique, em consequência de um derrame cerebral: "Não posso imaginar Bryher vivendo sem H.D.", disse Gertrude Stein ao receber a notícia.

Pouco conhecida na França, a obra – e a vida – de Hilda Doolittle estiveram na origem, a partir da década de 1970, de numerosos trabalhos universitários anglófonos sobre a gênese do lesbianismo moderno, as características específicas da escrita feminina, os modos de vida das vanguardas literárias e, por fim, as relações entre gênero e sexo na história da psicanálise. Agradeço a Antoinette Fouque por ter tido a ideia de reeditar esse longo poema, *Tributo a Freud*, que também é trespassado de ponta a ponta pelo amor de Pound por H.D.: "Que aos nossos lábios em taça aflua o vinho do amor, e que a vida para nós o espalhe ao redor; *Ecce il libro*: pois este livro é teu."[24]

---

1. Diário depositado na Biblioteca do Congresso e acessível a partir de 2020. Possuo uma cópia dele graças a Célia Bertin, biógrafa de Marie Bonaparte. Cf. *Marie Bonaparte*, Paris, Perrin, 1999.

2. Abram Kardiner, *My Analysis with Freud: Reminiscences*, Nova York, Norton, 1977. Joseph Wortis, *Fragments of an Analysis with Freud*, Nova York, Simon and Schuster, 1954.

3. Cf. Susan Stanford Friedman, *Psyche Reborn. The emergence of H.D.*, Bloomington, Indiana University Press, 1981. *Analyzing Freud. Letters of H.D., Bryher and Their Circle*, Nova York, New Directions Book, 2002. Shari Benstock, *Femmes de la rive gauche. Paris 1900-1940*, Paris, Des Femmes-Antoinette Fouque, 1987. Lisa Appignanesi e John Forrester, *Freud's Women*, Nova York, Basic Books, 1992.

4. Ezra Pound, *Os cantos*. Na edição francesa original (1986) – assim como na edição brasileira (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002, trad. José Lino Grünewald) –, os cantos 72 e 73, escritos por Pound diretamente em italiano, não foram traduzidos. Ora, o "Canto 73" é o único de toda a obra com conteúdo antissemita. Eis um extrato dele, em tradução livre, no qual Pound, em 1944, homenageia um jovem fascista, Guido, que brada contra os que o venceram: "E eu ouvi: 'Não tenho prazer algum em ver morrer minha raça na vergonha e na lama/ Governada pela carniça e traída. Roosevelt, Churchill e Eden, bastardos e judeus. Glutões e mentirosos, e o povo imbecilizado sangrado como ovelhas.'" (Na

reedição francesa de 2006 (Paris, Flammarion, 2002, revista e aumentada sob a direção de Yves di Manno), esses dois cantos foram incluídos em italiano, de modo que é difícil alcançar sua significação se não se tem um conhecimento apurado da língua italiana e da poética de Pound, e apenas o "Canto 72" está traduzido para o francês, num anexo, após a versão em inglês. Com relação ao "Canto 73", o editor explica que, como não se localizou uma versão em inglês, pareceu-lhe melhor manter o texto em sua versão italiana. A revista *Action Poétique* n.104 (1986) traz a única tradução para o francês desses dois cantos, feita por Joseph Julien Guglielmi, acompanhada de uma nota crítica de Henri Deluy.)

5. *Ezra Pound et l'imagisme. Poèmes et documents*, apresentados por Nancy Blake, número especial da revista *Delta*, 1979, p.73.

6. Hilda Doolittle, *Hermione* (1927, 1981), Paris, Des Femmes-Antoinette Fouque, 1981; *Dis moi de vivre* (1960), Paris, Des Femmes-Antoinette Fouque, 1987; *Hélène en Égypte* (1961), Paris, Editions de la Différence, 1992.

7. *Féminité mascarade. Études psychanalytiques*, reunidos por Marie-Christine Hamon, Paris, Seuil, 1994.

8. Sigmund Freud, "Sur la sexualité féminine" (1931), in *La Vie sexuelle*, Paris, PUF, 1970, p.140. [Ed. bras.: "Sobre a sexualidade feminina", in *ESB*, vol.21, Rio de Janeiro, Imago, várias eds.]

9. Sigmund Freud, "Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine" (1920), in *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973, p.245-70 [Ed. bras.: "A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher", in *ESB*, vol.18, Rio de Janeiro, Imago, várias eds.]. Ines Rieder e Diana Voigt, *Sidonie Csillag, homosexuelle chez Freud, lesbienne dans le siècle*, Paris, EPEL, 2003.

10. Que morrerá vítima da epidemia de gripe espanhola.

11. Lou Andreas-Salomé, Anna Freud, *Correspondance 1919-1937*, Paris, Hachette-Littérature, 2006, p.43.

12. Sigmund Freud, "Un enfant est battu. Contribution à la connaissance de la genèse des perversions sexuelles" (1919), in *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973 [Ed.bras.: "'Uma criança é espancada': uma contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais", in *ESB*, vol.17, Rio de Janeiro, Imago, várias eds.]. E Anna Freud, "Fantasme d'être battu et rêverie" (1922), in *Féminité mascarade*, op.cit., p.55-75.

13. O marido de Dorothy e dois de seus filhos se suicidariam.

14. Sigmund Freud e Ludwig Binswanger, *Correspondance 1908-1938*, Paris, Calman-Lévy, 1995, p.278-9.

15. Ele foi atrás de Bryher na Suíça depois da partida de Mellita para os Estados Unidos e morreu vítima de alcoolismo, após diversas internações.

16. H.D., *Trilogy*, Nova York, New Directions, 1973. Três coletâneas de poesias escritas entre 1944 e 1946.

17. H.D., *Fin du tourment*, seguido de *Le livre de Hilda par Ezra Pound* (1958), Paris, Éditions de la différence, 1992, p.52.

18. Ibid., p.22. Com efeito, Heydt havia encontrado Pound quando ele estava internado no hospital St. Elizabeth.

19. Ezra Pound, *Les Cantos*, op.cit., p.912.

20. Ibid., p.930.

21. Aos quais se acrescenta *Magic Mirror*, texto inédito dedicado à sua análise, Yale Collection of American Litterature, Manuscript Library, Yale University.

22. Pound embarcou no *Cristoforo Columbo* com Dorothy, seu filho Omar e sua jovem amante Marcella Spann, que trabalhava para ele. Depois de uma estada em Brunnenburg, no Tirol italiano, eles se encontraram com Olga Rudge em Rapallo, onde a vida em comunidade logo se mostrou impraticável.

23. H.D., *Fin du tourment*, op.cit., p.64.

24. Ibid., p.85. Agradeço a Henri Deluy, que me ajudou a escrever este texto, e a Liliane Kandel, que me emprestou vários livros.

Escrito na parede, para Sigmund Freud, médico irrepreensível, foi escrito em Londres no outono de 1944, sem recorrer aos cadernos de anotações da primavera de 1933, em Viena.

Escrito na parede foi publicado em *Life & Letters Today* (Londres, 1945-46).

Advento, a continuação de *Escrito na parede*, ou seu prelúdio, foi tirado diretamente dos cadernos antigos de 1933, embora as anotações só tenham sido reunidas em dezembro de 1948, em Lausanne.

H.D.

Escrito na parede

para Sigmund Freud,
médico irrepreensível

Escrito na parede

1

Era Viena, 1933-1934. Eu ocupava um quarto no Hotel Regina, Freiheitsplatz. Eu tinha um pequeno calendário sobre minha mesa. Contava os dias e os riscava, calculando as semanas. Minhas sessões eram limitadas, o tempo passava muito rapidamente. Quando parei para deixar minha chave na recepção, o porteiro disse, "Algum dia a senhora me lembrará ao Professor?". Eu disse que o faria, se surgisse a oportunidade. Ele disse "E ah, à Frau Professor! Eis uma senhora maravilhosa!" Eu disse que não havia conhecido a Frau Professor, mas ouvira dizer que ela era a esposa perfeita para ele e não poderia haver – não é mesmo? – elogio maior possível. O porteiro disse "Sabe a Berggasse? Depois de – bem, mais tarde, quando o Professor não estiver mais entre nós, vão chamá-la de Freudgasse." Desci a Berggasse, virei na entrada familiar: *Berggasse 19, Wien IX*, era lá. Havia largos degraus de pedra e uma balaustrada. Às vezes, eu encontrava alguém que descia.

A escada de pedra era curva. Havia duas portas no andar. A da direita era a porta profissional do Professor; a da esquerda, a da família Freud. Os dois apartamentos haviam sido claramente organizados para que não houvesse confusão possível entre família e pacientes ou estudantes: existia o Professor que pertencia a nós, existia o Professor que pertencia à família; era uma família grande, com ramificações, parentes da esposa, parentes distantes, amigos da família. Havia outros apartamentos acima, mas eu não costumava cruzar com ninguém nas escadas, exceto o analisando cuja hora precedia a minha.

Minhas horas ou sessões haviam sido acomodadas para mim, quatro dias por semana das cinco às seis; um dia, de meio-dia à uma. Ao menos, essa foi a combinação para a segunda série de sessões que, anotei, começou no final de outubro de 1934. Deixei vários livros e cartas na Suíça ao sair de lá, precisamente depois que a guerra começou; entre eles estava meu diário de Viena de 1933. Tenho a impressão de que o Professor organizara a segunda série de acordo com a primeira, pois eu lhe havia dito muitas vezes que a hora perto do anoitecer era quase minha preferida do dia. De qualquer modo, foram cinco semanas naquela ocasião. A última sessão foi em 1º de dezembro de 1934. A primeira série começou em março de 1933 e durou um pouco mais, entre três e quatro meses. Eu não planejara voltar a Viena, mas muita coisa aconteceu entre o verão de 1933

e o outono de 1934. Eu ouvira as notícias sobre o caso Dollfuss[1] com alguma ansiedade, mas isso não me causou nenhuma repercussão pessoal. Voltei a Viena porque soube do homem que encontrava às vezes, descendo as escadas. Ele fizera uma conferência em Johannesburgo. Pilotou seu próprio avião até lá. Na volta, o avião caiu em Tanganica.

2

Nem sempre eu cruzava com ele na escada. Às vezes, ele ficava um pouco mais e prolongava sua conversa no estúdio do Professor ou no consultório, caso em que, depois de pendurar meu casaco no hall, eu talvez não o encontrasse. Eu era então conduzida direto para a sala de espera. Ou podia acontecer de meu predecessor emergir do santuário do Professor no mesmo momento em que eu estava para entrar. Ele ia buscar seu casaco ou seu chapéu enquanto eu pendurava o meu. Ele era muito alto, parecia inglês – mas inglês com um porém. Ele havia passado, ficou claro depois, algum tempo em Oxford, antes ou depois de seu diploma continental – de qualquer modo, não era alemão, nem americano; mas como se fica sabendo dessas coisas? Acontece que era exatamente o que achei dele, "inglês com um porém", com efeito, um holandês.

Só fiquei sabendo depois que seu nome era J.J. van der Leeuw. Certa vez, ele falou comigo a pedido do Professor sobre troca de horário. Isso foi num dia de verão, na grande casa fora da cidade, em Döbling, para onde a família se mudava nos meses quentes. Deve ter sido num dia do final de junho ou início de julho de 1933. O arranjo para nos receber lá era mais informal e não se tinha a mesma impressão de autenticidade ou *realidade* como na própria casa do Professor. Porém, eu não disse adeus a Viena da periferia, na casa de um estranho. Eu voltei.

Contei ao Professor por que eu havia voltado. O Professor estava com 77 anos na época de nossas primeiras sessões. Eu tinha 47. O dr. Van der Leeuw era consideravelmente mais jovem. O Professor me disse que ele era conhecido entre eles como o Holandês Voador.[2] Era um erudito eminente. Viera oficialmente para estudar com o Professor, com a ideia de aplicar os princípios da psicanálise à educação em geral, com o objetivo prático maior de uma cooperação e compreensão internacional. Ele era rico, influente, bem-nascido. Possuía vastas plantações nas Índias Orientais Holandesas e havia viajado pela Índia com o propósito de fazer investigações ocultas. Lá havia contatado um professor ou jovem devoto, fora influenciado pelos ensinamentos orientais, mas isso não o satisfizera. Queria aplicar as leis do ser espiritual aos problemas graves de hoje. Parecia-me que era o homem perfeito para a missão perfeita. O Professor não me dissera que J.J. van der Leeuw tinha consciência de um desejo profundamente enraizado ou tendência subconsciente ligada a sua brilhante aviação. O Holandês Voador sabia que, a qualquer momento, no ar – seu elemento – ele provavelmente voaria alto demais, voaria depressa demais. "Isso era realmente o que me preocupava", disse o

Professor. “Posso lhe dizer agora que isso era o que realmente nos preocupava a ambos.” O Professor acrescentou: “Depois que ele partiu, da última vez, achei que havia encontrado a solução. Eu realmente tinha a resposta. Mas era tarde demais.”

Eu disse ao Professor: “Sempre tive uma sensação de satisfação, de segurança, quando cruzava com o dr. Van der Leeuw na escada ou o via no hall. Ele parecia tão autossuficiente, tão equilibrado – e o senhor tinha me falado do trabalho dele. Eu sentia sempre que ele era a pessoa que carregaria a tocha, aplicaria – levaria adiante suas ideias, mas não de uma forma estereotipada. Eu achava que o senhor e seu trabalho e o futuro de seu trabalho eram especialmente transmitidos a ele. Oh, eu sei que existe o grande órgão da Associação Psicanalítica, pesquisadores, doutores, analistas formados e assim por diante! Mas o dr. Van der Leeuw era diferente. Sei que o senhor sentiu isso muito profundamente. Voltei a Viena para lhe dizer que sinto muito.”

O Professor disse: “Você voltou para tomar o lugar dele.”

3

Eu não pensava conscientemente no Holandês Voador ou o ligava ao meu trabalho, ou o entrelaçava em minhas fantasias. Meus próprios problemas, meu interesse intenso e dinâmico pelo desenrolar das estruturas inconscientes ou subconscientes não parecia incluí-lo. Ele era tão elegante, tão apresentável, tão dotado de riqueza intelectual e material! Acho que eu o invejava, sua personalidade aparentemente descomplicada. Era um tipo intelectual, mas extrovertido, o tipo do diplomata ou mesmo homem de negócios; não dava para se pensar nele como torturado ou perturbado; não parecia haver nada de Sturm und Drang[3] nele. Parecia acadêmico, sim, mas não no sentido de introvertido livresco. Dir-se-ia que seu corpo se ajustava a ele de forma tão perfeita e suave quanto o terno cinza ou azul que o cobria; dir-se-ia que sua alma se ajustava ao seu corpo, e sua mente se ajustava ao seu cérebro ou cabeça; a testa era alta, sem rugas; seus olhos pareciam perspicazes, com um olhar azul de marinheiro, os olhos eram um matiz acima ou abaixo de azul-cinzento, mas com aquele cinzento do mar do Norte. Sim – frios, indiferentes, perceptivos, mas imperturbáveis, se diria. Quando mais tarde pensei sobre isso, sim, então me pareceu que ele era mercuriano. Mercúrio.

Não creio que o nome do mensageiro alado, o Hermes dos gregos, Mercúrio dos romanos, tenha sido mencionado em minhas conversas com o Professor, exceto uma vez, de maneira indireta, quando tive uma sequência de sonho que incluía uma figura da famosa fonte de Raphael Donner, na Marktplatz. É uma fonte muito linda com estátuas reclinadas de deuses fluviais, duas mulheres e dois homens.[4] Meu sonho estava ligado a um jovem conhecido meu de Londres; seu nome não é Brooks [riachos], mas sugere córregos e rios, então podemos chamá-lo de Brooks. Na sequência de meu sonho, eu associava esse jovem sr. Brooks à estátua do mais jovem dos deuses fluviais. Foi então

que eu disse ao Professor que a figura reclinada de bronze da fonte tinha certas afinidades com o Mercúrio aprumado de Bolognese. Concordamos que a obra de Raphael Donner era a mais atraente e original das duas, mas que se erguêssemos o deus reclinado e o colocássemos de pé, ele poderia se parecer levemente com o Mercúrio – ou ao contrário, se fizéssemos Mercúrio se apoiar no cotovelo, ele quase poderia ocupar o lugar da figura de bronze da fonte. De qualquer forma, era o modo encantador de nosso Professor de concordar com uma ideia, apreciá-la devidamente, mas não enfatizar demais detalhes sem importância. Pois isso parecia sem importância naquela ocasião.

Talvez não seja muito importante agora. Porém, é interessante notar em retrospecto como a mente tergiversa. Eu associava a figura de Raphael Donner e, por implicação, o Mercúrio, a um jovem conhecido de Londres, encantador mas não muito importante, enquanto a verdadeira imagem bem-apessoada[5] está lá em Viena e estava lá – estivera lá – reclinada naquele mesmo divã, sempre na hora anterior à minha sessão. Como digo, eu não pensava conscientemente no dr. Van der Leeuw ou o entrelaçava em minhas fantasias. Nem pensava nele como Mercúrio, o mensageiro dos deuses e o líder dos mortos, depois que ele caiu de avião.

Ele era um estranho. Eu não o conheci realmente. Falamos uma vez na casa de Döbling, fora de Viena. O Professor acenou para ele do outro lado da grande e desconhecida sala de estar. O dr. Van der Leeuw inclinou-se, dirigiu-se a mim em alemão polido e distinto, a *gnädige Frau*[6] objetaria em alterar seu horário por apenas um dia, amanhã? Respondi-lhe em inglês, não me importaria de forma alguma, eu iria às quatro, ele às cinco. Ele me agradeceu cordialmente em inglês amistoso, sem um traço de sotaque. Essa foi a primeira e última vez que falei com o Holandês Voador. Nós trocamos "horas".

4

O Professor estava com 77 anos. Seu aniversário em maio era significativo. O consultório na casa estranha continha alguns de seus tesouros e sua famosa escrivaninha. A sala tinha a mesma aparência, mas não a escrivaninha. Em vez do semicírculo de pequenos *objets d'art*[7] preciosos, havia uma série cuidadosamente arranjada de vasos; cada um deles continha um pequeno ramo de orquídeas ou uma única flor. Eu não tinha nada para o Professor. Eu disse: "Desculpe-me, não lhe trouxe nada porque não consegui achar o que queria." Eu disse: "De qualquer modo, queria lhe dar alguma coisa diferente." Minha observação pode ter parecido um pouco negligente, um pouco arrogante. Pode ter parecido uma dessas coisas, ou ambas. Não sei como o Professor a interpretou. Ele acenou para que eu fosse ao divã, satisfeito ou insatisfeito com minha consideração aparentemente casual sobre seu aniversário.

Eu não encontrara o que queria, então não lhe dei nada. Em uma de nossas conversas

no velho consultório da Berggasse, tínhamos embarcado em uma de nossas viagens. Às vezes, o Professor conhecia de fato o lugar de que eu falava, às vezes, ele estava implícito numa estátua ou numa imagem, como aquela antiga gravura em aço do templo de Karnak que pendia acima do divã. Eu havia visitado aquele templo, ele não. Mas dessa vez, era a Itália; estávamos juntos em Roma. Os anos avançavam, depois retrocediam. A ida e volta nos anos criava um fio que entretecia meu padrão no do Professor. "Ah, a Escadaria Espanhola", disse o Professor. "Eram aqueles ramos de amendoeira", disse eu; "de todas as flores e cestos de flores, é deles que mais lembro." "Mas", disse o Professor, "as gardênias! Em Roma, até *eu* podia me dar ao luxo de usar uma gardênia." Não é que ele evocasse o passado e invocasse o futuro. Era um presente que estava no passado ou um passado que estava no futuro.

Vasculhei Viena em busca de uma única gardênia ou de um ramalhete delas. Mas não consegui encontrar. Em outro ano, escrevi de Londres pedindo a uma amiga em Viena – uma estudante inglesa – que se empenhasse para achar um ramalhete de gardênias para o aniversário do Professor. Ela me respondeu: "Procurei por toda parte pelas gardênias. Mas os floristas me disseram que o Professor Freud gosta de orquídeas e que as pessoas sempre encomendavam orquídeas para o aniversário dele; eles acharam que você gostaria de saber disso. Mandei orquídeas em seu nome."

5

Foi algum tempo depois que o Professor recebeu minhas gardênias. Não era um aniversário, não era Viena. Eu fora visitá-lo em Londres, em novo ambiente. Ele havia chegado recentemente, um exílio. Era uma casa grande com um jardim. Houvera muita discussão e ansiedade em relação à famosa coleção de antiguidades gregas e egípcias e os outros tesouros chineses e orientais do Professor. As caixas chegaram finalmente, embora a família tivesse dúvidas se o tesouro inteiro, ou até mesmo algo dele, se encontraria intacto. Pelo menos as caixas chegaram, graças à influência e generosidade da amiga e discípula do Professor, Madame Marie Bonaparte, princesa George da Grécia; "a Princesa" ou "nossa Princesa", como o Professor a chamava. Eu manifestara surpresa ao ver várias estatuetas gregas sobre sua escrivaninha. Parecia-me a mesma escrivaninha numa sala que sugeria aquela da casa de verão nos arredores de Viena de minha primeira visita, em 1933. Mas estávamos no outono de 1938. "Como o senhor conseguiu trazê-las de Viena?", perguntei-lhe. "Eu não as trouxe", disse ele. "A Princesa esperou-me com elas em Paris, para que eu me sentisse em casa lá." Era um mundo mau e traiçoeiro, mas ainda havia lealdade e beleza nele. Havia sido uma viagem apressada, assustadora. Ele me contara, cinco anos antes, em Viena, que já então viajar estava fora de questão para ele. Foi-lhe claramente proibido pelo ilustre especialista que estava sempre à sua disposição. (Se não me engano, esse amigo devotado acompanhou o Professor em sua viagem através do continente.) Ficava difícil, vendo a escrivaninha

familiar, com as novas-velhas imagens familiares sobre ela, acreditar que estávamos em Londres. Com efeito, era melhor pensar em termos de uma estada temporária levemente familiar, como aquela casa de verão em Döbling. Aquele distrito agradável estava geograficamente para Londres, em certo sentido, assim como Döbling estava para Viena. Mas não havia retorno à Berggasse, Freudgasse, como deveria ter sido.

6

Mas ao menos em imaginação, na névoa do final da tarde, eu podia continuar uma busca, uma procura. Deveria haver gardênias em algum lugar. Encontrei-as numa florista do West End e escrevinhei num cartão: "Para saudar o retorno dos Deuses." As gardênias chegaram ao Professor. Tenho sua carta:

20 Maresfield Gardens[8]

Londres, N.W.3
28 nov 1938

Querida H.D.
Recebi algumas flores hoje. Por acaso ou intencionalmente, são minhas flores preferidas, aquelas que mais admiro. Algumas palavras "para saudar o retorno dos deuses [gods] (outras pessoas leem bens [goods])". Sem assinatura. Desconfio que você seja a responsável pelo presente. Se adivinhei certo, não responda, mas aceite meus calorosos agradecimentos por esse gesto tão encantador. Em todo caso,

afetuosamente,
Sigm. Freud

7

Vi o Professor somente uma vez mais. Era verão de novo. Janelas envidraçadas até o chão davam para um agradável gramado. Os deuses ou bens estavam adequadamente guardados em prateleiras organizadas. Eu não estava sozinha com o Professor. Ele estava sentado quieto, um pouco tristonho aparentemente, absorto. Tive medo então, como acontecera muitas vezes, de invadir, perturbar seu recolhimento, esgotar sua vitalidade. Mas eu não tinha escolha. Havia outras pessoas presentes e a conversa decorria de forma ordenada, convencional. Tal como os deuses ou bens, estávamos sentados num círculo agradável; prevalecia uma hospitalidade convencionalmente correta, mas

superficialmente mantida. Havia um sentimento de segurança externa, ao menos não se disse palavra que lembrasse um passado recente devastador ou evocasse um futuro incerto. Eu estava na Suíça quando, logo depois do anúncio de uma guerra mundial, o boletim oficial de notícias de Londres anunciou que o dr. Sigmund Freud, que havia aberto o campo do conhecimento do inconsciente, o inovador ou fundador da ciência da psicanálise, estava morto.

8

Eu havia escrito originalmente *havia partido*, mas risquei a expressão deliberadamente. Sim, ele estava morto. Eu não estava emocionalmente envolvida. O Professor era um homem velho. Estava com 83 anos. A guerra caíra sobre nós. Não chorei pelo Professor ou pensei nele. Ele foi poupado de tanta coisa. Ele havia confinado suas pesquisas à textura viva do pensamento tanto sadio como insano, mas pensamento contemporâneo, se poderia dizer. Ou seja, ele trouxera o passado para o presente ao afirmar que *a infância do indivíduo é a infância da espécie humana* – ou é ao contrário? – *a infância da espécie humana é a infância do indivíduo*. De qualquer modo (o contrário também é verdade), ele havia aberto, entre outros, aquele campo particular do inconsciente que veio provar que os traços e tendências de obscuras tribos aborígines, bem como a forma e a substância dos rituais de civilizações desaparecidas, ainda eram inerentes à mente humana – à psique humana, se quiserem. Mas de acordo com suas teorias, a alma existia explicitamente, ou mostrava sua forma e conformação em e através da mente e do corpo, enquanto afetado pelos êxtases e desordens da mente. Sobre as grandes questões transcendentais, nunca discutimos. Mas havia uma discussão implícita no mais profundo de nós mesmos. Havíamos nos reunido a fim de substanciar alguma coisa. Eu não sabia o quê. Havia algo que latejava em meu cérebro; não digo meu coração – meu cérebro. Eu queria que aquilo fosse liberado. Eu queria me libertar de pensamentos e experiências repetitivas – os meus e os de muitos de meus contemporâneos. Eu não percebia especificamente o que queria, mas sabia que eu, como a maioria das pessoas que conhecia, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Europa continental, estava à deriva. Estávamos à deriva. Onde? Eu não sabia, mas ao menos aceitava o fato de que *estávamos* à deriva. Eu sabia isso ao menos – eu iria (antes que a corrente de eventos inevitáveis me arrastasse direto para a corrente principal e então para a catarata) manter-me de lado, se pudesse (se ainda não fosse tarde demais), e fazer um inventário de minhas posses. Poder-se-ia dizer que eu tinha – sim, tinha algo que eu possuía especificamente. Eu *possuía* a mim mesma. Não de fato, é claro. Minha família, meus amigos e minhas circunstâncias me possuíam. Mas eu *tinha* alguma coisa. Digamos que fosse uma canoa estreita de casca de bétula. A grande floresta do desconhecido, o supranormal ou sobrenatural, estava ao redor e sobre nós. Com a corrente ganhando força, eu poderia ao menos remar para o raso antes que fosse tarde demais, fazer um inventário de minhas

modestas posses de mente e corpo e pedir ao velho eremita que vivia à beira desse vasto domínio para falar comigo, me contar, se pudesse, o melhor modo de seguir meu rumo.

É verdade que tocávamos levemente em alguns dos problemas transcendentais mais abstrusos, mas os relacionávamos ao conhecido complexo familiar. Certas tendências de pensamento e imaginação, no entanto, não eram cortadas, nem mesmo podadas. Minha imaginação vagava à vontade; meus sonhos eram reveladores e muitos deles se valiam do simbolismo clássico ou bíblico. Os pensamentos eram coisas a serem recolhidas, comparadas, analisadas, arquivadas ou resolvidas. Descobria-se que ideias fragmentárias, aparentemente sem relação, faziam parte de uma camada ou estrato especial de pensamento e memória e, portanto, tinham algo em comum. Essas ideias eram, às vezes, habilidosamente coladas como os primorosos jarros, tigelas de vidro iridescente e vasos gregos que brilhavam na penumbra das prateleiras do armário que ficava de frente para mim quando eu estava reclinada no divã do consultório da Berggasse 19, Wien IX. Os mortos estavam vivos na medida em que viviam na memória ou eram lembrados em sonhos.

9

Em todo caso, afetuosamente... Eu não sabia o que o havia exasperado subitamente. Virei-me no divã e pus os pés no chão. Não sei exatamente o que eu dissera. Tenho algumas anotações que rabisquei quando estava em Viena, mas nunca as examinei e mal dei uma olhada nelas desde então. Não quero me envolver na sequência histórica rigorosa. Desejo lembrar as impressões, ou antes, desejo que as impressões me lembrem. Deixar as impressões virem por si mesmas, fazerem sua própria sequência. "Haverá muitas memórias sobre o Professor", disse-me Walter Schmideberg. "Imagino que Sachs e a Princesa já escreveram as deles."

O analista Schmideberg falava com ironia; havia sido um jovem oficial austríaco no front russo, na Primeira Guerra Mundial, um "capitão de cavalos", como se apresentou para mim nos primeiros dias, antes que seu inglês se aprimorasse. "Capitão de cavalos" dizia mais para mim do que "oficial de cavalaria" ou "oficial da guarda"; como, também," árvore-agulha", à qual se referiu um dia, em vez de "pinheiro", ou "conífera". Assim, o impacto de uma língua, bem como o impacto de uma impressão, pode se tornar "correto", se tornar "estilizado", perder sua qualidade viva. É fácil ser apanhado, como Schmideberg, no laço da autocrítica, é fácil dizer "todo mundo vai rabiscar memórias", mas a resposta a isso é: "De fato, é verdade, mas nem a Princesa George da Grécia nem o dr. Hanns Sachs, outrora de Viena e Berlim, depois de Boston, Massachusetts, podem rabiscar exatamente *minhas* impressões do Professor." Além do mais, não creio que alguém pudesse nos dar um relato mais terno e bem-humorado sobre o Professor (se ele deixasse que suas impressões o conduzissem) do que o outrora jovem Rittmeister

Schmideberg, que se tornou um perito mundial em contrabandear charutos para a Berggasse durante os dias mais negros daquela guerra, e com quem o Professor manteve contato durante seu amargo ano de confinamento num campo de prisioneiros da Itália, ironicamente depois do fim da guerra.

10

Chega de Princesa, Hanns Sachs e Walter Schmideberg, outrora Rittmeister do 15º Batalhão Imperial Austro-Húngaro de Hussardos de Sua Alteza Real, Arquiduque Francisco Salvator. De minha parte, giro, sentada de forma não canônica, com os pés no chão. O próprio Professor é pouco canônico; ele bate com a mão, com o punho, no alto do encosto do antiquado sofá de crina que já ouviu mais segredos do que o confessionário de qualquer padre confessor católico romano no auge de sua popularidade. Aquele era o feioso instrumento histórico do projeto original de psicoterapia, de psicanálise, a ciência de desembaraçar as meadas enredadas do inconsciente e da cura implícita no processo. *Conscientemente*, eu não percebia ter dito alguma coisa que pudesse explicar a explosão do Professor. E enquanto eu girava, encarando-o, minha mente estava distanciada o suficiente para me perguntar se aquilo era alguma ideia *dele* para acelerar o conteúdo analítico ou redirecionar o fluxo de imagens associadas. O Professor disse: "O problema é – sou um homem velho – *você não acha que valha a pena me amar.*"

11

O impacto de suas palavras foi terrível demais – eu simplesmente não senti nada. Não disse nada. O que ele esperava que eu dissesse? Foi exatamente como se o Ser Supremo tivesse martelado com o punho no encosto do divã onde eu estava deitada. Por que, afinal de contas, ele fez aquilo? Ele devia saber tudo, ou não sabia nada. Ele devia saber o que eu sentia. Talvez soubesse, talvez fosse daquilo que se tratasse. Talvez, no fim das contas, fosse apenas um ardil, algo para me chocar, para quebrar alguma coisa em mim de que eu estava parcialmente consciente – algo que não iria, que não deveria ser quebrado. Eu estava ali porque não deveria ser quebrada. Se eu estivesse quebrada, não poderia continuar ali com o Professor. Será que ele achava que era fácil deixar um ambiente amistoso, confortável e vir para uma cidade estranha, para desafiá-lo, ele próprio, o dragão, em seu covil? Viena? Veneza? Minha mãe estivera aqui em sua lua de mel, cansada, depois de "fazer" a Itália como noiva. Talvez minha mãe já abrigasse a criança, uma menina, aquela primeira criança que viveu tão pouco tempo. Era do pão que ela falava, de Viena e de como adorava os diferentes pãezinhos, as formas deles e aqueles

com sementes de papoula e ah – o café! Por que eu viera para Viena? O Professor havia dito bem no início que eu viera a Viena na esperança de encontrar minha mãe. Mãe? Mamãe. Mas minha mãe estava morta. Eu estava morta; quer dizer, a criança em mim que a havia chamado de mamãe estava morta. De qualquer modo, ele era um ancião terrivelmente assustador, velho demais e distante demais, sábio demais e famoso demais também, para bater daquela maneira com seu punho, como uma criança que bate com a colher do mingau na mesa.

Eu deslizei de volta no divã. Talvez se possa dizer que me esgueirei de volta. Com a devida cautela e o máximo de *savoir-faire*, arrumei a manta que havia escorregado para o chão. O divã era escorregadio, o apoio para a cabeça no encosto era duro. Eu era quase comprida demais; se fosse um pouco maior, meus pés tocariam o aquecedor [*stove*] de porcelana antiquado que ficava no canto. *The Nürnberg Stove* era um livro de que minha mãe gostara. Eu era incapaz de lembrar um único incidente do livro e não perderia tempo em enfrentar todas as complicações de explicar ao Professor que eu estava pensando num livro chamado *The Nürnberg Stove*. Era tudo muito óbvio; havia o aquecedor, emitindo seu calor agradavelmente perceptível, havia o próprio aquecedor no canto. Eu vi o aquecedor de porcelana e pensei num livro chamado *The Nürnberg Stove*, mas por que gastar tempo com tudo isso, no fim das contas?

Havia o aquecedor, mas havia momentos em que a gente se sentia um pouco gelada. Aplainei as dobras da manta, olhei sub-repticiamente para meu relógio de pulso. Outro dia o Professor havia me censurado por estender o braço e olhar o relógio. Ele havia dito: "Eu fico de olho no tempo – eu lhe direi quando a sessão acabar. Você não precisa ficar olhando a hora, como se estivesse com pressa para ir embora." Toquei com os dedos a pulseira de meu relógio, enfiei minhas mãos frias sob a manta. Eu sempre encontrava a manta cuidadosamente dobrada aos pés do divã quando chegava. Seria a pequena criada Paula quem vinha do hall e dobrava a manta, ou era o analisando anterior que, como eu, sempre o fazia cuidadosamente antes de ir embora? Eu era precedida pelo Holandês Voador; ele provavelmente deixava a manta de qualquer jeito – um homem deixaria. Eu deveria perguntar ao Professor se todo mundo dobrava a manta antes de sair, ou se somente eu fazia isso? O Professor dissera no começo que me classificava na mesma categoria do Holandês Voador – éramos estudantes. Eu era uma estudante, trabalhando sob a direção da maior cabeça desta geração e talvez de muitas posteriores. Mas o Professor nem sempre tinha razão.

12

Eu não discutia com o Professor. Na verdade, como digo, eu não tinha a resposta. Se ele esperava provocar em mim algum protesto de afeição, então não o conseguiu – a raiz ou a corrente ia fundo demais. Um dia, ele disse: "*Hoje cavamos muito fundo."* Outro dia, ele

disse: “Encontrei petróleo. Fui eu que cheguei ao petróleo. Mas tivemos apenas uma amostra do conteúdo dos poços de petróleo. Há petróleo suficiente, material suficiente para pesquisa e exploração, para durar cinquenta anos, para durar cem anos – ou mais.” Ele disse: “Minhas descobertas não são essencialmente uma panaceia. Minhas descobertas são a base de uma filosofia muito séria. Há bem poucos que compreendem isso, *há bem poucos capazes de compreender isso.”* Um dia, ele me disse: “Você descobriu para si mesma o que eu descobri para a espécie.” A tudo isso, espero retornar depois. No momento, estou deitada no divã. Acabei de ajeitar a manta que havia escorregado para o chão. Enfiei minhas mãos sob a manta. Estou me perguntando se o Professor me pegou olhando para meu relógio de pulso. Estou realmente um tanto abalada. Mas não há resposta imediata.

13

Há um aquecedor de porcelana antiquado ao pé do divã. Meu pai tinha um aquecedor desse tipo no escritório ou estúdio que havia construído no jardim de minha primeira casa. Lá também havia um divã, e uma manta dobrada ao pé. O divã também tinha um apoio para a cabeça levemente elevado. O estúdio de meu pai tinha as paredes forradas de livros, assim como essa sala. Havia um cheiro de couro, o crepitar da lenha no aquecedor, como aqui. Havia um quadro, uma fotografia da *Dissecção*[9] de Rembrandt, e um crânio no alto da mais alta das prateleiras da estante de meu pai. Havia uma coruja branca sob uma redoma. Eu podia sentar no chão com uma boneca ou com uma pasta de bonecas de papel, mas não devia falar com meu pai quando ele estava escrevendo em sua mesa. O que ele “escrevia” eram fileiras e fileiras de números, mas na época eu mal podia distinguir a forma de um número da forma de uma letra, ou saber qual era qual. Eu não devia falar com meu pai quando ele estivesse deitado no divã, porque ele trabalhara à noite e assim não devia ser perturbado quando deitava no divã e fechava os olhos durante o dia. Mas agora sou eu que estou deitada no divã na sala forrada de livros.

Mas não, não há muitos livros nessa sala; é a outra sala que está forrada de livros. A janela dessa sala e da outra dão para um pátio, creio eu. Não tenho certeza disso. De qualquer modo, é tranquilo aqui. Não se ouve o ruído do tráfego vindo da rua, nenhum som caseiro que venha do lado da casa ocupado pela família Freud. Estamos bastante sozinhos aqui nessa sala. Mas há duas salas na verdade, embora a sala ao lado quase faça parte dessa devido às portas duplas divididas. Há penumbra e escuridão acolá, do outro lado das portas duplas à direita do aquecedor, enquanto estou deitada aqui. Há a porta do outro lado da sala que dá para a pequena sala de espera. Há a outra porta, num ângulo reto, a porta de saída. Ela conduz a um corredor um tanto escuro ou saleta que sugere uma despensa ou laboratório. Então adiante há o hall, onde penduramos nossos casacos em cabides que lembram um pouco uma escola ou faculdade. O Holandês Voador esteve e foi embora. Não somente somos parecidos em nossa relação com o Professor, na qualidade

de pesquisadores ou “estudantes”, como ele nos chama, como temos a mesma relação com o divã em que estou deitada. No início, quando expressei um pequeno constrangimento por ser “alta demais”, o Professor me deixou à vontade dizendo que o analisando que me precedia era “na realidade, consideravelmente mais alto”.

14

Meu irmão é consideravelmente mais alto. Eu tenho cinco e ele sete anos, ou tenho três e ele cinco. É verão. A relva está um pouco seca, algumas folhas estalam sob nossos pés. Elas caíram de uma pereira que tem grandes peras castanho-avermelhadas. As peras foram colhidas. (*Peras? Pares?*) Há uma árvore em frente a essa que tem peras amarelas pequenas; elas amadurecem mais cedo. A árvore ao lado da nossa árvore é uma macieira silvestre e, sob ela, há um grande pedaço de tronco. A tora lembra uma mesa redonda ou um banco grosso, sólido. É pesada demais para que a movamos, mas Eric, nosso meio-irmão (um homem adulto para nós), deslocou-a com facilidade. Vimos o que estava sob a tora pesada inamovível. Havia uma variedade de coisas curiosas; coisas pequenas como formigas moviam-se com muita rapidez; elas corriam freneticamente em círculos, mas sempre voltavam para a mesma crista de terra úmida ou montículo de barro. Em túneis ordeiramente cortados, alguns seres brancos e sem asas jaziam enrolados. A base da tora fora o teto de uma série de pequenas reentrâncias ou covas abertas, mais ou menos como câmaras funerárias astecas ou egípcias, mas eu não sabia disso. Essas lesmas brancas enroladas eram coisas não nascidas. Eram bastante repulsivas, como furúnculos não lancetados. Ou é possível que não fossem essencialmente repulsivas – poderiam ser larvas sem casulo, poderiam “eclodir” em algum momento. Mas eu só as via, não sabia o que eram ou o que poderiam pressagiar. Meu irmão e eu ficamos fascinados diante dessa descoberta. Eric observou atentamente o movimento circular frenético da formigas. Depois, ajeitou a tora de volta com cuidado de modo a esmagar o menor número possível de bichos, de forma a restaurar, se possível, o teto protetor sobre as cabeças das lesmas brancas.

Havia coisas sob coisas, bem como coisas dentro de coisas.

15

Mas isso foi em outra ocasião. Dessa vez, estou sozinha com meu irmão, que é consideravelmente mais alto. Ele me chamara. Tinha uma tira de jornal na mão. Tinha uma lente de aumento que certamente pegara da mesa de nosso pai. Mandou que eu olhasse e eu vi as letras no papel fino do jornal ficarem maiores, mas eu sabia que a lente fazia isso. Eu não sabia por que ele tinha de me mostrar aquela página. Eu não sabia ler.

Se ele queria me mostrar alguma coisa, deveria ser algo mais atraente, mais específico. "Não vá embora", disse ele, "vai acontecer em um minuto." O sol estava quente em nossas costas. O galho da pereira lançava sua sombra de fim de verão na direção da macieira silvestre. "*Agora"*, ele disse. Sob a lente, sobre o papel, um ponto escuro apareceu; quase instantaneamente, o papel pegou fogo.

Era inevitável que uma figura alta e de barba surgisse da porta parecida com a da Arca de Noé, do estúdio externo. O estúdio não ficava direto sobre o chão, mas sobre fundações feitas com pedras quadradas parecidas com pilares. Nosso pai desceu a escada. Essa imagem poderia ser encontrada numa coleção antiga de ilustrações da Bíblia, ou reproduções desgastadas pelo manuseio de, digamos, David, o pintor francês do início do século XIX. É uma obra de época, certamente. Contudo, seu protótipo pode ser encontrado gravado em medalhões greco-romanos ou delineado contra o fundo vermelho ou preto de jarros ou ânforas do período clássico grego. Eu disse que de minha posição reclinada mas apoiada no divã, mais ou menos no estilo Madame Récamier, fico de frente para a porta dupla aberta. Aos pés do divã está o aquecedor. Próximo do aquecedor encontra-se o armário que contém as jarras de vidro mais delicadas e as garrafas e vasos egeus de formatos variados. No espaço da parede, do outro lado da porta dupla, há outro armário ou nicho de curiosidades e antiguidades; no alto desse móvel há bustos de figuras barbadas – Eurípides? Sócrates? Sófocles, certamente. Contornando-se aquele canto, encontra-se a janela, que faz um ângulo reto com esse armário, e depois outro móvel que contém estatuetas de cerâmica e mais algumas com figuras gregas. Depois, a porta para a sala de espera. Formando um ângulo reto de novo está a porta que se abre para a despensa parecida com laboratório ou alcova e que leva ao hall. Essas duas últimas portas, a de entrada e a de saída, como as chamo, estão fechadas. A parede com a porta de saída está atrás de minha cabeça, e sentado de costas para ela, enfiado no canto, no nicho delimitado pelas duas paredes e o encosto do divã, está o Professor. Ele fica ali em silêncio, como uma coruja velha numa árvore. Ele não dirá nada, ou se inclinará para a frente e falará sobre alguma coisa que não tem relação aparente com a progressão ou o desenrolar de nossa associação de conteúdos de sonhos ou pensamentos. Ele abrirá um braço, às vezes de forma um tanto alarmante, para enfatizar um ponto. Ou se levantará, sempre fazendo disso um "acontecimento" e dirá "Ah – então – precisamos comemorar *isso"*, e prosseguirá com o ritual minucioso – selecionar, acender – até finalmente se sentar de novo, enquanto do nicho se eleva a fumaça de incenso queimado, a combustão lenta de seu doce e aromático charuto.

16

Comprimento, largura, espessura, a forma, o cheiro, a sensação das coisas. A realidade do presente, sua relação com o passado, a influência de ambos sobre o futuro. Passado, presente, futuro, esses três – mas há um outro elemento de tempo, popularmente chamado

de quarta dimensão. A sala tem quatro lados. Há quatro estações no ano. Essa quarta dimensão, embora apareça sob vários disfarces e com diferentes legendas, descritas e detalhadamente listadas nos livros do Professor – e ainda mais minuciosamente detalhadas nas compilações de seus seguidores, discípulos, pseudo-discípulos e imitadores – é, contudo, muito simples. É tão simples e inevitável na construção da sequência do tempo quanto a quarta parede de uma sala. Se alterarmos nosso percurso por essa sala onde estive conversando com o Professor, e começarmos pela parede à minha esquerda, onde está encostado o divã, e seguirmos no sentido anti-horário, podemos atribuir à parede do Professor com a porta de saída o número 2, à parede com a porta de entrada (a estante com imagens de cerâmica e as tigelas rasas gregas) o número 3 e à parede oposta ao divã o número 4. Na verdade, essa última parede, em grande parte, não é emparedada, pois o espaço é deixado vazio pelas portas duplas bem abertas.

A sala adiante pode parecer muito escura ou pode haver uma luz amortecida e sombras. Ou então, fisicamente, pode-se entrar naquela sala, como o Professor me convidou a fazer um dia, para olhar as coisas que estavam sobre a mesa.

17

Sobre a mesa de meu pai havia canetas e tinteiros e uma bandeja de metal para colocar as canetas. Ele usava diferentes canetas para suas diferentes tintas, preta e vermelha. Havia uma espátula de estilo chinês ou pseudochinês: uma figura agachada era o cabo; uma jarra ou pote na cabeça grotesca da figura continha uma lâmina fina que era o cortador de papel, embora uma grega em baixo-relevo de folhas e gavinhas desse à lâmina uma outra dimensão; a espátula era uma espátula, mas ao mesmo tempo era uma árvore ou vara achatada com gavinhas delicadas trabalhadas na superfície ou através dela. Havia uma tesoura de mesa de tamanho exagerado, vários pesos de papel; um deles, de vidro, mostrava diferentes imagens nele refletidas, se o olhássemos sob determinada luz. Era apenas vidro, era um peso de papel, mas era um conjunto de triângulos prismáticos colocado sobre outro conjunto de triângulos. Quando apoiado sobre a mesa, ficava sempre de lado; o topo, onde um conjunto de triângulos se encontrava, apontava para o polo norte ou o polo sul, ou poderia ter apontado assim. Há a lente de aumento que meu irmão ainda segura em sua mão.

18

"Mas vocês sabem, crianças nunca devem brincar com fósforos [*matches*]." Era um dos pecados imperdoáveis. (*Matches?*)[10] Meu irmão tem a resposta. A resposta é uma réplica corajosa, atrevida: "Mas nós não estamos brincando com fósforos." Ele não dá a

resposta. Eu fico ao seu lado. Meu irmão é muito alto. Minha cabeça mal chega ao seu ombro. Eu vi o vidro redondo em sua moldura de metal; o cabo reto é agarrado por uma pata úmida, um pouco encardida, atrás das costas de meu irmão. Eu não sei, ele não sabe que aquilo, além de ser a lente de aumento da mesa de nosso pai, é um símbolo sagrado. É um círculo e a haste do círculo, o talo ou suporte dessa flor, é o cabo da lente que meu irmão está agarrando atrás das suas costas. Trata-se do *ankh* sagrado, o símbolo da vida no Egito, mas não sabemos disso – ou talvez nosso pai saiba disso. Ele usava esse mesmo signo, o círculo com a linha reta de apoio, com o acréscimo de uma pequena linha, uma cruz, para indicar o planeta Vênus. Não sei se nosso pai sabe que o *ankh* é o símbolo da vida e que o sinal que ele usa com frequência no alto de uma de suas colunas de números é o mesmo símbolo. Ele escreve colunas e colunas de números, mas no alto de uma coluna ele rabiscará um hieroglifo; talvez substitua por uma das Casas ou Signos do Zodíaco, ou talvez seja simplesmente um planeta: Júpiter ou Marte ou Vênus. Eu não sabia disso quando fiquei ao lado de meu irmão no jardim. Soube disso muito tempo depois, mas não o compreendia. Somente agora quando escrevo estas linhas é que vejo como meu pai possuía símbolos sagrados, como ele, tal como o Professor, tinha objetos sagrados antigos sobre sua mesa de trabalho. Mas a forma e a configuração desses objetos, santificados pelo tempo, não eram assim identificadas. Eram apenas um peso de papel de vidro, apenas um cortador de papel de metal ou a lente de aumento comum que meu irmão ainda segura em sua mão.

O que dirá meu irmão? Ele não pode dizer "eu trouxe o fogo do céu". Ele não pode responder ao pai Zeus em iambos elegantes e explicar como ele, Prometeu, com sua inteligência e ousadia, seu amor pelo desconhecido, suas experiências com forças ocultas e até agora inexplicáveis, fez descer o fogo dos céus. É um fato real. Mas meu irmão nunca ouviu falar de Prometeu, não sabe nada de grego. Ele tirou a lente de aumento da mesa do gabinete de trabalho de nosso pai e isso é, possivelmente, um pecado, inferior somente a brincar com fósforos. Meu pai pisa em cima do papel ligeiramente chamuscado. Há o cheiro de papel queimado e o débil fio de fumaça no ar parado de um dia de final de verão da tarde do ano (talvez) de 1889 ou (talvez) 1901.

Não lembro o que meu irmão diz ao meu pai, o que meu pai, por sua vez, diz ao meu irmão. "Você não deve fazer isso de novo" está de qualquer modo implícito. Mas as palavras ordinárias do discurso comum deles estão, às vezes, acima de minha cabeça. Eu nem sempre entendo até mesmo as palavras que meu irmão usa. Ele é um menino crescido e sabe ser original e sagaz para sua idade. Eu sou uma menininha, pequena para minha idade, e não muito avançada. Em certo sentido, ainda sou uma estrangeira. Há outros estrangeiros; eles chegam de tempos em tempos em nossa própria casa, na casa de nosso avô (que é compartilhada com uma tia e um tio), na casa do outro lado da rua, em outras casas, acima e abaixo na Church Street. Esses estrangeiros conhecem ainda menos do que eu os costumes dessas pessoas ao nosso redor – gente civilizada ou bárbara. Acontecem coisas que essas pessoas tentam esconder de nós; um menino se afoga no rio, um trabalhador da siderúrgica perde um membro, um estrangeiro, ou, como eles dizem às

vezes às escondidas, “um pequeno forasteiro” chegou um pouco prematuramente em algum lugar. Todos esses eventos misteriosos, aparentemente sem correlação, entreouvidos quando estou escondida sob a mesa da cozinha, ou deduzidos ou inferidos, sussurrando com outros companheiros não tão bem articulados, mas não obstante, bem-dotados de intuição, da mesma idade e, às vezes, um pouco mais velhos, ao longo da Church Street, têm a ver com um médico, ou o sugerem de algum modo.

19

Um médico tem uma maleta com coisas estranhas dentro, aço e facas e tesouras. Nosso pai não é médico mas tem um quadro de médico ou um quadro com médicos em seu estúdio. Ele é calmo e estranhamente terno quando estamos doentes. Ele gosta de dizer às pessoas que hesitou durante um tempo antes de se decidir por sua profissão, que os médicos sempre dizem que ele deveria ter sido um deles. Sua voz é calma e firme e grave. Sua voz é quase monotonamente calma. Ele jamais ergue a voz. Ele jamais está irritado ou bravo. Eu jamais o vi realmente bravo, exceto duas ou três vezes em toda a minha vida, e foram ocasiões memoráveis. Deitada neste divã no consultório do Professor, sinto que devo, em algum momento, relembrar e anotar (por assim dizer) a raiva de meu pai. Mas esta não é uma dessas ocasiões. Meu pai não está bravo agora, mas, embora o sol brilhe e o papel arda lentamente aos nossos pés, há um frio gelado no ar. “Talvez”, ele pode ter dito (pois nosso pai é apenas um homem), “eu não tenha realmente *proibido* você de pegar a lente de aumento”, pois meu irmão acabou de devolvê-la a ele. “Sei que eu lhe disse para não tocar no tinteiro nem pegar a tesoura nem usar o pote de cola para seus soldados de papel. Achei que estava entendido que você não deveria tocar em *nada* que está sobre minha mesa.”

Há uma geada no ar. Eu me aproximo mais de meu irmão. Estou implicada, embora de forma alguma responsabilizada.

20

Há um episódio anterior, e de novo o sol está brilhando. A julgar pelo vestido que minha mãe usa, deve ser primavera, ou é um dia de veranico, pelo menos entre estações, pois minha mãe usa um vestido sem mantô. Não é verão, pois usamos roupas de verão tão habituais e inevitáveis como as das pessoas nos trópicos. Somos subtropicais, uma cidade na Pensilvânia paralela no mapa, creio eu, ao sul de Roma. Os invernos são frios, os verões são quentes, então temos o temperamento tanto de nórdicos como de sulistas, misturados harmoniosamente, que alteram o tom ou vibração em rigoroso acordo com as regras das estações – ou não, conforme o caso. De qualquer modo, é verão no rosto de

minha mãe, pois ela está rindo.

Saímos com ela para ajudá-la com as compras ou para dar uma passada em uma de suas muitas parentas ou amigas. A cidade dificilmente tem alguém que não seja parente ou amigo – a "cidade velha", ao menos; e esta é a cidade velha, pois estamos sentados numa suave elevação da calçada, no meio-fio de pedra quando ele faz uma curva generosa que sai da Church Street, abaixo da igreja e que dá para as lojas e hotéis e centros comerciais da Main Street – acho que se chamava Main Street; deveria ser, de qualquer modo.

Parece estranho que minha mãe esteja rindo. Meu irmão a desafiou. Ele está sentado no meio-fio, resoluto. Ele não vai para casa. Enquanto ele repete isso solenemente, minha mãe ri mais. As pessoas param e perguntam o que aconteceu. Minha mãe conta e elas riem também. Elas ficam dos dois lados de minha mãe, mais gente, amigos e estranhos, todos rindo. "Mas estamos reunindo uma multidão", ela diz, "não podemos ficar aqui, ocupando a calçada." Ela obtém defensores; estranhos e quase estranhos repetem suas palavras como um coro grego, seguindo as orientações de sua líder.

Ouvem-se os sussurros de uma leve conspiração. Os estranhos vão embora e minha mãe, com indiferença fingida, sai caminhando. Meu irmão sabe perfeitamente que ela vai ceder, vai fingir que vai embora mas esperará do outro lado da esquina, e se não a seguirmos, voltará. Ele disse a ela que vai embora para viver sozinho, e mais ainda, disse que sua irmã irá com ele. Sua irmã aguarda ansiosamente, excitada mas imóvel, no meio-fio ao lado dele. Independente desse ultimato final de meu irmão, não devíamos sentar no meio-fio. Mas lá estamos sentados, não "ocupando a calçada", mas formando um pequeno grupo, um desenho, uma imagem no cruzamento. Isso aparece de forma variada em tragédias gregas com nomes gregos e pode ser encontrada nos contos originais de Grimm ou em sua tradução para crianças, chamada "Irmãozinho e Irmãzinha". Um é, às vezes, a sombra do outro; com frequência, um está perdido e procura o outro, como no conto de fadas mais antigo dos gêmeos irmão-irmã do vale do Nilo. Às vezes, ambos são meninos, como as estrelas Cástor e Pólux, às vezes há mais de dois. Na verdade, no caso de Cástor e Pólux, eles eram quatro, com Helena e Clitemnestra – os filhos de uma dama e de um cisne, nos contam. Eles formam um grupo, uma constelação, eles fazem um sulco ou um padrão no qual ou sobre o qual outros padrões se encaixam, ou são postos sem combinar e são cortados pelas circunstâncias para caber. De qualquer modo, é um padrão ordinário, embora às vezes encontre sua forma correspondente no céu. E a mãe deles foi embora. *Ele* sabe que ela voltará porque é mais velho e é, assumidamente, o preferido da mãe. Mas *ela* não sabe disso. E embora seu cérebro esteja num tumulto de ansiedade e orgulho e terror, sequer lhe ocorreu que ela pode interferir um pouco na balança do comportamento convencional, seguindo sua mãe e abandonando seu irmão ao seu destino.

21

Essas imagens são claras demais. São como transparências, postas diante de velas numa sala escura. Posso ou não ter mencionado esses incidentes ao Professor. Mas eles estavam lá. Sobre a construção detalhada de lembranças passadas, através da intricada rede feita por linhas finas como cabelo que separavam umas das outras as peças irregulares do quebra-cabeça, caiu inevitavelmente uma sombra, um escrito na parede, uma curva parecida com um *S* invertido, inacabado, e um ponto sob ele, um ponto de interrogação, a sombra de uma questão – é *isto?* O ponto de interrogação ameaçava obscurecer as respostas aparentemente mais satisfatórias. Nenhuma resposta era definitiva. A própria resposta tinha algo de morte, de finalidade, de fruto do mar Morto. Parecia às vezes que as explicações do Professor eram demasiado iluminadoras; as asas de morcego do meu pensamento batiam dolorosamente sob aquele súbito holofote. Ou ao contrário, outras asas (gaivota ou calhandra) que pareciam estar prestes a me tirar dos níveis mais baixos do lugar-comum se viam batendo no espaço confinado de uma gaiola de vime, ou inúteis sob a malha de uma armadilha para pássaros. Mas não – ele não colocava armadilhas, ele realmente não lançava redes. Era eu mesma, por minha própria volição subconsciente ou vontade inconsciente, que caminhava ou voava para dentro delas. Eu enfatizava demais ou compensava demais; eu insistia propositadamente e dolorosamente em certos eventos do passado sobre os quais não estava nada feliz, para que não parecesse que estava me esquivando da análise ou tentando trapacear o registro do Livro da Vida, para enganar o Anjo Registrador, com efeito, num esforço para escapar do Juízo Final. Certa vez, quando eu dolorosamente desfiei uma faixa encardida de tapeçaria de causa e efeito desbotada e relatei para ele, em detalhes excessivos, certas amizades não muito felizes, ele deixou tudo de lado, não aborrecido, não aflito nem surpreso, mas simplesmente um pouco tristonho, pensei, como se tivéssemos perdido um tempo precioso, ou horas preciosas juntos, com algo que não tinha importância. "Mas por que", ele perguntou, "você se preocupou com tudo isso? Por que você achou que tinha de me contar? *Aqueles dois não contavam*. Mas você achou que queria contar para sua mãe."

Tudo isso parecia quase simples demais na época. Minha mãe estava morta; haviam acontecido coisas antes de sua morte, coisas comuns, bem como incríveis, que eu não havia contado a ela. Em alguns casos, queria poupá-la de preocupação e dor, como durante o período da Primeira Guerra Mundial quando eu estava na Inglaterra e ela nos Estados Unidos. Depois, era preciso levar em conta suas perdas pessoais: a morte de meu pai logo após a notícia da morte de meu irmão mais velho na França. Meu pai, quando menino de dezessete anos, e seu irmão mais velho foram soldados na nossa Guerra Civil Americana e meu pai perdera esse único irmão naquela guerra; ele era um matemático, um astrônomo, desapaixonado e imparcial, um erudito ou *savant*, para usar a palavra francesa mais pitoresca. Mas a notícia da morte de meu irmão em ação na França provocou-lhe um derrame. Meu pai morreu, literalmente, do choque. O Professor sofrera

choque após choque. Mas não morrera.

Meu pai tinha 74 ou 75 anos quando morreu – de qualquer modo, não tão velho quanto o Professor era agora. Minha mãe comemorara seu aniversário de setenta anos no início dos anos 20. Ela ficou comigo durante alguns anos em Londres e no cantão de Vaud, na Suíça. Ela voltou em visita aos Estados Unidos. Eu sabia que ela morreria lá; ela também sabia disso. Mas eu queria evitar pensar nisso. Não queria encarar isso. Há várias maneiras de tentar escapar do inevitável. Pode-se andar em círculos como as formigas sob aquela tora que Eric ergueu para nós. Ou sua psique, sua alma, pode se enrodilhar e dormir como aquelas lesmas brancas.

22

Aqueles dois não contavam. Havia dois e dois e dois em minha vida. Havia os dois irmãos verdadeiros (nós três nascemos no espaço de quatro anos). Havia os dois meio-irmãos; havia os dois túmulos minúsculos das duas irmãs (uma delas era meia-irmã, mas havia os dois ou túmulos gêmeos). Havia as duas casas, a nossa e a de nossos avós na mesma rua, com o mesmo jardim. Havia as duas cidades bíblicas na Pensilvânia, Bethlehem, onde eu nasci, e Filadélfia, para onde nos mudamos quando eu tinha oito anos. Durante um tempo houve na consciência dois pais e duas mães, pois achávamos que Papalie e Mamalie (os pais de nossa mãe) eram nossos "outros" pai e mãe, o que, efetivamente, eles eram.

Havia dois de todos (exceto de mim) naquela primeira casa da Church Street. Havia os dois irmãos que partilhavam o mesmo quarto; os dois meio-irmãos podiam aparecer a qualquer momento, juntos; havia as duas criadas que dormiam no quarto em cima da cozinha; havia meus dois pais no quarto deles. (Houve um acréscimo posterior a essa Arca de Noé, mas meu último irmão chegou depois que esse padrão estava fixado na consciência.)

Meu pai se casara duas vezes; assim, de novo, havia duas esposas, embora uma estivesse morta.

E mais tarde, havia dois países, Estados Unidos e Inglaterra por coincidência, separados por um largo hiato na consciência e uma grande extensão de mar.

O mar fica mais estreito, o hiato na consciência parece às vezes insignificante; não obstante, há uma dualidade, os povos de língua inglesa são parentes, irmãos, gêmeos mesmo, mas não constituem uma unidade. Assim, em mim, duas entidades raciais ou biológicas ou psicológicas distintas tendem a se aproximar ou se misturar, mesmo, à medida que o tempo cura antigas rupturas na consciência. A segunda mulher de meu pai era a filha de um descendente de um dos grupos originais do início do século XVIII, uma ordem protestante mística, chamada Unitas Fratrum, a Irmandade Boêmia ou Morávia. O pai de nossa mãe era em parte originário da Europa central, Polônia, creio que o país se

chamava então, quando seus antepassados o deixaram, embora tenha se tornado alemão e depois flutuado de lá para cá como os outros territórios aliados, nos primeiros dias das lutas no Palatinado. Livônia, Morávia, Boêmia – o conde Zinzendorf, o fundador da renovada irmandade boêmia, era um austríaco cujo pai fora exilado ou se exilou na Alta Saxônia em virtude de sua filiação protestante. O próprio Professor era um austríaco, na realidade, um morávio de nascimento.

23

Mãe? Pai? Encontramos um deles no jardim da casa da Church Street e vimos o outro mais adiante na Church Street, onde a calçada faz uma curva generosa sob a igreja em direção às lojas. Mas não estamos fazendo compras. Não estamos visitando ninguém, amigo ou quase amigo ou parente próximo ou distante. Todos conhecem nossa mãe, então nunca temos certeza de quem é parente e quem não é – bem, em certo sentido, todos são parentes, pois existe a igreja e todos pertencemos uns aos outros de uma forma muito especial, em virtude de nossa cerimônia à luz de velas na véspera do Natal que não é parecida com a de ninguém em lugar nenhum, exceto talvez em alguns lugares da Europa. A Europa está distante e é um lugar onde nossos pais foram em sua lua de mel. É *ela* que importa, pois ela está rindo, não tanto de nós quanto conosco e ao nosso redor. *Ela* tem fólios de música encadernados e folhas soltas sobre nosso piano. Em relação a *ela*, não há dúvida. O problema é: ela conhece tanta gente e eles chegam e interrompem. E além disso, ela gosta mais de meu irmão. Se eu ficar com meu irmão, me tornar quase parte de meu irmão, talvez eu consiga me aproximar mais dela.

Mas nunca se chega perto o suficiente, ou se chegamos perto, é porque estamos com sarampo ou escarlatina. *Se* se pudesse ficar sempre perto dela, não haveria ruptura na consciência – mas meio pão é melhor que pão nenhum e há coisas, não totalmente insignificantes, a se dizer sobre *ele*. Ele tem alguns hábitos misteriosos, isso de sair à noite e dormir no divã de seu estúdio durante o dia. Quanto a isso, *há* seu estúdio. Desde que não se fale com ele quando está sentado a sua mesa, ou o perturbe quando está deitado, tem-se liberdade para ir e vir. É um lugar tranquilo. Ninguém interfere ou interrompe. Suas prateleiras estão cheias de livros, o gabinete está forrado de livros. Há o crânio no alto da estante mais alta e a coruja branca sob uma redoma. Ele tem mais livros até mesmo do que nosso avô e ele tem aquele peso de papel triangular que mostra as coisas do gabinete repetidas e em várias dimensões. Isso, evidentemente, não coloquei em palavras na época, mal coloquei em pensamentos. Mas eis-me aqui, privilegiada de algum modo especial. É à sua filha que ele, mais tarde, confia o cortador de papel; ele deixa suas revistas e periódicos não abertos para ela. Ela sabe como fazer o cortador de papel correr cuidadosamente sob a superfície da página dupla, e isso é especialmente importante, pois seu irmão mais velho não é convidado a cortar as páginas. Ele tem, naturalmente, muitas outras coisas a fazer. Nossa mãe é uma mistura de antigos colonos

da Pensilvânia, gente desta ilha, Inglaterra, e outros da Europa central – ele é uma coisa. Ele é Nova Inglaterra, embora não more lá e não tenha nascido lá. Ele vem daqueles pais puritanos que usam chapéus pontudos nos números de Ação de Graças das revistas. Eles lutaram com índios e queimaram feiticeiras. Seus chapéus eram como os chapéus usados pelos médicos, na única imagem que estava pendurada em seu estúdio. O quadro original era de Rembrandt, se não estou enganada. O homem seminu sobre a mesa estava morto, então não doía quando os médicos cortavam seu braço com uma faca ou tesouras. O quadro se chama *Uma lição de anatomia*?

Não importa realmente como se chama o quadro. É sobre médicos. Há um doutor sentado atrás do divã em que estou deitada. Ele é um médico muito famoso. Ele se chama Sigmund Freud.

24

Viajamos longe em pensamento, em imaginação ou no reino da memória. Os eventos aconteceram *como* aconteceram, nem todos eles, é claro, mas aqui e ali, uma lembrança ou um fragmento de uma imagem de sonho é real, é verdadeira, é como uma obra de arte, ou é uma obra de arte. Falei das duas cenas com meu irmão como se permanecessem separadas, como transparências numa sala escura, dispostas diante de velas acesas. Aquelas lembranças, visões, sonhos, devaneios – ou o que se quiser – são diferentes. Suas texturas são diferentes, os efeitos que causam na mente e no corpo são diferentes. Estão cicatrizando. São reais. São tão reais em suas dimensões de comprimento, largura, espessura como qualquer dos objetos de bronze ou mármore ou cerâmica ou argila que enchem as estantes ao redor das paredes, que estão dispostos com precisão elegante num arco amplo sobre a mesa do Professor na outra sala. Mas não podemos provar que são reais. Podemos discriminar como um perito (como o Professor faz com sua inestimável coleção aqui) entre o falso e o verdadeiro; uma cópia boa de um objeto raro tem seu valor, mas devemos distinguir entre uma cópia fiel e uma imitação espúria; há também certas ligas de metal que podem corroer e se corromper com o tempo, e objetos assim deteriorados devem ser segregados ou descartados; há inestimáveis fragmentos quebrados que não têm sentido até que encontremos os outros pedaços quebrados para pareá-los.

Há sonhos triviais, confusos, e há sonhos verdadeiros. O sonho trivial tem a mesma relação com o real quanto uma coluna de jornalismo sórdido com uma página em fólio de uma peça de Shakespeare. Os sonhos são tão variados quanto os livros que lemos, os quadros que vemos, ou as pessoas que conhecemos. "Ó *sonhos* – sabemos de onde vocês freudianos pensam que seus sonhos vêm!" *Os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão*. Muitos deles vêm da mesma fonte que o manuscrito ou Escritura, a Escritura ou Palavra Sagrada. E lá também lemos sobre José, como seus irmãos

zombaram dele, *Eis o sonhador que chega*.

Com o Professor, discuti alguns sonhos reais, alguns sonhos intermediários que continham imagens reais ou cujos "hieroglifos" se ligavam a imagens autênticas, e alguns sonhos curiosos, triviais, zombadores que dançavam, por assim dizer, como limpadores de chaminés mascarados e rainhas da primavera em torno do mastro enfeitado na festa de 1º de maio. Mas o mais luminoso, o mais claramente definido de todos os conteúdos de sonho enquanto eu estava com o Professor foi o sonho da Princesa, como a chamávamos.

25

Era uma dama de pele escura. Usava um manto de cor clara, amarelo ou laranja pálido. Este estava enrolado em torno dela como se fosse uma única peça, qual um sári usado como somente uma dama indiana de alta casta podia usar. Mas ela não é indiana, ela é egípcia. Ela aparece no alto de uma longa escada; degraus de mármore descem até um rio. Ela não usa enfeites, nenhum diadema ou cetro mostra sua posição, mas qualquer um saberia que *esta é uma Princesa*. De degrau em degrau, ela desce. Não voltará, não parará, não alterará o ritmo lento de seu passo. Não tem nada em seus braços, não há ninguém com ela; não há nenhum objeto estranho com ela, junto dela, ou nos degraus esculpidos que denote qualquer detalhe simbólico ou questão secundária envolvida. Não há detalhe algum. Os degraus são geométricos, simétricos e ela é tão abstrata quanto uma dama pode ser, contudo é uma entidade real, uma pessoa real. Eu, a sonhadora, espero no sopé da escada. Não tenho ideia de quem eu sou ou como cheguei ali. Não há antes nem depois, é um momento perfeito no tempo ou fora do tempo. Porém, estou preocupada com alguma coisa. Espero abaixo do degrau mais baixo. Ali, na água ao meu lado, há uma cesta rasa ou arca ou caixa ou barco. Evidentemente, há um bebê aninhado nela. A Princesa precisa encontrar o bebê. Eu sei que ela vai achar essa criança. Eu sei que o bebê será protegido e abrigado por ela e isso é tudo que importa.

Nós todos já vimos esse quadro. Eu me absorvia nessa imagem quando criança, antes de saber ler, em nossa Bíblia ilustrada por Doré. Mas a ilustração em preto e branco de Doré não tem nada em comum com isso, exceto o tema. O nome desse quadro é *Moisés nos juncos* e o Professor sabe evidentemente disso. O Professor e eu discutimos essa imagem. Ele pergunta se sou eu, a sonhadora, que sou o bebê na cesta de junco. Acho que não sou eu. Será que eu lembro se a imagem que conheci quando criança tinha uma outra figura? Não consigo lembrar. O Professor acha que há a menina Miriam, meio escondida nos juncos: será que eu lembro? Eu meio que lembro. Sou, talvez, a menina Miriam? Ou sou, no fim das contas, em minha fantasia, o bebê? Será que eu desejo, nas camadas inconscientes ou subconscientes mais profundas de meu ser, ser a fundadora de uma nova religião?

26

Qualquer diletante familiarizado com as teorias da psicanálise pode reconstruir, mesmo a partir dessa evidência até agora breve, o motivo ou material ou necessidade psíquica suprimida ou reprimida que projetava essa imagem-sonho. Temos a menininha com sua boneca no gabinete de trabalho de seu pai. Ela veio ao estúdio do pai para ficar sozinha, ou ficar sozinha com ele. Os interesses de seu irmão são mais animados e exteriores e seu irmão não participa com facilidade de seus brinquedos de família com a boneca. Ele deveria ser o pai da boneca, ou o médico da boneca, que é chamado de vez em quando. Mas isso não o interessa. Ele tem soldados e bolas de gude e gosta de correr, dentro ou fora de casa. Aqui, no estúdio de nosso pai, precisamos ficar quietos. Uma menina, uma boneca, um pai distante e silencioso formam esse triângulo, esse romance familiar, essa trindade que segue o padrão religioso reconhecido: *Pai*, arredio, distante, o provedor, o protetor – mas um pouco in-acessível [*un-get-at-able*], um pouco distante demais e de proporções gigantescas, um pouco frio ademais; *Mãe*, uma virgem, a Virgem, ou seja, uma criança intocada, adorando, com fé, construindo um sonho, e o sonho é simbolizado pelo terceiro membro da trindade, a *Criança*, a boneca em seus braços.

27

A boneca é o sonho ou o símbolo do sonho dessa criança em particular, assim como essas várias figuras de Ra, Nut, Hathor, Ísis e Ka que são vagamente entrevistas em prateleiras ou sobre a mesa do Professor na outra sala, são o sonho ou o símbolo do sonho de outras almas aspirantes e adoradoras. A infância do indivíduo é a infância da espécie, já observamos, o Professor escreveu em algum lugar. A criança em mim se foi. A criança desapareceu e contudo não está morta. Esse contato com o Professor intensifica ou projeta esse sonho de uma Princesa, o rio, os degraus, a criança. O rio é um rio egípcio, o Nilo; a Princesa é uma dama egípcia. O Egito está presente, como digo, concretamente ou por inferência ou sugestão, na antiga estampa ou gravura do Templo de Karnak pendurada na parede acima de mim, bem como nas figuras em formato de ovo vagamente delineadas de Ra ou Nut ou Ka que estão sobre a mesa do Professor na outra sala. Uma rainha ou princesa é um óbvio símbolo materno; além disso, houve referências casuais, de tempos em tempos, à tradutora francesa do Professor, madame Marie Bonaparte, "a princesa", ou "nossa princesa", como o Professor a chama.

Como na ocasião do aniversário do Professor na casa em Döbling, eu talvez quisesse algo diferente também aqui, ou quisesse dar ao Professor alguma coisa diferente. A princesa George da Grécia havia sido consistentemente útil e usava sua influência na defesa dos interesses gerais da Associação Psicanalítica. Ela era "nossa Princesa" no sentido de que, como Maria Bonaparte, havia traduzido o alemão difícil do Professor

para o francês e estava disposta a defendê-lo agora que o perigo nazista já ameaçava Viena. Ela era "nossa Princesa" no mundo, dedicada e influente. Mas é possível que eu percebesse outro mundo, outra princesa? É possível que eu (saltando sobre todo tipo de impedimento e obstáculo intelectual) não só desejasse, mas *soubesse* que o Professor renasceria?

28

Pois aconteceram coisas na minha vida, quadros, "sonhos verdadeiros", experiências reais psíquicas ou ocultas que estavam superficialmente, ao menos, fora do território da psicanálise estabelecida. Mas estou trabalhando com o velho Professor em pessoa; quero sua opinião sobre uma série de eventos. É verdade, eu não havia discutido essas experiências abertamente, mas procurara ajuda de uma ou duas pessoas extremamente sábias e talentosas (a meu ver) no passado e elas não me ajudaram. Ao menos não foram capazes, por assim dizer, de enterrar o fantasma. Se o Professor não pudesse fazer isso, pensei eu, então ninguém poderia. Eu não conseguia me livrar da experiência escrevendo sobre ela. Eu havia tentado isso. Não adiantava contar a história, para o ar, por assim dizer, repetidamente, como o Velho Marinheiro que puxou as roupas do convidado do casamento com sua mão esquelética.[11] Minha própria mão esquelética, por assim dizer, poria as cartas sobre a mesa – aqui e agora – diante do velho Professor. Ele era mais do que o mundo pensava dele, isso eu sabia muito bem. Se ele não pudesse "ler minha sorte", ninguém mais poderia. Ele não chamaria isso de ler a sorte – Deus me livre! Mas nós o conduziríamos aos fenômenos ocultos, mostraríamos a ele como a coisa aconteceu. Isso, ao menos, podíamos fazer – em parte, ao menos. Eu poderia dizer, eu disse de fato, que tivera vários choques severos; a notícia da morte de meu pai, após a da morte em ação de meu irmão na França, chegara quando estava sozinha, fora de Londres, no início da primavera daquele inverno ruim da gripe de 1919. Eu estava esperando meu segundo filho – perdera o primeiro em 1915, quando o choque e a repercussão das notícias da guerra me chegou de uma forma bastante brutal.

A segunda criança, por alguma razão, eu sabia, precisava nascer. Ó, ela nasceria, certo, embora fosse fato científico admitido que uma mãe grávida atacada de pneumonia, pneumonia dupla, não sobreviria. Ela poderia viver – sim – mas então a criança não viveria. É raro ambas viverem, se é que isso acontece. Mas havia razões para nós duas vivermos, então vivemos. Com algum custo, no entanto! O peso material e espiritual de nos tirar do perigo caiu sobre uma jovem mulher que eu conhecera apenas recentemente – quem me conhece sabe quem é essa pessoa. Seu pseudônimo é Bryher[12] e todos nós a chamamos de Bryher. Se eu ficasse bem, ela providenciaria para que o bebê fosse protegido e cuidado e ela me levaria a um mundo novo, uma vida nova, para a terra de minha predileção espiritualmente, de meus sonhos geograficamente. Iríamos para a Grécia, podia se dar um jeito. O jeito foi dado, embora nós duas fôssemos as primeiras

visitantes não oficiais de Atenas depois daquela guerra. Era a primavera de 1920. Essa primavera de 1920 significou para mim muitos terrores, riscos, dores de cabeça e perigos não resolvidos tanto físicos quanto espirituais ou intelectuais. Se eu tivesse ficado um pouco desajustada ou até levemente transtornada, não seria nenhuma surpresa. Mas da série de experiências estranhas, o Professor percebeu apenas uma como sendo perigosa, ou sugerindo perigo, ou uma tendência ou sintoma perigoso. Ainda não entendo por que ele destacou o escrito-na-parede como o sinal de perigo, e omitiu o que, no meu entender, eram tendências ou eventos igualmente importantes ou igualmente "perigosos". Porém, como o Professor destacou o escrito na parede como o "sintoma" mais perigoso, ou o único realmente perigoso, vamos recapitulá-lo aqui.

29

A série de imagens de sombra – ou de luz – que vi projetadas na parede de um hotel na ilha jônica de Corfu, no final de abril de 1920, pertence, no sentido de qualidade e intensidade, de clareza e autenticidade, à mesma categoria psíquica do sonho da Princesa, a filha do faraó, descendo a escada. Pessoalmente considero esse tipo de sonho ou imagem projetada ou visão como uma espécie de estado a meio caminho entre o sonho comum e a visão daqueles que, por falta de um termo mais definido, devemos chamar de médiuns ou clarividentes. As lembranças também, como as duas que relatei de meu pai no jardim e minha mãe na Church Street, são, em um certo sentido, "superlembranças"; são lembranças comuns, "normais", mas retêm detalhes tão vívidos que se tornam quase acontecimentos fora do tempo, como o sonho da Princesa e o escrito-na-parede. Elas são degraus no mecanismo até então superficialmente catalogado ou construído de estados mentais supranormais, anormais (ou subnormais). Degraus? A Princesa está descendo os degraus de uma casa ou palácio ou salão, muito além de nossa habitação humana. Os degraus levam a um rio, o rio da vida presumivelmente, aquele rio chamado Nilo no Egito. Ela é "nossa Princesa", ou seja, ela é especificamente a Princesa do Professor e minha, "nossa" guardiã ou inspiração pessoal. Ela é peculiarmente a Princesa "dele", pois isso é um desejo de vida, aparentemente, que projetei dentro ou sobre uma imagem do passado ancestral, racial do Professor. Falamos da sua idade; seus 77 simbolizavam poder oculto e mistério para mim. Eu contei francamente isso a ele sem medo de ser desprezada ou julgada ridícula ou supersticiosa. É importante para mim, aquele 77, e tenho um sete ou adquirirei um alguns meses depois de seu aniversário em maio. O meu, na época, é um 47, então há trinta anos de diferença em nossas idades. Mas idades? Ao nosso redor estão as velhas imagens ou "bonecos" do Egito pré-dinástico, e Moisés talvez ainda não tivesse nascido quando aquela pequena figura de Ra ou Nut ou Ka na mesa do Professor foi martelada pela primeira vez por um sacerdote-ferreiro de Ptah, às margens do Nilo.

30

Estou, sem dúvida, impressionada, provavelmente com não pouca inveja daquela dama talentosa, "nossa Princesa", como o Professor a chama. Eu, sem dúvida, cobiço inconscientemente sua posição cosmopolita, seus dotes intelectuais, seu poder de traduzir o alemão difícil, erudito, lindo de Sigmund Freud para um francês sem dúvida igualmente distinto e lindo. Não posso competir com ela. Conscientemente, não sinto nenhum desejo de fazer isso. Mas inconscientemente, eu provavelmente desejo ser outro fator igual ou ter poder igual de beneficiar e proteger o Professor. Preocupa-me também, embora eu não o admita abertamente, a atitude do Professor em relação a uma vida futura. Um dia, eu estava profundamente aflita quando o Professor me falou sobre seus netos – o que seria deles? Ele me perguntou isso, como se o futuro de sua família imediata fosse o único futuro a ser considerado. Havia, evidentemente, o futuro perfeitamente assegurado de sua própria obra, seus livros. Mas havia um futuro mais iminente, um futuro mais imediato a ser considerado. Preocupava-me perceber que ele não tinha ideia – parecia impossível – realmente nenhuma ideia de que "acordaria" quando se desfizesse do frágil invólucro de gafanhoto de seus anos, e se visse vivo.

31

Eu não disse isso a ele. Na verdade, não percebia quão profundamente isso me preocupava. Era um *fato*, mas um fato que eu não havia resolvido pessoalmente ou concretamente. Eu aceitara, como parte de minha herança racial e religiosa, a ideia abstrata da imortalidade, da existência da alma pessoal em alguma forma ou outra, depois que tivesse largado o corpo exaurido ou superado. O *Chambered Nautilus* [Náutilo enclausurado] do poeta da Nova Inglaterra Oliver Wendell Holmes foi meu grande preferido quando menina na escola; eu não pensava então no poema, mas sua métrica ecoa em minha cabeça agora enquanto escrevo isso. "*Till thou at length art free"*, termina a última estrofe, "*Leaving thine outgrown shell by life's unresting sea!"*. E "*Build thee more stately mansions, O my soul"*[13] é outro verso, e com o Professor, eu senti de fato que havia atingido o ponto culminante da realização; quer dizer, eu achava que conhecê-lo aos 47 anos, e ser aceita por ele como analisanda ou estudante, parecia coroar todos os meus outros contatos e relacionamentos pessoais, justificar todos os meandros espiralados de minha mente e meu corpo. Eu havia voltado para casa, de fato. E outro poema vem inevitavelmente me inspirar:

On desperate seas long wont to roam,
Thy hyacinth hair, thy classic face,
Thy Naiad airs, have brought me home

To the glory that was Greece
And the grandeur that was Rome[14]

Este é, evidentemente, o muito citado "Helena", de Edgar Allan Poe, e o nome de minha mãe era Helen.

32

O Professor traduziu as imagens na parede, ou a escrita das imagens na parede de um quarto de hotel em Corfu, a ilha jônica grega, que vi lá projetadas na primavera de 1920, como um desejo de união com minha mãe. Eu estava fisicamente na Grécia, em Hellas (Helena). Eu voltara para casa, para a glória que era a Grécia. Minha viagem à Grécia naquela primavera talvez pudesse ser interpretada como um voo para fora da realidade. Minhas experiências lá talvez possam ser traduzidas como outra fuga – de uma fuga. De qualquer modo havia asas. Posso dizer que nunca antes ou nunca depois tive uma experiência desse tipo. Vi uma tênue figura se formando na parede, entre o pé da cama e o lavatório. Era o final da tarde; a parede era ocre fosco, opaco. De início, pensei que era a luz do sol tremeluzindo das sombras lançadas pelas ou através das laranjeiras cheias de folhas e frutos e flores do lado de fora da janela do quarto. Mas me dei conta instantaneamente que nosso lado da casa já estava sob a sombra. As imagens na parede eram como decalques sem cor, ou decalcomanias, como nós os chamávamos quando crianças, pretensiosamente. A primeira era cabeça e ombros, três quartos de rosto, sem traços marcantes, um estêncil ou estampa de um soldado ou aviador, mas a figura era luz tênue na sombra, não sombra na luz. Era uma silhueta de luz, não de sombra, e tão impessoal que poderia ser qualquer um, de quase qualquer país. E, no entanto, havia uma linha claramente familiar na cabeça com o boné com viseira; imediatamente, era *alguém*, não identificado, sem dúvida, mas que sugeria uma pergunta – irmão morto? amigo perdido?

Depois tinha o contorno convencional de um cálice ou taça, sugerindo na verdade o cálice místico, mas tinha a forma familiar de taça que todos conhecemos, com base redonda e haste de vidro. Esse cálice era tão grande quanto a cabeça do soldado, ou simplesmente ocupava a mesma quantidade de espaço, como se fossem ambos padrões formais estampados em cartões-postais, ou mesmo (agora que penso nisso), cartas de baralho. Eu disse, com o Professor, que poria minhas cartas na mesa. Estas eram aquelas cartas; até então, duas delas. A terceira vem em seguida, ou agora a percebo. É um simples desenho em perspectiva, ao menos sugerindo perspectiva, depois dos outros dois, planos. É um círculo ou dois círculos, a base é o maior dos dois; eles estão unidos por três linhas, não planas como disse, mas em perspectiva, um simples objeto a desenhar, uma vez entendida a ideia de inclinar os planos para dar a ideia de espaço. E

esse objeto é tão simples e ao mesmo tempo tão corriqueiro que penso de novo, "é uma sombra projetada." Na verdade, não poderia ser, pois essa sombra era "luz"; a réplica exata desse padrão estava sobre a prateleira de cima do lavatório em estilo antigo, junto com a caneca da escova de dentes, saboneteira, e essas várias bugigangas. Era exatamente o suporte para a pequena espiriteira que tínhamos conosco (*Espirit-eira?*). E eu sei que, se esses objetos estão projetados para fora por meu próprio cérebro, isso é um truque bem-feito, um atalho, um trocadilho, uma espécie de piada. Pois o suporte de três pés da espiriteira na miscelânea de coisas do lavatório é nada menos que nossa velha amiga, a trípode da Delfos clássica. Assim, a trípode, esse objeto venerado do culto do deus sol, símbolo de poesia e profecia, está ligado por associação a essa pequena estrutura de metal mais ordinária que se encaixa na pequena caçarola e é usada como suporte para ela quando fervemos água para aquela taça de chá extra em nosso quarto. A trípode está então ligada em pensamento com algo amistoso e comum, a terceira ou segunda parte de meu estojo de viagem, usada como base para a espiriteira plana e suporte para a vasilha de alumínio. A trípode torna-se agora um objeto ainda mais venerável. De qualquer modo, eis aqui a terceira de minhas cartas sobre a mesa.

33

Até agora, tudo bem – ou até agora, tudo perigoso, um "sintoma" tão anormal. O escrito, ao menos, é consistente. É composto pela mesma pessoa, é desenhado ou escrito pela mesma mão. Se aquela mão ou pessoa sou eu mesma, projetando as imagens como um sinal, uma advertência ou uma placa de orientação do meu próprio subconsciente, ou se elas são projetadas de fora – elas são ao menos suficientemente claras, abstratas e, ainda, mas ao mesmo tempo relacionadas com imagens de nosso tempo e espaço comum. Mas aqui faço uma pausa, ou a mão a faz – é como se houvesse uma leve questão quanto à conclusão ou direção dos símbolos. Ou seja, era como se um pintor tivesse se afastado de uma tela para melhor observar a composição do quadro, ou um músico tivesse parado diante da estante com a partitura, talvez por um momento, em dúvida sobre continuar seu tema, ou se perguntando talvez de uma maneira mais prática se poderia ele mesmo virar a página na estante à sua frente sem interromper o fluxo da música. Isso está em mim também – uma dúvida quanto ao decoro, ou mesmo a segurança, de continuar essa experiência ou esse experimento. Pois minha cabeça, embora possa não ter demorado muito tempo contado no relógio para que essas imagens se formassem lá, já está me advertindo que isso é uma dimensão incomum, uma maneira incomum de *pensar*, que meu cérebro ou mente pode não estar à altura da ocasião. Nesse sentido, talvez o Professor estivesse certo (na realidade, ele estava sempre certo, embora nós às vezes traduzíssemos nossos pensamentos para diferentes linguagens e meios). Mas lá estou eu, sentada no sofá vitoriano antiquado no quarto de hotel na ilha grega, e aqui estou eu, reclinada no divã na sala do Professor, contando-lhe isso, e aqui estou novamente, dez

anos depois, sentada à minha escrivaninha em minha própria sala em Londres. Mas não existe a hora do relógio, embora nos preocupemos meticulosamente com o tempo e com um tratamento formal de um tema que não tem barreiras raciais nem temporais. Eis aqui esse hieroglifo do inconsciente ou subconsciente da descoberta e da investigação da vida do Professor, o hieroglifo efetivamente em operação diante de nossos olhos. Mas não é fácil sustentar esse estado de ânimo, esse "sintoma" ou essa inspiração.

E lá estava eu sentada e lá está minha amiga Bryher que me trouxe para a Grécia. Posso agora voltar-me para ela, embora não me mova um centímetro ou interrompa o olhar fixo e cristalizado fitando a parede diante de mim. Digo a Bryher: "Houve imagens aqui – achei de início que eram sombras, mas elas são luz, não sombra. São objetos bem simples – mas evidentemente é muito estranho. Posso desprender-me delas agora, se quiser – é apenas uma questão de concentração – o que você acha? Devo parar? Devo continuar?" Bryher diz sem hesitação: "Continue."

34

Enquanto eu falava com Bryher, houve uma espécie de zumbido pictórico – quer dizer, em torno da base da trípode há pequenas criaturas, mas em cor preta; elas se movem na base da trípode e ao seu redor, mas são muito pequenas; são como formigas que fervilham, ou insetos pequenos meio alados que ainda não aprenderam a voar. Voar? Eles são moscas, parece – mas não, são pessoas minúsculas, todas em preto ou delineadas como em sombra, ou com sombra, diferentemente das figuras das três "cartas" já descritas. Elas não são um símbolo delas mesmas, são simplesmente uma espécie de poeira, uma nuvem ou enxame de pequenos maruins que se movem de um lado para o outro, mas em um único nível, como se andando em vez de voar. Enquanto considero esse novo aspecto do escrito, estou incomodada, contrariada – como ficamos quando subitamente numa vereda do campo somos atacados na luz do entardecer por um súbito enxame de maruins. Eles não são importantes mas seria uma calamidade se um deles ficasse grudado no olho de alguém. Havia esse tipo de sentimento; pessoas, pessoas – elas me irritavam assim? Elas iriam talvez anuviar minha visão ou, pior ainda, iria uma delas ficar "grudada no meu olho"? Elas eram pessoas, elas eram irritantes – eu não odiava as pessoas, não me ressentia especialmente de nenhuma pessoa. Eu havia conhecido pessoas tão extraordinariamente talentosas e encantadoras. Elas me deram muita importância ou me desdenharam e no entanto nem elogio ou abandono importavam face às questões mais graves – vida, morte. (Eu tivera minha filha, eu estava viva.) Contudo, estranhamente, eu sabia que essa experiência, esse escrito-na-parede diante de mim, não podia ser compartilhado com elas – não podia ser compartilhado com ninguém exceto a moça que estava bravamente lá ao meu lado. Essa moça dissera sem hesitar "continue". Foi ela que teve realmente o desprendimento e a integridade da pitonisa de Delfos. Mas era eu, maltratada e dissociada de minha família americana e de meus

amigos ingleses, que estava vendo as imagens, que estava lendo o escrito ou a quem era concedida a visão interior. Ou talvez em certo sentido estivéssemos "vendo" aquilo juntas, pois sem ela, reconhecidamente, eu não poderia ter continuado.

35

Entretanto, apesar de agora ter seu apoio assegurado, é minha própria cabeça que está se dividindo com a dor da concentração. Sei que se perdê-la, se afrouxar a intensidade de meu olhar e fechar os olhos ou mesmo piscar meus olhos, para descansá-los, as imagens se dissolverão. Minha curiosidade é insaciável. Isso nunca me aconteceu antes, talvez jamais aconteça de novo. Não estou realmente analisando isso enquanto observo as imagens, mas agora parece possível que o mecanismo da projeção delas (de dentro ou de fora) tem algo a ver com meus sentimentos pelo santuário de Delfos, ou está de algum modo relacionado a eles. Na verdade, tínhamos a intenção de fazer uma parada em Itea; viéramos de Atenas, de navio através do canal de Corinto e do golfo de Corinto. Delfos e o santuário de Hélio (Hellas, Helena) eram, de fato, o principal objetivo de minha viagem. Atenas vinha logo em segundo lugar na minha afeição; porém, tendo saído de Atenas, fomos informadas quando o navio parou em Itea que era absolutamente impossível para duas senhoras sozinhas, naquela época, fazer a então perigosa viagem pela estrada sinuosa até Delfos, que na imaginação eu via claramente escondida sob o Parnaso. Bryher e eu fomos forçadas a nos contentar com uma estadia um pouco mais longa do que fora planejada primeiro na linda ilha de Corfu.

Mas a ideia de Delfos sempre me tocou muito profundamente e Bryher e eu, naquele inverno londrino da primavera anterior – fazia um inverno londrino naquela primavera – havíamos conversado sobre o famoso caminho sagrado. Ela própria havia visitado esses lugares com seu pai antes da guerra de 1914 e eu lhe havia dito certa vez, enquanto convalescia da doença de 1919: "Se ao menos sentisse que poderia andar pelo caminho sagrado de Delfos, eu ficaria boa". Mas não, agora que estávamos tão perto, não podíamos ir a Delfos. Vamos em outra direção, Brindisi, Roma, Paris, Londres. Nossas malas semifeitas, máquina de escrever, livros já estão espalhados; obviamente *estávamos indo* embora. E não estávamos deixando Corfu para ir a Atenas, como havíamos falado ao chegarmos a Corfu, com a ideia de um possível arranjo para ir, com um grupo de uma das escolas arqueológicas de Atenas, da capital para Delfos por terra. Viajar era difícil, com o país em estado de tumulto político; pessoas que conhecemos no hotel manifestaram surpresa diante do próprio fato de que duas mulheres sozinhas haviam conseguido vir naquela época. Éramos sempre "duas mulheres sozinhas", ou "duas damas sozinhas", mas não estávamos sozinhas.

36

Já houvera escritos-na-parede antes, na literatura bíblica e clássica. Ao menos, ao longo do tempo, havia uma tradição de advertências ou mensagens vindas de outro mundo ou outro estado de ser. Delfos, especificamente, era o santuário do Profeta e Músico, a inspiração de artistas e o padroeiro dos médicos. O "médico irrepreensível", o próprio Asclépio, não tinha a fama de ser filho de Febo Apolo? Religião, arte e medicina se separaram ao longo dos tempos recentes; elas ficam mais distantes a cada dia que passa. Essas três trabalhando em conjunto, para formar um novo veículo de expressão ou uma nova forma de pensar ou de viver, podem ser simbolizadas pela trípode, a terceira das imagens na parede diante de mim, a terceira das "cartas" que joguei, por assim dizer, na mesa, especialmente para o velho Professor. A trípode, sabemos, era o símbolo da profecia, expressão profética ou conhecimento oculto ou escondido; a sacerdotisa ou pitonisa de Delfos sentava-se sobre a trípode enquanto pronunciava seus dísticos em versos, as famosas profecias de Delfos que se dizia que podiam ser lidas de duas maneiras.

Podemos ler meu escrito, o fato de que havia um escrito, de duas maneiras ou em mais de duas maneiras. Podemos lê-lo ou traduzi-lo como um desejo suprimido de "sinais e prodígios" proibidos, de romper limites, um desejo suprimido de ser uma profetisa, de ser importante de algum modo, megalomania, como chamam isso – um desejo escondido de "fundar uma religião nova" que o Professor desentocou na imagem posterior de Moisés. Ou esse escrito-na-parede é apenas uma extensão da mente do artista, uma *imagem* ou um poema ilustrado, extraído do conteúdo do sonho real ou devaneio e projetado de dentro (embora aparentemente de fora), na verdade, uma *ideia* de alta potência, excessivamente enfatizada, *pensada demais*, se poderia dizer, um eco de uma ideia, a reflexão de uma reflexão, um pensamento "anormal" que saiu do controle, foi longe demais, um "sintoma perigoso".

37

Mas, sintoma ou inspiração, o escrito continua a se escrever ou ser escrito. Trata-se reconhecidamente de um escrito em imagens, embora seus símbolos possam ser traduzidos em termos de hoje; é grego em espírito, em vez de egípcio. A imagem original ou básica, no entanto, é comum a toda espécie humana e aplicável a toda e qualquer época.

38

Até agora as imagens, "'calcomanias", ocuparam o mesmo plano no espaço da parede entre o pé da cama e o lavatório. Agora, elas se dirigem para cima ou parecem estar prestes a fazer isso. O "zumbido" parece ter cessado ou as moscas pretas voaram para longe ou as pessoas-sombras desapareceram. As três primeiras imagens ou "cartas na mesa" eram estáticas, estavam lá completas; ou vagamente lá, elas se tornaram menos vagas à medida que o contorno e o significado se tornavam reconhecíveis. Mas essa imagem ou símbolo começa a se desenhar diante dos meus olhos. *O dedo movente escreve*. Dois pontos de luz são postos ou aparecem no espaço acima do parapeito do lavatório, e se forma uma linha, mas muito lentamente – como se os dois pontos bastante pesados se alongassem a partir de seus próprios centros, como se eles diminuíssem em intensidade à medida que as duas linhas surgiam, movendo-se lentamente uma na direção da outra. Elas se encontrarão, é evidente, e a partir do desenho (dois pontos num quadro-negro) teremos uma única linha. Não sei quanto tempo demorou para que essas duas linhas se encontrassem e se tornassem uma única, intensificada ou grifada, sublinhada, por assim dizer. Uma linha? Ela pode ter levado uma fração de segundo para se formar, mas agora estou perfeitamente consciente de que essa concentração é uma questão complicada. Meus músculos faciais parecem enrijecidos com o esforço e posso ficar petrificada como um daqueles inimigos de Atena, a deusa da sabedoria, a quem Perseu mostrou a cabeça da Medusa. Estarei olhando para a cabeça da Medusa, uma suspeita, uma inimiga a ser enfrentada? Ou sou eu mesma Perseu, o herói que está lutando pela Verdade e a Sabedoria? Mas Perseu pôde encontrar seu caminho com sandálias aladas e o manto da invisibilidade. Ademais, ele mesmo podia empunhar a feia arma da cabeça cortada da Medusa, porque Atena (ou foi Hermes, Mercúrio?) lhe dissera o que fazer. Ele mesmo manipularia sua arma, essa feia cabeça cortada da inimiga da Sabedoria e da Beleza, olhando para ela no metal polido de seu escudo. Até mesmo ele, o semideus ou herói, seria transformado em pedra, congelado se olhasse diretamente e sem o escudo para protegê-lo, em sua nova função de espelho ou refletor, a feia cabeça ou fonte do mal. Então eu, embora não tenha feito esse paralelo na ocasião, ainda me perguntava. Mas mesmo enquanto me perguntava, mantinha um olhar fixo concentrado na parede diante de mim.

39

Há uma linha claramente desenhada, mas antes que eu tenha realmente me recobrado disso, ou tenha tido tempo para respirar, por assim dizer, outros dois pontos aparecem e sei que outra linha se formará da mesma maneira. Assim acontece, cada linha é um pouco mais curta que sua predecessora, e assim, por fim, lá está, essa série de linhas encurtadas que forma uma escada ou a impressão de uma escada colocada lá na parede acima do lavatório. É uma escada de luz, mas mesmo agora posso não ter tempo, como digo, de respirar. Posso estar respirando naturalmente mas tenho a sensação de segurar minha

respiração embaixo d'água. Como se estivesse procurando embaixo d'água por algum tesouro inestimável, e se eu voltasse à tona a pista de sua localização estaria perdida para sempre. Então eu, embora sentada na vertical, estou em certo sentido mergulhando, cabeça para baixo na água – em outro elemento, e como pareço estar agora muito perto de obter a resposta ou encontrar o tesouro, eu sinto que toda a minha vida, todo o meu ser, estará frustrado para sempre se eu perder essa chance. Não devo perder o controle, não devo perder o fim da imagem e assim perder o sentido do todo, até agora dolorosamente percebido. Devo me manter firme ou a imagem ficará embaçada e a sequência estará perdida. Em certo sentido, parece que estou me afogando; já meio afogada para as dimensões comuns de espaço e tempo, eu sei que preciso me afogar, por assim dizer, completamente a fim de sair no outro lado das coisas (como Alice com seu espelho ou Perseu com seu escudo refletor). Preciso me afogar completamente e sair do outro lado, ou subir à superfície depois de mergulhar pela terceira vez, não morta para esta vida mas com um novo conjunto de valores, meu tesouro dragado das profundezas. Preciso nascer de novo ou fragmentar-me totalmente.

40

Essas linhas parecem demorar muito tempo para se formar separadamente. Talvez elas sejam eras ou éons simbólicos. De qualquer modo, consegui me concentrar, manter a imagem até agora. Há talvez sete degraus nessa escada, talvez cinco; não os contei. De qualquer modo, são simbólicos, a própria escada é um símbolo bem autenticado; é a escada de Jacó, se quiserem; é um símbolo comum a todos os mitos ou tradições religiosas.

Mas felizmente a última figura a se formar o faz rapidamente; por fim, parece haver agora menos tensão e preocupação de esperar. Lá está ela, chamo-a pelo feminino; chamo-a de Niké, Vitória. Ela está de frente para a parede ou andando como se contra a parede a partir do último degrau da escada e ela se move ou flutua com muita rapidez. À minha direita, à direita dela no espaço entre a escada e a moldura de espelho acima do lavatório, há uma série de curvas interrompidas. Na verdade, elas estão acima da escada, sem tocar no anjo que passa por elas. Percebo que esse detalhe decorativo é em certo sentido sugerido pelas volutas da moldura do espelho, mas como no caso da trípode (também sugerida por, ou que me lembra um objeto doméstico sobre o lavatório), não pode ser uma réplica delas, uma sombra delas, pois as volutas também estão desenhadas em *luz* e não vão seguir a direção de uma sombra, mesmo que uma sombra pudesse ser projetada. O *S* ou meio *S* encara o anjo, ou seja, a série de desenhos em *S* se abre na direção do anjo; são como pontos de interrogação sem o pontinho embaixo. Eu não sabia o que aquela ornamentação em volutas indicava; na época, achei que era um mero detalhe decorativo. Mas agora penso que aquele padrão de *S* invertido talvez representasse uma série de pontos de interrogação, as perguntas que haviam sido feitas ao longo das eras, e

que as eras continuarão a fazer.

41

Vitória, Niké, exatamente como eu a chamava lá e então, avança. Ela é um anjo ordinário, como qualquer anjo que se possa encontrar num cartão de Páscoa ou Natal. Ela está de costas para mim, está apenas delineada mas muito claramente delineada como os três primeiros símbolos ou "cartas". Mas diferentemente deles, ela não é plana ou estática, ela está no espaço, num espaço sem paredes, não achatada contra a parede, embora se mova para cima, como contra sua superfície. Ela é um quadro móvel e felizmente move-se depressa. Não exatamente depressa mas com uma flutuação segura que pelo menos dá à minha mente algum descanso, como se minha mente agora tivesse escapado das barras daquela escada, não mais subindo ou engaiolada, mas livre e alada. Lá vai ela. Acima de sua cabeça, à sua esquerda no espaço deixado vazio nesse quadro-negro (ou quadro-luz) ou tela, forma-se uma série de triângulos que lembram tendas. Eu diria dez triângulos desse tipo, pois embora eles sejam simples triângulos eles me sugerem tendas. Sinto que a Niké está prestes a avançar para dentro e através das tendas, e isso é exatamente o que ela faz. Até agora, tudo bem. Mas isso basta. Deixo cair minha cabeça em minhas mãos; ela está doendo com esse esforço de concentração, mas eu sinto que vi a imagem. Pensei, "Niké, Vitória", e já enquanto eu pensava isso, me parecia que essa Vitória não era agora, era outra Vitória; nesse caso, haveria outra guerra. Quando aquela guerra tivesse se encerrado, degrau por degrau ou ano a ano, eu, pessoalmente (era o que sentia), estaria livre, eu mesma iria para uma outra dimensão, alada. Pois me parecia que as tendas não eram tanto as tendas simbólicas de campos de batalha do passado, passado recente ou passado distante, mas tendas ou abrigos para serem montados em outra disputa futura. A imagem agora parecia ser algo que tinha a ver com outra guerra, mas mesmo nessa haveria Vitória. Niké, Vitória parecia ser a chave, parecia ser meu próprio signo especial ou parte de meu hieroglifo. Fazia pouco tempo, havíamos visitado em Atenas o minúsculo templo da Vitória que fica sobre a rocha da Acrópole, à direita de quem se afasta do Propileu. Precisava me agarrar a essa palavra. Pensei, "Niké, Vitória". Pensei "Hélio, o sol…" E desliguei, "apaguei" antes da imagem final, antes (se poderia dizer) que acontecesse a explosão.

Mas embora eu admita para mim mesma agora que já fora o bastante, talvez até um pouco demais, Bryher, que esteve esperando ao meu lado, continua a "leitura" de onde desisti. Posteriormente ela me contou que não vira nada lá na parede, até eu deixar cair a cabeça nas mãos. Estivera comigo ali, paciente, se perguntando, sem dúvida profundamente preocupada e não pouco ansiosa quanto ao resultado de meu estado ou ânimo. Mas quando eu relaxei, me entreguei, por total exaustão física e mental, ela viu o que eu não vi. Era a última seção da série, ou o último símbolo conclusivo – talvez aquele "determinativo" que é usado no hieroglifo verdadeiro, a imagem que contém em si

mesma toda a série de imagens, ou que ajuda esclarecê-las ou explicá-las. De qualquer modo, é aparentemente uma imagem ou símbolo bastante claro. Ela disse que era um círculo como o disco do sol e uma figura dentro do disco; um homem, achou ela, se preparava para desenhar a imagem de uma mulher (minha Niké) no sol ao seu lado.

42

Os anos desse intervalo de tempo pareceram um período de espera, de marcar passo. Havia um sentimento crescente de estagnação, de letargia, claramente evidente entre muitos de meus contemporâneos. Por outro lado, aqueles que se davam conta da tendência dos eventos políticos eram quase perspicazes demais, voltados demais para a política, intelectualmente potentes demais para mim. O que eu parecia pressentir e esperar era desdenhado pelo primeiro grupo, embora eu tenha aprendido desde cedo a não manifestar meus pensamentos e temores; eles eram mórbidos, eles eram autocentrados demais e totalmente introspectivos. Ora – meu cunhado passou um feriado tão feliz na Floresta Negra (com – fulano e beltrano – e todos os detalhes) e a comida estava ótima – todos eram tão hospitaleiros e tão encantadores. Se, por outro lado, me aventurava a dar uma débil opinião ao segundo grupo, não me vinham apenas com informações precisas, mas despejavam sobre mim todas as volumosas teorias pré-digeridas. Meu cérebro cambaleia agora quando lembro o dilúvio de conversas brilhantes a que fui submetida; o que aconteceria se, e quem subiria ao poder quando – mas com toda a sua clarividência abstrata, esse segundo grupo parecia tão confuso, tão letárgico a sua própria maneira quanto o primeiro. No mínimo, suas teorias e seus dados acumulados pareciam desenraizados, crus. Mas isso, eu admito – sim, eu sei –, se devia parcialmente ao meu sentimento desesperançado diante de estatísticos brilhantes e teorias de mão única. *Para onde isso está levando vocês?*, eu queria gritar para ambos os grupos. Um se recusava a admitir o fato de que o dilúvio estava chegando, o outro contava os pregos e media as tábuas com fórmulas matemáticas infindáveis, mas não parecia ter a mínima ideia de como montar a Arca.

43

Em Viena, as sombras já estavam se estendendo, ou a maré subindo. No entanto, os sinais anunciadores de eventos lúgubres se manifestavam de forma curiosa. Havia, por exemplo, chuvas ocasionais sedutoras, como se fossem de confetes, de suásticas de papel dourado e tiras estreitas de papel impresso como aquelas que puxávamos de nossos bombons de Natal, aqueles presentes divertidos que quando crianças chamávamos de "caps" nos Estados Unidos e que as crianças inglesas chamam de "crackers".[15] A festa

havia começado, ou se tratava dos preparativos para o aniversário ou o casamento. Certa manhã, parei para pegar um punhado desses "confetes" ao sair do hotel Regina. Estavam impressos naqueles conhecidos pedaços oblongos e pequenos de papel fino que caíam do tubo quando era aberto na festa; nós os chamávamos de slogans. Esses slogans eram curtos e brilhantes e objetivos. Lia-se em nítido alemão de cartilha "Hitler dá pão", "Hitler dá trabalho" etc. Perguntei-me se deveria incluir aquele punhado numa carta para meu primeiro grupo de amigos em Londres – ou para alguém do segundo. Tive uma visão maliciosa dessa alegre chuva caindo sobre um tapete em Kensington ou Knightsbridge ou num chão nu de um estúdio em Chelsea ou Bloomsbury. Seria uma boa piada. O papel era viçoso e imaculado, o ouro claro como a chuva lendária de Dânae, e tudo com sabor de bolo de aniversário e velas ou decorações de árvore de Natal recém-compradas. O ouro, no entanto, não permaneceria brilhante nem o papel viçoso por muito tempo, pois as pessoas atravessavam a Freiheitsplatz e andavam pela calçada, pisando impetuosas sobre essa chuva de Dânae, sem prestar nenhuma atenção. Seria eu a única pessoa em Viena que havia parado para pegar um punhado daqueles símbolos? Parecia que sim. Um dos porteiros do hotel apareceu com uma vassoura de cabo longo. Enquanto eu o via começar metodicamente a varrer os papéis da calçada, joguei meu punhado no esgoto.

44

Havia outras suásticas. Agora eram as de giz; eu as segui pela Berggasse como se tivessem sido desenhadas na calçada especialmente para mim. Elas me conduziram à porta do Professor – talvez seguissem para a outra rua até outra porta, mas não olhei adiante. Ninguém apagou essas suásticas. Não é muito fácil apagar caveiras de giz de uma calçada. Não é tão fácil e chama mais a atenção do que varrer papel dourado para um esgoto. E isso foi um pouco depois.

45

Depois vieram os fuzis. Eram ensarilhados cuidadosamente. Ficavam em formações de bivaque nas esquinas das ruas. Devia ser um final de semana; não me lembro. Eu poderia verificar a data exata de seu aparecimento recorrendo aos meus diários, mas é a impressão geral que nos importa, em vez da sequência histórica ou política. Não eram armas alemãs – mas talvez fossem; de qualquer modo, esses soldados eram austríacos. Os sarilhos de fuzis davam às ruas um efeito nítido, acabado, de uma estampa de 1860. Pareciam antiquados, os soldados pareciam antiquados; sem dúvida, lembraram-me quadros familiares da nossa Guerra Civil Americana. Essa era uma espécie de guerra civil. Ninguém a explicava para mim. O porteiro no hall, geralmente tão loquaz, ficou

constrangido quando o questionei. Bem, não devo envolvê-lo em qualquer discussão ou declaração perigosa de opinião. De qualquer modo, saí. Havia algumas pessoas por ali e os soldados tinham saído de um quadro ou de um filme de um período reconstruído da Guerra Civil. Não pareciam muito temíveis. Eu tinha intenção de ir à ópera – era um final de tarde ou começo de noite – então eu poderia ir à ópera, caso houvesse uma ópera, bem como entediar-me em meu quarto ou zanzar pelo hotel, pensando e observando. Quando fui abordada em uma das ruas principais, eu disse simplesmente, em meu alemão precário, que estava visitando Viena; chamavam-me de a senhora inglesa no hotel, então eu disse que era da Inglaterra, o que de fato eu era. O que eu estava fazendo? Onde eu estava indo? Eu disse que estava indo à ópera, se não os estivesse perturbando ou atrapalhando seu caminho. Houve alguns sussurros e confusão e fiquei constrangida ao perceber que havia atraído a atenção dos oficiais e fui acompanhada quase por uma guarda de honra até a escadaria do teatro lírico, onde havia mais armas e soldados, sentados nos degraus e em posição de atenção na calçada. Parecia que nada, de forma alguma, poderia deter a ópera. Permaneci durante parte da apresentação de – não me lembro qual era – e não tive dificuldades para achar meu caminho de volta.

46

Depois tudo ficou calmo e o saguão do hotel parecia estranhamente vazio. Até o porteiro do hall desaparecera de seu balcão. Talvez fosse a segunda-feira seguinte; de qualquer modo, eu devia ir a Berggasse para minha sessão costumeira. A pequena criada Paula espiou por uma fresta da porta, hesitou, depois me fez entrar furtivamente. Ela não estava usando sua touca e avental tão bonitos. Evidentemente, não me esperava. “Mas – mas ninguém veio hoje, ninguém saiu de casa.” Tudo bem, ela explicaria ao Professor, caso ele não quisesse me ver. Ela abriu a porta da sala de espera. Esperei como de costume na sala, com a mesa redonda, a miscelânea de revistas e jornais velhos. Lá estavam as costumeiras fotos emolduradas; entre elas, dr. Havelock Ellis e dr. Hanns Sachs me saudaram da parede. Lá estava o diploma honorário que fora concedido ao Professor em sua mocidade pela pequena universidade da Nova Inglaterra. Havia também uma estampa ou gravura bizarra de algum pesadelo horroroso, um “Enterrado vivo” ou algo parecido, feito com detalhes simbólicos dürerescos. Havia longas cortinas de renda na janela, como uma “sala em Viena” de uma peça ou filme.

Após um curto intervalo o Professor abriu a porta interna. Então, sentei-me no divã. O Professor disse: “Mas por que você veio? Ninguém veio aqui hoje, ninguém. Como está lá fora? Por que você saiu?”

Eu disse: “Está muito tranquilo. Não parece haver ninguém nas ruas. O hotel parece calmo também. Mas afora isso, está tudo mais ou menos como sempre.” Ele disse: “Por que você veio?” Isso parecia deixá-lo perplexo, ele parecia não entender o que me

trouxera.

47

O que ele esperava que eu dissesse? Não creio que tenha dito isso. O fato de eu estar ali expressava isso com certeza? *Eu estou aqui porque ninguém mais veio*. Como se de novo, simbolicamente, eu precisasse ser diferente. Onde estava o Holandês Voador? Ou a médica americana que eu não havia visto? Havia apenas quatro de nós naquela época, creio eu, pessoas bastante especiais. É verdade que a sra. Burlingham, amiga devotada da senhorita Anna Freud e discípula ou pupila do Professor, tinha um apartamento em um andar mais acima. Certo dia eu subira até lá para tomar chá antes de minha sessão aqui. O Professor não estava realmente sozinho. Haviam me informado que os enviados da Princesa também estavam a postos e a informariam sobre qualquer ameaça real à segurança pessoal do Professor. Mas, em certo sentido, eu era a única que viera de fora; a pequena Paula substanciou isso quando espiou com tanto medo através da rachadura da porta da frente. Mais uma vez, eu era diferente. Fizera um gesto único, embora realmente eu sentisse que minha vinda era o mínimo de cortesia; aquele era nosso tempo costumeiro de encontro, nossa sessão, nossa "hora" juntos. Eu não sabia o que o Professor estava pensando. Ele não podia estar pensando "eu sou um homem velho – *você não acha que vale a pena me amar"*. Ou se ele lembrava de ter dito isso, essa era certamente a resposta.

48

Talvez tenha sido naquele dia ou em outro que o Professor falou de seus netos. De qualquer modo, independente de quando tenha sido, senti um súbito hiato, um corte, um abismo ou cisma na consciência que tentei esconder dele. Era tão tribal, tão convencionalmente mosaico. Enquanto ele declinava seus nomes e os nomes de seus pais, sentia-se a velha impaciência, uma espécie de vista cansada intelectual, o velho tédio de procurar referências históricas, genealógicas numa Bíblia de tipo miúdo ou de escola dominical. Era o Gênese, mas não seu início. Nem os versos excitantes sobre os pássaros e os répteis, as árvores, o sol e a lua, aquelas luzes mais fortes e mais fracas. Ele estava preocupado com eles (e não era de estranhar), mas eu estava preocupada com outra coisa. Na ocasião, eu não percebi o motivo de minha ansiedade. Eu sabia que o Professor não demoraria a ir para outro lugar, mas parecia que a vida eterna que ele visualizava era na antiga tradição judaica. Ele viveria para sempre como Abraão, Isaac, e Jacó, nos filhos de seus filhos, multiplicados como as areias do mar. É assim que me parecia que sua mente estava funcionando, e é assim que, diante da parede em branco do perigo, da

aniquilação física, sua mente funcionaria.

Ao menos, havia aquela pergunta entre nós: "O que será de meus netos?" Ele pensava no futuro mas sua preocupação com a imortalidade se traduzia em termos de netos. Ele viveria neles; ele viveria em seus livros, é claro; eu talvez tenha murmurado alguma coisa vagamente no sentido de que as gerações futuras continuariam a ser gratas à sua palavra escrita; isso, eu talvez tenha mencionado – eu tenho certeza que fiz isso em algum momento ou outro, naquela ou em outra ocasião. Mas embora sendo um tributo sincero, aquelas palavras eram, ou seriam, em certo sentido, superficiais. De algum modo, elas não produziriam efeito. Era tão óbvio que sua obra lhe sobreviveria. Expressar isso adequadamente exigiria cavoucar fundo demais, envolver-se em detalhes técnicos e ao mesmo tempo seria traduzir minha admiração pelo que ele representava, pelo que ele realmente *era*, em termos um pouco formais demais, decorosos e precisos demais, convencionais demais, banais demais, *polidos* demais.

Eu não queria murmurar palavras convencionais; muita gente havia feito isso. Se eu não conseguia dizer exatamente o que queria dizer, então não diria nada, tal como em seu aniversário de 77 anos, se não conseguia achar o que queria dar, não lhe daria nada. Eu achei o que queria, aquele ramo de gardênias, um pouco depois; essa oferenda foi no outono de 1938. E essas palavras, as palavras que então não consegui dizer, elas também vieram um pouco depois, no outono de 1944. As flores e as palavras têm isso em comum, elas são o que eu quero, o que esperei para achar para o Professor, "para saudar o retorno dos deuses [gods]". É verdade, "outras pessoas leem bens [goods]". Muitíssima gente lera "bens" e continuaria a fazê-lo. Mas o Professor sabia, ele devia saber que, por implicação, ele próprio estava incluído entre aqueles deuses. Ele já era imortal.

49

Eu não sabia exatamente *quem* ele era e todavia isso parece tão óbvio agora. Há muito tempo, nos Estados Unidos, tive um sonho peculiar ou um mero flash de visão. Eu não era dada a essas coisas, embora quando criança pequena, em comum com muitas outras crianças pequenas, eu tenha tido uma ou duas experiências visionárias ou sobrenaturais. Agora eu devia ter dezoito ou dezenove anos. A imagem ou segmento de imagem impressionou-me tanto que tentei identificá-la. Não foi uma experiência muito sensacional. A visão ou imagem foi simplesmente esta: antes de dormir ou bem ao acordar, havia uma forma sólida diante de meus olhos, não imagens nebulosas ou vaga fantasia, mas um bloco de pedra em forma de altar; este estava dividido em duas seções por uma marca na pedra bruta; não era uma linha cinzelada mas era definitivamente uma divisão da superfície da pedra bruta em duas metades. Em uma metade ou seção, havia uma serpente, grosseiramente esculpida; estava enrodilhada de forma convencional, com a cabeça ereta; no outro lado, havia um cardo mal gravado, naturalista embora desenhado

convencionalmente. Por que isso?

É estranho pensar, nesta data tão posterior, que foi Ezra Pound que me ajudou a interpretar essa imagem. Ezra era um ano mais velho do que eu; eu o conhecia desde os quinze anos. Não acho que falei sobre isso com ninguém exceto Ezra e uma garota, Frances Josepha, com quem depois fiz minha primeira viagem à Europa. Naquela época Ezra estava com seus pais numa casa nos arredores de Filadélfia, para passar os meses de verão. Foi lá, numa tarde, que Ezra disse: "Tenho uma ideia sobre sua cobra num tijolo", como ele a chamava. Fomos para o gabinete ou biblioteca – era uma casa mobiliada, de amigos – e Ezra começou a tirar da estante obras de referência e índices. No fim pareceu satisfeito em concluir que se tratava de um flashback no tempo ou uma previsão de um evento futuro que tinha a ver com Esculápio ou Asclépio, o filho humano ou meio-humano, meio divino, de Febo Apolo, que foi morto pelo trovão ou raio de Zeus, mas depois colocado entre as estrelas. A serpente é certamente o signo ou totem, através das eras, da cura e daquela cura final quando nos livramos, pela última vez, do estorvo de nossa carne ou pele. A serpente é símbolo da morte, como sabemos, mas também de ressurreição.

Não havia imagem disso. Ezra disse com desenvoltura: "O cardo simplesmente combina." Não acho que ele tenha realmente identificado a relação entre o cardo e a serpente, mas, em todo caso, foi ele quem primeiro me deu a ideia de Asclépio, o "médico irrepreensível", naquela conexão. Encontrei esse desenho mais tarde, mas somente um e somente em um lugar. Eu estava com Frances Josepha e sua mãe em nossa primeira viagem ao exterior. Era o verão de 1911. Fomos de Nova York a Le Havre, depois subimos de barco o Sena até Paris. "Está aqui", eu disse em uma de nossas primeiras visitas às galerias do Louvre, "depressa", como se ele pudesse desaparecer como o "tijolo" original. Era um pequeno anel-sinete numa vitrine de selos e sinetes greco-romanos e helenísticos. Sob o vidro, colocado numa fileira entre outros anéis com sinete, havia uma pequena ágata cinza oval. Era um anel pequeno com um engaste um tanto frágil, até onde se podia avaliar, mas o desenho era inconfundível. Do lado direito, como no original, estava a serpente enrodilhada e erguida; à esquerda, um talo delicadamente cinzelado, com a folha dupla espinhenta e o capítulo, nosso cardo. Nunca encontrei esse desenho em outro lugar; há muitas serpentes e cardos heráldicos mas nunca encontrei os dois em combinação, embora tenha folheado obras de referência de tempos em tempos, em momentos casuais, ou dado uma olhada em desenhos de moedas clássicas ou talismãs, "por via das dúvidas". Nunca encontrei minha serpente e cardo em qualquer volume ilustrado de desenho grego ou ptolemaico ou em qualquer canto, casualmente, em uma cerâmica grega ou vaso etrusco de verdade, mas ao longo dos anos, quando parava em Paris, em viagens transcontinentais, eu voltava ao museu para me assegurar de que não havia, de modo algum, "sonhado" o anel-sinete. Lá estava ele; estava sempre no mesmo lugar, sob o vidro, na moldura, com o pequeno pedaço de papel desbotado com uma letra ou grupo de letras e um número. Certa vez, cheguei ao ponto de comprar o catálogo especial que trata dessa seção, esperando encontrar algum detalhe, mas havia

apenas uma menção brevíssima ao "meu" pequeno anel; eu li: "camafeu ou anel-sinete de desenho greco-romano ou helenístico" e uma data aproximada apropriada possível. Era tudo.

50

Sinete – de signo, uma marca, símbolo, prova; sinete – o selo particular, um selo; anel-sinete – um anel com um sinete ou selo particular; *sign-manual* [autógrafo] – a assinatura real, geralmente apenas as iniciais do nome do soberano. (Tenho usado minhas iniciais H.D. consistentemente como meu sinete de escritora, meu *sign-manual*, embora seja apenas, neste exato momento, enquanto verifico a palavra "signet" no meu Chambers's English Dictionary, que percebo que minha assinatura tem alguma coisa que sugere remotamente soberania ou modos reais.) Signo [*sign*], de novo – uma palavra, gesto, símbolo, ou marca, destinado a significar outra coisa. Signo [*sign*], de novo – (medicina) um sintoma; (astronomia) uma das doze partes do Zodíaco. De novo signo [*sign*] – colocar assinatura em, e *sign-post* – poste indicador; tudo derivado do francês, *signe*, e do latim, *signum*. E enquanto escrevo esta última palavra, lampeja em minha mente o associado *in hoc signum*, ou antes, deve ser *in hoc signo* e *vinces*.[16]

51

Havia um punhado de anéis antigos no canto de uma das vitrines do Professor e pensei no meu anel-sinete nas galerias do Louvre em Paris, mas não falei sobre isso com o Professor então, nem depois, e embora sentisse curiosidade pelos anéis na época, não sugeri que ele abrisse a porta da vitrine e os mostrasse para mim. Ele pegara uma das estatuetas de sua escrivaninha. Ele estava segurando-a em sua mão e olhando para mim. Essa, deduzi, era a imagem que ele achou que me interessaria mais. Havia uma figura indiana de marfim no centro; os objetos eram arrumados simetricamente e me perguntei se o Vishnu sentado (acho que era isso) estava no centro por direito de precedência ou preferência, ou devido à sua forma. Embora eu percebesse a qualidade e o belo desenho do marfim, eu o estava vendo de um modo um tanto abstrato; o tema em si não me atraía especialmente. Cabeças de serpente se erguiam como pétalas de flores e formavam uma tenda ou cúpula sobre a cabeça da imagem sentada; possivelmente ela estava sentada sobre uma flor ou folha; o efeito do conjunto era o de uma meia flor, cortada longitudinalmente, a figura assumindo o lugar ou produzindo o efeito de um feixe de estames ou de uma vagem oval, no centro. Somente quando se chegava perto se via a pequena imagem e o fundo simétrico de cabeças de serpentes, como uma cúpula. É verdade, cada uma dessas cabeças de serpente sugeria a metade de um *S*, o que poderia

ter lembrado o motivo do *S* invertido ou ponto de interrogação incompleto na série de imagens na parede do quarto na ilha grega de Corfu naquela primavera de 1920. Mas não fiz essa comparação então ou depois para o Professor, e me senti um pouco inquieta diante da extrema beleza daquele marfim indiano esculpido que me atraía, mas me repelia, ao mesmo tempo.

Eu nem sempre sabia se o motivo das excursões do Professor comigo à outra sala era distração, ocasião social ou parte de seu plano. Será que ele queria descobrir como eu reagiria a certas ideias encarnadas naquelas estatuetas, ou com que profundidade eu sentia a *ideia* dinâmica ainda implícita apesar do fato de que eras ou éons de tempo haviam decorrido sobre muitas delas? Ou ele simplesmente deixava implícito que queria compartilhar seus tesouros comigo, aquelas formas tangíveis diante de nós mas que sugeriam os tesouros intangíveis e imensamente mais fascinantes de sua própria mente? Qualquer que fosse sua ideia, eu queria então, como de outras vezes, condescender; queria retribuir, da forma mais discreta possível, a cortesia que ele me fazia de maneira tão sutil. Se aquilo era um *jogo*, uma espécie de meio indireto de descobrir algo que talvez o guardião ou censor de meu inconsciente estivesse ansioso para me esconder dele, bem, eu faria o possível para participar desse jogo, esse jogo de adivinha – ou o que quer que fosse. Assim, como o marfim prendera minha atenção e talvez (eu não sabia) fosse especialmente precioso para ele, pois ocupava o lugar central em sua imponente escrivaninha (que parecia posta ali, me dou conta agora, quase como um altar mor, no Santo Sacrário), eu disse, percebendo minha leve aversão por essa admirável obra de arte: "Esse marfim, o que é? É indiano, obviamente. É muito bonito."

Ele disse, mal olhando para o adorável objeto: "Foi-me enviado por um grupo de meus estudantes indianos." Ele acrescentou: "Em seu conjunto, acho que meus estudantes indianos reagiram da forma menos satisfatória aos meus ensinamentos." E mais não disse sobre a Índia, ou seus estudantes indianos. Essa não era sua preferida, essa abstração oriental apaixonada e, contudo, fria. Ele havia escolhido outra coisa. Era um objeto menor, a julgar pelo lugar que estava vazio, na minha ponta do semicírculo, composto pelo arranjo simétrico dos deuses (ou bens) [*gods (or goods)*] sobre sua mesa. "*Esta* é a minha preferida", disse ele. Estendeu o objeto para mim. Peguei-o. Era uma estatueta de bronze, com elmo, vestida até os pés com um manto esculpido, com a túnica ou peplo superior entalhado. Uma das mãos estava estendida como se segurasse um bastão ou vara. "Ela é perfeita", ele disse, "*só que perdeu sua lança."* Eu não disse nada. Ele sabia que eu amava a Grécia. Ele sabia que eu amava Hellas. Fiquei olhando para Palas Atenas, ela cujo atributo alado era Niké, Vitória, ou ficava sem asas, Niké A-pteros nos tempos antigos, no pequeno templo à direita de quem sobe os degraus até o Propileu na Acrópole de Atenas. Ele também subira aqueles degraus uma vez, havia me contado, para uma breve visão geral da glória que era a Grécia. Niké A-pteros, chamava-se ela, a Vitória sem Asas, pois a Vitória jamais poderia, jamais voaria para longe de Atenas.

52

Ela perdeu sua lança. Ele poderia estar falando grego. O lindo tom de sua voz tinha um jeito de tirar uma expressão ou frase inglesa do contexto (fora do contexto associado, se poderia dizer, de toda a língua) de tal modo que, embora ele estivesse falando inglês sem um vestígio perceptível de sotaque, ainda assim ele estava falando uma língua estrangeira. O tom de sua voz, a qualidade canora que sutilmente permeava a textura da palavra falada, tornava aquela palavra falada viva em outra dimensão, ou imprimia-lhe uma nova cor como se ele tivesse imergido o tecido cinzento do pensamento convencionalmente tramado e, com ele, o pensamento convencionalmente *falado*, num tonel de sua própria fabricação – ou posto uma tira daquele pensamento, rasgada da textura monótona, desbotada e gasta da própria linguagem, o caldeirão borbulhante de sua própria mente a fim de tingi-lo de azul ou escarlate, uma nova cor para o velho tecido cinzento, um resto de pensamento, até mesmo um trapo jogado fora que a partir de então se tornaria uma flâmula, um estandarte, um *signo* de novo, para indicar uma direção ou, tremulante no alto de um mastro, liderar um exército.

E, por outro lado, quando ele disse *ela é perfeita*, não queria dizer somente que a pequena estátua de bronze era um símbolo perfeito, feito à imagem do homem (no caso, da mulher), para ser venerada como uma projeção do pensamento abstrato. Palas Atena, nascida sem mãe humana ou mesmo divina, saltou plenamente armada da cabeça de seu pai, Zeus, Theus, ou Deus; ele queria dizer também que essa pequena peça de metal que você segura em sua mão (olhe para ela) é inestimável, é *perfeita*, um prêmio, uma descoberta do melhor período da arte grega, o período clássico em sua expressão mais concreta, antes que ficasse pesada com adornos externos e detalhes ornamentais. Trata-se de um espécime perfeito de arte grega, produzido no momento em que a abstração arcaica se tornou humanizada, mas não ainda super-humanizada.

"Ela é perfeita", disse ele e queria dizer que a imagem era do período clássico tradicional, o de Péricles ou imediatamente anterior; ele queria dizer que não havia arranhão ou defeito, nenhuma lasca na superfície ou mancha no metal, nenhuma dobra do peplo avariada ou desgastada. Ele falava como um ardente amante de arte e colecionador. Falava num duplo sentido, é verdade, mas falava de valor, o valor intrínseco real da peça; tal como um judeu, avaliava seu valor; o sangue de Abraão, Isaac e Jacó corria em suas veias. Ele conhecia sua libra[17] material, sua libra de carne, se quiserem, mas essa libra de carne era uma *libra de espírito* entre nós, algo tangível, a ser pesado e medido, a ser pesado na balança e – queira Deus – não se mostrar insuficiente!

53

Ele havia dito, ele ousara dizer que o sonho tinha seu valor e importância em termos

traduzíveis, não meramente o sonho de um faraó ou mordomo de faraó, não meramente o sonho do filho favorito de Israel, não meramente o sonho de José ou de Jacó de uma escada simbólica, não somente o sonho da Sibila de Cumas da Itália ou da sacerdotisa de Delfos na Grécia antiga, mas o sonho de todo mundo, em toda parte. Ele ousara dizer que o sonho vinha de uma profundeza inexplorada da consciência do homem e que essa profundeza inexplorada corria como um grande rio ou oceano subterrâneo, e a vasta profundeza desse oceano era a mesma vasta profundeza que hoje, como no tempo de José, ao transbordar na pequena consciência humana, produziu inspiração, loucura, ideias criativas, ou os resíduos dos sintomas mais temíveis de agitação ou doença mental. Ele ousara dizer que esse era o mesmo oceano da consciência universal, e mesmo que não declarado em tantas palavras, ele ousara deixar implícito que essa consciência proclamava que todos os homens são um; todas as nações e raças se encontravam no mundo universal do sonho; e ele ousara dizer que o símbolo do sonho podia ser interpretado; sua linguagem, suas imagens eram comuns a toda a espécie, não somente dos vivos mas também daqueles mortos há dez mil anos. A escrita da imagem, o hieroglifo do sonho, era a "propriedade comum de toda a espécie; no sonho, o homem, como no princípio dos tempos, falava uma língua universal, e o homem, encontrando-se na compreensão universal do inconsciente ou do subconsciente, renunciaria às barreiras do tempo e espaço, e o homem, o homem compreensivo, salvaria a humanidade.

54

Com precisa sensibilidade judaica para o particular no geral, para o pessoal no impessoal ou universal, para o *material* no abstrato, ele ousara mergulhar na profundeza inexplorada, primeiramente de seu próprio ser inconsciente ou subconsciente. Dali, ele desenterrou, como amostras de suas teorias, seus próprios sonhos, expondo-os como descobertas sérias, fatos, com causa e efeito, início e fim, sempre mostrando a partir da sequência de sonho mais trivial o poderoso impacto dramático que o projetava. Ele tomava os eventos do dia anterior à noite do sonho, o dia do sonho, como o chamava; ele desenredava da mistura das condições e dos contatos das coisas comuns da vida o fio específico que tecia seu comprimento através da substância da mente, a mente *enterrada*, a mente dormente, o inconsciente ou subconsciente. O fio tão ansiosamente identificado como parte do padrão, parte de alguma coisa comum ou intricada, ou íntima da vida acordada, seria mais provavelmente perdido no momento exato em que, identificado, mostrasse sua substância onírica tremeluzente ou opaca. A mente dormente não era una, nem toda igualmente dormente; parte do inconsciente se tornaria consciente no momento menos esperado; essa parte da mente sonhadora que armava armadilhas ou enganava o observador ou batia portas para a cena, ou para a tapeçaria da sequência onírica que se desenredava, ele a chamava de Censor; era o guardião dos portões do mundo subterrâneo, como o cão Cérbero, guardião do Inferno.

Na matéria do sonh
primeiros leitores
mesmo ou seu cresc
interessante narrati
respeito a *ele mes*
oráculo de Delfos
conhecer a si mesm
a ti mesmo, dizia o
de revelações íntim
mesmo, expor o c
médicos, psicólogo
tornou seu próprio
e escárnio generaliz

Talvez ele risse da
sorriso, embora s
abobadada (com a
reveladores. Seus c
olhos tristes. Se nu
todas as portas de
vezes, caía entre
insuportável, rompi
pergunta: O que eu
de sua mulher havia
em algum momento
recentes dos Estado

Eu teria tomado
que as areias de sua
teria me esgueirad
implorado a um Se
algo diferente.) Eu
quanto eu desejava
mesmo trinta restar
"aquelas duas lá na
H.D. no lugar de S

Advento

Advento

1

2 de março de 1933

Eu chorei demais… fui ao velho restaurante de madeira com pinturas, como os quadros que minha mãe fazia, cenas suíças, montanhas, chalé a meio caminho da colina, torrente sob uma ponte. Tal como na sequência dela, aqui também havia várias cenas de neve de meados da era vitoriana. As velhas gravuras das serrarias, o rio Lehigh, casa de verão com treliça, parque do Seminário onde o pai dela foi diretor por muitos anos, sugerem um quase parentesco com esses óleos desgastados. Há alguns estudos de natureza-morta, maçãs com uma jarra marrom e as costumeiras peônias duplas enfeixadas com um talo de esporinhas azuis, como vemos nas galerias, mas esses quadros são despretensiosos ou familiares, sem valor intrínseco.

Minha mãe e eu visitamos um lugarejo austríaco, parecido com essas imagens; foi no início do verão de 1913, depois que deixamos a Itália. Meu pai havia retornado aos Estados Unidos, disse ele, "para comprar um par de sapatos". Havia uma representação da Paixão; lembro de minha mãe, em uma ponte de madeira, conversando com uma das mulheres do lugar que disse que Judas era o pescador. Minha mãe falava alemão perfeito. Ficamos numa hospedaria; tudo o que eu lembro é a garçonete me chamando de *Backfisch* [mocinha] e nosso encantamento com estampas coloridas emolduradas do velho imperador austríaco e a imperatriz num vestido decotado azul com pérolas. Provavelmente era Innsbruck. No lugarejo – eu não lembro seu nome – aceitavam visitantes em suas próprias casas, cabanas de madeira ou chalés (como estes nas pinturas desgastadas), e havia uma sensação um tanto opressiva do Cristo entalhado em madeira nas esquinas da aldeia e na entrada da velha ponte.

Atravessei sozinha a ponte mas não fui longe. A floresta parecia ameaçadora.

Na época do Natal, havia cervos no musgo sob a árvore. Nosso avô fez ovelhas de barro para nós.

Eu chorei demais… não sei do que lembrei: o sofrimento com as enfermeiras frias, parecidas com freiras, na época de minha primeira internação em Londres na primavera de 1945; o choque do *Lusitania* afundando logo antes da criança natimorta; medo de me afogar; homens jovens em bancos de parque com uniformes azuis de hospital; os

sentimentos de meu pai contra a guerra e sua violenta *volte-face*[1] em 1918; meu casamento rompido; um curto período com amigos na Cornualha, em 1918; o telescópio de meu pai, o microscópio de meu avô. Se eu me deixar levar (eu, esta gota única, este ego sob o microscópio-telescópio de Sigmund Freud), receio me dissolver totalmente.

Eu tive o que Bryher chamou de a experiência da "medusa" de ego duplo; redoma ou semiglobo de vidro transparente sobre minha cabeça como um sino de mergulhador e outro que se formava a partir de meus pés, estive assim envolvida, por um curto tempo, em St. Mary's, ilhas Scilly, julho de 1918, protegida ou isolada do desastre da guerra. Mas eu não podia ficar na redoma; rematerializei-me e Bryher me levou para a Grécia na primavera de 1920.

Meu irmão mais velho e eu pegamos a lente de aumento de nosso pai, e ele me mostrou como "queimar papel". Nosso pai nos deteve porque ele achou perigoso "brincar com fogo".

Quando eu disse ao Professor Freud que me casei em 1913, ele disse "ah, vinte anos atrás".

Sigmund Freud é como um curador num museu, cercado por sua inestimável coleção de tesouros gregos, egípcios e chineses; ele é "Lázaro, ergue-te"; ele é como D.H. Lawrence, envelhecido mas amadurecido e de percepção astuta. Suas mãos são sensíveis e frágeis. Ele é a parteira da alma. E mesmo é a alma. O pensar nele golpeia em minha testa, como uma mariposa-caveira; ele não é a esfinge, mas a mariposa-esfinge, a borboleta-caveira.

Não é de admirar que eu esteja assustada. Deixo a morte entrar pela janela. Se não deixo o intelecto vidro-de-janela-fino-como-gelo proteger minha alma ou minhas emoções, deixo a morte entrar.

Mas talvez eu venha a ser tratada com um medicamento psíquico, levarei de sua caverna uma ampola preciosa sem nome. Talvez eu aprenda o segredo, ser sacerdotisa com poder sobre a vida e a morte.

Ele bateu no meu travesseiro, ou no suporte para cabeça do velho divã em que me deito. Ele estava aborrecido comigo. Sua pequena chow-chow Yofi senta aos seus pés. Fazemos um ciclo ou círculo antigo, sábio, mulher, leoa (como ele chama sua chow-chow)!

Ele é um judeu; como o último Profeta, ele iria romper a velha lei do Levítico: morte por apedrejamento para o vagabundo, e punição inimaginável para o fora da lei. A velha lei vitoriana é dura; Havelock Ellis e Sigmund Freud amenizaram-na para minha geração.

Kenneth Macpherson me chamava de "anjo registrador". Tentarei registrar o grão na maçã pintada, na cesta pintada, que pende à esquerda do guarda-louça de madeira, diretamente na linha do meu olhar, quando ergo os olhos de meu caderno de notas. O quadro está escurecido pela fumaça e a umidade de inverno, mas deve haver sementes pretas nas maçãs pintadas, deve haver vinho branco na jarra pintada. Eu queria pintar como minha mãe, embora ela risse dos seus quadros que admirávamos tanto.

Meu pai saiu para fora da casa; as estrelas o comandavam. As almas humanas comandam em Sigmund Freud.

Em Corfu, primavera de 1920, entre minhas muitas fantasias, imaginei que uma figura se aproximava vestida com saco de aniagem; sua aparência não era a do Messias convencional, embora suas palavras me fizessem pensar que ele era o Cristo. Ele disse: "Você foi outrora boa para uma pessoa de meu povo." Para quem fui boa?

Havia um judeu russo-americano, John Cournos ou Ivan Ivanovitch Korshun, como ele disse que era seu nome. Não creio que Korshun seja a grafia correta, mas ele o pronunciava assim e, tanto quanto me lembro, ele disse que Korshun significava falcão.

Havia um outro, um tal de sr. Brashaer, famoso fabricante de lentes que fez as lentes do telescópio Zenith de meu pai. Seriam essas as lentes que eu imaginava na ilhas Scilly, ou as duas lentes convexas que eu chamava de redomas?

Voltei de Égina, da viagem helênica da primavera de 1932. Minha filha estava comigo; tinha apenas treze anos. Voltei do Egito, 1923, na época das escavações de Tutankhamon; voltei das ilhas jônicas em 1920.

Vi o mundo através de minhas lentes duplas; parecia que tudo havia quebrado exceto elas. Observava flocos de neve através de uma vidraça de aumento.

Quem era aquele para quem eu fora boa? O sr. Brashaer era baixo, moreno, vívido. Era um famoso fabricante de lentes, o mais famoso nos Estados Unidos, talvez o mais famoso do mundo. Ela é pequeno em minha imaginação, essa pessoa para quem fui boa. Seria esse o *homunculus* mágico dos alquimistas?

2

Freud levou-me à outra sala e me mostrou as coisas que estavam sobre sua mesa. Pegou o Vishnu de marfim com as serpentes eretas e encimado por cabeças de cobra e o pôs em minhas mãos. Ele escolheu uma Atena minúscula próximo do final do semicírculo, ele disse: "Essa é a minha preferida." O Vishnu ficava no centro e as estátuas dispostas de ambos os lados; há, em algum lugar, uma gravura do Professor sentado à sua escrivaninha, atrás ou dentro do círculo. Ele abriu a vitrine encostada na parede e exibiu seus tesouros, anéis antigos.

Falamos de honorários; ele disse: "Não se preocupe com isso, isso é problema meu." E continuou: "Quero que se sinta em casa." Depois, ele disse que achava minha voz "delicada" e acrescentou, como se pudesse haver perigo de eu deixar outros assuntos se intrometerem: "Eu tenho, afinal, 77 anos."

Descobri que não era tão tímida. Falei-lhe da srta. Chadwick e de como eu havia sofrido durante minhas sessões preliminares com ela, primavera de 1931. Eu queria reunir deliberadamente todas as lembranças tristes em meu esforço para chegar à verdade. Ele disse: "Só sabemos depois o que é importante e o que não é importante."

Ele disse: “Devemos ser imparciais, jogar limpo conosco.”

Contei-lhe como a primeira impressão de sua sala me havia oprimido e perturbado. Eu não esperava encontrá-lo cercado por aqueles tesouros, em um museu, um templo. Falamos do Egito. Falei da areia amarela, do céu azul, dos escaravelhos. Depois eu disse que o Egito era uma série de ilustrações vivas da Bíblia e contei-lhe de meu encanto com a nossa de Gustave Doré, quando criança.

Ele disse como eu havia sido afortunada ao descobrir a realidade “sobreposta” (palavra dele) às imagens.

Eu lhe falara em minhas últimas sessões da princesa e do bebê no cesto.

Ele me perguntou de novo se eu era Miriam ou havia visto Miriam, e se eu pensei que a princesa era realmente minha mãe.

Ele disse que um sonho mostrava às vezes um “ângulo”, mas eu argumentei que esse sonho era uma finalidade, um absoluto, ou uma síntese. Tampouco eu era, como ele havia sugerido da primeira vez, o bebê, o “fundador de uma religião nova”. Obviamente era ele, aquela luz vinda do Egito.

Mas é verdade que brincamos de quatro cantinhos, encontramos um ou outro ângulo ou vemos coisas de diferentes cantos ou lados de uma sala. Sim, nós brincamos de esconde-esconde, caça ao chinelo, e caça ao dedal e paciente e meticulosamente encaixamos juntos as peças de nosso quebra-cabeça. Soletramos palavras de cabeça para baixo e de trás para diante e de través, para nossas palavras cruzadas, e depois fugimos de novo e nos escondemos no porão, no sótão ou no closet de nossa mãe. Fazemos charadas magníficas.

Mas o Professor insistiu que eu queria ser Moisés; eu não queria ser somente um menino, queria ser um herói. Ele sugeriu-me a leitura de *Der Mythus von der Geburt des Helden* [*O mito do nascimento do herói*] de Otto Rank.

3 de março, sexta-feira

Lembrando de Vishnu, penso que o marfim é como um meio lírio.

Não sei se o lírio branco era fantasia, sonho, ou realidade.

Eu estava olhando através do gradil de ferro do jardim, cercada por uma multidão de meninos de idades variadas, irmãos, sem dúvida, primos menores e moleques vizinhos.

Um homem muito velho, alto e velho, passeia no jardim. Com ele, há uma edição mais jovem dele mesmo, mas o homem jovem e alto é o jardineiro.

O avô, padrinho, deus-pai vê as crianças. Ele as chama à cerca de ferro. Ele as examina. Mas somente *uma* é escolhida.

A menina muito pequena cambaleia para a frente, triunfante, tímida mas corajosa. Ela atravessa o limiar. Chega à trilha do jardim. É um jardim “verdadeiro”, com trilha de

areia como o jardim de nosso avô; mas é confinado; não é um jardim muito grande, é mais parecido com uma longa sala sem teto entre as paredes da casa. Há árvores no jardim, árvores comuns, árvores reais.

Naquela época, ela só consegue distinguir as árvores por seus frutos ou flores. Mas são árvores comuns, no tempo comum das folhas de verão.

O velho senhor diz que ela deve escolher o que quer. Na verdade, não há canteiro de amor-perfeito de onde "colher" e nenhuma fruta nas árvores. Mas ela deve escolher o que quer.

Ela vê o que ela quer. É a única flor nesse jardim?

Não é uma flor que ela escolheria, pois jamais teria permissão para escolhê-la. É um lírio-branco que cresce junto à trilha.

Ela aponta para ele, espantada com sua audácia.

O jardineiro desafivela uma faca, corta a flor para ela.

Mas isso é bastante aflitivo; o que se faz com um enorme lírio-branco? Ela corre pela rua agora vazia até a porta da frente de sua casa, na Church Street.

Entra correndo na sala de estar ou de visitas da frente. Parece mais vazia do que o usual, com a luz caindo das janelas aparentemente sem cortinas. Lá está mamãe costurando, lá está Mamalie costurando.

Meu lírio-branco!

"Ah", diz mamãe ou diz Mamalie (nossa avó), "isso ficará lindo no novo túmulo de seu avô."

Ela está sozinha em Nisky Hill, onde seu avô foi recentemente sepultado. Há somente esse monte de terra único, como um canteiro. Ela "planta" o lírio.

Obviamente, essa é minha herança. Derivo minhas faculdades imaginativas de minha mãe artista-musicista, da mãe dela em parte celta, do avô de extração inglesa e europeia central. Meu pai era Nova Inglaterra pura, um pioneiro que foi para Indiana, que retornou "de volta ao leste". Meu pai está aqui também, mas dissolvido ou decomposto no "outro avô", que nunca conhecemos. O pai de minha mãe foi a primeira pessoa "morta" que conheci. Na época, eu não associava realmente o padrinho ou deus-pai com uma personalidade reconhecível. Ele é um estranho. Ele é um general do velho Sul. Mais tarde, pergunto à minha mãe para onde ele foi. Mas não existe essa pessoa, nenhum general do velho Sul, nenhuma casa com um jardim estreito entre paredes, ela diz, na Church Street. Ela conhece todo mundo na Church Street.

Não aceito isso, mas não consigo encontrar a casa, em frente ao que fora o colégio; eles estão demolindo o colégio e construindo novos edifícios, mas de qualquer modo, a casa do velho padrinho era do outro lado da rua. Não faz muito sentido, mas é somente depois, muito tempo depois, que descubro isso.

As árvores estavam copadas. Ele me dá um lírio-branco. Os lírios-brancos florescem na época da Páscoa, primavera ou início da primavera; as árvores, são árvores frondosas, do verão. Mas pior do que isso. Foi depois que ele lhe deu o lírio, somente

um ou dois dias depois, que ele mandou seu trenó. É um trenó lindo com sinos. O jardineiro é o cocheiro. Há um tapete grosso de pele. Dirigimos pela neve sem marcas: não há ninguém nas ruas.

Ele mandou uma mensagem pelo cocheiro. Disse que mandou o trenó por causa da menininha. "Quando ele virá de novo?", perguntei à minha mãe. É inverno, verão? "Por que – o quê?" "O trenó, é claro, ele disse que o mandaria sempre que eu quisesse, é para você e eu e Gilbert e Harold, mas ele disse que era por minha causa que podíamos todos andar em seu trenó."

Estávamos todos enfiados juntos sob o tapete de pele.

Mas ninguém nos havia mandado um trenó, minha mãe me contou.

De qualquer modo, as estações estão todas erradas.

Em Corfu, alguém colocou dois lírios-brancos e uma tulipa vermelha sobre minha mesa. Bryher provavelmente. Mas parecia haver mistério naquilo. Não perguntei a Bryher sobre isso. Eu aprendera havia muito tempo a não investigar muito a fundo o mistério.

O Vishnu de marfim está sentado ereto sob seu dossel de serpentes, como a espádice de um copo-de-leite, ou de um nabo-selvagem.

Meu avô era o nabo-selvagem, um pastor ou clérigo.

A Church Street [rua da Igreja] era nossa rua, a Igreja era nossa Igreja. Foi fundada pelo conde Zinzendorf, que chamou nossa cidade de Bethlehem [Belém].

As pessoas contam coisas para a gente, e outras crianças riem da ignorância da gente. "Mas Jesus não nasceu *aqui*."

Isso pode ser verdade. Não vamos discutir a questão. Somente depois de uns quarenta anos, a enfrentamos. "Não sei se sonhei isso ou se simplesmente imaginei isso, ou se depois imaginei que sonhei isso." "Não importa", ele disse, "se você sonhou ou imaginou ou se simplesmente inventou isso, esse momento. Não acho que você falsificaria deliberadamente suas descobertas. O importante é que isso mostra a tendência de sua fantasia ou imaginação."

Ele continua: "Você nasceu em Belém? É inevitável que o mito cristão" – ele fez uma pausa. "Isso não a ofende?" "Me ofender?" "O fato de eu falar de sua religião em termos de mito", ele disse. Eu disse: "Como poderia me ofender?" "Belém é a cidade de Maria", ele disse.

3

4 de março

Eu estava com frio e achei difícil começar. Continuei a falar das imagens de Doré, do bebê morto no *Julgamento de Salomão*. Falei-lhe dos túmulos de minhas duas irmãs.

Nunca conheci essas irmãs; uma delas era meia-irmã e pertencia realmente ao grupo dos dois meio-irmãos crescidos, Eric e Alfred. A mãe deles estava lá também. Continuamos com a fantasia do lírio. O homem velho, ele disse, era obviamente Deus.

O lírio era o lírio da Anunciação. Eu disse que fora o Vishnu de marfim que me fizera contar a história. Ele me perguntou sobre minha primeira formação religiosa. Eu disse que não foi rígida, não éramos punidos com frequência. Lembrava-me, no entanto, de terríveis compulsões ou premonições de punição. O inferno das histórias da Bíblia parecia um lugar real. Mas não falei disso. Passei a contar-lhe sobre nossas velas de Natal.

"Uma atmosfera…", ele disse.

Ele disse: "Não há símbolo mais significativo do que uma vela acesa. Você diz que lembra do serviço religioso de seu avô na véspera do Natal? Além dos meninos, as meninas tinham velas?" Parecia esquisito que ele perguntasse aquilo.

Sigmund Freud levantou-se de sua cadeira atrás do divã, se aproximou e ficou de pé ao meu lado. Ele disse: "Se todas as crianças ganhassem uma vela acesa, como você diz que ganhavam no serviço de véspera de Natal de seu avô, pela graça de Deus, não teríamos mais problemas… Esse é o verdadeiro coração de toda religião."

Mais tarde, em casa, na cama, fiquei aflita e assustada, pensando em todas as coisas que queria, ou antes, me sentia impelida a lhe contar. Penso em Sigmund Freud como nesse pequeno papai, Papalie, o avô. Falando meio dormindo para mim mesma, ou antes para o Professor, percebo que estou usando o ritmo ou linguagem que uso somente para gatos e crianças. Há o gato de minha filha, Peter, que, conforme ela me diz, "deixei para você em meu testamento".

"É um gato velho, muito velho", digo, falando para o Professor, e depois me ocorre que o movimento súbito de seu cotovelo quando me chama de sua sala de espera para o consultório é como o bater angular da asa de uma ave. Ando observando ultimamente esses grandes corvos ou gralhas aqui nos jardins ao lado da Ringstrasse.

Sim, há uma finalidade singular na sua observação mínima, seu gesto mais insignificante. Lá está Palas Atena sobre sua escrivaninha, para além da porta dupla, conduzindo do consultório para o santuário interior. "Logo acima da porta de meu quarto"[2] – estava um busto de Palas, se não me engano, no *Corvo* de Poe. Há um mistério do tipo "disse-o-Corvo" em relação a cada declaração sua, embora ele pareça mais encolher-se do que empoleirar-se, mais como uma velha coruja, *hibou sacré*, no canto atrás do divã.

Lembro de um presente especial de meu pai: dessa vez o presente não é de Papalie. O infeliz e fascinante animal olhava fixo e olhava fixo para mim, do alto de sua estante de livros. A estante ocupava toda a extensão da parede em frente à sua mesa, ou antes, havia estantes ao longo de todas as paredes que não eram interrompidas por janelas. Eu devo ter sido, com efeito, a filha de heróis e um herói de *Geburt des Helden*, pois lhe

perguntei: “Posso ficar com aquela coruja branca?”

Era uma coruja extremamente grande. Era muito branca. Vivia sob uma redoma, tinha grandes olhos dourados ou âmbar que não piscavam. Lembrei-me subitamente do pelo dourado da pequena leoa Yofi. Se meu avô me deu uma vela acesa, meu pai me deu uma coruja-das-neves.

É verdade que havia uma restrição nesse milagre, como acontece com tanta frequência num verdadeiro conto de fadas. Sim, a coruja era minha; era minha para sempre, ele não pediria que eu a devolvesse. Certo dia, ele havia repreendido um de nós por ser um “presenteador-índio”. Alguém, precipitadamente, deu um saco de bolas de gude, uma corneta cocoricó (um galo de *papier mâché* cuja cabeça era como uma máscara de Halloween), ou o Joey do espetáculo de marionetes *Punch and Judy*. Embora os bonecos tenham sido divididos individualmente, o “espetáculo” era propriedade comum. Houve um desentendimento com algum presente. “O que é um presenteador-índio?” “É alguém que dá uma coisa e depois a pede de volta.” Mas ele não era um presenteador-índio. Eu poderia ficar com a coruja-das-neves.

Havia, no entanto, essa condição. Eu falara ao Professor da coruja-das-neves. Contei-lhe que havia uma condição, e fiz uma pausa para enfatizar o drama.

Mas isso talvez seja um truque velho.

O Professor disse antes que eu tivesse tempo para lhe contar. “Ah – sim – ele lhe deu a coruja com a condição de que ficasse onde estava.”

Mas enquanto repouso aqui, em minha confortável cama, no hotel Regina, continuo meu devaneio. Não estou me preparando para a sessão de amanhã. Estou simplesmente continuando a de hoje. Por algum curioso capricho da sorte, um jardineiro me trouxe a ponta de um cacto para plantar num vaso, em areia e seixos. “Não regue, ele crescerá melhor, direto no sol; tenho uma planta enorme, uma árvore, na verdade”, ele me contou. O jardineiro explicou que havia cultivado seu enorme cacto a partir de uma ponta como a que me trouxe. Eu estava orgulhosa de meu cacto e o mudei para o sol. Ele cresceria e se transformaria em árvore.

Não era realmente justo.

Meu pedaço de três polegadas de fibra dura de cacto começou a brilhar, ele não cresceu, ele simplesmente abriu uma flor enorme. Era como um nenúfar vermelho. Suas pétalas eram suaves e frias, embora devessem estar flamejantes. Bem, talvez estivessem. Achei que o jardineiro ficaria muito contente. Ele disse: “Tenho minha planta há anos e nenhum sinal de flor.”

Não era justo.

Não havia rivalidade em relação à borboleta, mas aquilo também não era justo. Por algum motivo, uma lagarta gigante havia escolhido um talo frágil do meu canteiro do jardim para se instalar. Talvez os pacotes de nossas “sementes baratas” tivessem sido mal-peneirados ou misturados e algum exótico estranho tivesse ficado entre elas. Mas como a lagarta entrou? Havia apenas uma das plantas nicotianas. Tirei o talo e o pus com

o resto de folhas de tabaco, e pus o casulo onde achei que seria mais seguro, no alto da estante de livros de meu pai. A coruja estava numa ponta, na outra estava o crânio indígena, pelo menos era assim que o chamávamos. Havia sido desenterrado ou arrancado pelo arado por ele ou seu pai quando nosso pai era um menino em Indiana.

Sei que estou na cama no hotel Regina, Freiheitsplatz, Viena. Sei que estamos no dia 4 de março de 1933. Não tenho certeza, mas acho que é o dia do aniversário de meu pai. Ele nunca quis um "aniversário" em nossa casa, isso parecia a cada duas semanas marcar alguma festividade no Livro de Aniversários de mamãe ou Mamalie. Acho que é o aniversário de meu pai. Ele era mais jovem do que o Professor quando morreu, então talvez seja natural, de uma forma ou outra, dar ao Professor o papel de grande avô embora ele seja papaizinho ou Papalie.

Se eu contar para o Professor sobre o cacto *e* a borboleta, ele pensará que inventei um ou outra, ou ambos.

Como digo, não foi muito justo, pois eu tivera uma pequena controvérsia com expertos amadores, embora eu não soubesse o nome de nenhuma borboleta. A coisa que eclodiu era uma mariposa. Era exótica e enorme. Era literalmente do tamanho de um pássaro não muito pequeno. Ela se arrastou ou adejou por todo o comprimento da prateleira mais alta e se instalou no crânio indígena que meu pai ou meu avô havia desenterrado ou arrancado com arado quando meu pai era um menino em Indiana.

Meu pai e eu concordamos que não havia nada a fazer senão abrir as janelas e esperar que ela voasse para fora.

Há uma lâmpada de cabeceira, na mesinha à altura de meu cotovelo. Há, eu me lembro, um delicado abajur rosa suave. Se eu acender a luz, verei todas as cortinas verdes, a confortável poltrona estofada de verde, uma penteadeira de tampo de vidro e a mesa comum com meus livros e papéis.

Terei de acender a luz em breve, pois meus olhos, fixos na escuridão, se perguntam se eu não cruzei de novo o limiar. Não, tenho certeza em relação ao cacto. Não estou muito segura a respeito da borboleta.

Eu estava errada sobre a borboleta. Não rompi um casulo pesado, mas peguei a enorme lagarta verde junto com o talo da flor de tabaco e coloquei o talo e a lagarta numa caixa de papelão. Fiz furos na caixa? Havia algum tipo de ventilação. Aquela era a minha lagarta.

Na caixa, entre as folhas verdes novas de tabaco, e a velhas folhas marrons de tabaco, ela teceu seu enorme casulo.

Como ela saiu da caixa? Eu a ouvi arranhar?

Ela adejou e bateu as asas contra a caixa?

Como consegui pôr a caixa de papelão no topo da estante alta? Subi numa cadeira? Eu não era suficientemente alta para alcançar a última prateleira, mesmo com uma cadeira.

Será que inventei tudo isso? Sonhei com isso? E se sonhei, sonhei há quarenta anos, ou sonhei na noite passada?

Foi a enorme lagarta verde que juntei com a nicotiana florescente.

Eu estou errada a respeito do aniversário de meu pai. O aniversário de meu pai é em novembro.

Por que eu disse que hoje, 4 de março, é o aniversário de meu pai?

4

Hibou sacré! Perguntei-lhe como estava e ele deu um sorriso enrugado, encantador, que me lembrou D.H. Lawrence. Ele me contou (em francês) como a mãe de Napoleão costumava dizer, mesmo no auge da fama de seu filho, "está tudo bem, desde que dure". Falei do último ano da guerra. Ele disse que tinha motivo para lembrar a epidemia, pois perdera sua filha predileta. "Ela está aqui", ele disse, e me mostrou um pequeno medalhão que trazia consigo, preso à sua corrente de relógio. Ela havia morrido da epidemia em Hamburgo, mas o bebê que acabara de ter sobrevivera. Lembrei-me do dr. Sachs falando dessa moça, "a linda Sophie".

Assim a linda Sophie morreu, tendo seu bebê mais ou menos na mesma época em que eu tinha o meu, no início da primavera de 1919. Eu tive a mesma gripe espanhola, e embora fosse do conhecimento geral que em nenhum caso mãe e criança sobreviviam ambas à doença, eu fui a exceção milagrosa. Não foi o bebê, nem minha condição física crítica que causou o colapso final.

Mas havia tanto a contar. Evitei os reais detalhes de minha desolação e contei ao Professor como Havelock Ellis havia sido gentil comigo quando o visitei em seu apartamento em Brixton, um pouco antes do nascimento de minha filha. Eu escrevera ao dr. Ellis, embora Daphne Bax, que havia conseguido uma casa para eu ficar perto dela, em Buckinghamshire, tentasse me dissuadir da ideia de me encontrar com Havelock Ellis, a quem eu admirava muito. A sra. Ellis tivera uma casa em Buckinghamshire por um tempo, perto de Daphne. Daphne disse: "Ah, Havelock – ninguém consegue se encontrar com Havelock. Ele é distante, vive isolado, um recluso, um titã, um gigante." Talvez, ao dar essas coisas por certas, Daphne tenha me instigado a me aproximar desse titã. Recebi um bilhete cortês em resposta à carta que lhe enviei e quando fiz outra viagem de Princes Risborough a Londres, fui ver esse titã. Ele serviu chá da China, com um prato de nozes pecãs e amendoins salgados. Havia um charme inesperado e autenticidade em seu décor artístico. Usava um paletó de smoking de veludo marrom e me mostrou alguns de seus tesouros, um Buda que seu pai, um capitão do mar, havia trazido da China, uma cópia de um famoso busto dele mesmo feito por – esqueço o nome. Havia muitas fotografias autografadas de gente que eu nunca conhecera mas ouvira falar; Walt Whitman, entre outros, observava da parede. Havia cigarros russos e o dr. Ellis serviu limão com o chá,

à maneira russa ou americana. Continuei contando para o Professor sobre a impressão que o dr. Ellis causou em mim; eu esperava encontrar um cientista distante, reservado e muito criticado, e encontrei o artista. Sigmund Freud disse: "Ah, você conta tudo isso tão lindamente."

O dr. Ellis estava em minhas fantasias quando fui, em julho de 1919, com Bryher para as ilhas Scilly. Ele conhecia a Cornualha e já morara lá de vez em quando, por muitos anos em "retiro", como teria dito Daphne, trabalhando em seus famosos livros. As ilhas Scilly, no fluxo da corrente do Golfo, sugeriram o Mediterrâneo para mim. Havia grandes pássaros; eles se empoleiravam lá em "retiro", em certas estações, vindo tanto das zonas tropicais como do Ártico. Foi ali, naquele momento que tive minha experiência de "medusa", como Bryher a chamou. Havia palmeiras, flores-de-coral, mesembriântemos, abertos como nenúfares ao longo das paredes cinzentas; o tipo de folha fibrosa subaquática e essas flores marinhas abertas nos davam a impressão de estarmos submersos.

Estávamos no pequeno quarto que Bryher havia alugado para nosso estúdio quando senti o impulso de "deixar-me ir" numa espécie de balão, ou sino de mergulho, como expliquei, que parecia pairar acima de mim. Havia um aparador antiquado e eu lembro de ter pensado: "Preciso realmente pedir outra jarra para pôr essas flores." Haviam enfiado um grande ramalhete de copos-de-leite apertados num pote de geleia. Dois ou três talos teriam sido mais efetivos, com umas poucas daquelas folhas em formato de lança. Havia uma gravura do inevitável *Stag at Bay* [Cervo acuado] de Landseer sobre a lareira, protegida agora com um franzido ou leque de papel vermelho. Quando tentei explicar isso a Bryher e lhe disse que poderia ser algo sinistro ou perigoso, ela disse: "Não, não, é a coisa mais maravilhosa que já ouvi. Deixe acontecer."

Tentei escrever um relato dessa singular aventura, *Notas sobre pensamento e visão*. Expliquei a Bryher que havia um segundo globo ou redoma subindo como se viesse de meus pés. Eu estava envolvida. Sentia que estava segura mas vendo as coisas como que através de água. Sentia o globo duplo ir e vir e eu poderia tê-lo rejeitado de imediato, e provavelmente o teria feito se estivesse sozinha. Mas aquilo não teria acontecido, imagino, se eu estivesse sozinha. Era o fato de estar com Bryher que projetava a fantasia, e durante todo o tempo eu pensava que isso seria um dado psicológico interessante para o dr. Havelock Ellis.

Quando retornei a Londres, mandei minhas *Notas* para o dr. Ellis. Achei que ele se interessaria muito. Mas ele não se mostrou acolhedor, ou então não entendeu ou talvez tenha pensado que fosse um sinal de perigo.

O dr. Ellis não compreendeu, mas o Professor compreendeu perfeitamente.

Quando eu estava saindo, o Professor me perguntou: "Você está solitária?" Eu disse: "Oh, não."

Não, eu não estava sozinha. Havia museus, galerias, as caminhadas no *Stadtpark*, as

visitas a igrejas antigas. Eu escrevinhava em meu diário e folheava revistas e livros enviados para mim de Londres e dos Estados Unidos. Não me ocorreu, até estar de volta em minha cama, que eu havia omitido de contar ao Professor a história da lagarta que tanto me preocupara na noite anterior antes de dormir. Agora, preciso reconstituir o quadro de novo.

Onde parei? Havia um problema em algum lugar. Havia vários problemas, agora eu lembrei. Para começar, me enganara totalmente a respeito do aniversário de meu pai. Por que substituir novembro por março, mas o quatro estava certo; sim, eu tinha certeza de que 4 de novembro era o aniversário de meu pai.

Aquela lagarta? Não, ela não arranharia e bateria com as asas dentro da caixa, pois certamente quando ela tivesse tecido seu casulo eu teria deixado a tampa da caixa aberta de modo geral. Por que essa caixa e essa tampa de caixa? Há aquela velha estampa um tanto terrível na sala de espera do Professor, chamada "Enterrado vivo".

Eu devo ter pegado folhas novas um dia e encontrado a bainha tecida. Mas quanto tempo a lagarta demorou para tecer sua vestimenta elaborada? Por que esqueci da lagarta? Por que eu me lembrei dela?

Lá está ele sobre a minha mesa, aquele último volume que me desagradou tanto. Foi-me enviado de Londres, outra mulher fanática escrevendo sua história de D.H. Lawrence. Lawrence? Foi em março que ele morreu.

Então troquei o aniversário de meu pai pelo dia da morte de D.H. Lawrence.

5

5 de março

Eu disse, no início, que só queria contar a história, era como o *Velho Marinheiro*,[3] mas ele não conhecia ou fingiu não conhecer o poema. Eu havia associado o *Velho Marinheiro* à Bíblia, pois um tio tinha uma edição ilustrada por Doré que abríamos no chão, na casa de minha avó, como fazíamos em casa com nossa própria Bíblia ilustrada, antes de aprendermos a ler. Eu associo Poe e Coleridge em minha sequência, pois ambos eram supostamente viciados em drogas, Poe com suas Lenores e Ushers assombrados, e Coleridge com sua Xanadu, seu Kubla Khan. Aos quinze anos, fui publicamente repreendida na escola da srta. Gordon, em West Philadelphia, porque declarei com firmeza que Edgar Allan Poe era meu preferido entre escritores americanos. A srta. Pitcher, que havia estimulado minhas aspirações literárias, mesmo naquela idade, me disse que Poe não era uma boa influência, ele era "doentio, mórbido".

Hoje, deitada no famoso divã psicanalítico, tenho a sensação de evaporar mentol frio, alguma forma de éter, aplicada em minha testa "mórbida". Para onde quer que minhas fantasias possam me levar agora, tenho um centro, segurança, objetivo. Estou centralizada

ou reorientada aqui, neste misterioso covil de leão ou caverna de tesouros de Aladim.

Eu estou salva, segura; naufragada como o Marinheiro, percebi badaladas da capela do eremita. Há Baudelaire também e suas *Flores do mal*, mas não há maldade em Sigmund Freud. Teu pai repousa a cinco braças, seus ossos hoje são coral, dos olhos, em pérolas seus olhos traças, nada dele acaba afinal, é só mudado pelo mar em algo rico, algo sem par,[4] sussurro em voz baixa, numa daquelas pausas eloquentes, enquanto a fumaça do charuto aromático flutua acima de mim, vinda do nicho atrás de minha cabeça.

Somos pólipos de coral psíquicos? Serviremos uns de base para os outros? Eu (subaquática), nas ilhas de Scilly, estendi um tentáculo? Morri em minha manifestação de pólipo e deixarei um esqueleto coralino se misturar com toda essa grinalda de corais com espírito de miríade ou ilha inteira de coral? Minhas experiências psíquicas eram subaquáticas.

Preciso lembrar de contar para Sigmund Freud o epigrama de Norman Douglas sobre Havelock Ellis: "Ele é um homem caolho no país dos cegos."

Não quero falar hoje. Estou me deixando levar para o mar. Mas eu sei que estou segura, posso voltar a qualquer momento para *terra firma*. Sim, tive um sonho na noite passada, mas as ramificações são muito complicadas. Sonhei que mandei meu livro *Hedylus* para Peter van Eck, que eu conheci no navio indo para Atenas, primavera de 1920. Terei de lhe contar sobre o livro, Hedylus, o poeta alexandrino mencionado na *Grinalda de Meleagro*, e Hedyle, sua mãe.

Terei de lhe contar que Bryher entrou nesse sonho, disfarçada de gato negro numa festa de Halloween, na verdade como Peter, que minha filha diz que deixou para mim em seu testamento, Gato de Botas?

Não, eu não poderia lhe falar sobre *Hedylus*. O que eu lhe havia contado? Eu não lhe contei sobre a lagarta, isso é certo.

Eu estava aborrecida com aquele último livro sobre Lawrence, mas ele me deu aquela data. Era 2 de março, não muito distante do 4, e 2 × 2 é 4, e alguma vez vamos assentar um alicerce de quatro cantos?

Por que assentar um alicerce?

Não fui justa, mas mal podia dar conta de seus romances enormes. Eles não me soavam verdadeiros. Quer dizer, eu não era suscetível à agitação neles. Neles? Ou nos coros das Ménades? Não gosto daquele último livro. Não gostei de nenhum desses livros que saíram depois de sua morte. O que eles sabem de Lawrence?

Eu deveria falar com o Professor sobre Lawrence, mas eu estava particularmente irritada com suas referências arrogantes à psicanálise e, por implicação ou inferência, ao próprio Professor.

O homem que morreu?

Eu não lembro disso, eu não penso nisso. Era somente uma reformulação de sua filosofia, mas veio tarde demais.

Eu não quero dizer isso.

Evitei cuidadosamente chegar a um acordo com Lawrence, o Lawrence de *Mulheres apaixonadas* e *Lady Chatterley*.

Mas havia esse último Lawrence.

Ele não aceitava Sigmund Freud, ou deixava isso implícito em seu ensaio.

Eu não quero pensar em Lawrence.

"Espero nunca mais vê-la", ele escreveu em sua última carta.

Então, após a morte de Lawrence, Stephen Guest trouxe-me o livro e disse: "Lawrence escreveu isto para você."

Lawrence estava preso em seu túmulo; como a gravura da sala de espera, ele estava "Enterrado vivo".

Nós todos estamos enterrados vivos.

A história volta automaticamente quando eu apago a lâmpada de cabeceira.

Parece que não sou capaz de encarar a história à luz do dia.

Sim, foi uma abominação. Eu podia vê-la se contorcendo. "É só uma lagarta." Talvez eu ainda não possa realmente falar. Estou sentada a um passo de uma cadeira de boneca, na varanda da casa. Olho para os largos degraus de madeira. Há uma videira, como a chamamos, e sombras de folhas. Eles estão agachados sob a latada da videira. Eu posso gritar, eu posso chorar. Não é uma coisa que a mente possa assimilar provavelmente. Eles estão pondo sal na lagarta e ela se contorce, enorme como um objeto visto no microscópio, ou que assoma como uma abstração cinematográfica recente.

Não, como eu posso falar sobre a Lagarta crucificada? Andei folheando papéis no café, há histórias recentes de atrocidades. Eu não posso falar sobre a coisa que realmente me preocupa, eu não posso falar com Sigmund Freud em Viena, 1933, sobre atrocidades cometidas contra os judeus em Berlim.

6 de março, segunda-feira

Sonho que Joan e Dorothy estão discutindo. Joan se apropria de algumas caixas e estojos de joias que são meus: ela trata os tesouros de meu sonho como propriedade comum, os espalha sobre a mesa. Eu estou brava com sua apropriação sem cerimônia de meus pertences pessoais. Eu pego uma caixa forrada de veludo vermelho (na realidade Bryher a trouxe para mim de Florença) e digo com veemência: "Você não consegue entender *nada*?" Joan é uma moça alta, somos da mesma altura, desafiamos uma a outra. Eu digo: "Você não entende? Minha *mãe* me deu esta caixa." Aperto a caixa florentina de couro vermelho forrada de veludo vermelho de encontro ao coração. Na realidade, fisicamente, meu coração está sobrecarregado e batendo loucamente pela veemência de minha paixão.

Eu lembro do símbolo da Fênix de D.H. Lawrence e de como eu pensei no Professor

como uma coruja, falcão, ou mariposa-esfinge. Serão substituições da galinha das Escrituras que reúne seus pintos?

Minha filha nasceu no último dia de março com os *narcisos que vêm antes que a andorinha ouse*, do *Conto de inverno*. Richard trouxe-me muitos narcisos, aquele lírio da quaresma inglês.

Eu li *Stars in Their Courses*, de James Jean, e me lembrei de minha amarga decepção quando um jovem tio bem-intencionado me chamou à janela do quarto infantil. Ele disse: "Veja, lá está a Ursa no céu." Eu pisquei diante da janela congelada pelo inverno. Já me haviam mostrado as flores cobertas de geada, como se fossem estrelas, no jardim da infância. Isso me satisfez. Mas ali estava outra maravilha. Olhei e pisquei, mas não havia Ursa para ver. Quando contei isso ao dr. Sachs, ele disse: "Uma criança tão pequena dificilmente registraria essa decepção." Talvez eu tenha explicado mal. Eu estava chocada porque meu tio pudesse me enganar. Com certeza, uma criança pequena sentiria a mágoa, ou o trote, sentiria que um adulto estava pregando uma peça. Eu não sei que tipo de urso eu esperei encontrar lá, mas um urso-branco, um urso-polar, um urso-das-neves não seria impossível, pois existia (e eu sabia disso) Papai Noel com suas renas que passava sobre tetos de nossa cidade na noite de Natal. Nós não o víamos, evidentemente, pois ele gostava de nos dar presentes secretamente. Mas o tio me assegurou que a Ursa estava lá e que me mostraria uma imagem dela.

O Professor me arranjou agora uma manta grossa, para o divã. Ele sempre parece interessado quando lhe conto de minhas descobertas animais e associações com contos de fadas. Ao menos, não fora meu pai que me enganara. O Professor disse que eu não fizera a transferência convencional de mãe para pai, como é comum para uma menina na adolescência. Ele disse que achava que meu pai era um homem frio.

Mas nosso pai nos levou uma noite lá fora na neve e nos trouxe uma caixa de animais. Ele os dividiu depois, como havíamos feito com os fantoches do *Punch and Judy*. Parecia não haver atrito entre nós três, quanto à escolha dos fantoches ou, mais tarde, dos animais. Meu irmão mais velho ficou com o elefante, é claro, eu com o alce, o menor com o urso-polar. Eu teria gostado do urso, mas tivemos a primeira escolha por ordem de idade, depois uma segunda escolha. Eu não me lembro qual foi a nossa segunda e a nossa terceira escolha.

E claro que o menino maior ficou com Punch e eu com Judy e o menor adorava Joey. Isso estava tranquilo. Então Gilbert pegou o policial, é claro, eu fiquei com o sacristão e o menininho com – havia certamente outro boneco, eu sei que a coisa funcionava. Não consigo lembrar do sexto boneco – ou fizemos um acordo e lhe demos Toby, o cão?

O Professor me havia escrito inicialmente que estaria pronto para me ver "no próximo ano, janeiro ou fevereiro". Estamos no próximo ano, mas decidimos esperar, pois ele disse que temia que o "frio de urso polar" pudesse me perturbar. Lembro-me de lhe escrever que eu queria vir em março, qualquer que fosse o tempo. Sim – foi em Londres em março, que recebi dos Estados Unidos a notícia da morte de meu pai, embora

ele deva ter morrido em fevereiro. Minha mãe também morreu em março, mas oito anos mais tarde. Recebi a notícia no primeiro dia de primavera de 1927, no Château de Riant, Territet, onde ela estivera conosco.

De novo eu sinto, deitada neste divã, que uma espécie de fosforescência está evaporando de minha testa e quase posso respirar esse analgésico, esse éter.

Será que me lembro da libertação feliz da dor e dos auspícios afortunados, preditos para minha filha que chegou no equinócio de primavera, e na alta maré do sol, ao meio-dia exatamente?

Certamente a maré alta de suas estrelas trouxe sorte para mim.

Toquei em algumas dessas coisas com o Professor. Não posso classificar o conteúdo vivo de nossas conversas recontando-as de uma maneira lógica ou acadêmica. Como ele disse de meu avô, era "uma atmosfera…".

Não sei por que escolhi como vítimas Joan e Dorothy, duas amigas devotadas em Londres. Quer dizer, devotadas uma à outra; na realidade, eu sou apenas uma conhecida. Será que as associo às minhas tias? A pobre tia Laura ficou tão feliz quando nos visitou na Suíça e minha mãe lhe disse que ela poderia ficar com todas as suas roupas. Joan e Dorothy são substitutas, rivais pelo amor de minha mãe. Não importa quem elas sejam. Estivemos juntas em Florença também. Minhas joias modestas são preciosas para mim, por sua associação, um cordão de safiras-tabaco ou safiras astéria e um bracelete (de uma loja onde outrora Cellini foi mestre prateiro), algumas molduras de couro e antigas edições Tauchnitz em brochura, reencadernadas em papel pergaminho com padrão de lírio-vermelho.

Quando apaguei minha lâmpada de cabeceira, dei-me conta de que poderia ter visto Lawrence lá.

7 de março

Sonho com Havelock Ellis e sua barba branca. Certa vez, falamos sobre as velhas casas públicas inglesas, ou pubs, como as chamam. Continuamos com essa conversa. Não lembro ao que ela levou, mas ele fala sobre as "portas". Finalmente penso em meu sonho: "Ele esqueceu que eu sou uma mulher e não entro em pubs ou bares – os homens evidentemente falam sobre diversos pubs e portas de pubs como essa entre eles." Mas é Havelock Ellis recostado na cama, que tem o papel do inválido ou analisando enquanto eu sento ao seu lado e sou o analista.

Depois Havelock Ellis se torna o analista no lugar do Professor mas, reclinada no divã, eu penso: "Havelock Ellis vai ficar entediado, ele realmente não dá bola para a psicanálise nem sabe muito a respeito dela; como posso esperar que ele se interesse por

mim ou me compreenda?" Parece então que continuamos com a conversa de uma forma comum; ele quer encontrar uma garota francesa "com um sotaque perfeito". Eu digo: "Minha filha tem um sotaque perfeito." Desperto ao perceber que alguém está batendo levemente – uma carta é enfiada por baixo de minha porta.

Fiquei assustada, não quero mencionar sangue para o Professor. Abri a porta da frente, corri para cumprimentar meu pai no escuro e achei sangue em sua cabeça, pingando… Isso foi logo depois que mudamos de Bethlehem para o Flower Observatory, nos arredores de Filadélfia. A causa do acidente de meu pai sempre foi um mistério. Ele pode ter escorregado do velho bonde a vapor ou a locomotiva do trem local pode ter explodido. Não tivemos permissão de ver nosso pai por alguns dias. Ficamos com medo que ele morresse. Quando finalmente entramos em seu quarto, ele estava recostado, como eu havia imaginado Havelock Ellis no sonho, mas seus cabelos e sua barba tinham ficado brancos. Era outro pai, cera-pálido, um fantasma.

Acho que eu tinha dez anos na época. Eu havia "esquecido" isso até começar meu trabalho com a srta. Chadwick.

Eu tinha "esquecido" o acidente de meu pai por 35 anos.

Tento delinear de uma forma distanciada a história de três crianças que encontram seu pai. Qualifico meu terror da morte dizendo: "Entreouvimos o sr. Evans, um dos assistentes de nosso pai no Observatório, dizer que era uma concussão do cérebro." O Professor deixou isso de lado. "Não poderia ter sido uma concussão", disse ele. Eu não sabia se ele estava tentando poupar-me da aflição, ou se achou que eu tinha de algum modo forçado esse recital.

Em nossa sessão seguinte, Sigmund Freud disse que via "a partir de sinais" que eu não queria ser analisada.

Eu havia visto um lindo retrato em água-forte dele numa loja de arte, na *Ring*.

Hoje, fui até lá e encomendei uma cópia.

Estou doente hoje, abalada, nervosa, desorientada.

Acho que deveria discutir o acidente de meu pai e a descoberta desse choque submerso, retardado por muito tempo.

Sim, é verdade, ele deve ver meu conflito "a partir de sinais".

Como posso lhe contar minha constante previsão de desastre?

É melhor ter uma análise malograda ou "atrasada" do que revelar meu verdadeiro terror da ameaça nazista.

Sim, eu estava "Enterrada viva".

É por isso que meus pensamentos retornam a Lawrence?

Só posso lembrar do último livro que ele escreveu. *O homem que morreu* estava enterrado vivo.

8 de março, quarta-feira

Sonho com uma fotografia de D.H. Lawrence sem barba. Eu tinha uma fotografia assim de meu pai, tirada quando ele tinha dezesseis ou dezessete anos, antes de ir com seu irmão para a guerra. Havia daguerreótipos desses dois irmãos, tirados quando eram um pouco mais moços. O irmão mais velho era de longe o mais atraente. Mas olhei na superfície refletora da chapa de prata do mais moço, e me vi.

Conheci Lawrence em agosto de 1914, no momento em que realmente foi deflagrada a guerra; ele parecia mais alto em traje a rigor. Foi a única vez que vi essa manifestação sem barba de Lawrence. Richard Aldington disse depois que Lawrence parecia um soldado à paisana.

Em meu sonho, há uma elegante mulher "profissional" com Lawrence e um grupo de crianças. A mulher "profissional" é algum tipo de secretária? Durante um curto período de tempo eu fui secretária de meu pai.

Em certa época, Lawrence foi mestre-escola e eu sempre tive vontade de lecionar. As crianças da "classe" ou família deste sonho são de diferentes tamanhos; elas ficam às costas de Lawrence e da jovem mulher, agrupadas em torno de um piano.

Minha mãe lecionou música e pintura durante um tempo, no velho Seminário.

Agora as crianças se resolvem ou dissolvem num quadro de vários modelos de grandes veleiros.

O pai de Havelock Ellis era capitão do mar e um dos manuais de meu pai se chamava *Astronomia prática aplicada à navegação*.

Eu penso: "Claro, na Inglaterra, essas crianças teriam a vantagem de conhecer todos esses navios."

Mas em meu sonho, eu pego de uma estante um volume dos romances de Lawrence. Abro-o; desapontada, digo: "Mas sua psicologia é absurda."

Invejo essas mulheres que escreveram *memoirs* de D.H. Lawrence, achando que haviam encontrado nele um tipo de guia ou mestre. Invejo de Bryher seu culto-ao-herói do psicanalista dr. Hanns Sachs. Eu não posso ser decepcionada por Sigmund Freud, apenas tenho essa obsessão constante de que a análise será interrompida pela morte. Não posso discutir isso com o Professor. Quando ele me cumprimentou pela primeira vez, lembrou-me Lawrence.

Hoje, quando entrei no consultório, o Professor me disse: "Estive pensando sobre o que você disse, sobre não valer a pena amar um homem velho de 77 anos." Falei que não havia dito isso. Ele sorriu seu sorriso torto, irônico. Eu disse: "Eu não disse que não valia a pena, eu disse que *tinha medo."*

Mas ele me confundiu. Ele disse: "Em análise, a pessoa está morta depois que termina a análise." Que pessoa? Ele disse: "Não importaria se eu tivesse 77 ou 47." Eu lembro agora que farei 47 em meu próximo aniversário. No meu aniversário, por aquele

único dia, Lawrence teria 47.

O Professor havia dito: "Em análise, a pessoa está morta depois que termina a análise – tão morta quanto seu pai."

Lembro-me de Norman Douglas dizendo: "Assim como estamos todos superando essa coisa de Jesus Cristo, confie em outro judeu para vir e perturbar todos os nossos cálculos."

Por um dia no ano, H.D. e D.H. Lawrence eram gêmeos. Mas eu só me dei conta disso depois da morte dele. Ele nasceu em 11 de setembro de 1885. Eu nasci em 10 de setembro de 1886.

Stephen Guest trouxe-me um exemplar de *O homem que morreu*. Ele disse: "Sabia que você é a sacerdotisa de Ísis neste livro?"

Eu talvez nunca lesse o livro se Stephen não o tivesse trazido para mim. Na verdade, eu poderia ter tido de início um leve sentimento de irritação. Eu falara a amigos de um livro que eu queria escrever; de fato, escrevi. Chamei-o de *A esposa de Pilatos*. É a história do Cristo ferido, mas vivo, que desperta no túmulo de pedra. Eu tinha certeza que meus amigos haviam contado a Lawrence que eu estava trabalhando nesse tema. Minha primeira reação súbita foi: "Ora, ele pegou minha história."

Não era minha a história. George Moore, entre outros, já a escrevera. Há o velho mito ou tradição de que Cristo não morreu na cruz.

8 de março, 15h15

Minha primeira semana com o Professor começou na quarta-feira, 1º de março, um dia santo, Quarta-feira de Cinzas, março de 1933.

Bryher combinou três meses, doze semanas. Assim, medido pelo mostrador do relógio, eu passara do XII para o I. Ou suponho que deveria dizer, contando as horas em vez dos minutos, que fui de I para II. Esta é a minha segunda semana com Sigmund Freud.

Concentro-me nos minutos, as minúcias dessas horas.

Estamos em março, na astrologia, a Casa da Dor. É tradicionalmente a Casa da Crucificação. Os meses astrológicos no entanto não são divididos exatamente como os do calendário. A última semana de cada mês do calendário mais ou menos coincide em parte ou começa o novo mês astrológico. Assim, o fim de março coincide, às vezes, com o equinócio de primavera espiritual, a ressurreição.

Meu pai estudou ou observou a órbita variável da trajetória da Terra em torno do sol, variação de latitude, ele a chamava. Ele passou trinta anos em cima desse problema, acrescentando um gráfico a um mapa iniciado por Ptolomeu no Egito. O Professor continua um gráfico iniciado pelos ancestrais de Ptolomeu.

Alguns chamam essa casa de *Pisces* ou *Peixes*, a Casa dos Inimigos Secretos, mas vi

referência a ela como a Casa dos Mistérios.

Mas não devemos falar de astrologia. Nisso, ao menos, meu pai e Sigmund Freud concordam. Não obstante, apesar deles, ou por causa deles, eu encontro paralelos encantadores no Carneiro, no Touro, nos Gêmeos. Temos Yofi, *Leo*, com certeza.

Temos outras minúcias, as imagens sobre sua mesa. Osíris, o Sol, em suas doze manifestações, enquanto viaja pelo céu, bem como a Ísis de bronze que ele me mostrou – sua companheira.

Aqueles dois eram gêmeos no velho conto de fadas.

Minhas descobertas são importantes para mim e têm uma atmosfera.

Antes que eu pudesse caminhar corretamente, eu era capaz de ver a hora. Muito antes de aprender o alfabeto, eu conhecia as três letras do relógio.

Minha babá me mandava ver que horas eram. Havia o relógio do avô no patamar da escada. Mas eu seria capaz de caminhar até lá? Talvez fosse mais fácil ou mais divertido escorregar pelos degraus estreitos, pois parecia que eu estava sempre olhando de baixo para o mostrador do relógio. Sim, eu podia andar. Voltava para o quarto com minhas descobertas. O ponteiro pequeno está no V. Eu não conseguia lembrar dos dois ponteiros ao mesmo tempo, ou melhor, queria uma nova aventura. O ponteiro grande me manteria ocupada. "Ele está no I, está no II", ou muito mais tarde, "ele quase chegou no X".

Então, estou de volta aos mistérios; a infância do indivíduo é a infância da espécie, escreveu nosso Professor.

6

Meu meio-irmão Eric e meu pai conversavam sobre o tempo em suas diferentes dimensões, meio-tempo ou tempo sideral (o que quer que isso fosse) e um outro tempo cujo nome não consigo lembrar. Meu interesse por "números" se interrompeu na época do acidente de meu pai e, embora eu não lembrasse do acidente, eu lembrava como a divisão com muitos algarismos me bloqueara ou pusera uma parede entre meus dias de escola felizes e os mais infelizes. É significativo que meu meio-irmão tenha vindo morar conosco por volta dessa época. Ele era conhecido em geral como o "jovem professor". Foi Eric que finalmente me ajudou a superar a "resistência" à divisão. Ele me trouxe um exemplar de *Jane Eyre* e de *Mulherzinhas*, com as ilustrações originais. As mulherzinhas usavam as saias-sino que tanto me fascinavam nos velhos quadros do Seminário.

Não sei onde ou como eu fiz essa transferência. Mas a transferência de hoje ou ontem está explícita na pequena ampola verde de sais aromáticos que levo em minha bolsa e que deixei cair "acidentalmente" no carpete do Professor ou deixei sob o travesseiro do divã. Não pergunto ao Professor onde ele achou o pequeno frasco. Seu ar é de triunfo zombeteiro quando ele o devolve para mim: "Ah – você esqueceu isso." Ele sabe que eu conheço o simbolismo da sombrinha "perdida".

E agora que essa transferência está entendida entre nós, eu passo a falar de Lawrence. O Professor disse que Lawrence o havia impressionado no final de um livro. Não lhe perguntei qual livro. O Professor disse que Lawrence o impressionou por "ser insatisfeito, mas um homem de verdadeiro poder".

Freud diz que há sempre várias explicações para cada descoberta, duas ou muitas. Ao interpretar meus próprios sonhos, ele disse que eu mostrava muito mais conhecimento da psicanálise do que ele esperara de mim. Talvez pretendesse que eu o contradissesse quando ele disse que o fato de eu olhar para o meu relógio significava que eu estava entediada e queria que a sessão terminasse. Não pensei que ele quisesse que eu o tomasse *au pied de la lettre*[5] quando ele disse que eu poderia estar impaciente com a vida, desejando até sua morte, para evitar a análise. Ou ele pretendia que eu contradissesse isso? O que eu deveria dizer?

Havia aquelas estátuas no chalé na Cornualha. Havia uma fileira delas sobre o consolo da lareira de uma sala vazia. A casa era apenas parcialmente mobiliada. Fui lá em março de 1918. Foi D.H. Lawrence que me falou da velha casa, chamava-se Rosigran. Lawrence disse que era assombrada. Eu tinha medo de fantasmas? Eu disse que nunca encontrara um.

Aqui no semicírculo sobre a mesa na outra sala, encontra-se o mesmo ou quase o mesmo arranjo de imagens, Osíris, Ísis. Talvez eu tenha medo de fantasmas. Mas quando o Professor disse "talvez você não seja feliz", eu não tive palavras para explicar. É difícil explicar para mim mesma ou encontrar palavras para escrevinhar em meu caderno de notas. Não é uma questão de felicidade, no sentido usual da palavra. É felicidade da busca.

Estou nas fímbrias ou na penumbra da luz da ciência de meu pai e da arte de minha mãe – a psicologia ou filosofia de Sigmund Freud.

Preciso encontrar palavras novas como o Professor encontrou ou cunhar novos termos para explicar certos estados mentais ou existenciais ainda não documentados.

Ele é Fausto, com certeza.

Recuamos das assim chamadas ciências e voltamos ou avançamos para a alquimia. Ele disse, eu era impaciente com ele. Ele girava um pesado anel-sinete em seu dedo.

Eu disse que não poderia perdê-lo, eu tivera seus livros antes de encontrá-lo e os teria de novo quando deixasse Viena. Há uma fórmula do Tempo que ainda não foi calculada.

7

9 de março

Sonho com uma catedral. Caminho pela catedral de Stephansdom[6] quase diariamente e,

também, estive interessada em algumas imagens de Chartres que vi em um dos jornais ilustrados do café. Dois meninos estão comigo nesse sonho, o mais velho me servindo de guia, achei que o pequeno estava *de trop*.[7] Por algum motivo, eu havia dado uma gorjeta ao maior, agora tinha de dar alguma coisa para o menor. Isso me aborreceu. (Eu estivera preocupada no dia anterior quanto à gorjeta exata para dar aos dois pajens no hotel.)

Parece que perdi o menino maior, então anexei com pesar o menor.

Meus dois irmãos? Ou meu pai e seu atraente irmão mais velho? Meu irmão mais velho e o irmão mais velho de meu pai morreram ambos na guerra.

Os meninos do sonho não são reconhecidamente os pajens do hotel. São fantasmas. Eles estão, é isto, "fantasmando" outro ou outros; quando os fantasmas assumirem a forma de irmãos ou de tio-pai, se verá sem dúvida que estão novamente fantasmando. Ou antes, se seguirmos o conteúdo do sonho, os fantasmas intermediários, caso se manifestem, serão vistos como um degrau[8] entre irmãos ou tio-pai. Somos todos casas mal-assombradas.

É realmente a Catedral que é o mais importante. Dentro da Catedral, encontramos regeneração ou reintegração. Esta sala é a Catedral.

O Professor disse: "Mas você é muito inteligente." Não sou eu que sou inteligente. Estou apenas aplicando algumas de suas próprias descobertas à minha equação pessoal. A casa é lar, a casa é a Catedral. Ele disse que queria que eu me sentisse em casa aqui.

A casa, de um modo indescritível, depende de pai-mãe. No ponto de integração ou regeneração, não há conflito sobre lealdades rivais. O ambiente e os interesses do Professor parecem derivar de minha mãe, ao invés de meu pai, e contudo, dizer que a "transferência" está para Freud como uma mãe não me satisfaz plenamente. Ele havia dito: "E – preciso lhe dizer (você foi franca comigo e eu serei franco com você), eu *não* gosto de ser a mãe na transferência – isso sempre me surpreende e me choca um pouco. Sinto-me muito masculino." Perguntei-lhe se outros tiveram o que ele chama de transferência-mãe com ele. Ele disse ironicamente e acho que com certa melancolia, "ah, *muitíssimos*."

Mas agora ele disse que me mostraria um pequeno brinquedo novo. Ele está encantado com uma estatueta de barro copta que lhe foi enviada por um ex-aluno. A pequena imagem é espantosamente parecida com Yofi. Yofi está sentada como sempre no chão, emblemática, heráldica. O pequeno cão de barro se parece com Yofi, e não posso evitar de me perguntar se o presenteador da estatueta que está na estante defronte ao divã não havia notado a impressionante semelhança dessa imagem etrusca, com a barba pontuda e o sorriso gravado fino, com nosso Professor.

Hoje há tulipas vermelhas sobre a famosa mesa com a fileira ou semicírculo, Osíris, Ísis, Atena, e os outros, com o Vishnu de marfim no centro.

O Professor foi à outra sala para encontrar outro cão para me mostrar. Ele traz um cão de madeira quebrado. É um brinquedo de um túmulo no Egito.

Digo-lhe que o único cão egípcio que eu lembro é um no Louvre; o chacal sobre o

pedestal era um cão? O único cão egípcio de que lembro era exatamente como o Wulf de sua filha Anna.

Sim (eu repeti), a Catedral de meu sonho era Sigmund Freud. "Não", ele disse, "não eu – mas a análise."

É, como ele disse de meu avô, "uma atmosfera…". Os gnomos ou gárgulas, os dragões góticos, ave, besta, e peixe dos motivos internos e externos, as imagens de santos e heróis, todos encontram suas réplicas ou seus "fantasmas" nesta sala ou nestas duas salas.

10 de março

Eu havia falado da minha decepção com Havelock Ellis. Ele não se interessara por minha experiência nas ilhas Scilly quando Bryher me levou para lá, em julho de 1919. Isso havia sido realmente um grande choque para mim, pois durante o período em que escrevi minhas *Notas sobre pensamento e visão*, eu via o dr. Ellis como um santo, além de sábio. O Professor disse que sempre se perguntou por que um homem tão bem situado e não dependente de críticas externas gastava sua enorme energia numa documentação superficial sobre o sexo. Agora, o Professor disse que achou, por minhas reações, que sua própria opinião não era injustificada. Ele disse que ficara perplexo. "Ele registra tantas coisas engraçadas que as pessoas fazem, mas nunca parece querer saber *por que* elas as fazem. Veja, eu não o *entendo* muito bem, mas eu sempre pensei que havia alguma coisa de imatura na sua *Psicologia do sexo*."

Tive um sonho sobre meu pequeno frasco de sais, o símbolo revelador da transferência. Em meu sonho, estou *salgando* minha máquina de escrever. Então presumo que salgaria meus textos insossos com o sal da terra, uma das afirmações menos importantes de Sigmund Freud.

Tentei escrever a história ou o romance de minha experiência de guerra, meu primeiro filho, natimorto, e a segunda, nascida tão afortunadamente quando *Leo* ascendia no equinócio de primavera, *Aries* ou o Carneiro. Reescrevi essa história e outras que a "fantasmaram", como no caso de *Pilate's Wife* e *Hedylus*, ambas reconstruções históricas ou clássicas. *Hedylus* teve o costumeiro *succès d'estime*[9] que se seguiu à publicação de *Heliodora*, um volume curto de poesia, e de *Palimpsest*, um volume de contos escrito de forma um tanto solta. Acho também que o último volume, *Red Roses for Bronze*, não é totalmente satisfatório. Jamais fiquei completamente satisfeita com nenhum de meus livros, publicados ou inéditos.

Pequenas coisas, aparentemente sem importância, assumem precedência. Lembro-me de como o Professor disse que nunca se sabe, até o fim da análise, o que é importante e o que não é. Com minhas lembranças de Chartres, relembro de uma ilustração no mesmo papel de uma criança numa festa de aniversário. Não era uma imagem atraente, a criança

estava devorando uma torta de creme e o creme pingava em sua túnica ou avental. Mas crianças não usam avental hoje em dia, ou usam? Memórias de aniversário retornam.

Meus livros são menos natimortos do que nascidos de um intelecto desconexo. Alguém disse que *Hedylus* era "escrita alucinada".

Contudo, se me torno mais "humana", pareço perder meu senso de direção, ou meu estilo de prosa. A poesia é outra questão. Sim, os poemas são satisfatórios, mas ao contrário da maioria dos poetas que conheço (e conheci muitos), eu não me interesso mais por um poema depois de escrito, projetado ou materializado. Tenho o sentimento de que há somente uma *parte* de mim mesma ali.

Talvez isso se deva, em parte, ao fato de que perdi os antigos companheiros de meu primeiro período de escrita em Londres, se poderia dizer, de meu "sucesso", por mais pequeno e especializado que fosse. Fiquei bastante irritada com o Professor em um de seus volumes. Ele disse (tanto quanto lembro) que as mulheres, do ponto de vista criativo, não valem nada ou não valem muito, a não ser que tenham um homólogo ou um companheiro masculino de quem elas tiram sua inspiração. Talvez ele esteja certo e meu sonho de "salgar" minha máquina de escrever com o símbolo de transferência revelador seja mais uma prova de sua infalibilidade.

Houve dois principais companheiros, tal como no sonho da catedral. Richard Aldington e D.H. Lawrence ambos, aparentemente, gostavam do que eu escrevia. Mas infelizmente me separei de Aldington e se tornou impossível naquela época continuar minha amizade com Lawrence.

Mas Lawrence retorna depois de sua morte, embora eu não tenha tido a coragem ou a força de perceber isso plenamente.

Lawrence voltou com *O homem que morreu*. Independente de a sacerdotisa de Ísis nesse livro se referir ou não a mim, seu último livro me reconciliou com ele. Ísis é incompleta sem Osíris, Judy não faz sentido sem Punch.

Tenho certeza que nunca mencionei Lawrence nos três meses de meu trabalho preliminar com Mary Chadwick na Tavistock Square, em Bloomsbury. Eu percebi que a srta. Chadwick não conseguia acompanhar o funcionamento de minha mente criativa. Falando sobre isso com o dr. Hanns Sachs em Berlim, inverno de 1931, ele concordou que seria melhor continuar o trabalho, se possível com um homem e, de preferência, com alguém superior a mim mesma. "O Professor?", ele me perguntou. Claro, eu trabalharia com o Professor, se ele me aceitasse.

Curiosamente, em fantasia, penso num tigre. Eu mesma como tigre? Esse tigre pode arremeter. Suponha que ele ataque o frágil e delicado velho Professor? Receio meus próprios terrores da situação atual, a "besta" à espreita que pode ou poderia destruí-lo? Menciono esse tigre como uma fantasia infantil do passado. Considera que ele realmente possa se materializar? O Professor diz: "Eu tenho minha protetora."

Ele aponta para Yofi, a pequena leoa enrodilhada aos seus pés.

Protetora?

Eu relembro da cena da turba diante do palácio de Buckingham, 4 de agosto de 1914.

11 de março, 9h10

Sonhei com um velho espelho. O original era engastado em veludo; havia ramos de vara-de-ouro pintados nele. Eu admirava particularmente essa antiga criação de minha mãe, mas o espelho foi banido da sala quando nos mudamos de Bethlehem, e pendia numa saleta do andar de cima na casa do Flower Observatory, nos arredores de Filadélfia. Em meu sonho, o espelho desaparecido há muito tempo reaparece em nosso apartamento no castelo de Riant, Territet, onde minha mãe ficou conosco nos anos 20. Estou muito feliz com esse espelho e emocionada com o fato de minha mãe tê-lo trazido com ela da América.

Reexamino o espelho; há outras flores, mas só consigo lembrar dos narcisos, possivelmente uma associação com o mito de Narciso apaixonado por seu reflexo num lago.

Talvez os livros que escrevi por último fossem autocentrados ou "narcisistas" demais para satisfazer meu coração. Quero uma fusão ou transfusão da arte de minha mãe. Embora ela descartasse o veludo com os ramos realistas de vara-de-ouro e outros tesouros do mesmo período, não há nada de Da Vinci ou de Dürer que possa agora inflamar de adoração minhas entranhas como fizeram aquelas flores de maçã, margaridas, campainhas, rosas silvestres em seu aparelho de "pratos de casamento". É verdade, havia uma tigela que ela trouxe de Dresden, de sua lua de mel, pintada com tulipas e outras flores, que eu admirava quase igualmente.

Eis a armadilha. É muito fácil descartar modas ultrapassadas. A faculdade crítica pode nos guiar e dirigir, mas não é fácil ser crítica e, ao mesmo tempo, captar de novo a chama que brilhava com abandono incondicional.

O brilho retorna no sonho. Estou feliz revendo meus sonhos e escrevendo estas notas sobre eles. Para continuar esse último sonho, Frances Josepha aparece; ela e sua mãe viajaram comigo de navio no verão de 1911, em minha (e delas) primeira viagem à Europa. Ela era alguns anos mais velha e, na época, nos tomavam por irmãs. Frances encontrou novas amigas e as circunstâncias nos separaram. Ela chegou em meu sonho e disse: "Você lembra… isso e aquilo… e isso e aquilo…?" – como se quisesse me ferir ou humilhar. Eu digo: "Nada que lembro importa agora exceto em relação ao que eu conto ou não conto para Freud." Em meus sonhos, parece-me que não há argumento ou contra-argumento para estragar meu prazer nessa palavra *Freud*. O próprio Professor apontou a correspondência de seu nome Freud com *Freude*, a palavra alemã para alegria, prazer.

Eu havia conhecido Ezra Pound nos Estados Unidos, na mesma época; agora Ezra vem como que para juntar forças com Frances. Ele diz ironicamente: "Desde quando

você está tão feliz assim – desde ontem?"

Eles pareciam mancomunados contra mim; tanta gente havia tentado abalar minha fé. Eu disse a Ezra: "Eu não podia acreditar que Freud me aceitaria – e agora vou todos os dias." Bryher parece chegar, como fez na vida real, para tomar o lugar de Frances. Discutimos sobre alguém – quem? Talvez fosse Ezra, ou pode ter sido possivelmente Lawrence, cujas diatribes ferozes lembravam-me às vezes do Ezra de antigamente. Em meu sonho, o Professor restaura minha fé. "Se eu tivesse conhecido Ezra, poderia tê-lo curado", ele diz.

Em meu sonho, associo subitamente o semicírculo das pequenas imagens do Professor com frascos. Lembrei-me como, quando devolveu meus sais aromáticos, ele disse que acreditava que "isso lhe pertence – um pequeno frasco *verde*?".

Quando contei ao Professor que eu me apaixonara por Frances Josepha e poderia ter sido feliz com ela, ele disse: "Não – biologicamente não." Por algum motivo, embora eu tivesse sido tão feliz com o Professor (Freud – *Freude*), minha cabeça doía e me senti nervosa. Talvez fosse porque no final tentei lhe contar sobre um determinado ataque aéreo quando as janelas de nosso quarto na Mecklenburgh Square foram estilhaçadas.

8

6h30

O Professor havia dito, quando lhe falei de Frances e Ezra e a aparente falta de simpatia ou compreensão deles para com meu prazer na análise, que eu estava escapando de lembranças não desejadas ou pondo-as de lado; ele disse que eu estava deixando a situação ou a solução para a psicanálise.

Por enquanto, deixo meus conflitos, confiando que eles serão solvidos ou resolvidos no sonho.

No sonho nós perambulamos ao longo do Nilo no Egito ou dos rios Lehigh ou Delaware na Pensilvânia, ou encontramos uma parte do lar "perdido" ou do amor "perdido" junto ao Danúbio, o Tâmisa ou Tibre. Nesse sentido, o sonho é ele mesmo Osíris, o além-mundo, morte ou o mundo do outro lado do limiar da vida desperta, sono. Nós nem sempre sabemos quando estamos sonhando.

Tentei delinear várias experiências que tivera em minha primeira viagem à Grécia. Tentei escrever sobre essas experiências. Com efeito, é o medo de perdê-las, esquecê-las, ou simplesmente descartá-las como fantasias neuróticas, resíduos da guerra, do confinamento e a epidemia, que me impele a sempre recomeçar um novo esboço do "romance". É obviamente a teia de Penélope que estou tecendo.

Posso decidir que minhas experiências foram a consequência lógica da doença, da

separação de meu marido, e da perda da amizade de Lawrence; mas mesmo assim, eu não tenho nenhuma técnica para lidar com a visão. Era como se uma cortina tivesse caído, o que Stephen Guest chamou certa vez de uma "cortina de amianto" entre os dez anos de minha vida longe da América, e o presente de então (primavera de 1920). Eu havia partido de navio de Nova York, tanto quanto lembro, no verão de 1911, mas eu creio que conheci Frances no ano anterior, 1910, o ano do cometa.

A primeira década de minha aventura se abriu com a nau Argo, o *Floride*, um pequeno vapor de linha francês, que navegava para La Havre. A segunda década de minha aventura com a Argo, o *Borodino*, um barco pertencente a "uma das linhas", expressão de Bryher para a frota de seu pai. Pode-se dizer que a terceira década de meu cruzeiro ou busca começou em Londres com minha decisão de fazer um tratamento sério de psicanálise, para meu benefício imediato e também para me fortificar para o futuro.

Viajamos em torno de minha infância. A srta. Chadwick foi de grande ajuda. Ela não pôde seguir os desdobramentos posteriores. Cruzamos de um lado para o outro, Suíça e uma curta visita a Berlim. O dr. Sachs ia ver sua família em Viena, então eu o precedi, via Praga. Tive apenas algumas conversas com o dr. Sachs em Viena, mas foi lá que decidi que a melhor coisa, se possível, era trabalhar diretamente com o Professor. Ao separar livros, manuscritos, cadernos de anotações, eu sentia como se estivesse de fato me preparando para uma última viagem. Mas na limpeza geral da casa, não fui adiante com o "romance", embora eu não conseguisse ter coragem para destruir os últimos esboços. Ali está ele, pendendo sobre minha cabeça, esse "romance". O homem no *Borodino*, um certo sr. Van Eck (vamos chamá-lo assim por conveniência) era um homem no *Borodino*, mas o Homem não era o sr. Van Eck.

Eu não o encontrava com frequência. Estivemos três semanas no mar, isto é, contando o tempo gasto em Malta e Gibraltar. Houve uma terrível tempestade, houvera quase um vendaval na travessia do Atlântico naquela primeira vez, mas equivalia a mais do que um vendaval, levando-se em conta o tamanho e a condição do *Floride*, então em sua última travessia. O *Borodino* era mais do que forte, era blindado, fora usado como navio-correio pela marinha durante a guerra. Por essa razão, fora escolhido para nós pelo pai de Bryher. Ainda havia minas flutuantes por toda parte.

Conto ao Professor em detalhes como conheci o Homem que não era o sr. Van Eck. É verdade que pensei que ele era o sr. Van Eck, mas havia um porém. Eu sabia disso desde o começo. O sr. Van Eck tinha uma cicatriz marcante acima da sobrancelha esquerda; estava anotada em seu passaporte, na seção de marcas perceptíveis. Lembro que o capitão falou disso. O Homem no barco não tinha cicatriz acima da sobrancelha esquerda.

Até aqui, tudo bem.

Escrevi ou tentei escrever tantas vezes sobre minha experiência do Homem no barco que não é difícil contar a história ao Professor. O principal "encontro" foi em fevereiro,

poucos dias depois da partida do porto de Londres. O tempo estivera ruim e me disseram que a Baía (antes eu nunca ouvira a baía de Biscay ser chamada de Baía) era, de qualquer modo, sempre agitada. Eu estivera me arrastando pelo convés com Bryher e o dr. Ellis, que estava conosco. Eu usava uma velha jaqueta azul, uma boina, como chamam agora nosso velho gorro escocês, e sapatos baixos dockside. O traje é simples mas adequado à ocasião e enquanto eu escorrego e deslizo sobre minhas pernas invulgarmente resistentes ao mar, estou, com efeito, estou em um elemento novo. Estou num velho elemento também; sou adolescente e uma força nova me veio nesses poucos dias no mar, fora de Londres.

Eu não poderia ter inventado uma roupa mais apropriada, que expressasse melhor meu estado de mocinha ou jovem renovada. Fiquei surpresa ao ver que o convés estava totalmente deserto e o vento diminuíra. Pelo tempo do relógio, era antes do jantar e eu havia ido à cabine para trocar de roupa, como de costume. Na cabine, eu talvez tivesse me jogado em meu beliche para descansar alguns minutos antes de empreender a árdua tarefa de desenterrar roupas frescas da mala. Era uma cabine pequena, mas a melhor do navio. Mas o navio não era oficialmente de passageiros. Havia fileiras duplas de beliches divididos construídos rapidamente, imaginava-se, para a conveniência dos poucos viajantes recebidos como privilégio especial (naquela época, acomodações em navios tinham de ser compradas com meses e até anos de antecedência). Tanto quanto lembro, havia talvez um gancho na porta. De qualquer modo, era muito rústico. Talvez eu tivesse me jogado no beliche para alguns minutos de descanso antes de trocar de roupa.

Talvez eu estivesse no beliche, descansando normalmente, quando subi o agora regular lance de degraus até o convés superior. Bem, estava calmo. Mas o ar fresco era estimulante, um sabor fresco, um gosto fresco como se fosse uma espécie de sopro de ressurreição, desde que descemos o rio naquele fim de tarde do início de fevereiro de 1920.

Ainda assim o convés estava, tudo considerado, de alguma forma especial varrido, se poderia dizer, e adornado. Não havia cadeiras espalhadas pelo convés, nenhum funcionário se inclinando para resgatar almofadas ou juntar mantas esquecidas. Sem dúvida, não havia muitas pessoas no convés quando nos separamos do dr. Ellis, poucos minutos antes.

Talvez fosse mais do que poucos minutos, mas estávamos cruzando alguma coisa, “a linha”? Qual linha? Seguíamos costeando ao longo da Baía, ao longo do litoral da Europa, mas a Europa não estava à vista, à esquerda de quem estivesse de frente para a proa. Eu havia rido do dr. Ellis com sua linguagem herdada de capitão do mar, estibordo, bombordo, embora quando menina de escola eu tivesse sido bastante meticulosa e conhecesse meu porto e estibordo, sotavento e todo o resto. Eu esquecera tudo isso. Estava satisfeita com direita e esquerda, frente e costas. “Devemos ir em frente?”, Bryher diria. Bem – devemos ir em frente?

O vento deve ter amainado muito subitamente. Era possível também, aqui

aproximando-se de Portugal, que a noite viesse com aquele bálsamo e a suavidade não nórdica de que eu às vezes sentia falta no céu fechado do inverno inglês. De qualquer modo, havia uma luz violeta sobre o mar.

Preciso buscar Bryher, pensei; Bryher não pode perder isso, mas quando estou para dar a volta, vejo o sr. Van Eck de pé junto ao parapeito do convés, à minha *direita*, enquanto estou no alto da escada do navio.

Bem – ele me vê. Preciso no mínimo dizer boa-noite. Para minha surpresa, noto que ele é um pouco mais alto do que eu. Eu não pensara que ele fosse tão alto, embora tivesse uma boa altura militar, com ombros largos, de constituição um tanto quadrada, embora não excessivamente pesada. Ele é mais alto do que eu pensava. Não devo encarar o sr. Van Eck. Receio sempre que ele captará meus olhos focados, em algum tipo de fascinação, naquela curiosa cicatriz profunda sobre sua sobrancelha esquerda. No entanto, *não* podemos deixar de cruzar os olhos com a pessoa que estamos cumprimentando. Seus olhos estão descobertos; o sr. Van Eck usava óculos de lentes grossas.

Seus olhos são mais azuis do que eu pensava, é um azul-névoa, azul-mar.

Seu cabelo junto às têmporas não é tão ralo quanto eu havia imaginado. O sr. Van Eck me dissera que tinha 44 anos, ou teria no dia 10 de março. Sou de 10 de setembro, então não estávamos em oposição, como mostram os mapas astrológicos, os *Peixes* sendo opostos a *Virgem*. Mas estamos em linha direta de afinidade. Eu não lhe disse a data de meu aniversário, mas calculei: eu estava com 33, e quando Peter Van Eck fizesse 44 em março, eu ainda estaria com 33, até o mês de setembro seguinte.

Ele é mais alto. Ele é mais velho – não, ele tem de ser mais moço. Está perto da noite, é esta luz estranha. Mas a luz não é estranha.

Não se pode encarar. Mas com certeza a cicatriz não está lá.

À direita dele, pois está agora de frente para mim, está a costa da Europa – Portugal? À direita dele, enquanto ele permanece lá, há uma costa acidentada. "Terra", eu disse. Em minha mente, não me dei conta que a terra, se houvesse terra, estaria do outro lado do barco. Ou o barco havia dado meia-volta? Ou se tratava de algumas ilhas das quais, em minha ignorância, eu não sabia nada? Havia golfinhos.

Sim, havia golfinhos. Mas houvera uma conversa sobre golfinhos, porcos-do-mar, alguém os chamou, talvez o engenheiro a caminho de Euboea que se sentou ao lado do dr. Ellis à mesa. Nós quatro estávamos sentados à única longa mesa, da direita para a esquerda: Bryher e eu estávamos ao lado do capitão à única mesa longa. Ao lado de Bryher estava o dr. Ellis; à minha esquerda estava o sr. Van Eck.

Aos golfinhos se juntam outros golfinhos; eles compõem um desenho curiosamente pouco convincente, saltando em ordem rítmica como luas crescentes ou meias-luas fora da água, um voo ou uma dança de golfinhos. No entanto, eles são golfinhos. O engenheiro a caminho de Euboea não disse que andava em busca de um porco-do-mar?

Estamos em março, *Pisces*, os *Peixes*, mas não acho que pensei nisso.

Não sei o que pensei. Pensei, o sr. Van Eck, por algum motivo (talvez seja um agente secreto) "se maquia". Seria capaz de maquiar ou simular aquela cicatriz? Bem, talvez não fosse o sr. Van Eck que "se maquiasse" como agente secreto; talvez o agente secreto se maquiasse como o sr. Van Eck.

Não, eu não sabia disso, pensei tudo isso, naquele exato momento, em fevereiro. Sim, era fevereiro. Ainda não era março; fevereiro é *Aquarius*, a casa dos amigos…

13 de março

O Professor disse que estava curioso para ver como a história continuaria, agora que tínhamos a moldura.

Eu também estava curiosa. Se o Professor não pudesse resolver o meu problema, ninguém poderia. Eu lhe contei como fiquei muito contrariada na primeira noite fora, pois tinha à minha esquerda uma velha senhora canadense surda que estava a caminho de Atenas para visitar uma sobrinha que se casara com um advogado grego. Fico particularmente infeliz quando tenho de erguer a voz ao falar e me vi tendo de manter uma conversa polida à mesa daquela maneira tensa e artificial durante toda a viagem. Ainda assim, não teria importado tanto se não parecesse que toda a mesa parasse o zumbido de suas conversas sempre que eu erguia a voz para fazer alguma observação vazia ou me esforçava polidamente para responder com evasivas quando a velha senhora me perguntava sobre meus planos e por que eu estava naquele navio e como eu conseguira embarcar?

Eu não havia até então distinguido a família alexandrina, ou eu não sabia que estavam a caminho de Alexandria – "Alex", era como o menino grande a chamava. Era "Alex" e "Gib" também, com o engenheiro e um missionário (concluí depois) que sentava à distância, por assim dizer, de um grito. Mas nem o missionário, nem o comerciante de tabaco alexandrino (conforme eu descobri depois que ele era), nem o engenheiro que ia para Euboea me ajudaram o mínimo em minha situação difícil.

Pareceu um milagre, depois de duas noites nessa angústia, descobrir que eu tinha outro companheiro de viagem.

Era o sr. Van Eck. Não sei como ele chegou lá. A velha senhora, é verdade, havia se retirado para sua cabine para o resto da viagem. Suponho que viajantes experimentados, como todos pareciam ser, sabem como conciliar essas coisas. Para mim, foi pouco menos que um milagre encontrar, no terceiro dia, em vez da senhora surda, um homem do mundo simpático, levemente de meia-idade, tranquilo e afável, fazendo observações sagazes *sotto voce* sobre nossos companheiros de viagem.

Eu fiquei fascinada por Peter van Eck. Ele havia viajado muito, vivera na Grécia por algum tempo, trabalhara em escavações em Creta, era arquiteto de profissão e, conforme

disse, artista por escolha, mas tivera pouca escolha. Estivera no Egito certa vez, ajudando a restaurar um santuário ou túmulo de califa ou quediva. Essas palavras eram novas para mim. Ele disse que algo era "quedival" para Bryher, que estava do outro lado da mesa; eu não lembro o quê. Só lembro de ouvir a palavra pela primeira vez.

Mas eu tinha minhas reservas. Uma cortina de amianto havia caído entre mim e meu passado, minha amarga separação no passado não tão distante do amor e da amizade.

Eu repeti: "Viajamos durante três semanas." O Professor disse: "Tãaao devagar?"

Fugimos do dr. Ellis em Algeciras e fomos com o sr. Van Eck caminhar por uma floresta de cortiças; o chão estava estrelado com narcisos de fevereiro. Aquele era o sr. Van Eck, não era o Homem no navio, mas não tive então a sagacidade, a temeridade, nem a coragem de elaborar isso tudo. Se o sr. Van Eck era o Homem no navio, então perdi alguma coisa. Se o sr.Van Eck não era o Homem no navio, então perdi alguma coisa. Eu não sei por quê, mas em Malta eu disse a Bryher que não queria que fôssemos os quatro de carro até a cidade velha, como o sr. Van Eck sugeriu. Acho que queria ficar sozinha com Bryher, refletir sobre alguma coisa que eu não questionava, ou que não punha em questão. Responder à questão significava a perda de um ou de outro, do sr. Van Eck ou do Homem no navio.

Às vezes o sr. Van Eck era o Homem no navio mas ele não era o Homem no navio que encontrei pela primeira vez na Baía. Eu deveria saber. Eu sabia, embora não pudesse ainda admiti-lo, que não somente os golfinhos eram inverossímeis, como o próprio mar era impossível. Quer dizer, estava tudo bem naquele momento, mas não se pode ter um mar tranquilo e um navio movendo-se sem nenhum tremor, sem trepidação ou pulsação de motor, sobre um mar que é horizontal, e ao mesmo tempo quebrado em milhares de ondinhas perfeitamente pontiagudas, como as ondas no fundo de um Botticelli. Não, estava tudo errado.

Contudo, era supremamente natural que eu me virasse para o sr. Van Eck à mesa. "Foi lindo observar os golfinhos", eu disse. "Pena que Bryher não estava conosco." Bryher disse, num tom que me pareceu um pouco carrancudo: "Onde você estava, afinal?" Eu disse: "Eu estava no convés. Subi para pegar um pouco de ar e ver o pôr do sol. Eu estava no convés observando os golfinhos com o sr. Van Eck." Virei-me para o sr. Van Eck em busca de confirmação.

Ele sorriu para Bryher do outro lado da mesa. Ele tinha um jeito insinuante. O capitão disse: "Golfinhos? O operador de telégrafo é nosso especialista em golfinhos. Ele não registrou nenhum golfinho." "Mas havia golfinhos." Voltei-me novamente para o sr. Van Eck para que confirmasse. "Para que lado estavam nadando?", perguntou o capitão. Indiquei por cima da mesa a direção do friso de golfinhos voadores. "Eles estavam nadando para *esse* lado", eu disse, indicando uma linha "para a frente" que seguia do sr. Van Eck mesa adiante. "Está certo", disse o capitão, "é assim que eles estariam nadando. Eles nadam a favor do vento. Preciso perguntar ao operador do telégrafo."

Mas agora eu disse ao Professor: “Onde eu estava, se Bryher não conseguiu me achar?”

Talvez isso seja um velho enigma. Talvez não haja resposta para ele, ou pode ser muito perigoso perguntar, pois a resposta errada (como com a Esfinge no Egito) pode trazer a morte. Ao menos, eu podia registrar os detalhes de minha experiência, podia anotá-los, podia tecer e voltar a tecer os fios, a tapeçaria nessa moldura. Não importava realmente onde eu estava. Talvez fosse uma história como a do rei dos elfos. Talvez, o que é mais provável, fosse uma história como o *Centauro* de Algernon Blackwood.[10]

Eu havia lido *O centauro* várias vezes, primeiro nos Estados Unidos. Havia o mesmo tema, aquele mesmo absoluto e exato minuto em que tudo mudava num pequeno navio de passageiros (tal como eu lembrava) a caminho para a Grécia. Num momento exato, o barco entrava para o encantamento. Então aqui, num momento exato, pelo tempo do relógio, num mapa exato, a caminho das Colunas de Hércules, num barco que se destinava ao porto de Atenas, houve uma “travessia da linha”. Penso que em *O centauro*, o narrador ou herói sabia o minuto, o segundo em que a linha foi atravessada. Eu, a narradora desta história, não sabia que tinha cruzado a linha.

Quando me dei conta disso, era tarde demais, não pude me aproximar do sr. Van Eck. Ele estava a caminho de Délhi.

Délhi, Delfos?

Eles arranjam as coisas dessa maneira, suponho. Se eu tivesse me dado conta da história no momento de nossa separação em Atenas, talvez não tivesse havido separação. Nesse caso, eu teria perdido a história.

Àquela mesa no longo salão, nomes eram jogados de um lado para o outro, para cima e para baixo, como antiquadas bolas de tênis de mesa. Londres, Gibraltar, Algeciras, Malta, Atenas, Délhi, Alexandria, Cairo… Eu disse ao sr. Van Eck no desjejum daquela última manhã: “Suponho que cruzarei com o senhor em uma das capitais da Europa.” Eu não queria fazer nenhum arranjo definido para encontrá-lo em Atenas. “Eu encontrarei você no Propileus”, ele disse.

Bryher e eu o encontramos no Propileus com o dr. Ellis. Mas ele nos deixou ir sozinhas através dos portões, para o Partenon.

20h

Sinto-me mole e frustrada. Estava aborrecida no final de minha sessão pois Yofi andava pela sala e senti que o Professor estava mais interessado em Yofi do que em minha história. Eu estava irritada porque ouvi alguém rindo do outro lado da porta. Raramente ouço ou registro o que está acontecendo na sala de espera ou no hall. O Professor disse: “Então as lembranças estão apagadas?” Talvez ele achasse que eu estava realmente

tentando demais fazer sequência dramática dessa história que era toda "uma atmosfera…".

Respondi bruscamente: "Não – *não* estão apagadas."

O Professor perguntou-me se eu vira aquele homem de novo. Eu disse: "Duas vezes em Londres." O tom de minha voz talvez tenha transmitido a ele o que eu senti. O sr. Van Eck em Londres não era o Homem no navio.

14 de março, 14h40

Um pesadelo familiar na noite passada. Eu estava num hotel ou pensão, Bryher e minha mãe estavam em outro. Eu volto para meu quarto e descubro que a dona do lugar irada removeu todas as minhas roupas e pertences para outro quarto, sem me consultar. Estou irritada, mas em meu sonho, assustada demais para não ser mais do que polida. Há várias crianças brincando ao redor. As crianças são indiferentes mas não parecem inamistosas. A dona me fita: "Mas *não* temos quarto aqui; você precisa sair imediatamente."

Consigo de algum modo pegar minhas roupas, estou sobrecarregada com elas e com alguns pacotes desajeitados mas consigo finalmente chegar até Bryher e minha mãe. Estamos em Florença às margens do Arno, mas o Arno é apenas um leito de rio com algumas pegadas. Minha mãe diz: "Você só está segura *deste* lado do rio."

Ainda estou sobrecarregada e perdida. Minha mãe morreu há seis anos, em março. Havíamos ficado num hotel em Florença, Lungarno, às margens do Arno. Eu visitara Florença pela primeira vez em 1912, com meus pais. Naquele momento também, há catorze anos, eu esperava a chegada de meu filho. Eu fora acometida pelo que o Professor chamou de epidemia, numa pensão em Ealing, à espera de ir para a Clínica de Repouso Santa Fé. Tinha havido mortes na casa. Depois, soube como Bryher ficou chocada quando veio me ver. A dona havia dito: "Mas quem vai cuidar do enterro se ela morrer?"

O conteúdo do sonho é um lugar-comum. Mas acordo com dor no coração – dor no coração, sim, no sentido romântico convencional, e dor no coração ou dor efetivamente física que me assusta.

Recupero-me diante de minha bandeja de café da manhã, café vienense e pãezinhos, e saio para buscar a gravura de Sigmund Freud que havia encomendado havia poucos dias numa loja na Ringstrasse.

9

19 horas

Falei ao Professor do choque após meu pesadelo, como se fosse um golpe em meu coração. Ele perguntou primeiro sobre Van Eck – era um nome austríaco? Ele disse: "Eu tenho uma ideia." Saiu rapidamente e voltou com uma carteira de couro, e me mostrou o nome, gravado no verso da aba. Era *Vaneck*.

Ele se interessou em ouvir que o sr. Van Eck era o filho adotivo do pintor vitoriano. Ele perguntou pela nacionalidade. Expliquei que achava que era um *nom-de-guerre*;[11] era um família holandesa, estabelecida em Londres. Eu disse que pintura me lembrava minha mãe. Contei-lhe como, quando crianças, admirávamos sua pintura e alardeávamos para as visitas: "Minha mãe *pintou* aquilo." Minha mãe era morbidamente modesta.

Prossegui dizendo como fora difícil remontar a história de Peter van Eck, quando no fim das contas não passava de um encontro convencional ou romance de viagem. O Professor me pediu para interpretar meu sonho dos dois quartos no hotel ou pensão. Eu lhe disse que achava que era medo de ser removida, na época de minha gravidez; talvez fosse medo da morte. Ele me pediu mais "detalhes históricos". Contei-lhe sobre vários incidentes durante os anos de guerra, quando havia ficado em quartos pequenos para estar perto de meu marido em várias unidades de treinamento. Como era difícil chegar a qualquer lugar naquele período e como, certa vez, vindo de Buckinghamshire para ir ao médico e tendo sido surpreendida pelo fog, eu tive de achar um quarto para passar a noite. Perambulando por Bloomsbury, um perfeito estranho falou comigo. "Eu tenho um quarto que você pode usar", ele disse. Parecia impossível, mas ele abriu uma daquelas portas verdes numa fileira de portas verdes e me apresentou para a dona. "Esta senhora vai ficar com meu quarto por esta noite", ele disse. Isso aconteceu de fato. Contando, parece parte de um sonho.

O Professor disse: "Mas eu sei quem é a dona má." Perguntei inocentemente: "Quem?" Ele disse: "Eu." Repudiei isso e depois lembrei de como eu havia ficado contrariada com Mary Chadwick da Tavitstock Square, Bloomsbury, quando ela disse no final de nossos três meses de sessões: "Você gosta *mesmo* de falar, não é?" Contei isso ao Professor; ele disse: "Mas a srta. Chadwick e seu trabalho com ela é apenas uma prefiguração de mim." Eu disse: "Não. Ela era uma enfermeira competente, mas não uma médica."

O Professor disse que deveria haver outros "dados históricos" relacionados com meu medo de ser expulsa. Sim, havia muitas associações reais. Eu lembrei de uma vez em que, estando em Roma com meus pais, corri até meu quarto depois de um dia estafante de excursão e encontrei o armário vazio e nenhum de meus pertences sobre a penteadeira. Eu fora mudada para outro quarto, no andar de baixo. Não foi tanto o aborrecimento de não ter sido consultada que me preocupou, mas o choque de correr escada acima e descobrir que minhas roupas, sapatos, e o resto tinham desaparecido misteriosamente. Conto ao Professor que quando volto ao meu quarto no Regina, parece que me preparo antes de abrir a porta, com medo de descobrir que fui expulsa. Lembro-me dos hotéis em que ficamos, em Florença, Roma e Nápoles. Sinto aqui que estou numa cidade italiana ou

quase italiana.

15h30

Tomando agora meu chá antes da hora, lembro que o Professor me perguntou por que eu estava tão contente por ter minhas sessões às cinco da tarde. Contei-lhe que eu havia associado minhas lembranças mais felizes da Londres de antes com o inevitável chá das quatro ou cinco da tarde e que aqui eu podia sonhar no meu caderno de anotações, preparando-me para a felicidade de falar com ele depois. Ele disse de novo que não queria que eu me preparasse. Não consegui explicar adequadamente que não fazia isso. Ele não quer, evidentemente, que eu faça anotações, mas preciso fazer isso.

Lembro-me de como eu era feliz com as crianças do outro lado da rua, brincando de chás festivos. Tínhamos nosso aparelho intermediário de pratos para essas ocasiões. Minha mãe me deu um aparelho de chá, pois eu estava muito excitada com o "verdadeiro jogo de chá" de Williams. Era um intermediário entre o dos adultos e o das bonecas.

Acho que foi quando fiz sete anos que minha mãe me deu esse aparelho. Havia uma borda dourada nas xícaras e nos pires e nos pratos para pão e manteiga. Havia buquês de violetas.

10

18h40

O Professor encontrou-me lendo na sala de espera. Ele disse que posso pegar emprestado quaisquer livros dele que eu quiser. Falamos novamente de Yofi. Perguntei pelo pai dela. Yofi vai ser mãe. Ele me contou que o primeiro marido de Yofi foi um chow-chow preto e Yofi teve um bebê preto, "tão preto quanto o diabo". Ele morreu com nove meses. Agora o novo pai é leão-dourado e o Professor espera que os filhos de Yofi sobrevivam dessa vez. Ele disse, se houver dois filhotes, os donos do pai ficam com um, mas se for somente um, "ele permanece um Freud".

O Professor perguntou-me se eu havia notado "problemas ao caminhar". Não entendi o que ele queria dizer. Eu disse que estava me sentindo bem e gostava de andar. Mas ele disse, "quero dizer, nas ruas". Mesmo assim, não percebi bem o que ele queria dizer; eu disse que me sentia em casa aqui e nunca assustada. Eu disse: "As pessoas nas lojas são tão corteses." O Professor disse: "Sim… com uma *senhora*."

O Professor perguntou-me de novo sobre "associações históricas" de mudar ou ser mudada. Contei-lhe algumas de minhas descobertas.

Eu disse que sem dúvida havia associações infantis com “sair do quarto”, ou ser tirada do quarto porque havia sido malcriada. Ele disse: “Sim, as lembranças ou associações infantis são com frequência infelizes.”

Mas sair de casa nem sempre era uma coisa infeliz. Certa vez, fui mandada para ficar com uma tia jovem sem filhos, e nunca vou esquecer a boneca de trapos gigante, um tesouro de sua infância que ela me deu para brincar. Ela foi quem primeiro me deu saquinhos de gaze com contas sortidas e me ajudou a enfiá-las num cordão. Eu tivera um sonho com a srta. Chadwick que o nome de meu tio era Vaneck; na verdade, era Frederick.

Falei novamente de nossos animais de brinquedo e ele me lembrou de minha fantasia com tigre. Não existia uma história, “a mulher e o tigre”, ele perguntou. Lembrei de “A dama ou o tigre”.

Hoje, entrei em minha terceira semana.

11

16 de março, 19h

Vi um livro de Arthur Waley na estante, e perguntei ao Professor se ele o conhecia. Ele disse que não. Comecei a contar ao Professor como eu havia conhecido Waley em Londres nos primeiríssimos dias, no Museu Britânico, onde eu estava lendo, e como ele me convidou para um chá no salão de chá do museu. Falamos de uma sombrinha que eu estava carregando e que na loja haviam chamado de *en-tous-cas*[12] o que me divertiu. Mais tarde, durante a guerra, encontrei Arthur Waley no apartamento de Iseult Gonne, em Chelsea. Eu disse que achava que Waley era judeu, Freud disse que achava também, mas “ele adulterou seu nome”.

Prossegui contando a Freud por que ficara distante da psicanálise em Londres, não lera praticamente nada até anos recentes, como Waley, em nosso apartamento de Buckingham Mansions, Kensington, por volta de 1920, havia sugerido que um amigo dele poderia ajudar Bryher, como o dr. Ellis desestimulou isso, mas como Bryher finalmente foi a algumas sessões com _____.

(Nesse momento, quando escrevo numa mesa de café de tampo de mármore, um pequeno ramalhete de violetas é posto sobre meu caderno de notas. Quero chorar. Em meu constrangimento, dei apenas trinta groschen; mas o mendigo com a caixa de sapato ficou aparentemente satisfeito e sumiu. Do mesmo modo, violetas foram colocadas nas páginas de uma brochura do *Ion* de Eurípides, aberto sobre a mesa de meu quarto no Hotel Belle Venise, em Corfu. Parecia um “mistério”, mas Bryher deve tê-las deixado lá.)

Prossegui contando como me separei de Van Eck, na sala de estar do Hotel Grand Bretagne em Atenas. Eu disse que fiquei congelada.

O dr. Ellis, que estava conosco no navio mas em outro hotel em Atenas, voltou para Londres depois de algumas semanas. Estava muito frio – um vento da Sibéria – havia um aquecedor no canto de nossa elegante sala de estar, tudo era ouropel e molduras de espelho douradas – nada de gravetos, nada de carvão. A gripe espanhola grassava de novo ali.

Freud perguntou se Bryher a tivera. Não de forma perigosa, eu expliquei. Um dos sócios de seu pai lá sugeriu que deixássemos Atenas. Subimos o golfo de Corinto, a conselho desse sr. Crowe. À noite, paramos em Itea, abaixo do porto ou desembarcadouro de Delfos.

Conto ao Professor como eu estava feliz em Corfu – flores, primavera, laranjeiras, ciprestes pontiagudos, ilha de Pontikonisi [ilha do Rato] ou *Toteninsel* [ilha dos Mortos] de Böcklein. Falei-lhe do cuidado de Bryher comigo, nossas caminhadas e passeios de carro, e disse que a amizade parecia ter-me ajustado às condições normais de vida. Freud fez uma ressalva: "Não tanto normal quanto ideal."

Ele queria saber das imagens que eu chamava de Escrito na Parede, mas o tempo estava quase no fim, então declarei simplesmente que Van Eck estava todo esse tempo em minha mente. Bryher sabia disso. O Professor disse que o problema era mais sutil, mais complicado do que imaginara de início.

Ele disse que não queria que eu me *preparasse* para minhas sessões com ele. Eu disse que não fazia isso. Falei do prazer que sentia com a ideia de resolver velhos problemas.

Quando lhe contei a experiência das ilhas Scilly, o sentimento transcendental dos dois globos ou dos dois semiglobos transparentes me envolvendo, eu disse que eu supunha que se tratava de alguma forma de fantasia pré-natal. Freud disse: "Sim, obviamente; você encontrou a resposta, bom – bom."

17 de março, 14h25

Tive um sonho estranho com pássaros pretos enormes. (O sr. Crowe[13] de ontem?) Eles picam ou mordem meus tornozelos com seus grandes bicos. Estou aterrorizada. De algum modo, sou salva por um rapaz ou homem jovem e os bicos pretos polidos dos pássaros se transformam em tornozeleiras de ébano acima de meus pés descalços.

Uma amiga dos tempos de escola chega. Ela está procurando quartos. *Quartos* de novo. Há uma sequência confusa de uma casa ou mansão com muitos quartos – a casa de meu pai? Gosto de Matilda e fico contente de vê-la – mas lá está o velho problema! Ela interferirá em meu *quarto* ou *quartos*. Isso é uma ansiedade de nascimento? Bryher escreve falando de me encontrar aqui mais tarde, com minha filha.

18h40

O Professor pediu-me para interpretar o sonho dos pássaros pretos.

Freud disse que o homem no sonho me deu a feminilidade, então encantou os pássaros.

12

18h40

Hoje contei ao Professor da imagem-escrita, ou do Escrito na Parede, como a chamei. Ele queria saber detalhes do tamanho exato das imagens projetadas que vi no quarto do Hotel Belle Venise em Corfu, o tempo real que demorou para a série se materializar, que hora do dia era? Olhei ao redor da sala e achei o que eu estava procurando; em um de seus vasos gregos havia uma imagem da Vitória, ou Niké, como eu a chamei, da sequência de imagens. Eu disse: "Ah, lá está ela."

O Professor e eu fomos até o armário de vidro. Algumas das imagens que eu vi e descrevi poderiam ter sido silhuetas de vasos gregos.

19h40

Eu havia tirado uma foto de Bryher para mostrar ao Professor. Ele disse que ela poderia ter sido um pajem em um afresco italiano.

O Professor disse: "Ela é *somente* um menino." Depois ele disse: "Está muito claro." De outra fotografia, ele disse: "Ela parece um explorador do Ártico." Ele gostou de outra foto de minha filha com Bryher no terraço da casa em La Tour. Contei ao Professor que ambas talvez viessem mais tarde a Viena. Ele disse: "Eu gostaria muito de vê-las." Isso me deixou muito feliz.

Ele disse que as cartas de Bryher eram "muito gentis, muito flexíveis", embora ela parecesse nas fotos "tão decisiva, tão inflexível". Contei-lhe como Bryher havia sido dedicada e leal, e como ela havia providenciado tudo em nossas numerosas viagens. Quando lhe contei do Escrito na Parede ele me perguntou se eu estava assustada. Eu disse que não, mas temia que Bryher estivesse assustada por mim. Ele perguntou de novo sobre a iluminação do quarto, sobre possíveis reflexos ou sombras. Eu descrevi o quarto novamente, a porta de comunicação, a porta que dava para o hall e a única janela. Ele perguntou se era uma janela francesa. Eu disse: "Não – uma como aquela", apontando para a janela de sua sala.

20h10

Eu sento no Café Victoria, em um banco de canto estofado, sob um imenso candelabro. Eu penso em Veneza quando olho para os cristais de vidro que refletem a luz.

18 de março, 10h40

Sonho com minha mãe jovem. Estamos na varanda de nossa primeira casa em Bethlehem. Meu irmão é somente um ano mais moço, mas sinto-me imensamente superior enquanto o observo engatinhar pelo chão. Ele se arrasta, engatinha, ou caminha com muita rapidez nas quatro pernas. Penso que ele é muito esperto, esse "cachorrinho". Eu tento indicar isso para minha mãe. Ela diz: "Mas ele vai ficar com os braços sujos e estragar a roupa." O bebê se esquiva para a porta aberta do vestíbulo. Digo à minha mãe, muito sábia e tolerante: "Mas que importância tem isso? É bom para ele engatinhar, fará diferença para toda a sua vida, vai fortalecer suas costas, seus braços, e pernas." Ele engatinha para fora da casa de novo e eu o ergo em seus pés e o aperto em meus braços, num delírio de devoção.

Conecto esse sonho com a observação do Professor sobre Bryher – "ela é *somente* um menino", e com o fato de que Bryher escreve dizendo que virá com minha filha me visitar aqui em Viena.

Tive um sonho posterior. O apelido que Bryher deu para o dr. Hanns Sachs é "a tartaruga". Um amigo, um americano residente na Inglaterra, aparece aqui por algum motivo casual. O lago das tartarugas fica no alto dos morros, Suíça, sem dúvida. Eu enfrento George Plank junto a esse lago de tartarugas, carregando orgulhosamente um *ovo de galinha*. Há uma mulher escrevendo. Ela diz: "Vocês garotas – vocês se exibem em seus gibões elisabetanos." Tenho uma sensação de enorme superioridade em relação a George, que é na realidade um artista e amigo simpático. Eu tenho uma sensação, no entanto, de que ele não responderia à psicanálise, embora não inamistoso como sentia que Frances e Ezra eram na primeira sequência do sonho.

16h

O Professor me disse há poucos dias que se ele vivesse outros mais cinquenta anos, ainda se sentiria fascinado e curioso pelas esquisitices e variações da mente ou da alma humana.

19h

Cheguei cinco minutos atrasada pois Alice Modern havia aparecido por volta das quatro e meia. O Professor me encontrou de imediato, disse que minha história da imagem-escrita ou Escrito na Parede "me fez pensar muito".

Perguntei-lhe sobre os cães; ambos vão sair no fim de semana. Ele não gosta de gatos; acha os macacos próximos demais. "Não temos a satisfação de eles serem como nós, nem a satisfação de serem inimigos."

Contei-lhe sobre as pequenas estátuas ou imagens na casa de que Lawrence havia falado pela primeira vez na Cornualha. Ele me perguntou que imagens eram. Eu disse que havia um Osíris pintado sobre a prateleira; sentada no fim havia uma Ísis de bronze – acho que havia uma coruja mumificada com formato de ovo.

O Professor disse: "Venha ver se conseguimos achá-las."

Fomos para a outra sala; ele tirou vários tesouros de trás das portas de vidro. Falamos de um Sekmet que ele me mostrou. Falei ao Professor da imagem com cabeça de gato no pequeno templo ao lado do grande templo de Karnak. Ele achou engraçado quando contei da grade de ferro que tiveram de pôr na entrada do templo, por causa dos visitantes histéricos ao luar. Eu disse que os árabes tinham especial reverência pela imagem, estavam aterrorizados até hoje com a deusa de cabeça de gato ou leão.

Olhamos as imagens em outro dos nichos; havia uma estátua alada grega – de Tânagra? O Professor tirou um Osíris de madeira (ou imagem parecida com Osíris) escurecido pelo tempo ou então deliberadamente pintado, com uma espécie de alcatrão ou piche. Havia um outro Osíris de pedra azul-verde. O Professor disse: "Eles são chamados os *respondentes*, pois seus duplos ou ka-s vêm quando chamados."

Voltamos para o divã.

Falei-lhe das cenas ou imagens que eu mesma havia invocado ou representado para Bryher, numa de nossas últimas noites no Belle Venise. Bryher parecia infeliz ou distante; seu estado de ânimo me assustava e entristecia. Para diverti-la, realmente, comecei a representar o que chamei de cenas de dança indígenas. Havia uma menina nas montanhas, havia um curandeiro procurando plantas no bosque, havia outro rindo, cantando – nossa velha amiga Minnehaha;[14] havia outros também: uma espanhola, ilhéus dos Mares do Sul, uma menina japonesa e um jovem sacerdote do Tibete. O Professor disse: "Era um série de poemas, interpretados como drama, meio motivado pelo desejo de confortar Bryher e nem 'delírio' nem 'magia'." Eu havia sugerido que aquilo poderia ser uma forma de possessão.

O Professor repetiu: "Veja, afinal você é uma poeta." Ele desconsiderou minha sugestão de alguma conexão com os antigos mistérios, magia ou segunda visão. Mas voltou ao Escrito na Parede. Disse que o drama, como ele o chamou, não tinha nenhum segredo para ele; mas as imagens projetadas, vista à luz do dia, o intrigavam.

Ele prosseguiu com o tema – será que eu podia agora com meus olhos fechados ver as

imagens? Eu disse: "Sim, e com meus olhos abertos." Ele disse que isso era possivelmente um "sintoma de importância". Eu disse que queria ter pedido a um artista amigo que desenhasse a série para mim, de tal modo que eu pudesse mostrá-la diretamente a ele. Ele disse que isso não serviria para nada. "Só haveria valor nas imagens se você mesmo as desenhasse."

9h10

Falamos um pouco de fantasmas. Eu queria contar a ele sobre as muitas lendas curiosas da Cornualha e como eu mesma havia ouvido os famosos "batedores de portas" quando estive lá em 1918. Os moradores acreditam que eles saem de minas abandonadas. Eles são o homólogo exato, embora eu não tivesse tempo para falar disso, dos gnomos ou anões das antigas lendas germânicas. Os "batedores", no entanto, não eram presenças fantasmagóricas, eles batiam nas portas com força, quase violentamente, e com frequência.

Falei ao Professor de uma bisavó que ouviu seu filho chamá-la. Ela correu para o jardim para encontrá-lo (na Pensilvânia). Seu filho estava nas Índias Ocidentais. Algum tempo depois, ela recebeu a notícia de que seu filho morrera no exato momento em que ela correra ao jardim para recebê-lo de volta.

20 de março, segunda-feira

Passei um domingo feliz nas galerias; eu encontrei Ticiano Vec., Jacopo da Strada, 1477-1576, e Palma Gioime, 1544-1628, com estátuas … e Giov. Batt. Moroni, 1520-1578. Uma das pinturas, que retratava um belo italiano renascentista intelectualmente maduro, de pé junto a uma mesa, com pequenas estátuas, me sugeriu o retrato de Sigmund Freud com sua fileira de pequenas imagens diante dele na mesa.

14

18h40

Subi ao apartamento da sra. Burlingham às quatro e vinte. Ela estava tranquila, magra, e bonita em seu consultório simples ou sala de estar que o filho arquiteto de Freud havia decorado para ela. Tal como o Professor, ela possuía alguns tesouros gregos. Seu pequeno Bedlingham terrier cinzento correu para baixo do divã mas saiu depois para

fazer amizade comigo. Conheci a filha dela, da mesma idade da minha, e um rapaz de dezessete anos. Outra criança estava tendo aula de música na sala ao lado. Fiquei um pouco desconcertada com os modos reservados, tímidos da sra. Burlingham, e com o fato de ela me lembrar que eu devia estar às cinco no andar de baixo, com o Professor.

Então descendo de volta a Freud… Falei-lhe da visita. Então me senti um pouco perdida. Talvez isso se devesse em parte ao meu último sonho. Eu tentava desesperadamente voltar para meu apartamento na Sloane Street, Londres. O apartamento fica no alto da casa. Quando entrei no vestíbulo no térreo, um homem e depois um menino grosseiro barraram meu caminho para a escada e pareciam me ameaçar. Não ousei desafiá-los… (Eu não podia contar ao Professor que esse terror estava associado em minha mente às notícias de novas atrocidades nazistas.) Ameaçada e aterrorizada eu chamei, em voz bem alta, "Mamãe". Estou na rua agora. Olho para a janela de meu apartamento lá em cima. Tem cortinas diferentes ou uma sugestão de venezianas. Há uma figura lá, segurando uma vela acesa. É minha mãe.

Fui tomada pela felicidade e todos os vestígios de terror desapareceram.

20h20

Falamos de Creta. Contei-lhe como fiquei decepcionada no cruzeiro da primavera passada. Foi difícil atracar. Havia golfinhos brincando ao redor do navio, ancorado ao largo do litoral rochoso; havia um arco-íris permanente provocado pelos respingos da espuma do mar. Vimos a capela no alto das encostas que tinham a reputação de ser o local onde Zeus nasceu, ou foi amamentado. Falamos de sir Arthur Evans e seu trabalho ali. O Professor disse que nós dois nos encontrávamos em nosso amor pela antiguidade. Ele disse que suas pequenas estátuas e imagens ajudavam a estabilizar a ideia evanescente, ou a evitar que escapasse completamente. Perguntei se ele tinha uma deusa-serpente cretense. Ele disse "não". Eu disse que havia conhecido pessoas em Londres que tiveram em certo momento alguma conexão com Creta, e que poderia mover céus e terra para lhe conseguir uma deusa-serpente. Ele disse: "Duvido que até mesmo *você* consiga isso."

O Professor diz que a fixação na mãe é a mesma nos meninos e nas meninas, mas que a menina costuma transferir sua afeição ou (se acontecer) sua fixação para o pai. Nem sempre. A deusa-mãe de Creta está associada ao menino ou jovem na pintura mural dos campos de croco. Falamos de Égina também. O Professor prosseguiu falando do crescimento da psicanálise e de como se cometeram erros no início, pois não estava suficientemente compreendido que a menina não transferia invariavelmente suas emoções para o pai.

Ele perguntou: "Seu pai era um pouco frio, um pouco rígido?" Expliquei novamente que ele era o que é conhecido como "tipicamente Nova Inglaterra", embora ele tivesse

afastado da Nova Inglaterra, pois seu pai se mudara para o oeste. O Professor disse que achava que meus dramas-danças de Corfu eram realmente uma espécie de exibição ou divertimento para minha *mãe*. "Sua mãe cantava para você?" Eu disse que ela possuía uma linda voz profunda, mas que ela tinha algum tipo de bloqueio ou repressão em relação a cantar. Nossa avó adorava que eu cantasse para ela, hinos antigos em geral. Meu irmão mais velho e eu cantávamos pequenas canções de ninar acompanhados por nossa mãe. O Professor disse que isso era coerente. "Isso irá simplificar ainda mais." Contei-lhe de novo que minha mãe morreu na primavera, nessa mesma época, e de novo eu lembrei que Lawrence morreu também em março.

15

21 de março, terça-feira

A linda gravura que tenho do Professor está apoiada sobre minha penteadeira. Ela se torna o "respondente", como a imagem de Osíris que ele me mostrou.

18h30

O Professor ficou emocionado com o bilhete de Bryher e seu presente para a Sociedade. Falamos da situação política.

Não existem fronteiras do espírito.

Contudo, estou dividida por intensas emoções de antipatia.

Na noite passada, tive meu velho pesadelo do trem. Estou indo a um lugar vagamente indefinido com minha filha e Alice, que foi durante um tempo sua governanta. Um funcionário uniformizado revista nossas sacolas. Ele encontra meu frasco de viagem. Conhaque? Não tento dar explicações nem desculpas. O funcionário ("censor", o Professor?) encontra outra garrafa escondida sob o assento. Há mais garrafas. Ele as recolhe numa mala vazia e ordena que o sigamos.

Minha filha e Alice e eu estamos perdidas em algum lugar, num caminho perigoso, alguns degraus *abaixo*.

O Professor perguntou sobre minha associação; eu disse que não tinha nenhuma associação precisa, eu estava apenas assustada por ser descoberta. Ele disse: "Talvez algum escrúpulo." Consciência?

São muitas as associações com trens. Lembro de uma em particular quando cheguei em Paris de trem vindo do porto, logo após o amanhecer. Meu café com pãezinhos no bufê da estação era indescritivelmente *France*. De novo, eu havia partido. Eu adorava a

Inglaterra, mas havia sempre aquele sentimento quase histérico de fuga, depois de atravessar o canal. Poderia relembrar as pinturas murais da Gare du Nord? A Normandia com macieiras, uma parede de mar e céu azul interrompido por um primeiro plano de – oliveiras? Laranjeiras? Enquanto tomava meu café no bufê quase vazio, um menino chegou com uma enorme cesta repleta de rosas. O gerente ou garçom escolheu um punhado delas e as colocou ao lado de meu prato.

Então lembro de um incidente que precedeu o sonho do trem. Estou experimentando um vestido verde. Fico diante do espelho e estendo meu pé. Uso uma sandália grega, de lindo corte clássico, mas adequadamente moderno.

O Professor disse: "Você conta isso tão lindamente."

Antes de sair, dobro a manta cinza-prateada. Fui lagarta, larva, apertada na crisálida.

O Professor toca o pequeno sino para avisar a criada que a última analisanda está para sair. Seu cotovelo conclui o gesto de despedida como asa de pássaro. O Professor diz: "Entramos em matérias profundas."

Chamavam meu pai de o Professor e meu meio-irmão de o jovem Professor. Nosso Professor tinha razão, eles não se parecem com esse vienense Herr Professor Sigmund Freud. Ele está mais próximo do avô e daquela religião, "uma atmosfera…".

Eles eram gente do norte da Inglaterra. Nós, crianças, éramos a nona geração a herdar um nome inglês esquisito. Seis gerações foram desgastadas e moldadas pela pedra e pederneira da *Nova* Inglaterra. O pai de nosso pai, o sétimo, foi atraído para o oeste junto com aquela geração dos carroções. Sua jovem esposa não ficou feliz. Eles pretendiam ir para a Califórnia, mas se estabeleceram em Indiana. Iniciaram tudo de novo, onde os primeiros puritanos com seu nome haviam começado.

Ainda havia alguns índios no distrito. Nosso avô tinha seus livros de direito. Nosso pai ajudava nos campos, mas achava difícil arar. Sua ideia de uma linha reta era mais abstrata; ele tinha o Euclides de seu pai.

Eles caçavam escravos fugidos. Nosso jovem pai sentia falta das "vagas e trovões"[15] da odisseia da Nova Inglaterra. Ele olhava para o céu; marinheiros conduzem navios guiados pelas estrelas.

Ele trabalhava com torno mecânico e serra, ele era aprendiz de um carpinteiro. Ele aprendeu seu ofício; seus dedos finos tinham "sensibilidade" para pinho, tulipeira e cedro. Sua irmã Rosa se apropriara do Virgílio e o traduziu para ele. Ele não sabia o que queria quando escolheu, com seus prescientes olhos cinzentos, as dez estrelas da Ursa Maior ou as oito do cinturão de Órion. Mas sabia que isso o satisfazia. Ele encontrou Algol.

Seu irmão Alvan era dois anos mais velho. Alvan falou com seu irmão, vadiando como de hábito, na escuridão. Havia um novo chamado de Lincoln. Alvan disse: "Eu vou."

Charles foi com ele.

O mais jovem dos
sobre aquelas últim
ele tentava dar risa

Alvan estava m
eles estavam… era
último discurso de
guerra", mas não e
sua mãe achava ag
Ou não achava? Er
estava tentando am
ele nunca lhe contou

Ele disse ao seu pa
risse daquele jeito,
mais velho ficou ur
do que mel no favo
ficasse de olhar fix
improvisado… no f
se lembrava de zim
sob sua respiração
de algum modo, par
lá, o acampamento

Ele ficou abala
que seus olhos enc
Alvan. Por que el
Aquela batida na p
quase deixou cair o
aquele potro que fi
tique-taque era tão
parasse para ouvir.
da janela aberta, C
arrastar seu tamanh

Ele havia pego
estava fazendo, ris
Uma vara pendia d
tivera seu balanço.
Mercy estava mort
marcando a sombra

Que idade tinha
sobre a idade, para

ANEXO

Correspondência

As cartas de Freud a H.D. foram escritas entre dezembro de 1932 e março de 1933, quando H.D. chegou a Viena, e do final da análise de H.D. até a morte de Freud, em 23 de setembro de 1939. Algumas das cartas foram escritas em alemão. As cartas de H.D. para Freud foram escritas a partir da chegada do Professor a Londres, em 6 de junho de 1938.

As cartas entre H.D. e Bryher reproduzidas aqui foram trocadas durante os dois períodos de análise de H.D. com Freud: 1º de março a 15 de junho de 1933 e 29 de outubro a 2 de dezembro de 1934. Elas foram selecionadas a partir de *Analizing Freud, Letters from H.D., Bryher and Their Circle* (New Directions, 2002).

Correspondência entre Hilda Doolittle e Freud

18 de dezembro de 1932
Viena IX, Berggasse 19

Prezada sra. Aldington
Não tenho certeza de que a senhora sabe alemão, então rogo que aceite meu mau inglês. Isso pode ser especialmente penoso para uma poeta.

A senhora compreenderá que não pedi seus livros com o objetivo de criticar ou apreciar sua obra, a qual me informaram ser altamente elogiada por seus leitores. Sou um mau juiz de poesia, especialmente numa língua estrangeira. Eu queria ter um vislumbre de sua personalidade como uma introdução a conhecê-la em pessoa. Seus livros estarão esperando comigo por sua chegada. (Um amigo americano meu trouxe-me hoje *Palimpsest*.)

Minhas relações com meus pacientes (ou alunos) estão agora especialmente complicadas. Espero resolvê-las em poucas semanas e farei um esforço para não deixá-la esperando por muito tempo.

Com os melhores votos
atenciosamente
Freud

26 de janeiro de 1933
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Prezada senhora
Não respondi à encantadora carta que me escreveu no final de dezembro. Naquele momento, eu esperava chamá-la para vir muito em breve. Mas as coisas correram de forma diferente. Não consegui achar tempo para a senhora e fiquei adiando a decisão. Agora, recebi sua segunda carta, junto com o livro sobre H. Ellis, que deverá esperar aqui por sua chegada. Compreendo que um certo adiamento lhe foi bastante agradável. Mas não quero estendê-lo por muito tempo, e decidi fazer os arranjos necessários, mesmo que isso signifique usar da força. Por outro lado, não posso esperar que a senhora

viaje ou mude seu lugar de residência neste terrível frio atual e num momento em que grassa uma epidemia de gripe. Ouvi dizer que a senhora tem uma saúde delicada. A senhora preferiria vir no início da primavera, em abril/maio? É difícil controlar esses fatores higiênicos e fácil fazer cálculos errados.

Sachs escreveu sobre a senhora e seus amigos de Boston. Não tive notícias de H. Ellis – eu já tinha o livro em homenagem aos seus setenta anos e tenho em mente quem seja a orgulhosa pessoa da revelação.

Com os melhores votos para a senhora e seus amigos.

seu

Freud

P.S.: Fico contente que a senhora entenda alemão.

4 de fevereiro de 1933
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Prezada senhora,
Poderia vir até minha casa na quarta-feira, 1º de março? Se a senhora chegar antes e me chamar ao telefone, lhe indicarão a hora em que poderei vê-la pela primeira vez. O *Regina* é muito bom e me conhecem lá. Espero que essa combinação não seja perturbada pela gripe que grassa aqui neste momento. Nesta agradável expectativa,

seu

Freud

20 de fevereiro de 1933
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Prezada senhora,
Obrigado por sua carta. Alegro-me com a ideia de vê-la aqui dentro de poucos dias. Acabo de ler *Southwind*, de Norman Douglas. Peço-lhe por favor que deixe de lado provisoriamente *A interpretação dos sonhos*, assim como qualquer outro documento analítico.

Meus melhores votos para a senhora W. (Bryher).

Cordialmente seu,
Freud

Julho de 1933
Viena XIX, Strasserg 47

Cara H.D.
Sua amável carta reavivou as lembranças muito agradáveis que guardo de sua estadia comigo em Viena.

Você poderia fazer uma coisa por mim em Londres? Eu ficaria muito contente de saber que você esteve com meu filho Ernest, que se estabeleceu como arquiteto no centro do mundo inglês depois de ter deixado Berlim (36 Clarges Street W1), bem como sua esposa, uma mulher encantadora. Mas eles talvez tenham partido para as férias de verão neste momento, ou você receie fazer novos conhecimentos. Portanto, não o faça se não for um prazer para você. Aproveitamos agradavelmente a casa e o jardim.

Afetuosamente seu,
Freud

P.S.: V.D. Leeuw, o "Holandês Voador", me enviou uma carta do Egito. Espero que ele chegue ao Cabo são e salvo.

20 de julho de 1933
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Prezada H.D.
Obrigado por sua longa carta que foi escrita em circunstâncias tão tristes. Eu já havia recebido uma carta de Bryher de Londres. O futuro provavelmente depende de como Lady E. se sentirá. Conversei com Yo e Tattoun: "Seu bando de desatentos, vocês não percebem que sir John está morto e que Perdita talvez nunca venha a ser sua mãe adotiva nem verá Villa Kenwin." Uma vez que é preciso se separar deles e que essa separação é muito difícil, deseja-se ao menos vê-los em boas mãos. Houve muita comoção no Estado dos cachorros. Wulf teve de ser enviado para Kagran, porque ambas as senhoras estavam no cio, e o feroz antagonismo entre Yofi e Lün, que está enraizado na natureza das

mulheres, resultou em a boa e gentil Lün ser mordida por Yofi. Assim Lün, também, está no momento em Kagran e o futuro dela é incerto.

Sobre os ocupantes humanos da casa posso apenas dizer que estiveram doentes boa parte do tempo e somente agora começam a desfrutar o verão.

Eu particularmente esperava que você me dissesse que está escrevendo, mas isso é uma coisa que não se deve forçar. Confio que me dirá isso mais tarde.

A aventura na Espanha que me contou é terrivelmente misteriosa… Minha simpatia outrora tão grande por H. Ellis diminuiu muito sob a impressão do que você me contou.

Com meus melhores votos,
seu,
Freud

27 de outubro de 1933
Viena IX, Berggasse 19

Cara H.D.
Desculpe-me por lhe escrever em inglês. Minha última doença me abalou de mais de uma maneira e assim – minha memória tendo sido tão fiel no que tange a bagatelas – não consigo lembrar até que ponto posso confiar em seu conhecimento de alemão, nem em que língua foram escritas minhas cartas anteriores. De qualquer modo, fico feliz por poder lhe escrever agora, e já posso até trabalhar cinco horas por dia. Não posso deixar meus aposentos, meu coração não se permite a conquista da escada.

Não creio que irei para Londres, como seus amáveis amigos supõem – talvez não venha a ocorrer provocação que me obrigue a deixar Viena. Se vier a Viena, espero vê-la muito, quer continue ou não a análise. Estou profundamente satisfeito em saber que você está em vias de escrever. Foi por isso que mergulhamos nas profundezas de seu inconsciente, como me lembro.

Não pude aceitar Aiken e estou desolado que você não tenha podido ficar com os "gêmeos". Tivemos de separá-los. Tattoun encontrou um novo lar com o doutor Lampl, amigos analistas refugiados de Berlim, com dois filhos e um jardim. Yo foi posta à venda e aguarda em Kagran qual será seu destino. A vida não é fácil, mesmo para um chow-chow.

Fico contente que você tenha prometido escrever-me.

Afetuosamente seu,
Freud

20 de dezembro de 1933
Viena IX, Berggasse 19

Cara H.D.
Obrigado por sua amável carta! Estou justamente me perguntando como responder aos "cumprimentos escaldantes" de Perdita, recebidos há poucos dias. Achei muito duro ficar confinado em casa por causa desse frio incomum para a estação e pelas sequelas de minha última doença, e é muito difícil fazer-se alguma coisa por procuração. Portanto, é melhor que ela espere até que eu esteja restabelecido. Quanto às suas flores, é verdade que admiro as orquídeas, sobretudo aquelas que são perfumadas, bizarras e de aspecto horrível, como as Stanhope, mas não prefiro nenhuma outra flor à frágil e encantadora gardênia. É sem dúvida impossível encontrar gardênias em Viena nessa época do ano. Assim, deixe-me agradecer-lhe pela delicadeza de sua intenção e como o segredo foi revelado, espero que você o esqueça.

Fico muito feliz de saber que está lendo minhas novas conferências. Eu a imagino escrevendo, criando aquilo que me contou e, no momento oportuno, estou certo de que me deixará também fruí-lo. Sua escrita não me foi de forma alguma aborrecida. Não tenho a mesma certeza em relação à minha. Ainda não superei a infelicidade de você não ter aceitado Yo e Tattoun para Perdita. Eles parecem bem cuidados agora na casa de amigos nossos.

Meus três netos que tiveram de sair de Berlim entraram para a escola de Dartington Hall, em Totnes, Devon; eles passam suas férias com os pais em Londres. Possa a Inglaterra se revelar uma "pátria" melhor para eles!

Com os meus melhores votos de feliz Natal e Ano-Novo para você, Bryher e sua filha.

Afetuosamente seu,
Freud

24 de dezembro de 1933
Viena IX, Berggasse 19

Cara H.D.
A Yofi de marfim é absolutamente encantadora. Prefiro-a a todos os bois.[1] Você notou que ela tem uma língua móvel?

Feliz Natal para todos vocês!
Freud

5 de março de 1934
Viena IX, Berggasse 19

Querida H.D.!
Faz realmente um ano inteiro desde que você me visitou pela primeira vez? Sim, e passei a segunda metade desse período sofrendo devido aos maus resultados de uma outra operação ligeira destinada a aliviar meus sofrimentos habituais. Mas no fim das contas, não foi um caso trágico, somente a expressão inevitável da velhice e da degeneração dos tecidos que a acompanha. Assim, não me queixo. Sei que estou devedor e tudo o que ainda tenho é um presente inesperado.

Também não é doloroso um pensamento de deixar esta cena e este conjunto de fenômenos para sempre. Não resta muito a lamentar, os tempos são cruéis e o futuro parece ser desastroso. Durante algum tempo tivemos medo de não conseguirmos ficar nesta cidade e neste país – é desagradável ir para o exílio aos 78 anos – mas agora pensamos que ao menos escapamos desse perigo.

Atravessamos uma semana de guerra civil. Não muito sofrimento pessoal, apenas um dia sem luz elétrica, mas a *Stimmung*[2] estava terrível e a sensação era de um terremoto. Não há dúvida, os rebeldes pertenciam à melhor parcela da população, mas seu sucesso teria sido de duração muito curta e causaria a invasão militar do país. Além disso, eles eram bolchevistas e não espero nenhuma salvação vinda do comunismo. Desse modo, não podíamos dar nossa simpatia a nenhum lado dos combatentes.

Lamento saber que você ainda não está trabalhando, mas de acordo com seu próprio relato as forças estão fervilhando. Venho recebendo cartões-postais da viagem de Perdita. O último veio de Trinidad. Garota feliz!

Mande meu amor para Bryher e não me esqueça.

Afetuosamente seu
Freud

Viena XIX, Strasserg 47
4 de julho de 1934

Muito querida H.D.
Recebi todas as suas cartas, vi M. Williams, recebi três livros (obrigado a você e a Bryher), estou feliz que você tenha conhecido meu filho e minha filha e que tenha gostado deles como eles gostaram de você, e lhe escreverei mais depois de ter lido os livros.

Afetuosamente seu,

Freud

Viena IX, Berggasse 19
XIX, Strasserg 47
24 de setembro de 1934

Cara H.D.
Eu soube de sua doença e fico feliz que você tenha se recuperado completamente. É uma oportunidade muito agradável vê-la de novo e escutar por algum tempo o trabalho de seu espírito. Venha portanto para Viena com Bryher se puder organizar isso. Penso que encontrarei um meio de lhe oferecer uma hora sem interferir no prazer que você sente na ópera. Quanto às condições, devo lhe informar que abandonei as moedas estrangeiras e fixei meus honorários uniformemente em cem xelins a hora. Esteja preparada para eventuais problemas com minha saúde. Não é sempre que estou forte ultimamente.

A catástrofe de que foi vítima V.D. Leeuw,[3] senti-a como uma perda pessoal. Concebi tarde demais a ideia de que poderia tê-lo impedido de arriscar sua vida de um modo tão perigoso, pois havia encontrado a conexão íntima de sua maneira temerária de voar e de suas fantasias profundas. Mas não tive ocasião de falar sobre isso com ele.

Obrigado pelo recorte sobre Hilton. Desde então, li muitos de seus livros e o admiro sempre. Um deles – *The Meadow on the Moon* – é um fracasso total. Receio que seja prolífico demais.

Recebi uma carta de H. Ellis me recomendando um estudante de psicologia que quer ser analisado. Dizem que ele é muito pobre. Isso pode ser verdade?

Afetuosamente seu,
Freud

Viena IX, Berggasse 19
28 de outubro de 1934

Cara H.D.
Estou impaciente por vê-la amanhã entre 5 e 6 horas da tarde. A segunda-feira lhe está reservada.[4]

Afetuosamente seu,
Freud

17 de fevereiro de 1935
Viena IX, Berggasse 19

Cara H.D.
Estou consternado que você se sinta perturbada pela experiência sobre a qual me falou. Agora, deixe-me dar um conselho sobre seu projeto de superá-la com algumas entrevistas informais com Schmideberg.[5] Como regra geral, não posso aprovar esses substitutos de análise. Sei que você não pode fazer a viagem a Viena com a frequência que gostaria e, de qualquer modo, você deve procurar um substituto para minha pobre pessoa, pois não vou provavelmente aguentar por muito tempo. Assim, eu lhe aconselharia a tentar superar esse problema emocional com suas próprias forças, e se achar que é duro demais para você, pode se dirigir a ele para uma análise verdadeira, completa e normal até que se sinta bem de novo. Mas não pensaria que você comete um grande crime se não concordar com meu conselho e decidir por você mesma.

Fiquei contente de saber que você tem a intenção de visitar meus filhos. Sei que eles conseguiram fazer de Londres seu lar. Não recebi notícias de Boston a respeito de Bryher e de Perdita. Espero que elas estejam felizes com a viagem.

Com a minha mais sincera amizade,
seu Freud

19 de maio de 1935
Viena IX, Berggasse 19
XIX, Strasserg 47

Muito querida H.D.
Inútil dizer como fiquei feliz com sua amável carta de aniversário! Faça-me a gentileza de transmitir meus pensamentos afetuosos para Bryher e Perdita e de contar a Bryher o uso que fiz do cheque que ela me deu de presente. Você talvez tenha sabido que o doutor Jones veio à Viena e deu uma conferência interessante quando de um encontro que introduziu nossa gente nas novidades um tanto comoventes da psicanálise inglesa. Ele nos pediu em contrapartida que enviássemos um conferencista a Londres para dar prosseguimento à discussão. Escolhemos o doutor Wälder para empreender essa viagem e as dez libras esterlinas de Bryher cobrirão uma parte das despesas. Assim, o dinheiro retornará para onde veio.

Lamento que você nunca tenha visto nossa casa e nosso jardim aqui em Grinzing. É o lugar mais lindo que já tivemos, um verdadeiro sonho diurno e somente a doze minutos de carro da Berggasse.

O mau tempo teve a vantagem de deixar a primavera desenvolver muito lentamente seu esplendor, ao passo que nos outros anos, a maior parte da floração acontecia quando saíamos.

É certo que estou ficando velho e que meus males pioram, mas tento sentir prazer [na vida] tanto quanto posso e trabalhar cinco horas por dia.

Não há outros escritos a esperar de mim, mas você não me mantém a par dos progressos de seu trabalho?

Com minhas afetuosas lembranças para todas vocês
Sinceramente seu,
Freud

P.S.: Recebi o número do jubileu e não reconheci meu retrato com a mesma rapidez de Perdita.

Viena IX, Berggasse 19
3 de novembro de 1935

Querida H.D.
Estou muito contente de ter recebido suas notícias, sabendo que trabalhou com Schm.[6] Fiquei tentado a lhe responder em alemão, pois quanto mais avanço na idade, mais a língua estrangeira se torna difícil para mim. Mas estou convencido que você me desculpa os erros.

Não preciso repetir que você teve razão em fazer uma nova análise com Schm., que é tão amável e simpático. Eu teria preferido lhe dar assistência eu mesmo, mas eu estou tão longe e devo lhe agradecer por ter vindo me ver duas vezes. A guerra que conseguiu lhe perturbar talvez não aconteça, é o que todos esperamos. Desejemos agora que você alcance as melhores condições de paz possíveis em sua luta interior.

Trabalho sempre cinco horas por dia com os alunos e os pacientes. Após um verão esplêndido no jardim de Grinzing estamos agora de volta à Berggasse, muito confortável… prisão.

Um de nossos membros mais inteligentes, o doutor Robert Wälder, estará em Londres na próxima semana para uma discussão na associação inglesa.

Com toda a minha afeição por você e Perdita…

Do sempre seu,
Freud

28 de dezembro de 1935
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Queridas H.D. e Perdita
Acho que prefiro continuar em alemão. Aqui também temos mais neblina e escuridão do que é habitual na época do Natal. Mas diante de minha janela da sala interna ergue-se uma planta orgulhosa e docemente perfumada. Só a vi florir duas vezes em jardim, no lago de Garda e no vale de Lugano. Ela me lembra aqueles tempos passados em que eu ainda tinha mobilidade suficiente para sair e ir eu mesmo observar a luz do sol e a beleza da natureza meridional. A planta é uma datura, parente nobre do tabaco, cujas folhas faziam tanto por mim em outros tempos mas agora podem fazer tão pouco.

Não é recomendável dar algo belo a um octogenário. Há muita tristeza misturada à alegria. Mas uma coisa é certa: não mereci este presente de você e Perdita, uma vez que nem mesmo respondi a todas as suas cartas amistosas em regularidade.

Retribuo cordialmente seus votos amáveis de bom ano de 1936. Você e, sobretudo, Perdita, ainda têm muito tempo pela frente. Espero que haja muitas coisas boas e libertadoras. Bryher também deve me permitir agradecê-la, ao menos em conexão com isso.

Com minha calorosa amizade,
do seu
Freud

Maio de 1936
[*escrita em alemão*]

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS POR SUA GENTIL LEMBRANÇA NA COMEMORAÇÃO DE MEUS OITENTA ANOS

Do seu Freud

Você perdoará essa minha maneira bárbara de reagir a tais manifestações de amor [ou amizade]? Tenho certeza de que Yofi está muito orgulhosa de ser mencionada por você. Acredite ou não, ela entrou às seis da manhã em meu quarto para me mostrar sua afeição à sua maneira, coisa que ela nunca fez antes ou depois. Como um pequeno animal sabe quando acontece um aniversário?

24 de maio de 1936
XIX Strasserg 47
Viena IX, Berggasse 19

Querida H.D.
Todo o seu gado branco chegou vivo e adornou a sala até ontem.

Eu havia imaginado que me tornara insensível ao elogio e à reprovação. Lendo suas amáveis linhas e tomando consciência do prazer que elas me deram, pensei primeiro que estava enganado sobre minha firmeza. Contudo, um segundo pensamento me fez concluir que eu não estava. O que você me deu, não foram elogios, foi afeição, e não preciso ter vergonha de minha satisfação.

A vida em minha idade não é fácil, mas a primavera é linda e o amor também.

Afetuosamente seu
Freud

20 de setembro de 1936
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Atrasadas, mas sinceras congratulações por seu aniversário de 50 anos, de um amigo octogenário.

Fr.

Sra. Hilda Aldington
(H.D.)
Londres SW1
49 Lowndes Square
Viena, 1º de janeiro de 1937

Feliz Ano-Novo!

Cordialmente,
seu Freud

26 de fevereiro de 1937
Viena IX, Berggasse 19
[*escrita em alemão*]

Querida H.D.
Acabei de ler a sua *Ion*. Profundamente comovido pela peça (que eu ainda não conhecia) e não menos por seus comentários, em especial aqueles que se referem ao fim, onde você exalta a vitória da razão sobre as paixões, envio-lhe a expressão de minha admiração e os melhores votos.

Seu,
Freud

Carta não datada
[*fim de novembro de 1938*]
Kensington 7268
London Gardens
118-120 Knightsbridge SW1

Para saudar o retorno dos deuses.[7]

Professor Sigmund Freud
20 Maresfield Gardens
Londres NW3
28 de novembro de 1938

Querida H.D.
Recebi algumas flores hoje. Por acaso ou intencionalmente, são minhas flores preferidas, aquelas que mais admiro. Algumas palavras "para saudar o retorno dos deuses [*gods*] (outras pessoas leem bens [*goods*])". Sem assinatura. Desconfio que você seja a responsável pelo presente. Se adivinhei certo, não responda, mas aceite meus calorosos agradecimentos por esse gesto tão encantador. Em todo caso,

afetuosamente,
Sigm. Freud

1938
[*escrito em alemão*]

A SENHORA MARTHA FREUD
envia à senhora Aldington seus agradecimentos mais cordiais pela maravilhosa planta, com muito pensamentos amigáveis!

49 Lowndes Square SW1
Sloane 3835
1º de dezembro [de 1938]

Querido Professor,
Estou muito contente que tenha gostado das flores. O senhor não pode se lembrar do que me disse, mas eu me lembrarei sempre. Falávamos de Roma, das escadarias da praça de Espanha.[8] O senhor disse (ou alguma coisa parecida[9]), "lá, até mesmo *eu* podia encontrar sempre uma gardênia fresca".

Suponho que não existe ninguém mais feliz do que eu – e isso está carregado de significação – por ver os deuses de volta a Londres.

Com minha gratidão e minha afeição, sempre mais profundas,

H.D.

1º de maio [de 1939]
Sloane 3835
49 Lowndes Square
Apt. 10
SW1

Muito querido Professor Freud
Envio-lhe pelo correio um pequeno volume sobre o chow-chow, num pequeno lembrete de que Yofi não foi esquecida. Vocês ocupam, ela e o senhor, o lugar de honra, em meu quarto, sobre a estante de livros, com meu Buda.

É uma fotografia nova que Br[yher] me emprestou, pois ela não queria levá-la para o exterior, temendo que fosse "danificada", ou jogada no lixo em sua ausência. Que atmosfera deliciosa a foto dá ao meu interior, esta em que o senhor está meio de perfil. Ela traz de volta a lembrança dessas horas maravilhosas. Naturalmente, tenho meu exemplar original dessa gravura,[10] que comprei quando estava lá… Falamos muito do

senhor, e Br[yher] organiza sua viagem ao congresso (se congresso houver) como se fosse uma fuga maluca. Não sei se irei encontrá-la ou não, mas ela diz que leva Perdita "para escolher seu analista".

O senhor viu, com certeza, o *News Chronicle* de 22 de abril? Enviei exemplares do artigo do doutor Jones a vários de meus amigos: o retrato é bonito, dessa vez.

Com nossa afeição,

H.D.

49 Lowndes Square SW1
Sloane 3835
6 de maio [de 1939][11]

Caro Professor Freud

Pensamos todos no senhor hoje e no grande privilégio de tê-lo na Inglaterra. Deve fazer agora seis anos que me vi pela primeira vez com o senhor em Viena; era, salvo erro da minha parte, por ocasião do número místico do 77 – agora 83.[12]

Estou enganada?

O tempo prega peças tão bizarras: antes macabras, toda essa algazarra de guerra e de pseudoguerra. Isso acrescenta séculos à sua vida, pois lhe leva 25 anos para trás, "relatividade" enganadora. Posso somente esperar que o senhor se sinta em segurança e protegido pelas verdades eternas e suas presenças simbólicas em lugar seguro,[13] vossos egípcios e gregos (os deuses ou os "bens") velem por vós.

Escrevi muitas vezes ao doutor Ellis e a ideia de que iríamos juntos encontrá-lo parecia lhe agradar. Mas ele me escreve que está cada vez mais desgastado (não tanto doente, ou fatigado) e não pode tentar a viagem desde "Cherry Ground",[14] sua casa.

Minhas lembranças ternas
para todos os seus (tão numerosos)
e minha afeição pelo
senhor (SOZINHO).

Hilda

Hampstead 3952
6 de junho de 1945
2 Marsfield Gardens

Londres NW3
[*escrita em alemão*]

Cara sra. Aldington
Desculpe-me por expressar somente hoje meus agradecimentos por sua amável carta e o envio de seu belo ensaio sobre meu querido marido! E desculpe-me também por fazê-lo em língua alemã, pois não domino perfeitamente o inglês. Mas suponho que, em virtude de suas longas estadas em Viena, o alemão não lhe permaneceu totalmente estranho. Assim, transmito-lhe ainda mais uma vez meus sinceros agradecimentos por sua afetuosa lembrança da velha Berggasse, atualmente esquecida, com tudo o que se liga a ela, e que me emocionou profundamente – assim como o maravilhoso livro de Hans Sachen![15]

Todos os tesouros que meu marido reunira ao longo dos anos estão agora expostos de novo (depois de terem estado amontoados no porão durante os anos de guerra) e ficarão felizes de serem admirados novamente pela senhora.

Com minhas lembranças amistosas, sua Martha Freud.

Carta não datada

Para vos agradecer pessoalmente e particularmente pelo *Moisés*[16]

e com toda a afeição de H.D.

1. Ver o sonho da carta a Bryher de 28 de abril de 1933.
2. Em alemão no original: atmosfera. (N.T.)
3. Cf., neste volume, *Escrito na parede*.
4. H.D. retomou sua análise com Freud de 29 de outubro a 2 de dezembro de 1934.
5. Walter Schmideberg, o psicanalista que H.D. consultou depois de Freud. (N.T.)
6. Schmideberg.
7. Estas palavras não assinadas acompanhavam um envio de gardênias, o que permite datá-las do fim de novembro de 1938. *Cf. Escrito na parede*, p.43. Depois da chegada de Freud a Londres, H.D. lhe enviou gardênias sem assinar o cartão, "para saudar o retorno dos deuses", isto é, a feliz chegada das caixas que continham as coleções de Freud.
8. Cf. *Escrito na parede*, p.43.
9. Leitura incerta.
10. Uma gravura que representava Freud. Cf. *Advento*, p.182 e 194.
11. Aniversário de Freud; H.D. jamais deixava de comemorá-lo.
12. Cf. *Escrito na parede*, p.72: "Seus 77 simbolizavam poder oculto e mistério para mim. … É importante para mim, aquele 77, e tenho um sete ou adquirirei em alguns meses depois de seu aniversário em maio."
13. Palavra ilegível. Sentido proposto.
14. Leitura duvidosa.
15. Na realidade Hans Sachs. O erro se torna curioso por "*Sachen"* em alemão significar "coisas". (N.T.)
16. *Moisés e o monoteísmo* foi publicado postumamente em 1939, e H.D. deve ter recebido um exemplar enviado pela

família de Freud.

Correspondência entre Hilda Doolittle e Bryher

Primeira parte da análise: 1º de maio de 1933 – 15 de junho de 1933

H.D. a Bryher e Kenneth Macpherson[1]
[Hotel Regina, Viena]
1º de março [de 1933]
Quarta-feira após o jantar

Escrevi a Alice [Alice Modern][2] e a verei, conforme sua conveniência, amanhã ou depois de amanhã.

Desci com passos hesitantes a Berg Gasse,[3] o que, segundo os meus cálculos desta manhã, deveria me tomar, lentamente, dez minutos, ou rapidamente, oito. A entrada era encantadora, com degraus largos e uma estátua num pátio diante de uma treliça, e me deu tempo para me empoar de novo, só que um senhor com uma pasta saiu e me lançou um olhar significativo, e eu me disse: "Ah, o último do Professor"; e encontrei a porta ainda aberta atrás dele, para deixar entrar *cat*,[4] que foi acolhida por uma criada minúscula, a qual me ajudou a tirar as galochas verde e cinza e disse que eu não deveria ficar com meu casacão. Eu me grudei na roupa, fui introduzida na sala de espera e, antes que eu pudesse me arrumar diante do vidro da janela para a rua sem alegria,[5] um pequeno fantasma branco surgiu ao meu lado e estive a ponto de desfalecer; ele disse: "entre, linda senhora", e eu entrei, e uma chow-chow, pequena, mas toda eriçada, se levantou na outra sala e veio se meter entre meus pés. Meu Deus! Eu disse a mim mesma que se a chow-chow não tivesse gostado de mim, eu teria ido embora, tanto Édipo me dava medo. Eu tremia da cabeça aos pés, ele disse que eu deveria tirar meu casacão, respondi que sentia frio, ele me fez dar uma volta pelo consultório, e admirei os fragmentos vermelhos de Pompeia, um pedaço de tecido egípcio e pinturas autênticas de túmulos. Uma esfinge fica na frente do divã, eu não queria me deitar, o "tapetinho do apoio de cabeça" branco era o único detalhe profissional, havia luzes baixas, como num antro de ópio. Comecei a falar de Sachs[6] e de Chaddie[7] e de minha experiência com a ps-a.[8] Ele diz que preferiria que eu me recostasse. Ele tem um verdadeiro casaco de pele no chão e lhe digo que Tartaruga não tinha aquilo, ele assume uma expressão um pouco ofuscada e declara: "Vejo que a senhora vai ser muito difícil. Então, embora isso não esteja conforme a regra, vou lhe dizer uma coisa: A SENHORA SE DECEPCIONOU, E ESTÁ DECEPCIONADA COMIGO." Dei então um grito e exclamei: "Mas o senhor não sabe que é tudo, o senhor é um padre, o senhor é um mágico." Ele disse: "Não, a senhora é que é a poetisa e a mágica." Então

comecei a chorar de tal forma que mal conseguia falar, e ele me disse que eu havia olhado os quadros, preferindo os fragmentos de objetos de arte antiga mortos à sua presença viva. Protestei então: "Mas o senhor viu que sua cadela gostou de mim quando ela chegou, eu soube de imediato que não haveria problema, pois ela não teria gostado de mim se eu o tivesse desagradado." Ele disse: "Ah, um provérbio inglês mas invertido, me ame e você amará meu cão." Eu o repreendi: "Quem me ama, ama meu cão," e ele rosnou e ronronou de prazer. Em seguida, me fez todo um discurso sobre a tristeza que sentia por uma poetisa ter de ouvir seu inglês ruim. Soltei uma exclamação e disse que ele não era uma pessoa, mas uma voz, e que ao olhar os objetos de arte, era para ele que eu olhava. Ele disse que eu me encontrava nos mesmos lugares que ele, que nós nos reencontrávamos lá, ele na infância da humanidade – a Antiguidade – eu, em minha própria infância. Chorei de novo e já havia passado mais da metade da hora. Foi terrível. Eu chego agora constantemente às cinco horas. Não pude abordar as questões de dinheiro, mas tratarei de fazê-lo amanhã. Ele tem a cabeça em outro lugar, é apenas um fantasma, meu corpo treme todo e eu choro. Ele não parou de me perguntar se eu queria que ele modificasse as luzes. Ele estava sentado não ao lado do apoio para cabeça, mas atrás, e batia o punho para sublinhar suas reflexões e as minhas. Estou aterrorizada pelo Édipo Rei. O que estou destinada a fazer? Por fim, ele me pede para ficar de pé ao seu lado e diz que mesmo que eu fosse a mais alta, ele era quase tão alto quanto eu. Eu havia dito que talvez tivesse ficado decepcionada que ele não fosse um gigante, pois o fato de ser mais alta fazia de mim uma adulta; em meus sonhos dessa época, eu era sempre uma criança. Nós chegamos a um compromisso… mas ele parecia ter ganhado. Depois me aproximei da porta e o professor disse: "Ah", e lá, enroladas sobre o tapete, estavam minhas bolsas (eu havia levado duas pequenas em vez de uma grande). Assim fui eu que prevaleci apesar de tudo, ele viu então que eu não estava decepcionada com ele… mas tudo isso era muito assustador, eu jamais chegaria a vencer Édipo e volto amanhã e depois de amanhã e depois de depois de amanhã. Ele é terrível, droga e droga e droga! Nós falamos de raça e de guerra, ele disse que eu era uma inglesa originária da América e que isso não era difícil; "E eu, o que sou?" Respondi: "Ora, um judeu…" Parece que ele esperava de mim que eu elaborasse a resposta. Acrescentei que isso também era um vínculo religioso, pois os judeus eram o único povo da antiguidade ainda vivo no mundo. Ele disse: "em fragmentos." Meu Deus… você me havia dito que ele não falaria, e ele falou a metade do tempo; ele não deixou eu me recostar e sonhar e me fez falar; com T. e Chaddie, nunca me faltaram palavras, mas este velho Édipo Rei me venceu… Eu lhe disse isso, soluçando, e eu lhe disse também que não havia chorado no decorrer das outras sessões. Senhor, escreva-me!

Isso se dirige a vocês dois… Não consigo sonhar com vocês separadamente, pois estavam juntos no cais. Meu Deus! Não pude voltar em seguida, de tal modo estava em lágrimas. Descobri uma velha, velha taberna toda de madeira, absolutamente deliciosa, onde servem vinho branco e maçãs, e que dá para um pátio nevado. Pedi às vendedoras de uma padaria um restaurante "para senhoras". Elas me indicaram este que é um *achado*

muito antigo, duvido mesmo que Alice o conheça, absolutamente maravilhoso com velhas pinturas marrons desbotadas na parede e essas maçãs! Em suma… venha. Mostrarei a você que "*Wien und der Wein*"[9] ainda existem, é muito divertido. Como fiz para ir parar lá? Nenhum filme foi tão longe… é este lado antiquado cuja existência todo mundo nega. Venha para Viena… na época dos lilases.

É estúpido, histérico e louco. Como o telegrama não voltou, considerei que você o havia recebido, e não utilizei seu envelope pré-pago. Se este me retornar amanhã com a menção "desconhecido", pedirei para que toquem na casa. Devo parar, a cadela se chama yo-si ou fi-yo[10] ou alguma coisa em chinês. Ela veio sentar-se numa próxima poltrona aos meus pés… mas suponho que ela é domesticada para deixar os analisandos confiantes. Enfim… viva Édipo.

Com muito afeto para todas e todos. Não ouso escrever de uma maneira frívola e ligeira exceto para vocês dois. Diga a T. o que isso representa para mim. O doutor F. falou dele e ouviu falar de Chaddie, mas não quis que eu falasse deles.

Todo o meu amor para a velha Puss, conte-lhe tudo e lhe fale da chow-chow. Ela é castanho e bege.

MOG

H.D. a Bryher
[Hotel Regina, Viena]
Domingo, 5 de março [de 1933]

Fido querida, sua mensagem e peças juntas. Vou guardá-las e as farei seguir mais tarde, obrigado infinitamente. Pode dizer a T. tudo o que você quiser e lhe diga que pensei muito nele e vou procurar escrever para ele. Fido, por que não entra num trem e vem direto para cá? Haveria certamente montes de coisas para fazer. A.[11] conhece todas as conferências, bibliotecas, e assim por diante, é a cidade natal de Tartaruga, tudo o que você aprenderá aqui sobre a *Stimmung* irá aumentar o que sabe da saga Tartaruga. Venha. Reservarei para você um quarto aqui no hotel; você vai gostar dele, é bastante tranquilo e você pode fazer tudo. Há toneladas de gente da psi para encontrar, uma coisa levando a outra, como se diz. Você não pode realmente ficar sozinha com esta velha malvada![12] Iremos buscá-la na estação e você será a heroína do dia, com música e bandeirolas. Esperará sem dúvida que P. tenha ido embora, mas venha para cá diretamente ou a partir de Veneza. Você deveria realmente, isso parece TOTALMENTE "indicado" e tenho certeza que Tartaruga estará de acordo. Passei toda a última sessão falando de nós nas ilhas Scilly e Papa[13] se mostrou ABSOLUTAMENTE encantador a seu respeito. Ele parece ter uma ideia muito clara da saga da medusa [*jellyfish*][14] e diz que, pelo milagre do amor e da intuição, você compreendeu o que o doutor Ellis[15] jamais conseguiu compreender: (a

propósito das notas "*fish*"[16]). Então, vê que Papa aprova totalmente, e você esteve "dentro" da análise durante todo o tempo, com a primeira viagem à Grécia e com *cat-on*,[17] o gato errante que você salvou na época da guerra. A saga H.D. Bryher está bem estabelecida; agora, você tem apenas que se mostrar. Daqui até lá, terei passado para ver a sra. B.[18] e ela saberá tudo sobre todo mundo. Venha me encontrar, tenho certeza que é uma necessidade tanto quanto um desejo "*fish*".

Sonhei com você na noite passada, com bigodes de pulga, rígidos e brancos, e eis que você me pede para interrogar Papa sobre o grifo. Farei isso assim que seja possível, é tão engraçado! Sabe como é, nunca se sabe no que a gente vai se meter, mas ele adora os cães e sua velha chow-chow me abandonou na última sessão; que importa, penso que ela se cansou da saga Fido, ela havia ficado sentada, sem se mexer, durante duas sessões, passou a terceira dormindo no chão e sumiu na última vez. Alguém que A. conhece tem um dos filhotes de fi-yo. Gostaria de ter um deles, sentimentalmente, mas preferiria um grande gato branco ou uma coruja.

O livro sobre Dorothy W.[19] é reconfortante e agradável para o espírito, mas demasiado febril.

Recebi uma mensagem de Pitt[20] que diz que a data que ele mesmo acrescentou era legal e OK!

O Sinal da Cruz[21] está passando aqui e vou tentar vê-lo hoje, em algum momento.

A cozinha é excelente e os cafés (os lugares chiques) do outro lado da praça têm pilhas de revistas e todos os jornais ingleses e americanos. Pede-se um café com creme e se pode ficar sentada toda a noite; isso agradará você, pois eles têm pequenas alcovas separadas com muitas Lllllls [lésbicas]. Papa me perguntou muito gentilmente, quando eu saía, se eu me sentia sozinha. Eu lhe disse que tinha amigos e muitas coisas para fazer. Mas ele é realmente pouco cerimonioso e adorável… ele não me fez deitar ontem, enquanto eu lhe contava a saga das Scilly. Ele conhecia as Scilly e ficou muito intrigado, e os horrores sobre Chiron o fizeram salivar de maneira audível. Claro, você ama Tartaruga, ele se parece mais com "dada",[22] mas esta velha pequena múmia de Édipo Rei sai direto de minhas fantasias, como você se deu conta e me disse. Amo também T., mas ele é mais jovem, e provoca o mesmo tipo de ondas que dada.

Muito, muito afetuosamente. Sua mensagem desta manhã é registrada, você diz que Pup está melhor, concluo disso que não recebi uma carta.

Com todo, TODO o amor de CAT.

Segue anexo para Puss.

Bryher para H.D.
Villa Kenwin

Burier, Vevey [Suíça]
7 de março 2ª carta [de 1933]

Querida Kat,
Que sorte fabulosa que tenha recebido e trocado seus dólares até maio. Aqui corre o rumor que o dólar caiu 10%, melhor que a libra esterlina, que perdeu cerca de um terço. Quando ela despencou. Neste momento, a libra esterlina se recupera. Aparentemente. Portanto, não se preocupe, fique no hotel e farei com que receba dinheiro se tudo correr bem.

Eu queria que dissesse a Papa que alguém dotado de um grão de bom-senso e de prática teria compreendido as notas "*fish*", nada de mais simples.

Penso que é muito digno de uma "Kat" do melhor período querer que eu vá *nach Wien*.[23] Mas não creio poder tomar uma decisão neste momento, pois fiquei sabendo que Dada está inquieto em relação à situação do dólar e pode acontecer também de que haja todo tipo de coisa a fazer referente a essa amaldiçoada Bryaudley[24] (Dada converteu há muito tempo em libras todos os dólares que estavam nela), mas um dia ou dois sozinha e eu entro certamente num avião pra qualquer lugar a fim de fugir do Dragão. Agora, ela quer me chamar de Bryher. Pedi a Pup para se encontrar com Mundell,[25] nós os encontraremos em Bex [Suíça] amanhã e os levaremos a Lausanne. Faremos com que almocem *en route*. Acho isso bastante angustiante por causa do terrível Belga, mas não duvido que nos arranjaremos da melhor maneira. Miss Watson vem tomar chá hoje e Mouse[26] todo o dia de sexta-feira.

Envio-te uma carta de Bud.[27] Não esqueça de me devolvê-la, pois devo guardar suas coisas – as cartas são REALMENTE muito engraçadas. Tenho a impressão que Nancy[28] lhe deu o maior susto, isso deve ter sido muito engraçado.

Cumprimento toda Wien, como isso parece se impor.

Passei a manhã com Mouse, lhe transmiti suas mensagens e ela me disse que você irradiava luz. Tudo isso é muito Wien. Não tenha medo… todos os americanos estão com dificuldades, mas permanecem *très* Bloomsbury, isso porque a crise aconteceu aqui há um ano. A Rainha perdeu um par de meias… imagino que não se misturaram com os teus, jurei que não, portanto, se apesar de tudo, o encontrares, o envie para mim. Na minha opinião, ela deve tê-lo comido numa noite.

Último minuto: a Rainha acaba de surgir sem qualquer aviso para me anunciar que começou uma gota reumática. Receitei-lhe cataplasmas de areia, jamais se deixar surpreender, embora em certo sentido eu fique presa aqui pelo fascínio da serpente.

Com muito afeto
Fido

H.D. para Bryher
[Hotel Regina, Viena]
Quinta-feira, 23 de março [de 1933]

FIEND…
A remessa segue anexa. Sucede que não podemos mais nos interessar por todas as notícias referentes a E.B. [Elizabeth Bergner].[29] Transmitirei no momento apropriado, certamente, os horrores a Papa, mas ontem, depois de ter passado mais de meia hora da sessão anterior numa discussão pessoal sobre a crise, ele se mostrou muito formal e me fez falar durante a hora inteira de Ezra [Pound], sobre o qual leu alguns artigos, e que ele também leu (confie em Papa quanto a isso). Isso não tinha muito a ver. No entanto, ele pegou os livros de cães com muito prazer, e mostrou a Yofi a imagem do chow-chow na capa e Yofi farejou meus joelhos. Perto do final da sessão, Papa teve um acesso de tosse e Yofi veio lamber-lhe a mão, um espetáculo dos mais tocantes, Papa pediu desculpas e perguntou se aquilo não me incomodava. A lambeção demorou bastante, quase cinco bons minutos bem solenes. F. diz que ela sempre faz isso e que, às vezes, é muito constrangedor. A seu pedido urgente, para fazer um favor a sra. Burl., a sessão de amanhã será às 14 horas. Eu disse que farei o mesmo na sexta-feira. Regularmente, pois ela tem uma "clínica" (isso me faz pensar tanto em Chaddie). Tenho a impressão de ser, contigo, como as "baby Wampas" de Hollywood.[30] Começo a ver a técnica: você vai a Papa, Tartaruga, Jeckels [Ludwig Jekels][31] ou [Oskar] Pfister,[32] e se mantém discreta pelo mais longo tempo possível, depois sai por cima: "Está claro que ninguém faria uma análise correta em menos de sete anos" (mais ou menos o que disse Burl, segundo eu). Você sobrevaloriza seu trabalho e fala mal de todo mundo (inclusive de Freud, se você é Chaddie, mas C. leva longe demais). Você envolve seus próprios analisandos e infringe todas as regras. Ao menos… Tenho a impressão de que surge esperança no horizonte. Enfim, é adorável de sua parte propor o trimestre de outono; não sei o que F. dirá disso, nem sei mesmo se posso ou desejo ou deveria gastar uma quantia dessas. Eu continuo na mesma linha na minha quarta semana agora. F. diz que esbocei, a grosso modo, todos os principais pontos que tenham importância, segundo ele, e que o que é engraçado se encontra nos detalhes. A "transferência" é, evidentemente, de uma importância capital. Ele também elevou meu moral um dia, ao dizer que minha forma particular de "fixação" ainda não era conhecida há três anos, então talvez seja bom que eu não tenha sido analisada há uns dez anos, como eu achava que deveria ter sido… até mesmo vinte anos mais cedo. F. diz que a minha é a primeira camada, que fiquei fixada no estágio pré-edipiano, o mais antigo, e que o "retorno à matriz" parece ser minha única solução. Daí as ilhas, o mar, os gregos primitivos e assim por diante. Tudo isso dá muita, muita coisa para refletir. Até mesmo T. disse que eu era profundamente ligada ao meu pai, o que devia e deve ser certo, imagino, mas sempre senti que havia uma armadilha em algum lugar. Meu triângulo é mãe-irmão-eu. Em outras palavras, mãe fálica da primeira infância, irmão bebê ou irmão mais moço e eu.[33] Trabalhei nisso e em torno disso, tive o

bebê com minha mãe, e fui o bebê fálico, daí Moisés nos juncos, tive o bebê com meu irmão, daí Cuthbert, Cecil Grey, Kenneth etc.[34] tive a "iluminação" ou "o retorno à matriz" com o irmão, daí você e eu em Corfu (ilha = mãe), com Rodeck[35] sempre como mãe fálica… daí, daí, daí, eu poderia continuar ainda e ainda e ainda demonstrando, mas desde que você tenha captado a primeira ideia, todas as outras manifestações ulteriores, independente da forma, se encaixam de um modo ou de outro. Você compreende?????? Tudo isso é muito bizarro e de início as repetições, tudo isso, me deram a impressão de ter arruinado minha vida, mas de certo modo F. parece achar isso divertido, às vezes, e eu tenho aparentemente uma boa vibração "vital", pois continuei sem parar, recomeçando, querendo dar a vida ou salvar a vida, jamais no sentido de destruir a vida (exceto eu-odiável para retornar ao estado da ilha-mãe, tudo isso perfeitamente natural).

Beijos
Kat

Transmite minha afeição a T., e lhe conte uma parte ou a totalidade… ele saberá como me sinto!

H.D. para Bryher, com "O sonho" anexo
[Hotel Regina, Viena]
28 de abril [de 1933]

Mostraram-me sua carta esta manhã, mas receio não ter me entusiasmado, pois estou com uma terrível saudade. Acho que Papa se surpreendeu quando eu disse, há um ou dois dias: "Ficarei aqui enquanto o senhor me detiver." Em suma, não se pode brigar numa ps-a… parece que meu desejo de partir está ligado a um longo sonho que vou anexar total ou parcialmente a essa carta. O tempo está sombrio e tempestuoso. Irei certamente à casa da sra. B.,[36] a não ser que finalmente a tempestade me impeça, que importa, telefonarei para ela. Obrigado infinitamente pelo tempo suplementar com Papa, mas no momento, você vê como me sinto. Oh, que eu tivesse pelo menos uma meia hora com vocês todos… Obrigada pelos jornais!

Parece-me que seria melhor, no fim das contas, ficar com A Rainha até que seu serviço esteja mais ou menos terminado. Uma outra pessoa poderia se revelar ser outra Rainha. Sei bem o que a "colônia"[37] pensa disso, mas trata-se de escolher entre dois males. De minha parte, eu diria: fique com ela. Tenho uma câimbra terrível, por causa dos sonhos… ver anexo. Não há problema referente ao presente para Papa, ele me disse hoje que, de qualquer maneira, não poderá aceitá-lo, mesmo que eu consiga encontrá-lo. Cuidarei disso mais tarde, para os seus 77 anos.

Nós deveremos ficar com o chow-chow macho, imagino, pois ele não o quer, uma vez

que Wolf [o cão de Anna Freud] destroça qualquer outro macho. Parece estar decidido que ficaremos com o gêmeo.

Afetuosamente
CAT

O SONHO

Data: terça ou segunda-feira, 25 ou 24 de abril de 1933[38]

O sonho (da noite seguinte) no qual tive uma crise emocional complicada a propósito de uma lagarta ou de um coleóptero comprido marrom brilhante, dava a chave para a interpretação completa. Freud disse que esse sonho representa a totalidade de minha vida numa sucessão de episódios distintos e, no entanto, contínuos. Nesse sentido, ele é "histórico", embora o conteúdo do sonho se encontre na fantasia principal.

Para tentar descrever a verdadeira fonte diurna do sonho da lagarta-besouro, explico a F. que li um livro de literatura de espírito romântico sobre astrologia. Digo-lhe que li em particular o que dizia respeito às fases do Escorpião e que a "casa" do Escorpião se situava em novembro, "casa" correspondente ao aniversário de meu pai. A questão do dia de nascimento surgiu, a partir do fato do aniversário de Freud, no dia 6 de maio, que se aproximava.

Prólogo [acrescentado a lápis]: O conjunto da sequência original do sonho foi precedido por uma espécie de prólogo: um navio na tempestade, P. [Perdita] e você estão presentes. P. me diz que não tem medo. Tento tocar piano sobre o convés a céu aberto, mas a inclinação do convés, a escuridão, o vento e a chuva me impedem. Parece que finalmente vejo no cinema a projeção de uma tempestade no mar, mas esse navio é um outro navio. Digo para mim mesma: "Como a tela mostra bem essas coisas", no entanto me dou conta também de que a cena não é artificial, mas real. Muitas mulheres estão igualmente no convés inclinado de um barco menor, mas próximo da água, e o sonho desaparece numa fusão sobre o pequeno barco em vias de soçobrar, sinto piedade e tristeza. Este é o prólogo. Freud me diz que é obviamente um sonho de morte e de nascimento misturados, o medo da morte no nascimento, daí você e P., e da piedade pelas outras mulheres destinadas a se afogar ou morrer nas dores atrozes do parto.

Freud me havia apontado antes que eu ia naturalmente ter pensamentos sobre a morte, pois ele é um "homem velho" de 77 anos, e também porque meu pai morreu quando P. estava a caminho, assim como o irmão [Gilbert Doolittle] na França. Você figura no quadro, pois foi você que me ajudou e permitiu que eu me curasse. P. é simplesmente interessada e entusiasta, como ela o é no barco, e como ela era, sem nenhuma dúvida, dentro do útero.

Quanto à sequência do sonho, ela é uma construção "muito bonita", segundo Freud. Dedicamos a ela cinco dias e voltaremos a ela amanhã e durante alguns dias ainda,

imagino, ou mais.

Reencontro Bryher que chega aparentemente de Kenwin. Ela me leva para ver um personagem romântico, um jovem príncipe no exílio ou destronado, que mora numa cidade (Viena?), num palácio antigo muito escuro e lúgubre, mas bem construído. Esse palácio é tenebroso e vazio, com exceção dessa única silhueta, no estilo Hamlet. Vejo em meu espírito-sonho o palácio enquanto Bryher me fala desse príncipe. Está sombrio e o príncipe habita um quarto com balcão, creio me dar conta de que a parte interior está vazia e não mobiliada, embora seu próprio quarto, que se comunica com o balcão cercado por uma balaustrada de ferro fundido possua os objetos de primeira necessidade, simples, claros, robustos. Ele está de pé e olha para a rua, e enquanto Bryher me conta isso e que eu o visualizo, chegamos a uma estrada do campo, com árvores e um rio largo pouco profundo.

Bryher, devo precisar, está com um vestido verde longo muito bem cortado, usa um chapéu elegante e brincos de pérola de um tamanho e um valor enormes. Essas joias se transformam em pedras da lua, menos vistosas. Como Bryher jamais usa brincos, pergunto-lhe por que os pôs. De início, eu tinha dúvidas sobre a identidade dessa mulher, alta com uma roupa justa, e Bryher jamais usa verde, nem brincos. Mas quando ela se volta, fico convencida de que é ela mesma e lhe pergunto por que está de brincos. Ela diz: "Pois é, veja só, Marcel os adora."

"Marcel" [membro da turma de Kenwin] está ligado a Kenwin, a nova casa do Sol. Concluo, ao contar o sonho a Freud, que fiz uma combinação de muitas mulheres, é Bryher no fim das contas, mas com os atributos de outras mulheres, pois gosto do estilo, das roupas e das joias nas outras [datilografado em vermelho]. Dou o nome de várias mulheres, Brigit P. [Patmore], creio que também Eileen [Macpherson], que usa verde, e assim por diante.[39] A mulher é Bryher com certos atributos frívolos de que sinto falta nela.

Agora, estamos no caminho sob as árvores, na escuridão da noite, percebemos um rio largo pouco profundo. O príncipe não está lá; Br. me disse que ele não estava satisfeito com o papel de príncipe no exílio, mas trabalha agora numa fazenda ou propriedade enorme, e que se tornou muito útil. As águas pouco profundas do rio parecem tomar forma e surgem como vagas nas trevas, e agora vejo, emergindo das ondas, uma multidão de novilhos brancos, touros ou bois. Eles avançam como uma nuvem ou uma galáxia de ondulações, contudo distintos uns dos outros. Entre eles aparece nosso anfitrião, o príncipe, que esperávamos. Bryher faz as apresentações e ele nos convida a entrar. Esses touros são muito bonitos e, diferentemente dos outros sonhos que tive com touros sinistros com chifres ameaçadores, estes são pequenos e gentis e lindos e adoráveis e deliciosos. Não têm nada do touro fálico aterrorizante dos sonhos, e seu surgimento do rio lhes dá uma significação bem diferente, mas comovedora também.

Agora na casa, estou sentada perto de nosso anfitrião, o príncipe, que tem um caderno sobre os joelhos, no qual fez encantadores esboços, desenhos, coloridos com pastéis,

muito verde. Há também um homem e sua mulher que, segundo eu, são também artistas, gente mais velha, simpáticos eles também, e encantadores. Esse episódio está completo e termina logo a seguir, e me encontro de novo sobre degraus em busca de um outro quarto nas alturas.

Nesse episódio ou nesse quarto, estou sozinha, a não ser por uma silhueta, ~~de camisole~~ de robe, adormecida numa cama. Vejo-me agora num vidro ou numa sucessão de espelhos inclinados. Estou nua e como me olho, fico surpresa de ver que minha frente é como minhas costas, apenas um pouco menor, o monte de Vênus, uma réplica minúscula das nádegas, sou toda lisa como uma criança. Essa visão de mim com duas costas ou duas frentes me encanta, digo a mim mesma: "são espelhos mágicos." Quero ir embora antes que o dono do quarto acorde. Sinto-me transportada por essa descoberta de mim mesma, uma Virgem nos espelhos mágicos, mas saio do quarto secretamente; apareço vestida num outro lance de escadas e entro num outro aposento, separado, embora fazendo parte aparentemente dessa primeira casa de planta caótica.[40]

Nesse quarto, abarrotado de móveis, parece que se prepara uma quermesse, pois há uma cama metálica, as cadeiras, penteadeiras etc. desaparecem sob um curioso bricabraque de bugigangas, como se via nas "vendas" paroquiais de antigamente. Nesse sentido, a sala é vitoriana, há um tapete espesso e a presença de quadros emoldurados e bibelôs. Mas o notável é que há dois gatos siameses soltos e que subitamente tenho medo, digo para mim mesma: "Aí está, agora Bryher virá e me comprará um desses gatos." Essa espécie particular de gato faz parte das minhas preferidas, mas tive outrora dois gatões que deixaram minha casa e minha vida em trapos. Apresso-me a fugir desse lugar, finalmente, e me encontro de novo sozinha fora da casa, na estrada, na qual uma equipe de operários trabalha.

Tenho uma impressão de perigo, os homens estão armados de pás e picaretas. Há um cruzamento ferroviário e uma linha de trem que atravessa um túnel. Dirijo-me ao chefe da equipe e ele diz que só posso atravessar o túnel se tomar um trem que passe por lá. Ele me ajudará. Como embarco no trem, dou-lhe meio xelim. Ele não parece contente com minha modesta gorjeta. Dou então ao chefe do trem, no vagão, um xelim (austríaco). Ele pega a moeda mas, de novo, me sinto incômoda, será que ele pensa que é uma gorjeta ou o preço da passagem, neste caso ele me devolverá a moeda,. ~~É simplesmente~~ um estado de confusão psíquica. Não confio em mim mesma e acabo por descer do trem e entro num ambiente ao lado ou acima da estação, onde eu reencontro minha filha, que tem cerca de dois anos, com minha mãe e uma tia, que cuidou da menina durante algum tempo. As duas estão de preto e sinto que me desaprovam. A criança está de branco. Por fim saio desse ambiente ou casa com a impressão de que "rompi" ou que discuti com elas por causa de minha filha.[41]

Estou agora num terceiro trem. Dessa vez, o chefe do trem parece me ver com bons olhos. Há jornais espalhados sobre o banco, assim como sobre as mesas dos cafés onde tomo meu café aqui. Ele vai me oferecer um deles. Pergunto-me se será um jornal "de

esquerda" ou "de direita". Fico contente que ele me ofereça com um gesto sem réplica o jornal "branco" ou "bom".[42]

Enfim. Chego onde tentava ir. Com efeito, estou em Viena e Bryher veio me buscar. Ela pergunta ao doutor Freud se ele jantará conosco para comemorar seu aniversário num restaurante relativamente chique e alegre. Fico amedrontada com sua audácia, mas o doutor Freud aceita de imediato o convite e a senhora Freud irá também, "com um chapéu novo". Minha única preocupação agora é saber como melhorar suficientemente meu alemão para poder falar com a sra. Freud no jantar de aniversário de 77 anos de seu marido nesse alegre restaurante.

O verdadeiro valor e a beleza desse sonho vêm do fato de que ele se inspira em minhas leituras do livro sobre astrologia. É o Escorpião que me pôs nesse caminho. Agora vejo que os touros são o Touro, a "casa" da data de nascimento de Freud, em maio. Essa "casa" é regida por Vênus e Freud afirmou que a visão de mim mesma nos espelhos era o desejo de ser Vênus. Eu disse que não, que eu desejava ser virgem, pois minha própria "casa" é Virgem, em setembro. Quando voltei, no dia seguinte, eu lhe disse que ele tinha razão, pois refletindo sobre isso, em termos de "casas", eu podia perfeitamente descrever essa peça vazia cheia de espelhos, com o homem adormecido e a mulher nua, como a "casa" do casamento [Sétima Casa]. Ele respondeu que nós dois tínhamos razão, que era igualmente meu desejo ser virgem na minha casa, a Virgem. Decidi que o ambiente com a quermesse era a "casa do comércio" [Décima Casa] e então, vejo que os dois gatos representam sem dúvida os dois filhotes que a chow-chow de Freud teve, os gêmeos, a "casa dos Gêmeos", ~~assim como~~ de Gêmeos. A estação era a "casa da família" [Quarta Casa] com minha mãe, minha tia e minha filha. O restaurante era talvez a "casa do prazer" [Quinta Casa]. Mas o mais delicioso nesse sonho, é que ele se dilata e contrai, e que podemos ver novas combinações, todas fundadas sobre o incidente mais anódino, mas com um simbolismo universal ou astrológico.

E eis o milagre.

A chave é o temor e a obsessão em relação ao Escorpião, meu pai, um pai e um marido frio, distante, rígido, dedicado, mas cuja profissão só me inspirava terror, um medo cego do espaço e da distância dos planetas e das estrelas fixas. Mas não. Em meu sonho, o Escorpião tem asas que o empurram. Atravesso o quarto ~~correndo~~ para abrir uma porta a fim de que esse inseto assassino possa sair. Mas quando abro a porta, ele abre as asas parecidas com agulhas, brilhantes, translúcidas, e com a precisão de uma espada, desaparece voo nos galhos de uma pequena árvore, na entrada obscura. Nós não interpretamos isso finalmente, mas o medo certamente desapareceu, o mistério, o brilho da beleza permanecem, como se pode constatar em minha leitura e minha interpretação romântica do valor das estrelas, que meu pai media com uma precisão ~~diabólica~~ cruel (para mim) e requintada, com a lógica e o distanciamento frio de um eremita. Meu amor pelos deuses, como pelas fadas e os seres, estava vivo em mim antes que eu captasse a realidade absolutamente glacial dos "fatos" ou da simbologia numérica das estrelas.

Para voltar ao rio. Os touros são os "anos de abundância", como Freud pensa ~~também~~, eu atribuí a ele as qualidades de José o intérprete dos sonhos dos faraós. Ele fica encantado.[43] O rio, ele pensa ~~igualmente~~ que pode designar o Nilo, e os touros, eu lhe disse que eram os touros brancos do sacrifício como na antiguidade grega, e ele disse que "os touros tremem" era uma fórmula para toda grande descoberta, como Heine (pensava ele) havia dito, aludindo ao fato de que Arquimedes havia oferecido mil touros ao Sol na época de uma de suas grandes descobertas. Enfim… "os bois tremem" ao nome de Freud, aquele que descobriu o novo, a nova vida, o profeta, José no Egito, o príncipe travestido também. A isso acrescentei hoje que o rio poderia ser a Via Láctea, pois sustento que os touros são "touros-mães", com o que ele se diverte muito. F. adora também meu *achado* a propósito da "Via Láctea".[44]

Há inumeráveis outras descobertas a fazer. Mas, oh, Fido, é aparentemente um sonho épico, Freud esfrega as mãos e diz: "Não paro de ver nele cada vez mais beleza."

Mas você vê como eu sou, antes de voltar, a propósito de tudo, pois parece que o VERDADEIRO Achado [em vermelho] é o fato de que as vacas-touros representam (numa das leituras) o desejo de fecundação com S.F. – (pai-mãe). Isso é ~~seguido~~ confirmado pelo quarto com espelhos e o "Amante" adormecido, e os gatos siameses (yo-fi e eu mesma, batizada de gato).[45] Mas vou parar aqui. Guarde bem isso e mais tarde lhe contarei mais. Agora ardo, de cerebralismo, e me sinto muito fraca.

MOG

P.S.: (para ler mais tarde)[46]

Vejo também que o verde e as pérolas cor de lua e as gemas fazem a mulher, a lua. Você é a lua, e S.F., que é jovem com os cabelos negros e não tem barba, no palácio e mais tarde (com exceção de todo o trecho final), é o sol. Talvez pai e mãe, mas o pai e a mãe cada qual tomando os atributos do outro, é a mãe-touro e o pai-vaca, tudo isso indo de par também com o simbolismo egípcio. O trio é você, Freud, eu (e uma criança). Sinto-me fatigada e mal-humorada, é a gravidez, me digo agora, e devo continuar amanhã. Imagino que É a crise em seu paroxismo. Aparentemente também, o cãozinho representa um filho; embora ele tenha tomado a precaução extrema de oferecê-lo a Perdita, pensei que ele seria "nosso", seu e meu. Mas isso, a propósito do cão, curiosamente, me veio, depois do sonho, quase dois dias depois, pois o sonho veio felizmente antes. Tudo isso é terrivelmente, terrivelmente perturbador, e como estabeleci agora um laço entre os simples fatos da vida e as estrelas, é muito importante, e F. parece pensar que é, no conjunto, um *achado*. Ainda não disse a ele que sou "cat" e você "dog", mas vou fazê-lo.

Compreendi que os três trens são os três homens, as ligações, R.A. com a gorjeta pequena, Grey que me fez atravessar o "túnel" para uma vida nova, e depois de Perdita, Rodeck, com quem não tive relações financeiras (esperma). Por outro lado, fiz a coisa

certa [*the "right" thing*] ao não consumar com P.R. No fim das contas, veja você, restituo a Freud o lugar que é o seu, na qualidade de Herr Doctor Professor Sigmund Freud com tudo, inclusive sua esposa com um chapéu novo.

Tudo isso é terrivelmente excitante. Você deve se dar conta de que é muito importante.

Com todo o meu amor e obrigado como sempre, e seja abençoada. Espero que você não se incomode de ser a "Lua", mas seu dia de aniversário é o 2, você sabe, o número da Lua, e também a Lua preside o parto, donde o fato de que é com o dia do nascimento que começa toda a sequência…[47]

Uma CAT
manca

H.D. para Bryher
[Hotel Regina, Viena]
Quarta-feira, 3 de maio [de 1933]

Tudo parece resolvido agora. A *família* Berg se muda amanhã para Hohe Warte 46 XIX. Fica a sete minutos de carro da sra. B., me dizem, e o carregador daqui me indica que são mais ou menos quinze minutos de bonde, que passa na frente desta casa. Sinto-me, portanto, melhor. Tenho então de passar ainda mais um dia em minha casa antiga. Depois, amanhã, Papa não recebe ninguém, creio eu, e continuo como fazia desde sexta-feira; as coisas não se resolvem muito mal, no fim das contas.

Devo lhe dizer que minha bolsa magnífica voltou com minhas iniciais gravadas, H.D. A moldura que encomendei é bela, combina bem com a foto de Papa, o demônio supremo, com sua oferenda de narcisos brancos. Retirei algumas flores murchas e botões congelados, e se poderia crer que Pup acaba de chegar com os dois buquês, recém-colhidos no campo. Diga isso a Pup. Ontem, comprei um *négligé* atrozmente lindo e ousado, verde com seis passarinhos bordados e flores, numa butique da rua principal (cujo nome esqueci) que vai da ópera à Graben, onde nós fugimos da multidão. É uma butique oriental que, infelizmente, está em liquidação. Paguei por isso 120 em vez de 290, mas como eles têm muitas ofertas boas, voltei lá hoje em busca de outra coisa, bem como chinelas. Sem dúvida, isso começou a exaurir as cinco libras esterlinas que você me deu. Tomo isso como um presente especial de primeiro de maio por diversas razões que enumerarei em detalhe. Mas antes… QUE PESTE essa gansa [Helen Gosewitch]! Espero que você não a deixe levar muito longe a chantagem. Fiquei contrariada ontem ao saber disso. Mas tenho tantas notícias boas, tão boas, de Berg, que não devemos levar a gansa muito a sério. Ela não é tão importante!

Primeiro, sobre o cãozinho. Não dei sua carta [a Freud] antes de ter ouvido mais sobre isso. Papa me perguntou o que você havia dito e eu respondi: "Oh, veja só, eu

queria ter CERTEZA disso antes de falar com Br. Fiz somente uma alusão e espero desde então, pois o primeiro de maio atrasou o correio." Foi talvez o que aconteceu. Escrevi a Buddy [Robert Herring] em seguida, ele me disse que o chow-chow e Peter, o gato, se entenderiam às maravilhas se as apresentações fossem feitas corretamente desde o início; ele teve gatos que brincavam com seus Peter e Tiger.[48] Assim, apresentei isso a S.F. como a primeira "boa" notícia. Estabeleci como condição que o cachorrinho esteja em perfeita saúde, e como essas pequenas coisas são terrivelmente delicadas durante os dois primeiros meses, eu penso, Fido, que a única coisa a fazer é deixar nas mãos dos deuses. Eu disse a Papa que eu não havia falado disso com Perdita, pois a decepção seria realmente terrível se ela não ganhasse o cão no fim das contas. Foi bom. Portanto, penso agora se isso não a aborrece, você poderia escrever-lhe algumas linhas para dizer que H.D. contou que havia uma chance de que um dos cachorrinhos ganhe um teto. Alguma coisa nesse gênero. Porque todos os tipos de coisas podem acontecer, ele mesmo diz isso, e já aconteceram, como esse negócio assustador aqui e no Norte [na Alemanha]. Creio que se isso lhe convier, a melhor solução será deixar o cãozinho aqui muito provisoriamente, como o farei. Você concorda?????? Lembre-se, os cachorrinhos são delicados e o que vai ficar com ele é o mais robusto. Freud disse não conheceremos a força dele enquanto não for vacinado. Isso acontecerá dentro de algumas semanas. Depois Papa me disse: "Não importa. Você não partirá antes de dois meses ou dois meses e meio." Se disse isso porque gosta bastante de nós ou porque se atrapalhou com as datas, não sei. Em suma, escreva como se eu tivesse acabado de lhe contar e que fui meio vaga… ou formule as coisas nesse sentido.

Agora, passemos a você. Ninguém causou tanta sensação em Viena desde que D'Annunzio jogou seus manifestos do céu, como nos bons velhos tempos. Interroguei Papa a seu respeito. Ele cintilou. "Bryher é sempre tão encantadora. Tudo o que ela faz. Mas agora… é para minha filha que ela escreve." Cintilante. Ele me disse que você lhe escrevia e que a cada dois dias, regularmente, havia um cheque para algum desafortunado. Foi então que tive a brilhante ideia de dizer que você era como D'A. Ele adorou isso e disse: sim, sim, sim, ela é tão dinâmica. Em suma, devo dizer que você fez um progresso espetacular. E agora, o último pedaço.

É bastante bom e, por enquanto, isso fica entre nós. Papa tem uma teoria inteiramente nova mas ele diz que não ousa escrevê-la, pois não quer fazer das mulheres inimigas. Aparentemente, nós todas causamos uma impressão fortíssima nele. Sua ideia, é que <u>todas</u> as mulheres estão profundamente enraizadas na inveja do pênis, não somente a mulher bissexual ou homossexual. A mulher avançada ou intelectual se mostra mais franca quanto a isso. É tudo. Mas todo o culto e o florescimento de uma feminilidade <u>normal</u> repousam sobre a mesma realidade: a inveja do pênis na mulher. E isso me impressiona como sendo a chave de tudo. A razão pela qual as mulheres são fiéis, quando os homens não o são, a razão pela qual uma Dorothy R [Richardson] ou uma Cole se agarrará até a morte a um monstro como Alan [Odle] ou Gerald [Henderson], a razão pela qual sua mãe ou a minha ficaram loucas pelas coisas mais curiosas, a razão disso e a

razão daquilo.[49] Não fechei os olhos na noite passada e me levantei à custo logo depois das sete horas desta manhã… pois isso me pareceu mais convincente que tudo. O que acabou de me convencer, foi que ele disse que a mulher homo se mostrava simplesmente franca e honesta, mas que todas as mulheres em seu conjunto eram exatamente iguais, e tinham construído seu culto na dissimulação. Enfim, ele não disse isso dissimulação: ele apenas lançou a ideia. Eu protestei: "mas o cumprimento supremo à mulher seria confiar esse grande segredo às mulheres."[50] Eu disse que Br., a princesa [Marie Bonaparte] e eu mesma seríamos sensíveis a isso e o faríamos saber. Ou algo do gênero. Em suma, você percebe o que quero dizer??? Evidentemente, provocamos a agitação de cauda de peixe,[51] e se Papa surge agora, tal como a fênix, com sua contribuição mais importante, tenho a impressão de que você e eu seremos, em certa medida, responsáveis. É uma coisa, por exemplo, contra a qual Chaddie batalhou, ela tentou fazer valer que a menstruação fosse interessante e que os homens invejavam as mulheres.[52] Certamente. Mas toda a coisa deve ser "construída sobre a pedra" de qualquer modo, e tenho o sentimento de que S.F. é essa pedra, que talvez você e eu (como eu disse meio brincando) VENHAMOS a desempenhar um papel numa certa medida alimentando a luz.

Agora, veja você, tudo isso no uc-n[53] pode ser ajudado por nossa afeição pelo cãozinho, como é certamente o caso a meu ver, e não vá acreditar que minimizo a questão de Kenwin. Eu vejo bem todos os problemas! Mas Fido, eu creio que *fish* está nisso tudo, e, como eu dizia, há todo o tempo e existem tantas possibilidades para que as coisas se arranjem por elas mesmas. Então se lhe apraz, se lhe apraz, não se inquiete. Em último caso, nós podemos encontrar uma outra solução, se houver necessidade. Mas lhe peço, não se preocupe, deixa que eu me encarrego de tudo, e em último caso, lhe asseguro, se isso não parecer possível, farei com que saiamos dessa com elegância. Mas enquanto essa ideia que ele teve estiver em andamento, e eu esteja na mesa de operações, eu devo, eu devo, eu devo sentir que ele tem nossa simpatia a propósito do cãozinho. Isso remonta, talvez, ao fato de que sua filha [Sophie] morreu dos mesmos problemas que tive, em 1919. Papa se mostrou muito interessado em meus "sintomas de gravidez" e creio que ele estabeleceu realmente uma ligação entre eu e essa filha, que não somente morreu dessa maneira, como também perdeu um filho [Heinz]. Você compreende??? De qualquer modo, isso de forma alguma diz respeito a você. Mostre-se simplesmente compreensiva. E você pode, se tiver vontade, dizer que H.D. lhe contou por correio privado sobre um trabalho novo, mas sem dizer o quê… e que ele deve a qualquer custo tornar pública a integralidade de suas ideias. Alguma coisa assim. Sinto, e sinto nisso, que você e eu alimentamos literalmente a luz. *The Astrology Book* [Evangeline Adams] fala da importância de "encontrar seu lugar no Universo". E creio que está aí, talvez, o nosso.

O cãozinho poderia ficar na gaiola do gato. Não creio que isso seja muito importante. Se ele morrer, morreu. Mas não se preocupe. Eu darei um jeito. Sou eu que assumo a responsabilidade por ele, com Perdita! Afinal, tivemos de nos virar com esse bravo Peter, e Pup sabe bem como fazer com os animais, e será preciso que ela tenha um cão em algum momento dado. Mas não deixe Rover se preocupar muito, e você também não.

O coitadinho corre o risco de não sobreviver no fim!!!

Acabou de chegar um jornal, querida Fido. Anexo a carta que eu tinha desse velho Tartaruga, a destrua. Pego alguns jornais suplementares e enviarei algumas das primeiras *New Yorker* por intermédio de Alice. Com alguns livros também. Falarei com ela do caso e também do dinheiro. Creio que ela estará de acordo, mas tratarei de acompanhá-la à estação.

Receba agora minhas bênçãos. E imploro, mantenha bons pensamentos na cabeça, querida Fido. Você não sabe o que fez por todos essas "pessoinhas queridas".[54]

Um beijo
Kat

Considero que estamos no primeiro de maio. Você lembra, em Corfu, como eu tive de voltar e misturei tudo por causa do primeiro de maio.[55] Bem, eisme aqui num *négligé* de seda novo e tudo corre bem… então, se lhe apraz, guarde na cabeça apenas os bons pensamentos e não se preocupe com nada.

Diga a Rover que escrevo… e para PUP.

H.D. para Bryher
[Hotel Regina, Viena]
Sexta-feira, 26 de maio, depois do chá [1933]

Escrevi para você esta manhã, querida *Fiend*; esta é para lhe dizer que falei com S.F. de Cole [Dorothy Cole Henderson]. O nome de Ella Sharpe me ocorreu, depois de ter fechado seu envelope, era o que eu buscava. S.F. diz que ouviu falar bem dela, mas suponho que ele diria isso de todas; ele disse que falavam bem de Barbara Low e citou Rivière, e também Stratchey.[56] Eu não disse que não gostamos de R., e imagino que S. seria muito querida. De minha parte, eu ficaria com Ella Sharpe e, em certas condições, imagino que Low seria boa, exceto que nós não a levamos realmente a sério. Ela seria gentil e, sem dúvida, você não a consideraria cara: ela se entusiasma com "artistas" e você poderia chamar Cole de artista fracassada. Mas eu não sei. Tenho realmente a impressão de que Sharpe é fina e muito astuta, adorei seus artigos no Journal [*International Journal of Psycho-Analysis*] tanto quanto os outros, mas nunca se sabe… ela pode "derivar" de algum outro, estamos de tal forma com o pé atrás depois de Chad, que era uma profissional tão boa. Freud mostrou-se muito gentil e interessado. Voltei a falar de E.B. [Elizabeth Bergner]. Ele me havia dito no outro dia que a reputação dela referente à droga e ao erotismo não correspondia ao que eu lhe dizia de sua interpretação excêntrica, inspirada, como em transe. Ele disse que SE ela não se drogasse, sua

interpretação seria provavelmente mais polida, mais de uma peça, era justamente porque ela não se concedia esses pequenos prazeres que sua arte se tornava uma espécie de transe-transferência. Coisa que você e eu obviamente já havíamos constatado… De qualquer modo, achei que você gostaria de saber o que S.F. tinha a dizer sobre isso.

Sinto-me "descarregada" como se tivesse tido um bebê, e muito fraca. Contei para você que na última noite tive um sonho no qual aparecia Joan Fletchen. Na verdade, acho que Joan era simplesmente um substituto de Cole, como eu não suportava que Cole destruísse sua vida com esse casamento, e todo o resto. Nós saímos do teatro, você, Joan e eu, onde víramos uma peça de Noël Coward na qual este último tinha uma amante e uma mulher etc.[57] Pensei que isso queria dizer que eu olhava agora do exterior, a "peça" do mundo literário, em outras palavras, que N.C. era sem dúvida Lawrence ou R.A. [Richard Aldington]. Em suma, eu não tinha nenhuma das reações habituais de *p-envy* [inveja do pênis], eu achava aquilo simplesmente divertido, e fomos embora, Joan, você e eu, de automóvel ou de fiacre. Chegamos ao campo. Ergui os olhos. Havia uma lua gigante, maior do que o sol. Ela tinha as cores do arco-íris e formava como que uma poça de arco-íris no firmamento. Quando eu a contemplava, apareceu uma vaga silhueta de uma mulher na lua. Ela estava vestida de "samito, mística, magnífica", se você entende o que quero dizer, com vestes drapeadas fluidas nas cores do arco-íris, instalada como uma madona numa moldura arredondada. No entanto não era uma madona propriamente dita, ela era grega, era Ártemis, mas estava grávida. Uma ideia perfeita da Renascença… virgem mas grávida.[58] "Ó Lua do meu deleite que não conhece nenhum declínio".[59] Eu gritei para você e Joan para que olhasse. Um pássaro atravessou a superfície da lua, um pombo de tom escuro, uma pomba. Freud disse que eu me achava então num estado mitológico quase perfeito. A lua, é claro, correspondia à mãe, mas era "a mãe nos céus". Nós formamos, Joan, você e eu, uma espécie de grupo de irmãs, as três Graças ou as Parcas.

Em suma, essas são apenas as linhas gerais, mas evidentemente, isso quer dizer que, em meu uc-n eu havia dado meia-volta para me virar para um estrato homo. O "deslocamento" que eu temia, essa mudança para um quarto maior, mais alto, era também simbólica, minha fraqueza, meu medo; e apesar de tudo, eu avançava um passo em direção de uma camada puramente homo, não exatamente L. [lésbica], apenas isso, o trio de irmãs, o "grupo das irmãs" com "a mãe no céu". A mãe não era, evidentemente, ninguém em particular, mas compreendia, não obstante, como é frequente nesse caso, todo o elemento pessoal. Trata-se de um momento-chave. S.F. pareceu ficar muito emocionado. Mas o resultado, quando voltei para casa, foi estranho. Achei que ia desmaiar, mesmo assim me alimentei bem no almoço, depois me deitei, e dormi duas horas o sono dos mortos, e agora me sinto diferente em tudo, como se tivesse mudado a corrente elétrica dentro de mim. Em suma… Isto aqui É um pouco prematuro, mas você entende o que quero dizer. Escrevo no ato para você, pois me preocupo com Cole, quero também que você saiba como as coisas se passam. Na "peça", eu parecia pensar que esses homens e seus pequenos caprichos não passam de teatro, um espetáculo, alguma

coisa para o prazer, realmente o prazer, não a invejar, mas fora do qual é preciso ficar. Você compreende???? Tudo isso está muito claro.

A pomba ou o pombo através a lua era o "Espírito Santo", ou o agente da gravidez, como Zeus como "chuva de ouro" ou como cisne. Mitológico-histórico… mas com minha própria construção íntima. O "grupo de irmãs", evidentemente, não pode imaginar o "pai" como elemento fecundador, no puro estado de homossexualidade. Isso está claro como a água da rocha.[60]

Tudo vai funcionar agora com um sentido novo para frente e para trás. Não avancei na redação das *Notas*, me sentia tão fraca… é estranho. Tenho certeza de que você vai me felicitar.

Eu me agarrava aparentemente em Kex [Kenneth Macpherosn], de uma certa maneira, como se faz, pois a mãe fálica era um estrato antes da mãe-lua final. Não era a mãe fálica, era o pássaro que era o falo.[61] Portanto, no momento, estou nesse puro estado de mãe-espírito e muito feliz… se não estivesse tão enfraquecida. Exatamente como quando temos um filhote,[62] com as dores também. Finalmente tomei a cibalgine.

Escrevo cartas para Puss e A. [Alice Modern].

Fiquei consternada ao saber que Figaro não autoriza sair antes das 11h30. Terrível. Serei obrigada a explicar em parte meu estado a [Olga] Bersis.

Vou me deixar viver durante o fim de semana.

Freud ainda tem a aparência muito fraca, é terrível de ver. No entanto, ele diz que vai muito, muito melhor. As velhas damas entram e saem com poções e pequenas bolsas de água quente que ele põe sobre a barriga. É terrível. Tudo isso também me deixou muito preocupada.

Falei muito de Kex há alguns dias. S.F. concorda que ele ficaria mais feliz se tivesse um objetivo na vida em vez de andar à deriva. Mas imagino que tudo isso chegará a seu tempo. Diga a Kex que é duplamente bem-vindo no pequeno apartamento, com ou sem seu puma, quando ele quiser, quando eu não estiver.

Em suma, passe uma mensagem para ele que o estimule. É importante… embora no momento a "resolução" me esclareça muito as ideias diante do Senhor.

Diga a Cole que ela está sempre presente em minhas orações, por favor… e lhe diga de minha parte tudo o que lhe possa restabelecer o moral.

Felicito você… Estou impaciente por vê-la e saber como você se virou.

Felicitações para E.B. Encantada que você tenha refletido sobre o cãozinho. Adoro que essa velha lenda [1912-1920] ganhe um pouco de ar, que ela saia, agora que não me inspira mais terror. Quero exteriorizá-la.

Minhas melhores lembranças para todo mundo e espero que as coisas andem bem em Audley.

Beijos e obrigada, obrigada mais uma vez, como sempre.

KAT

Minha maré mais forte foi Corfu.[63] S.F. parece concordar que eu não poderia tirar dela uma "história" que lhe fizesse justiça enquanto não tivesse cortado as ervas daninhas dos episódios londrinos preliminares.

Eu tinha pena das pombas que alimentava todos os dias sobre o velho batente da janela. Agora, o que é muito simbólico, pela primeira vez neste quarto elas acharam o peitoril e tem uma, de uma doce cor castanho, que alisa suas penas neste momento. É um presságio totalmente de circunstância… você há de concordar. E todas as outras coisas… minha "estrela", Júpiter ou Zeus, está supostamente numa posição excelente neste momento… e ele é "a Grande Fortuna", e você, você fez seu papel, como de hábito, com sua louca generosidade.

H.D. para Bryher
[Hotel Regina, Viena]
Domingo, 28 de maio [de 1933]

Querida Br.
Estou escrevendo desde que me levantei, portanto eu me sinto um pouco entorpecida. Mas o volume se escreve sozinho, exatamente o que eu queria, apenas não vou falar muito dele, da mesma forma que para N.D. [Norman Douglas], sinto realmente que quero levá-lo adiante sem tentar a providência. Ele representará tudo, mas quanto mais amo essa obra, menos amo a ps-a. Imagino que era inevitável que isso acontecesse. Detesto minha sessão mais do que saberia dizer. Ontem, por mais surpreendente que pareça, os cachorrinhos e Wolf estavam tranquilos, depois Yofi ficou simplesmente deitada no chão e roncou muito, muito forte quase todo o tempo. Achei que ia me levantar e começar a uivar. Freud diz que tenho sonhos tão claros e atuais: eles parecem ter dito tudo e, no entanto, há como que um bloqueio e um elo que falta que ele não consegue captar. Suponho que é a vibração do "pai", pois não podemos, pouco importa até que ponto idealizemos a ideia de mãe, nos livrar do pai. Penso que é isso. Penso que eu fiz uma transferência engraçada, do puro, do clássico e que certas coisas, o "balão", essas pombas, representam "o pai", mas não têm ligação com o verdadeiro pai enquanto pessoa. Parece-me que a ligação tem a ver com as estrelas, mas como S.F. soltou tamanho grunhido uma ou duas vezes quando comecei a falar da posição das estrelas, isso me paralisa. Creio que é isso. Não sou, você sabe, uma teósofa nem uma "horoscopista" desprovida de rigor, mas você sabe, acredito realmente nessas coisas e que existe toda uma outra ciência sobre elas. E é lá, de algum modo, que os caminhos de S.F. e o meu se separam. Suponho que isso também representa simbolicamente meu afastamento de minha

própria casa e seus arredores, e do suposto domínio estritamente "científico".[64] Mas acho que você estará de acordo que essa história de estrela-peixe [*star-fish*][65] é meu verdadeiro universo e que, quando se compreende isso, eu sou, de algum modo, "apaixonada" por meu pai, mas bem entendido, aqui também de um "pai no céu", místico, não cristão no sentido clássico, mas igualmente ligado ao mito do Cristo. Escrevo isso para você porque me ajuda te contar isso de novo e também há o risco de S.F. esmagá-lo no ovo amanhã. Mas não creio que ele fará isso. Acho somente que devo deixar as coisas bem claras de imediato. Ele é bom, você sabe, muito bom, e não deve arredar o pé de suas posições científicas, mas eu também não arredarei das minhas. Esses judeus, penso eu, consideram que transigir com as "traduções" e esse tipo de prática é uma coisa ruim.[66] Acho a mesma coisa, quando é ruim!!!!. Mas nem sempre é assim. E quero escrever esse livro para prová-lo. Eu me vi nos lugares das Scilly e isso me deixou loucamente feliz… A escrita, no que me diz respeito, me satisfaz e é loucamente reconfortante e um grande apoio para mim em meu uc-n.

Recebi uma carta expressa de Puss e A. [Alice Modern] hoje. Eu havia pedido a A. para me dizer o que pensava da Q. [Dorothy Hull]. Ela parece ter sido envolvida. Ver anexo. A destruir.

Se lhe apraz, por favor diga a Mouse [Blanche Lewin] que escrevo para ela… e que fui ver muitas óperas.

Enfim, bem-vinda à casa. Espero que o jardim esteja lindo. Por favor, transmita minhas habituais saudações e minha(s) ternura(s) para Kex.

Sua sempre fiel
KAT

Me interessaria saber o que faz Cole e o que E.B. [Elizabeth Bergner] fará. De minha parte, penso que H.S. [Hanns Sachs] é a pessoa certa para ela. Mas falarei disso mais tarde!

Segunda parte da análise: 29 de outubro de 1934 – 2 de dezembro de 1934

Bryher para H.D.
1 South Audley Street
Londres, W_1
5 de novembro [de 1934]

Querida Kat
… Fui tomar chá às 4 horas com Barbara Low e voltei às 7. Ela evidentemente não é totalmente "Albion" e por causa disso, é mais calorosa. O querido Cuthbert [Richard Aldington] está confinado numa casa de saúde londrina, depois de ter consertado o joelho, e ele se faz de herói ferido para as damas jornalistas, imagino que tentando conquistar outra mulher. Como corre o rumor que o livro de Frieda vai ser proibido, fui encarregada de encomendar exemplares dele aos Estados Unidos.[67] Cissie [Cecil Gray], andei lendo (não discutimos infelizmente com ele), é o crítico [musical] mais brilhante da jovem geração. Ora, ora, realmente!

Barbara e eu sentimos a mesma coisa em relação a Cuthbert. Será que eu poderia, analiticamente falando, analisar seu charme? Não, achei que era um monstro. Não posso evitar de me perguntar se um dos analisandos de Barbara não será sua próxima vítima, mas talvez seja uma invenção maluca de minha parte.

… Barbara estava toda excitada com as notícias de Schmideberg, ela acha que é um jovem encantador. De outro modo ela não estava bem informada. Eu lhe disse confidencialmente, mas isso certamente vai circular pelo grupo e *les Anglais* não ficarão furiosos de saber que S. tem sua parte na escolha. Ela me perguntou se eu podia por seu intermédio transmitir a Freud suas saudações e sua melhor lembrança.

… Depois Barbara me contou a fantástica história de seu primeiro encontro com Radcliffe Hall.[68] Ela diz que estava numa *garden party* e viu uma pequena dama toda descabelada como uma rosa de junho e, de pé ao lado dela, meio escondido por uma mesa, estava um homem de chapéu de feltro cinza e terno de tweed. Alguém fez as apresentações num murmúrio e ela se virou e disse: "Como vai, sr. Hall? Que dia delicioso para receber!" e foi uma consternação total. Eu sou aparentemente considerada pelos membros do grupo como a Radcliffe deles. Em seguida discutimos o amor idealizado, o que faz sempre rir estupidamente. Essa nova maneira de me conceber não me desagrada, e me fizeram perguntas muito sérias a propósito de minhas calças. Acho que quando eu tiver oitenta anos, começarei a me sentir bem. …

Latidos
Fido

H.D. para Bryher
Hotel Regina
Viena IX, Freiheitsplatz
19 de novembro [de 1934]

Querida Fido
Três cartas com, incluso, o que diz respeito ao congresso [Lucerne], um grande obrigado. Sinto-me tentada a compartilhar com A., isso vai fazê-la rir tanto. Ela adorou Illyria [*Illyria, Lady*, de Constance Butler] e o cita, e agora é seu irmão que está lendo. Vejo A. amanhã, B. [Olga Barsis] na quarta. Prefiro deixar para suas cartas a decisão, agora como você me disse "fica", vou provavelmente ficar até o dia 2, mas vou pedir a "Papa" hoje o número exato de sessões; se isso não chegar até lá, então não ficarei, não por razões econômicas, mas por uma espécie de superstição, eu queria que isso correspondesse à soma exata que paguei, isso saiu na minha ps-a, portanto acho que tudo bem. Mas quero fixar uma data precisa depois de minha sessão de hoje.

Tive sonhos enormes durante o fim de semana. Um longo sonho no qual R.A. [Richard Aldington] e você estavam juntos na cama, evidentemente casados e R.A. atira em você. Depois ele atira em si mesmo uma bala, numa *história a la* [Conrad] Aiken. É complicado… Sinto uma mágoa atroz, sobretudo diante da ideia de que "Bryher foi assassinada". Tenho certeza, mas vou falar disso com Papa, que se trata de uma cena primitiva, o pai ou o marido, R.A., "mata" a mãe atirando-lhe uma bala na testa. Se esse é o caso, é uma imensa descoberta e isso adviria de minha fobia da guerra etc. Do mesmo modo que mais tarde no sonho imagino Bryher na sra. Doolittle (a esposa de meu irmão [Eric]). Parece-me evidente que o Doolittle designa o castor [Helen Wolle Doolittle].[69] Na noite passada também, imensa coleção de sonhos, mas, evidentemente, é difícil e eu tomo al. [alinol] para dormir. Contudo, estou certa de que os cinco dias suplementares serão suficientes. Papa está extremamente gentil e cortês depois que descobriu que eu o havia associado ao símbolo do pai que faz chantagem (você sabe o que quero dizer); aconteceu no que diz respeito ao preço da ps-a. Papa é muito engenhoso. Ele disse que era o "pai" dessa vez e, bem entendido, estabeleci a relação com o manual habitual, a cena primitiva do Zoo.[70] Se a coisa é assim, você verá que as semanas passadas aqui foram de um imenso benefício. O Holandês voador [J.J. Van der Leeuw] representava, imagino, uma outra "vítima". Você sabe como as pessoas falavam das "vítimas" de X–, o mestre-cantor. Parece que há aí um ponto crítico engraçado, extremamente importante. Eu devia ser uma outra "vítima", em outros termos, eu queria ser transformada em vítima de maneira "zoo", mas sentia ou sabia que isso seria a morte.[71] P.R. [Peter Rodeck] representava o pai, com quem eu queria um filho, mas ter um filho significava, digo a mim mesma, a morte. É um fato físico, e isso teria sido então uma "morte" social. Tudo isso é terrivelmente fundamental, como você pode ver. Você é obviamente, de uma certa maneira, a nutrição, a ajuda, o suporte, a mãe, embora isso manifestamente se misture

com o pai também. É realmente reversível. Mas Tartaruga tinha razão ao dizer que em Corfu eu tentava atingir meu pai, em outras palavras, King-king, ou Rodeck, como aconteceu. A *Pup*, embora seja excessivamente importante, é antes eu do que minha filha. Minha criança é uma criança-Cristo dourada de árvore de Natal, está perfeitamente claro na idade de sete anos. Mas filho quer dizer cena primitiva, quer dizer "morta" por um homem, o pai. Curioso. Digo isso a você porque sei que se trata de um dado da ps-a, assim como os "horrores". Cissie [Cecil Gray] e Warlock [Philip Heseltine] concordam com o mau pai – você sabe – e tudo isso estava ligado ao roubo e à morte. Eu queria roubar o bebê aos sete anos, tinha medo que Pup fosse sequestrada. (Com efeito, ela poderia ter sido.) É engraçado ver como a vida traduz concretamente nos fatos o fantasma. Você pode acompanhar tudo isso.

A Igreja, ao menos a italiana ou austríaca, significa as luzes das velas, a árvore de Natal e tudo o que isso representa, em outras palavras, um símbolo-sol e a dádiva do pai (Deus faz dádiva de seu filho). Em outras palavras, meu pai me deu a mim, a Virgem, aos sete anos, um filho [*a son*]. Ou um sol [*a sun*]. Não parece haver aqui nenhuma luta ou rivalidade particular com minha própria mãe. Sou simplesmente uma criança prodígio com um filho divino, "nascido em Belém".[72] Assim as duas vias se estendem, lado a lado, autêntico "misticismo". Em suma… espero que isso não deixe você nervosa… sua própria ps-a é tão excitante, é como se pedíssemos a alguém para vir ver as peças do quebra-cabeça depois de montadas.

Fico feliz por Kex e seu "cho.baby" [David Wickham]. É engraçado também que eu tenha nascido Virgem, embora Papa não dê nenhuma atenção à astrologia.

Estou encantada com a fazenda. É preciso que você vá para lá e passe um bom tempo. Essa corajosa pequena Judy [Perdita]… ela me faz realmente rir. Papa me faz muitas perguntas sobre ela. E A. ficou muito infeliz de não ter visto a *Pup* "durante dois longos anos".

Obrigado pelo apartamento, parece um verdadeiro milagre. Obrigado, obrigado de todo o coração e o Dawg,[73] ele é muito bom para esse tipo de coisa. Tenho pressa de saber quem sou eu em seu quebra-cabeça. É interessante que você seja o pai… para mim também, em certos momentos, mas na cena real, você é a mãe "ferida" ou martirizada. Em suma, foi você que fez todo o serviço para nossa brava pequena Judy.

Quem é Wm. Bolitho? Estou lendo um livro pegajoso dele que peguei na estante de papa, intitulado *Twelve against the Gods*, horrores sobre Duncan, Charles de S., Napoleão, Cagliostro, Casanova etc.[74] Útil para o uc-n.

Descobri que dariam um maravilhoso recital de órgão no domingo na capela vizinha da Albertina, um lugar magnífico, encantador, com vozes treinadas de profissionais, nada de crianças de coro, é absolutamente extraordinário, basta deixar uma moeda na bandeja da coleta, mas é música de verdade, Bach, Beethoven, e deliciosamente iluminado por candelabros.

Sinto muito por *mama* [a mãe de Bryher], minha pobre querida. É uma boa coisa que

ela autorize, apesar de tudo, a presença dessa "mulher". Quero falar da boa enfermeira. Tomo conhecimento da carta de H.G. [Horace Gregory?], mas ainda não ousei lê-la.

Tratarei de ver R. Clair e falarei dele para você.[75]

Então, abraços para todos. Enviarei a data precisa, a partir de amanhã.

Minhas lembranças ao cão, estou encantada que você cuide dele.

Eternameeeeeeente

C.A.T.

[desenho de gato]

O cartão-postal indecente é para Rvr!

Bryher para H.D.
[Londres]
19 de novembro [de 1934]

Querida Kat

… Kenneth diz que Buddy [Robert Herring] deve ficar com seu horário com Schmide [Walter Schmideberg] quando ele, Kex, viajar, e que Bud deverá ceder o lugar quando ele, Kex, voltar… Evidentemente, ele planejou tudo para ter três meses de psicanálise, três meses de férias, três meses de psicanálise e três meses de liberdade, pelo resto de sua vida.

Por outro lado, Bud disse por telefone (ele almoçava com Kex) que K. se mostrava muito desdenhoso em relação à sua psicanálise e falava dela como se fosse uma distração agradável.

… Acho que você tem razão em aproveitar de tudo o que você pode encontrar no momento em que se apresenta. Recebi uma carta divertida de Martin Freud, que ficou surpreso ao saber que você não foi a uma das noitadas analíticas assistidas pelos estudantes.[76]

Nenhum correio parece chegar por esses tempos.

Com muito afeto e meus melhores votos

Bryher

H.D. para Bryher
Hotel Regina

Viena IX, Freiheitsplatz
Sábado, 24 de novembro [de 1934]

Querida *Fiend*
Duas cartas, muitíssimo obrigado. Todo o resto parece ter chegado. Não lhe falei dos selos por medo que uma carta tenha se perdido. Suponho que isso não passou de um acidente. Em suma… não se preocupe mais. Estou aflita pelo manuscrito de mamãe.[77] O que pode ter acontecido?

Fui a uma grande profundidade com Papa.

Ele diz: "Você tem duas coisas para esconder, de um lado que você era uma menina, de outro lado que você era um menino." Parece que pertenço a um fenômeno que quase desapareceu, a perfeita bi-[sexual].[78] Bem, é terrivelmente excitante, mas no momento, por favor, não fale de meu próprio manuscrito, pois parece que o conflito se deve, em parte, ao fato de que aquilo que escrevo me implica… num sexo ou em outro, não me escondo mais. Não se trata de algo tão evidente assim… e sem dúvida, antes de eu ir embora, chegaremos a uma espécie de equilíbrio. Mesmo assim, por favor, Fido, se você me ama, e se você ama minha obra, deixe isso seguir seu próprio caminho, conforme sua conveniência. Produzi essas quatro histórias ["The Usual Star", "Two Americans", "Mira-Mare" e *Kora and Ka*] com o suor de meu rosto… você se lembra. Se posso repousar, tudo irá bem. Se posso continuar sobre dois trilhos bem meus, tudo irá bem… mas não procure tirar versos do meu nariz nem me aborrecer. Eu poderia morrer – Fido – literalmente – morrer. Toda a minha vida, literalmente, é uma pura, uma perfeita "crucificção"[79] – se me permite usar essa palavra da qual se abusou tanto. Eu não sou jamais livre, com exceção de certas horas de escrita e em certas horas em que ESQUEÇO a escrita. Deixe-me escrever, depois me deixe esquecer que escrevo. Fui a mais relaxada ou preguiçosa de todos. Eu fiz mais. Peço, por favor, durante seis meses ou um ano, não procura saber se estou escrevendo. Isso não serve para nada e me faz sofrer terrivelmente. Eu imploro, Fido. Eu gosto dessas quatro histórias. No momento, trabalho – ou vou trabalhar – numa espécie de psicanálise do teatro grego.[80] Não estou brincando. Publicarei quando estiver pronto…

Estive com A. [Alice Modern], dei-lhe a geleia, ainda embalada em sua caixa como quando a trouxe. Ela estava muito contente, veio aqui depois do T [chá?] e gostou do meu quarto. Falamos "horrores", psicanálise, o casamento real, e assim por diante. Verei a sra. B. [Olga Barsis] na segunda-feira; A. de novo, pela última vez, eu espero, na quarta. Escrevi para Timmy e Vee [Elise Volkart] que D.V.,[81] parto no dia 2, chegando em Zurique um pouco antes das treze horas, no dia 3, segunda-feira. Jules não gosta de *rouler* [rodar] no domingo, é tão congestionado, então pensei que era melhor assim. Cuidarei da gasolina, seja diretamente, seja passando por Timmie. Tentarei ver Mouse [Blanche Lewin], mas essas longas horas são uma tremenda tortura… você entende por quê? Posso me dedicar a ser uma "mulher", e até mesmo uma "mulher encantadora" durante cerca de

duas horas, depois sinto a angústia da claustrofobia, não é uma piada… e devo realizar um retiro intelectual, em um livro ou em páginas… para provar que sou um homem. Depois provo de novo o inverso. Tudo o que quero é o manto da invisibilidade. Por isso que é tão duro estar em Audley por mais de algumas horas. Posso me comportar perfeitamente, jogar o jogo, durante algumas horas, depois sinto que vou ficar louca. Isso faz de mim um "gênio", se posso utilizar essa palavra, mas me quebra enquanto pessoa. Sei que você vai considerar o contexto e tentar me compreender. Essa relação com Freud representa tudo para mim.

Perdoe-me se pareço resmungona, Fido. Acho que estou vazia por agora. Não consigo suportar o barulho neste momento. Fizemos maravilhas, mas oh, que trabalho! Precisarei de pelo menos seis meses para me recuperar. Você será muito gentil????????

Por favor, permita que eu lhe agradeça e compreenda, minha querida, meu "equilíbrio", tão terrivelmente frágil e estou excessivamente feliz…

Mas não o perturbe
Eternammmmmmente
C.A.T.

---

1. Esta carta está datilografada em vermelho, exceto duas frases que aparecem em preto para destacá-las melhor: "A SENHORA SE DECEPCIONOU E ESTÁ DECEPCIONADA COMIGO" e "E eu, o que sou?".

2. Contratada para ser governanta de Perdita em 1932, Alice Modern, que estudava na universidade, foi uma amiga próxima de H.D. durante sua estada em Viena.

3. Berggasse. H.D. escreve Berg Gasse. Na medida do possível, a tradução respeita a grafia de H.D.

4. *Cat*, literalmente "gato". H.D. e Bryher dão muitos apelidos, especialmente de animais, às pessoas próximas. Assim, H.D. assina suas cartas CAT, C.A.T., KAT ou Kat'N. Às vezes, aparece apenas a menção MOG (Mother of God, Mãe de Deus). Ela é também Lince, Jacinto, H. ou Dríade (ninfa dos bosques). Bryher é muitas vezes chamada de *Fiend*, "demônio" (palavra parecida com "friend", amiga), Br., Chang, Flea (pulga), Frimbo ou Dolly. Na maior parte do tempo, ela assina Fido (um equivalente de Totó ou Rex), Fitho, Griffon (com a assinatura frequentemente acompanhada por um desenho dessa raça de cão) ou *small dog* (cão pequeno). Perdita recebe muitos apelidos: Pup (cachorrinho), Pups, Puss (gatinho), simplesmente P., ou ainda Pepper (pimenta), Judy e Lizard (lagarto).

5. Alusão ao filme de G.W. Pabst lançado em 1925, *A rua das lágrimas* (*Die Freudlose Gasse*, que também pode ser lido como "a rua sem Freud"), com Greta Garbo.

6. Hanns Sachs, apelidado de Turtle (Tartaruga), ou simplesmente Tee ou T na correspondência, era o psicanalista de Bryher. Entre 27 de novembro e 31 de dezembro de 1931, H.D. esteve em Berlim, depois em Praga, para consultá-lo. Após seis sessões, Sachs aconselhou-a a trabalhar diretamente com o Professor Freud.

7. Marie Chadwick, apelidada de Chaddie ou C., psicanalista inglesa, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Fez parte do círculo íntimo de H.D. e Bryher, e H.D. começou com ela uma análise que interrompeu após 24 sessões, entre abril e junho de 1931.

8. Ps-a, abreviação de psicanálise utilizada por H.D. e Bryher em sua correspondência.

9. Em alemão no original: "Viena e o vinho".

10. Trata-se da pequena cadela chow-chow de Freud, que se chama na realidade Yofi.

11. Alice Modern; ver, neste volume, p.232, nota 2.

12. Trata-se de Dorothy Hull, apelidada principalmente de "the Queen" (a Rainha) ou Dragão, e que era a governanta empregada na *villa* Kenwin desde 1932. Em junho de 1933, Bryher a despediu, a conselho de Hanns Sachs, que a julgava potencialmente perigosa e achava que ela sofria de esquizofrenia.

13. Apelido que H.D. e Bryher davam a Freud.

14. *Jellyfish*, "medusa, água-viva", faz parte da linguagem codificada utilizada por H.D. e Bryher em suas cartas. O termo fi*sh*, peixe, designa o reino psíquico, ao qual se acede por um estado de espírito não racional chamado "consciência de medusa" (*jellyfish consciousness*). Ver *Notes on Thought and Vision*, de H.D., onde a "consciência de medusa" é situada por H.D. "centrada na região do amor do corpo ou posta como um feto no corpo", e, neste volume, *Advento* (p.153), onde ela descreve a "experiência da medusa ou da duplicação do eu".

15. Havelock Ellis, apelidado de Chiron, Cheiron ou Centaur, foi um amigo muito próximo de H.D. e Bryher de 1918 até sua morte, e teve um papel significativo na ligação delas com Freud, senão na análise de H.D. Membro da Sociedade Fabiana, Ellis era um dos mais eminentes sexólogos ingleses, mas também um crítico da cultura e um ensaísta, conhecido em particular por sua crítica da moral vitoriana do ponto de vista da sexualidade, sua defesa da liberdade sexual, do feminismo e do socialismo. Foi um dos primeiros a divulgar os trabalhos de Freud na Grã-Bretanha. Ellis acompanhou H.D. e Bryher na viagem à Grécia, em 1920, mas as deixou logo, decepcionado com sua relação com Hilda. Não obstante, permaneceram próximos, e foi Ellis que, em 1927, possibilitou que Bryher se encontrasse com Freud.

16. H.D. enviou suas *Notes on Thought and Vision*, escritas em 1919, a Havelock Ellis, que não se interessou por suas reflexões como ela esperava. Ela ficou muito magoada com essa incompreensão.

17. H.D. faz referência aqui ao fato de Bryher ter lhe salvado a vida quando, prestes a dar à luz, ela foi vitimada pela gripe espanhola.

18. Trata-se de Dorothy Tiffany Burlingham (1891-1979), especializada na análise de crianças. Na década de 1920, ela deixou o marido e foi com seus quatro filhos para Viena, onde fez análise com Theodor Reik. Ligou-se então a Anna Freud, que se tornou analista de seus filhos, instalou-se na casa dos Freud e fez análise com o Professor. Durante muitos anos, foi companheira de Anna Freud, embora esta tenha sempre negado que se tratasse de uma relação amorosa. As duas fundaram uma creche que foi o centro de suas pesquisas; depois, em Londres, durante a guerra, criaram a Hampstead Clinic, que dirigiram juntas por vários anos.

19. Trata-se do livro que H.D. lera, *Dorothy Wordsworth, the Early Years*, da universitária Catherine Macdonald MacLean, publicado em 1932. Dorothy Wordsworth escreveu novelas, muitos diários, cartas e poemas que inspiraram seu irmão, o poeta romântico William Wordsworth, a ponto de ele plagiá-la.

20. Hewett Pitt era o advogado londrino de Bryher.

21. Grande produção hollywoodiana de Cecil B. DeMille (1932) sobre os cristãos em busca de liberdade religiosa.

22. O apelido "dada" designa sir John Ellermann, o pai de Bryher.

23. Em alemão no original: "para Viena".

24. Bryaudley é a sociedade familiar cujo nome é uma combinação entre "Bryher" e a residência de seus pais, na "South Audley Street".

25. Mundell é a sobrinha de H.D., filha de seu irmão mais moço, Melvin, e de Dorothy Doolittle.

26. Literalmente "Rato". Trata-se de Blanche Lewin, uma amiga próxima de H.D. e Bryher.

27. Isto é, Robert Herring, crítico inglês de cinema e dança, que Bryher convidou em 1927 para escrever na revista *Close Up*. Ele fez com que H.D., Bryher e Macpherson descobrissem a música e a literatura do Harlem e foi por um tempo amante de Macpherson. Fez uma análise, financiada por Bryher, com Walter Schmideberg, o psicanalista que H.D. consultou depois de Freud. Compartilhava com H.D. o fascínio pelo oculto.

28. Nancy Cunard era poeta, ensaísta, editora, jornalista, colecionadora de arte africana e ativista política, muito engajada contra o racismo. No início dos anos 20, frequentava o círculo de Robert McAlmon, e fascinava H.D. e Bryher, que sempre esperavam notícias suas com curiosidade.

29. Nascida na Polônia, Elizabeth Bergner era uma atriz de teatro e cinema conhecida sobretudo por seus papéis nos clássicos de Shaw e Ibsen e seu aspecto andrógino nos filmes, onde aparecia com frequência vestida de homem.

30. Treze jovens atrizes designadas a cada ano pela Western Association of Motion Picture Advetisers (Wampa) como os novos talentos mais promissores do ano.

31. Médico originário da Polônia, Ludwig Jekels começou na década de 1910 sua análise com Freud e continuou sua carreira em Viena. Permaneceu sempre próximo do Professor.

32. Oskar Pfister, um dos mais fieis partidários de Freud, era um analista não médico e pastor de Zurique.

33. Na teoria de Freud, a "mãe fálica" é a mãe da fase pré-edipiana, na qual a criança não reconhece a "castração" materna e, por isso, a julga toda-poderosa. H.D. tinha dois irmãos menores, Harold (n.1887) e Charles Melvin (n.1894). O artigo de Freud "Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina" indica um triângulo semelhante; o amor da

mulher jovem por uma mulher mais velha que ela adora representava não somente seu desejo inconsciente por sua mãe, mas também seu anseio de ser a mãe de seus irmãos mais moços.

34. Alusão, respectivamente, à menina natimorta que ela teve em 1915 com Richard Aldington, apelidada de Cuthbert por H.D. e Bryher; a Perdita, a quem deu à luz em 1919 e cujo pai era Cecil Gray; e a quando engravidou de Kenneth Macpherson e abortou, em 1928. Para a influência da gravidez em seus escritos, ver *H.D., the Poetic of Childbirth and Creativity*, de Donna Krolik Hollenberg, Boston, Northeastern University Press, 1991.

35. Peter Rodeck, chamado também no texto de H.D. de Peter Van Eck (seu codinome) ou P.R., era um antigo oficial, arqueólogo e arquiteto ao qual H.D. se refere em diversas ocasiões, especialmente em *Advento*, e que ocupa um lugar importante em sua análise com Freud, mas também em *Palimpsest* e *Hedylus*. Ele trabalhava em escavações em Creta e no Egito antes de conhecer H.D. a bordo do *Borodino*, na primavera de 1920. Tiveram uma breve história de amor não consumado, mas, em Atenas, quando ele propôs a H.D. que o acompanhasse até a Índia, ela recuou. Ele continuou então sua viagem até Nova Délhi, onde se casou. H.D. só o reviu em 1928, quando lhe pareceu então que ele não tinha a menor semelhança com o homem que ela havia encontrado no navio.

36. Referência a Olga Barsis, a irmã de Hanns Sachs.

37. Referência aos moradores da *villa* Kenwin e ao grupo de amigos e artistas que cercavam H.D. e Bryher.

38. Anexo à segunda carta de 28 de abril de 1933 para Bryher. O título acompanhado pela data, que ela sublinhou com tinta vermelha, lembra o título dado por Freud ao sonho inaugural ou "sonho modelo" da psicanálise: "O sonho da injeção de Irma", em *A interpretação dos sonhos*. Mais do que de costume, parece, H.D. modificou as palavras ou as frases – uma forma de elaboração que lembra o que Freud chamou de uma "elaboração secundária" – ao descrever os disfarces do trabalho do sonho. Essas modificações na narrativa do sonho estão indicadas ao longo do texto ou em notas. As típicas e numerosas correções de gramática e datilografia em H.D. não estão apontadas aqui. O uso de tinta vermelha por H.D. está indicado entre colchetes. Certas palavras foram igualmente sublinhadas a lápis para chamar a atenção.

39. Brigit Patmore havia apresentado H.D. a Aldington em 1912. Ocupando um lugar central no círculo literário deles durante a década de 1910, Patmore estava apaixonada por Aldington e H.D., a quem ajudou no pior período de sua gravidez. Após deixar Dorothy Yorke em 1928, Aldington viveu com Patmore por dez anos, e depois a deixou para viver com a nora dela. H.D. retratou Patmore nas personagens Morgana (*Bid Me to Live*) e Mary Dalton (*Asphodel*). Patmore publicou dois romances, *This Impassionated Onlooker* (1926) e *No Tomorrow* (1929), nos quais H.D. figura com o nome de Helga. H.D., Pound e Aldington ocupam igualmente um lugar preponderante em suas memórias, *My Friends When Young* (1968). Eileen Macpherson era irmã de Kenneth, e o círculo de H.D. gostava dela.

40. Em 1955-56, H.D. retomou a imagem dos "espelhos mágicos" em *Magic Mirror*, um *roman à clef* ambientado no sanatório de Küsnacht onde ela residia nos anos 50. O romance narra, no quadro da ficção, suas relações com o doutor Erich Heydt, o psicanalista existencialista que fez ressurgirem lembranças significativas relacionadas ao fato de ela ter crescido ao lado de Eric, seu meio-irmão querido que era mais velho e desempenhava o papel de "amortecedor" entre a pequena Hilda e seu pai. Foi ele que a fez descobrir mulheres escritoras como Charlotte Brontë e lhe ensinou a fazer corretamente conta de dividir. Uma lembrança diz respeito à vez em que ela estava na cama prestes a ouvir Eric ler para ela e seu pai irrompeu no quarto, nada falou mas deu a entender que eles estavam fazendo alguma coisa errada.

41. Helen Wolle Doolittle e sua irmã Laura Wolle Jenkins viveram com H.D., Bryher e Perdita durante períodos prolongados, entre 1921 e 1925.

42. Em inglês "*right journal*"; "*right*" significa tanto "certo", "direito" "bem" ou "bom" quanto "de direita".

43. Freud menciona José três vezes em *A interpretação dos sonhos*, revelando numa alusão mais tardia sua própria identificação com o intérprete de sonhos da Bíblia. O gado no sonho de H.D. pode fazer eco às vacas gordas e às vacas magras nos dois sonhos do faraó, que José interpreta como profecias que anunciam sete anos de prosperidade após sete anos de escassez (Gênese, 41).

44. H.D. acrescentou a lápis as frases seguintes nesse parágrafo: "ao nome de" e "F. adora também meu *achado* a propósito da 'Via Láctea'". E sublinhou com insistência: "os bois tremem."

45. H.D. acrescentou a lápis "com S.F. – (pai-mãe)" e "o 'Amante' adormecido".

46. Escrito em vermelho.

47. Bryher nasceu em 2 de setembro de 1894. H.D. havia utilizado a numerologia esotérica, o tarô e a astrologia ao mesmo tempo, no final dos anos 20 e nos anos 30, para fazer uma leitura psicológica de sua família e de seus amigos próximos. A palavra "também" está sublinhada duas vezes a lápis.

48. A carta não datada de Robert Herring para H.D. dá muitas informações sobre os chow-chows, inclusive os seus,

Peter e Tiger. "Você me perguntou se eles matam os gatos. E eu lhe digo: não creio que eles sejam assim, não mais que os outros cães. … Yofi, em minha opinião, atacou o gato porque sabe que os gatos atacam os olhos e ela teve a impressão de que devia proteger os filhotes que carregava… quem sabe?" Herring estimula H.D. a aceitar o filhote, em parte porque os chow-chows foram "criados pelos lamas" e são "sagrados. Eles causam um efeito tão curioso nas pessoas, como uma bola de cristal ou o tarô".

49. O marido de Dorothy Richardson, o artista boêmio Alan Odle (1889-1948), quase sucumbira ao alcoolismo e à tuberculose quando eles se casaram, em 1917. O exército lhe havia dito que ele não tinha seis meses de vida, e Richardson aceitou a contragosto se casar com ela. Graças a seus cuidados, ele sobreviveu, embora ela tivesse de arcar com toda a responsabilidade financeira do lar e as necessidades afetivas do doente. Dorothy Cole casou-se com o bibliotecário Gerald Henderson na catedral de St. Paul no verão de 1933.

50. Destacado na margem por colchetes e dois pontos de exclamação.

51. "*Fish-tail"*: referência à linguagem codificada de H.D. e Bryher, em que fi*sh*, peixe, designava o reino psíquico.

52. Em sua obra *The Psychological Effects of Menstruation* (1932), Mary Chadwick desenvolve uma comunicação apresentada na Grã-Bretanha em junho de 1931, quando H.D. fazia análise com ela. Perfeitamente fiel à ortodoxia, Chadwick não afirma que os homens invejam a menstruação ou as capacidades procriadoras das mulheres. Ela afirma que a inveja do pênis é mais intensa nas mulheres que têm um complexo de masculinidade ou uma fixação na mãe, e nas lésbicas. Atribui um papel importante à menstruação no desenvolvimento das neuroses femininas. Examina os tabus universais em torno da menstruação, relaciona-os com os cultos de feiticeiras fundados sobre as deusas, e com as perseguições da Igreja na Europa medieval. Ela atribui as neuroses ligadas à menstruação à inveja do pênis, à culpabilidade/vergonha da masturbação, ao sadismo, ao ciúme do amor da mãe pelos irmãos e irmãs (em particular pelos irmãos mais moços), e ao amor intenso ou hostilidade em relação à mãe. Karen Horney é a analista que afirmou em 1926, em seu artigo "Fuga da feminilidade", a existência primária de um desejo feminino distinto daquele dos homens, e a existência de uma inveja dos homens diante da capacidade procriadora das mulheres, ideias pelas quais foi severamente atacada pelo establishment psicanalítico.

53. Uc-n significa *unconscious*, inconsciente. H.D. e Bryher utilizam essa abreviação em sua correspondência.

54. Provável alusão às numerosas pessoas que Bryher ajudava de diversas maneiras. Ela protegeu especialmente muitos judeus durante a guerra.

55. Alusão à viagem delas a Corfu em 1920, onde H.D. viu o "escrito na parede".

56. Barbara Low (1877-1955), Joan Rivière (1885-1962) e Alix Strachey (1892-1973) eram psicanalistas, escritoras e tradutoras, membros da Sociedade Britânica de Psicanálise. H.D. conheceu Barbara Low durante a guerra, por intermédio de D.H. Lawrence, e Bryher e ela ficaram amigas. Stephen Guest era seu sobrinho. Analisada por Ernst Jones e depois por Sachs em 1927, Low compartilhava o interesse de Bryher e de Anna Freud pela educação. Escreveu sobre o cinema e a educação para a *Close Up* e publicou, entre outros títulos, *The Unconscious in Action: Its Influence upon Education* (1928) e *Psychoanalysis: A Brief Account of the Freudian Theory* (1920). Ela traduziu Freud, Anna Freud e Oscar Pfister. Foi também pioneira na teoria da contratransferência. Rivière, que foi analisada por Freud em 1922 e foi a primeira psicanalista não médica da Inglaterra, publicou um artigo de muita repercussão, "A feminilidade como máscara" (1929), e garantiu a tradução do *International Journal of Psycho-Analysis* até 1937. Foram essas traduções que tornaram Freud conhecido dos ingleses, e há quem as prefira às de James Strachey. Suas relações com Freud ficaram cada vez mais tensas em virtude de seu apoio a Melanie Klein, rival de Anna Freud. Alix Strachey trabalhou com o marido na tradução da *Standard Edition*.

57. Bryher contou ter visto o filme *Cavalgada* (1933), inspirado na peça patriótica de Noël Coward sobre a Grã-Bretanha desde a Guerra dos Bôeres, lançada em 1931 (carta para H.D., 17 mai 1933). Sua presença nesse sonho se aproxima do roteiro de *Design for Living*, que H.D. acabara de ler.

58. As imagens – a Lua, a deusa virgem/grávida, o arco-íris – ressurgem tal como na sequência da Dama (chamada em inglês de The Lady, palavra que conserva todo seu valor etimológico) que conclui *Tribute to the Angels*, o segundo volume da *Trilogia*. A virgem grávida figura na arte renascentista e nas duas formas de Ártemis da tradição grega: Ártemis, a irmã de Apolo e virgem caçadora, presente em *Íon*, tragédia de Eurípides que H.D. traduziu (1937); e Ártemis de Éfeso, a deusa da fertilidade, representada muitas vezes com o que era interpretado como uma fileira de seios mas que foi recentemente identificado como testículos de touro. "Vestida de samito branco, mística, magnífica" é um verso tirado de "A morte de Arthur", em *Os idílios do rei*, de lorde Alfred Tennyson.

59. "Ó Lua do meu deleite que não conhece nenhum declínio" é um verso do quarteto 74 de *Rubaiyat*, de Omar

Khayyam, citado por H.D. na famosa tradução para o inglês de Edward Fitzgerald (1859): "*Ah, Moon of my Delight who know'st no wane.*"

60. A pomba, associada a Maria, é frequentemente representada nas pinturas da Anunciação como o símbolo do Espírito Santo que penetra Maria para fecundá-la. Uma vez que o Espírito Santo passa muitas vezes por representar o aspecto feminino da Trindade, a associação da pomba com a fertilidade feminina e a penetração masculina pode ser interpretada como a imagem de um divino andrógino. Em outro nível, a fecundação de Maria pela pomba pode ser lida como uma fantasia de partenogênese feminina e/ou de procriação lésbica, talvez subjacente na interpretação do sonho de um "puro estrato homo" feita por H.D. e Freud. Levando em conta o sincretismo característico de Freud e o trabalho anterior de H.D., esta relaciona a iconografia cristã aos mitos gregos de Zeus fecundando Danae por uma chuva de ouro e Leda sob a forma de um cisne. Ver "Leda and the Swan", de Yeats, e "Leda", de H.D., sua revisão da história tradicional da violação que ele evoca.

61. H.D. sugere aqui que essa interpretação foi elaborada em conjunto com Freud. Os ensaios de Freud sobre a feminilidade descrevem a mãe fálica como a figura toda-poderosa que os filhos amam primeiramente, antes de constatarem a "castração" da mãe. Em seus escritos, ele não postula uma figura maternal preexistente à mãe fálica das fantasias da criança. É muito significativo que ele tenha podido fazer isso na análise de H.D., pois, como esta assinala, esse estado não se funda na inveja do pênis; ele pressupõe a existência de um desejo feminino e de uma capacidade sexual/procriadora distinta e ao mesmo tempo igual àquela dos homens, como sustenta Karen Horney ao falar da sexualidade feminina primária.

62. Em inglês, "*pup*"; como já vimos, Pup, assim como Puss, é um dos apelidos de Perdita.

63. Ver, neste volume, p.267.

64. O pai e o irmão de H.D. eram astrônomos e seu avô materno, Francis Wolle, era um eminente especialista em biologia celular. Quando criança, H.D. era fascinada por suas magníficas aquarelas e desenhos da vida interior da célula.

65. Em inglês, *starfish* significa estrela-do-mar, mas aqui H.D. introduziu um hífen para fazer uma palavra composta, devolvendo de algum modo o sentido inicial de cada um dos termos. Sabendo-se que o termo fi*sh* faz parte de um código entre H.D. e Bryher, parece que "*star-fish*" tem aqui um duplo sentido.

66. Para a mistura de imagens astrológicas, egípcias, gregas, judaicas e cristãs de Deus como pai, ver *Trilogy*. O conhecimento que H.D. tinha do judaísmo em 1933 parece se fundar na corrente dominante dessa religião, cuja tradição se apoia na lei de Moisés. Contudo, em 1939 suas leituras estavam relacionadas ao judaísmo esotérico centrado na Cabala, as quais, sob suas formas judaicas e cristãs, influenciaram profundamente sua abordagem religiosa em textos como *Trilogy, Helen in Egipt* e *Hermetic Definition*.

67. Frieda von Richtofen Lawrence (1879-1956), filha de um aristocrata alemão empobrecido, era casada com um professor universitário inglês quando conheceu D.H. Lawrence, em 1912. Muitos consideram que suas memórias, *Not I, But the Wind* (1934), traçam o retrato mais impertinente e mais vivo de Lawrence naquela época.

68. Radclyffe Hall (1883-1943) era uma romancista e poeta inglesa, autora conhecida sobretudo por *O poço da solidão* (1928), o *Bildungsroman* lésbico de uma jovem, Stephen, que encarna o conceito da lésbica "masculina" aprisionada num corpo de mulher. O texto autobiográfico de Bryher *Two Selves* (1923) baseia-se igualmente na teoria da "alma aprisionada" da homossexualidade, sobre a qual Havelock Ellis foi o primeiro a lhe falar, em 1920. Hall aparecia com frequência ao lado de sua amante de longa data, lady Una Troubridge, e sempre vestida "de homem".

69. H.D. e Bryher apelidaram Helen Wolle Doolittle, a mãe de H.D., de *Beaver*, literalmente "Castor".

70. Na linguagem codificada de H.D. e Bryher, "zoo" quer dizer "sexo".

71. Em *Asphodel, Palimpsest* e *Bid Me to Live*, H.D. associa a cena de amor entre a protagonista e seu marido soldado com a morte. "Ele havia soprado gás tóxico nos pulmões" da moça, diz Julia em *Bid Me to Live*, quando descobre que o "leito de núpcias" é um "leito de morte".

72. Em *Asphodel e Hedylus*, em que H.D. evoca, ficcionalmente, sua decisão de não abortar a criança de Cecil Gray, a figura da mãe-poeta legitima no plano espiritual o nascimento ilegítimo da criança ao imaginar um pai divino para ela, o que associa seu estado ao de Maria e ao de numerosas mães mortais de semideuses na mitologia grega.

73. Kenneth Macpherson é apelidado de Dog ou Dawg, cão.

74. William Bolitho (1890-1930) era um soldado sul-africano, escritor e jornalista, que durante um tempo foi correspondente do *Manchester Guardian*. Seu livro *Twelve against the Gods* (1929) apresenta esboços biográficos de "aventureiros" de proporções épicas, que ousam ser foras da lei solitários e egoístas. Eles "deixam de cumprir todas as suas obrigações" e podem dar mostras de cobiça, vigarice, paixão, assassinato e tragédia. O livro reunia Alexandre o

Grande, Casanova, Cristóvão Colombo, Maomé, Lola Montès, Cagliostro, Carlos XII da Suécia, Napoleão I e Napoelão III, Catilina, Isadora Duncan e Woodrow Wilson.

75. Quando o filme de René Clair *O último milionário* (1934) foi lançado em Londres, todos os ingressos foram vendidos com semanas de antecedência, como Bryher insistiu em cartas a H.D. Mas, contrariando todas as expectativas, o filme foi um fracasso.

76. Na qualidade de diretor comercial da edição, Martin Freud enviou a Bryher um relato das complexidades administrativas da imprensa e observou de passagem: "Até agora, não vi a sra. Aldington; como suponho que ela pensa em assistir às conferências da Sociedade vienense, imagino que isso me dará a ocasião para conhecê-la. Se ela decidir vir me ver aqui, na editora, eu ficarei evidentemente encantado." [16 nov 1934]

77. O "manuscrito de mamãe" é provavelmente o manuscrito de Macpherson, que Bryher insistia em dizer que havia desaparecido.

78. Freud acreditava que a bissexualidade original era reprimida de forma mais total nos homens do que nas mulheres. Em "A feminilidade", ele escreve: "O desenvolvimento da feminilidade permanece exposto à perturbação resultante das sequelas do período masculino anterior. Regressões às fixações dessas fases pré-edipianas acontecem com muita frequência; em um bom número de existências, ocorre uma alternância repetida de períodos nos quais a masculinidade ou a feminilidade predominam. Uma parte daquilo que nós, homens, chamamos de 'o enigma da mulher' talvez derive dessa expressão da bissexualidade na vida feminina." Para o debate sobre a "predisposição originária à bissexualidade" no "desenvolvimento normal", "o hermafroditismo psíquico", a androginia e a bissexualidade erótica, ver em especial *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

79. Assim grafado por H.D., que escreve *crucifiction* em vez da forma correta *crucifixion* [crucificação].

80. Talvez se refira a *Nibé*, uma obra sobre o teatro grego, sobre a qual H.D. escreve que "trabalhava nela febrilmente" em Florença, em 1924, censurando-a por ser "verborrágica e desprovida de intriga", e que ela destruiu posteriormente. Não subsiste nenhuma obra posterior a 1934 sobre a viagem à Grécia e os acontecimentos de Corfu; mas talvez essas anotações tenham servido de rascunho para a parte de *Tributo a Freud* na qual H.D. conta suas discussões com Freud sobre o "escrito na parede" em Corfu.

81. "Deo Volente", se Deus quiser.

Coleção Transmissão da Psicanálise

Linguagem e Psicanálise,
Linguística e Inconsciente
Freud, Saussure, Pichon, Lacan
Michel Arrivé

Sobre a Interpretação dos Sonhos
Artemidoro

Fundamentos da Psicanálise
de Freud a Lacan
vol.1: As bases conceituais
Marco Antonio Coutinho Jorge

Fundamentos da Psicanálise
de Freud a Lacan
vol.2: A clínica da fantasia
Marco Antonio Coutinho Jorge

Trabalhando com Lacan
na análise, na supervisão,
nos seminários
Alain Didier-Weill e
Moustapha Safouan (orgs.)

A Criança do Espelho
Françoise Dolto e J.-D. Nasio

Por Amor a Freud
Memórias de minha análise
com Sigmund Freud
Hilda Doolittle

O Pai e sua Função em Psicanálise
Joël Dor

Freud & a Judeidade
A vocação do exílio
Betty Fuks

Clínica da Primeira Entrevista
Eva-Marie Golder

A Psicanálise e o Religioso
Phillipe Julien

Escritos Clínicos
Serge Leclaire

Elas Não Sabem o Que Dizem
Virginia Woolf, as mulheres
e a psicanálise
Maud Mannoni

Freud
Uma biografia ilustrada
Octave Mannoni

Cinco Lições sobre a
Teoria de Jacques Lacan
J.-D. Nasio

Como Agir com um
Adolescente Difícil?
Um livro para pais e profissionais
J.-D. Nasio

Como Trabalha um Psicanalista?
J.-D. Nasio

A Dor de Amar
J.-D. Nasio

A Dor Física

Uma teoria psicanalítica
da dor corporal
J.-D. Nasio

A Fantasia
J.-D. Nasio

Os Grandes Casos de Psicose
J.-D. Nasio

A Histeria
Teoria e clínica psicanalítica
J.-D. Nasio

Introdução à Topologia de Lacan
J.-D. Nasio

Introdução às Obras de Freud,
Ferenczi, Groddeck, Klein,
Winnicott, Dolto, Lacan
J.-D. Nasio (dir.)

Lições sobre os 7 Conceitos
Cruciais da Psicanálise
J.-D. Nasio

O Livro da Dor e do Amor
J.-D. Nasio

O Olhar em Psicanálise
J.-D. Nasio

Os Olhos de Laura
Somos todos loucos em algum recanto
de nossas vidas
J.-D. Nasio

O Prazer de Ler Freud

J.-D. Nasio

Psicossomática
As formações do objeto *a*
J.-D. Nasio

O Silêncio na Psicanálise
J.-D. Nasio

Do Bom Uso Erótico da Cólera
e algumas de suas consequências …
Gérard Pommier

A Foraclusão
Presos do lado de fora
Solal Rabinovitch

As Cidades de Freud
Itinerários, emblemas
e horizontes de um viajante
Giancarlo Ricci

Guimarães Rosa e a Psicanálise
Ensaios sobre imagem e escrita
Tania Rivera

A Força do Desejo
O âmago da psicanálise
Guy Rosolato

A Análise e o Arquivo
Elisabeth Roudinesco

Em Defesa da Psicanálise
Ensaios e entrevistas
Elisabeth Roudinesco

Freud – Mas Por Que Tanto Ódio?

Elisabeth Roudinesco

Lacan, a Despeito de Tudo e de Todos
Elisabeth Roudinesco

O Paciente, o Terapeuta
e o Estado
Elisabeth Roudinesco

A Parte Obscura de Nós Mesmos
Uma história dos perversos
Elisabeth Roudinesco

Retorno à Questão Judaica
Elisabeth Roudinesco

Pulsão e Linguagem
Esboço de uma concepção psicanalítica
do ato
Ana Maria Rudge

O Inconsciente a Céu Aberto
da Psicose
Colette Soler

O Que Lacan Dizia das Mulheres
Colette Soler

As Dimensões do Gozo
Do mito da pulsão à deriva do gozo
Patrick Valas



Helen Wolle Doolittle, mãe de Hilda, década de 1870.



Charles Leander Doolittle, pai de Hilda, no Flower Observatory, do qual foi diretor, c.1900.



Hilda Doolittle em 1887.





Hilda Doolittle em fotografia dedicada a Marianne Moore e caminhando nua por uma vereda.




Amigos e amantes: Richard Aldington, marido de H.D., c.1928; Bryher, a companheira de vida…



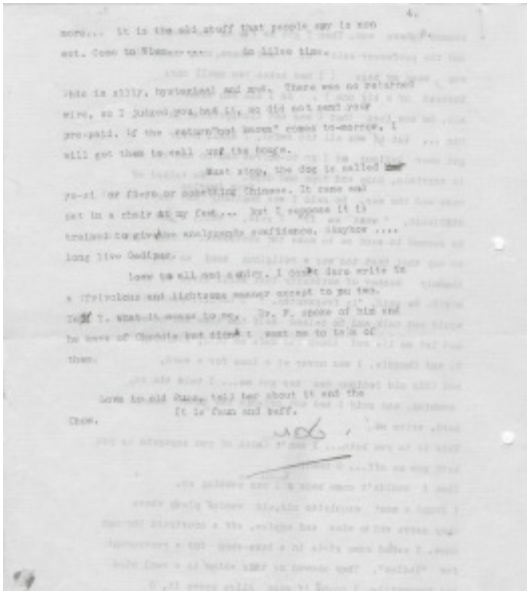

…Ezra Pound, o primeiro, que lhe deu o pseudônimo H.D.; D.H. Lawrence…




…Robert McAlmon e Kenneth Macpherson, também casados com Bryher (na foto com Macpherson).




Bryher (à esq.) e H.D. em passeio sobre as rochas.



Carta de H.D. para Bryher e Kenneth Macpherson, descrevendo a primeira sessão com Freud, assinada MOG, 1º de março de 1933.



Bryher em 1938.



Bryher, H.D. e sua filha, Perdita.



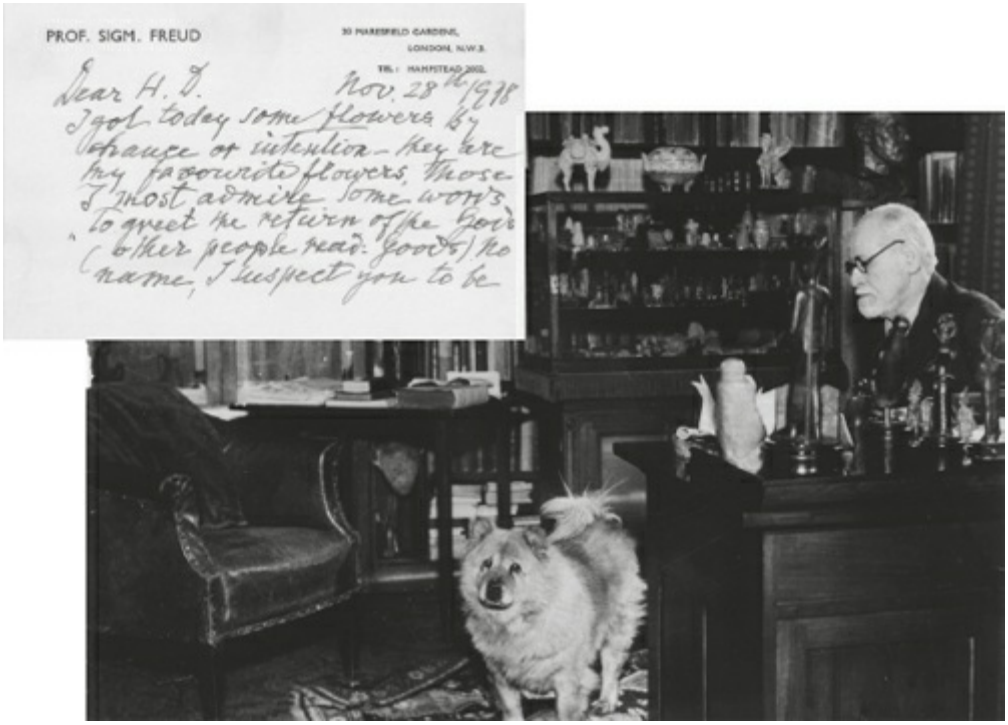
H.D. com sua mãe, Helen, e Perdita, 1922.



H.D. e Perdita em 1919.



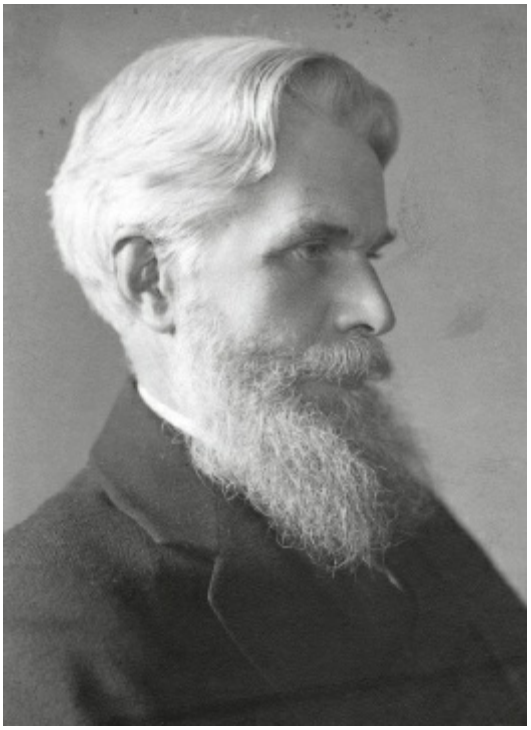
H.D. durante sua viagem ao Egito, em 1923.


PROF. SIGM. FREUD

20 MARESFIELD GARDENS,
LONDON, N.W.3.
TEL.: HAMPSTEAD 2002.

Dear H. D. Nov. 28th 1938
I got today some flowers by
chance or intention – they are
my favourite flowers. Those
I most admire. Some women
to greet the return of the Gods
(other people read: Goods) No
name, I suspect you to be

Bilhete de Freud a H.D. agradecendo as gardênias para “saudar o retorno dos deuses”, enviadas por ela quando Freud chegou para o exílio em Londres, 28 de novembro de 1938; Freud e Yofi, um de seus chow-chows.



Havelock Ellis, amigo próximo de H.D. e Bryher, que teve um papel significativo na ligação delas com Freud.

Hanns Sachs na v

Walter

Título original:
Tribute to Freud

Copyright © 1956, 1974 by Norman Holmes Pearson

Copyright © 2002 by The Estate of Perdita Schaffner

Cartas de H.D. para Freud copyright © 2009, Shaffner Family Foundation
Reproduzidas com a autorização de New Directions Publishing Corporation

Cartas de Freud para H.D.: Sigmund Freud Copyrights Ltd.

Correspondência entre H.D. e Bryher extraída de *Analyzing Freud: Letters of H.D.*, *Bryher and Their Circle*
copyright © 2002 Estate of Perdita Schaffner
copyright © 2002 Susan Stanford Friedman

Prefácio de Elisabeth Roudinesco e notas copyright © 2010, Des femmes-Antoinette Fouque
33-35, rue Jacob, 75006 Paris, France

Fotografias: Beinecke Library, University of Yale, EUA, e Susan Stanford Friedman.
Direitos reservados.

Todos os esforços foram feitos para identificar possíveis detentores de direitos. Caso tenha havido alguma violação involuntária, eventuais omissões serão incluídas em futuras edições.

Copyright da edição brasileira © 2012:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99 – 1º andar | 22451-041 Rio de Janeiro, rj
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Preparação: Geísa Pimentel Duque Estrada | Revisão: Eduardo Farias, Joana Milli
Capa: Dupla Design | Ilustração da capa: *As três Graças*, escultura em mármore; réplica romana a partir de original grego. Paris, Museu do Louvre.

Edição digital: março 2012

ISBN: 978-85-378-0834-4

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**